

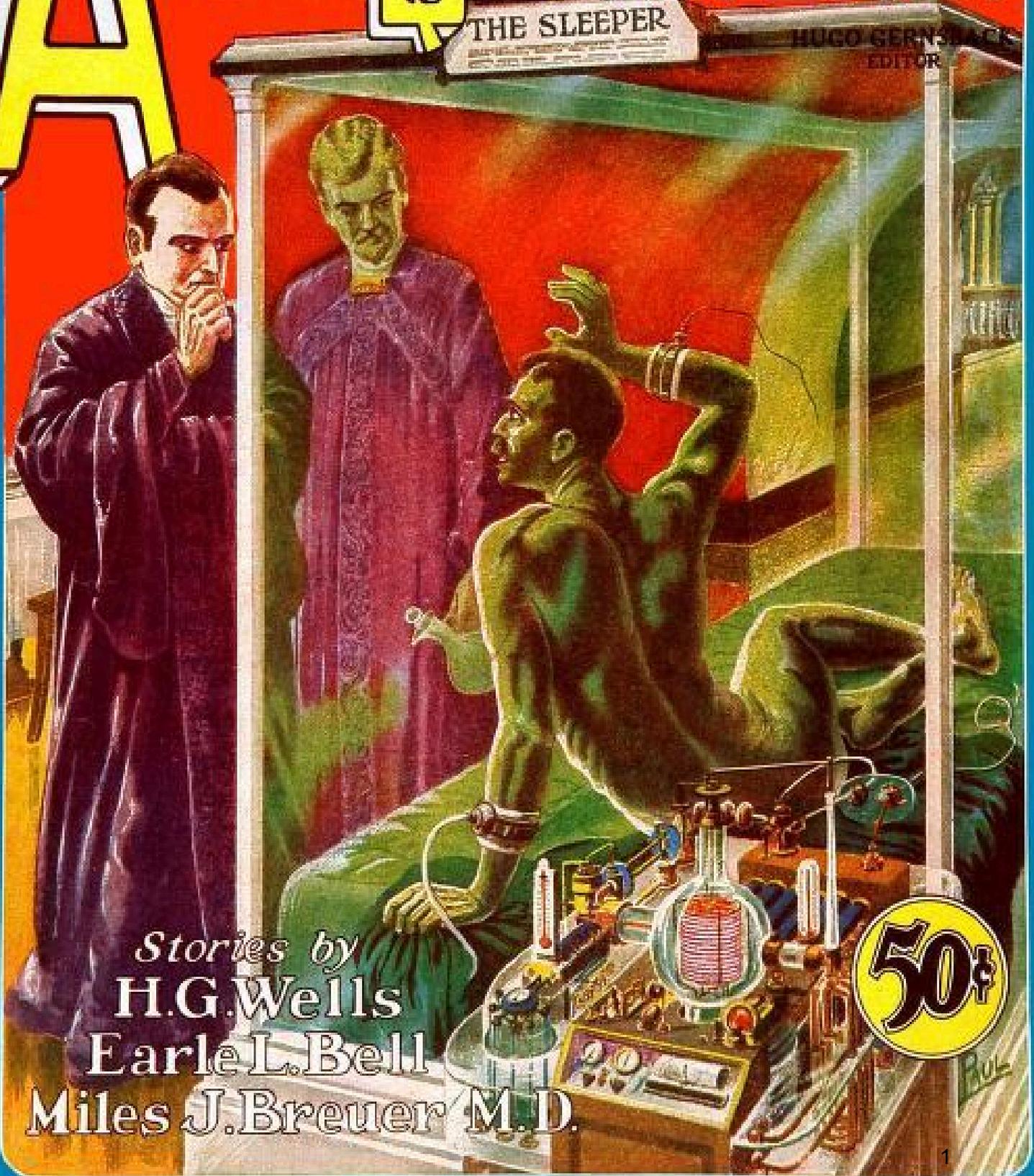
Winter Edition

1928

# AMAZING STORIES QUARTERLY

THE SLEEPER

HUGO GERNSBACH  
EDITOR



Stories by  
H.G. Wells  
Earle L. Bell  
Miles J. Breuer M.D.

50¢



# Amazing Stories Quarterly

Vol.1 No.1

January, 1928

Experimenter Publishing Company, Inc.  
H. Gernsback, Press.; S. Gernsback, Tress. C.D Rosenfelt

A “*Amazing Stories Quarterly Vol.1, n°1*”, lançada em 1928, marca a estreia da edição trimestral da famosa revista de ficção científica *Amazing Stories*, criada por Hugo Gernsback. Com uma seleção especial de histórias mais longas e detalhadas do que as publicadas na versão mensal, a revista apresenta narrativas inovadoras de aventura e ciência especulativa.

Título original: *Amazing Stories Quarterly Vol.1 No1 Winter*

Tradução: Yan Viana

Publicado em: [atomicvintage.com.br](http://atomicvintage.com.br)

Email: [atomicvintage10@gmail.com](mailto:atomicvintage10@gmail.com)

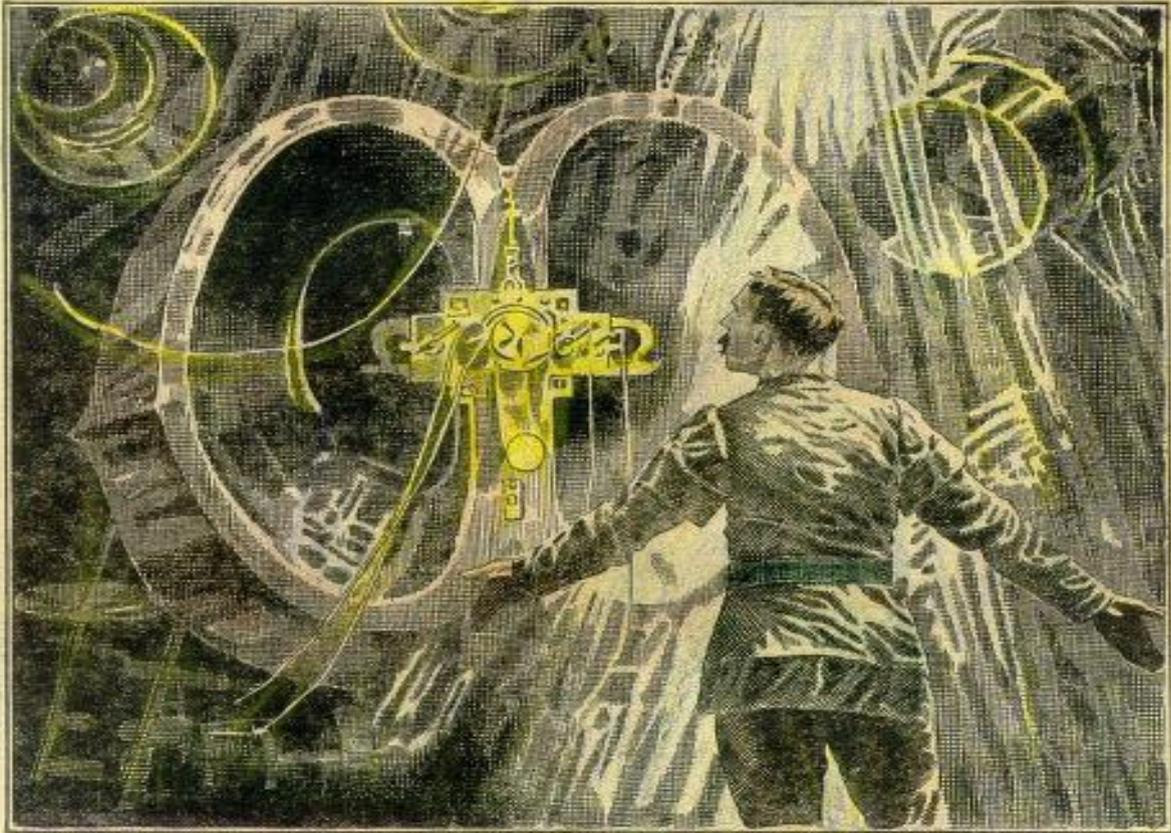
Imagens retiradas do site <https://archive.org/>

<b>Quando O Adormecido Acorda.....</b>	<b>4</b>
CAPÍTULO I — Insônia.....	4
CAPÍTULO II — O Transe.....	11
CAPÍTULO III — O Despertar.....	16
CAPÍTULO IV — O Som de um Tumulto.....	19
CAPÍTULO V — As Vias Móveis.....	30
CAPÍTULO VI — O Salão do Atlas.....	34
CAPÍTULO VII — Nas Salas Silenciosas.....	42
CAPÍTULO VIII — Os Espaços no Telhado.....	50
CAPÍTULO IX — A Marcha do Povo.....	61
CAPÍTULO X — A Batalha das Trevas.....	66
CAPÍTULO XI — O Velho que Sabia Tudo.....	76
CAPÍTULO XII — Ostrog.....	85
CAPÍTULO XIII — O Fim da Velha Ordem.....	96
CAPÍTULO XIV — O Ninho do Corvo.....	99
CAPÍTULO XV — Pessoas Proeminente.....	104
CAPÍTULO XVI — O Monoplano.....	114
CAPÍTULO XVII — Três Dias.....	122
CAPÍTULO XVIII — Graham se lembra.....	125
CAPÍTULO XIX — O Ponto de Vista de Ostrog.....	133
CAPÍTULO XX — Pelas Ruas da Cidade.....	138
CAPÍTULO XXI — O Lado de Baixo.....	155
CAPÍTULO XXII — A Luta na Casa do Conselho.....	160
CAPÍTULO XIII — Enquanto Os Aviões Estão Chegando.....	169
CAPÍTULO XIV — Os Avião Chegam.....	178
<b>O Duelo Enigmático.....</b>	<b>187</b>
<b>Os Terrors dos Altos Céus.....</b>	<b>198</b>

# WHEN THE SLEEPER WAKES

by H.G. Wells

Author of "The Time Machine," "The Island of Dr. Moreau, etc."



He addressed himself now to the massed multitude. (page 116)

## Quando O Adormecido Acorda

H.G. Wells

### CAPÍTULO I — Insônia

NUMA TARDE, na maré baixa, o Sr. Isbister, um jovem artista hospedado em Boscastle, caminhava daquele lugar para a pitoresca enseada de Pentargen, desejando examinar as cavernas lá. No meio do caminho pela trilha íngreme até a praia de Pentargen, ele deparou-se subitamente com um homem sentado numa atitude de profundo desespero sob uma saliência rochosa. As mãos desse homem pendiam frouxas sobre os joelhos, seus olhos estavam vermelhos e fixos à sua frente, e seu rosto estava molhado de lágrimas.

Ele olhou para Isbister de relance. Ambos os homens ficaram desconcertados, Isbister ainda mais, e, para superar o constrangimento de sua pausa involuntária, comentou, com um ar de convicção madura, que o clima estava quente para aquela época do ano.

“Muito,” respondeu o estranho secamente, hesitou por um segundo e acrescentou em um tom sem cor, “Não consigo dormir.”

Isbister parou abruptamente. “Não?”, foi tudo o que disse, mas sua postura transmitia seu impulso de ajudar.

“Pode parecer incrível,” disse o estranho, virando os olhos cansados para o rosto de Isbister e enfatizando suas palavras com uma mão lânguida, “mas eu não durmo — não durmo há seis noites.”

“Já procurou ajuda?”

“Sim. Péssima ajuda, na maior parte das vezes. Remédios. Meu sistema nervoso... Eles funcionam bem para a maioria das pessoas. É difícil de explicar. Não ousou tomar... remédios muito fortes.”

“Isso complica as coisas,” disse Isbister.

Ele ficou parado, sem saber o que fazer. Claramente, o homem queria conversar. Uma ideia, natural o suficiente nas circunstâncias, o levou a manter a conversa. “Nunca sofri de insônia,” disse num tom de conversa casual, “mas nos casos que conheço, as pessoas geralmente encontram algo —”

“Não ousou fazer experimentos.”

Ele falou com cansaço. Fez um gesto de rejeição, e ambos ficaram em silêncio por um tempo.

“Exercício?” sugeriu Isbister timidamente, olhando do rosto infeliz de seu interlocutor para a roupa de viagem que ele usava.

“Isso é o que eu tentei. Talvez de forma imprudente. Tenho seguido a costa, dia após dia — de New Quay. Isso apenas acrescentou uma fadiga muscular à mental. A causa desse desconforto foi o excesso de trabalho — problemas. Houve algo—”

Ele parou como se por puro cansaço. Esfregou a testa com uma mão magra. Ele retomou a fala como alguém que fala consigo mesmo.

“Sou um lobo solitário, um homem solitário, vagando por um mundo no qual não faço parte. Estou sem esposa — sem filhos — quem é que fala dos sem filhos como galhos mortos na árvore da vida? Estou sem esposa, sem filhos — não consegui encontrar um dever a cumprir. Nem desejo em meu coração. E, por fim, decidi fazer alguma coisa.”

“Eu disse, vou fazer isso, e para fazer, para superar a inércia deste corpo cansado, recorri a drogas. Meu Deus, já tive o suficiente de drogas! Não sei se você sente o inconveniente peso do corpo, sua exasperante demanda de tempo da mente — tempo — vida! Vivemos em pedaços. Temos que comer, e então vêm as complacências digestivas ou

irritações. Precisamos respirar ar puro, senão nossos pensamentos ficam lentos, estúpidos, e entram em becos sem saída. Mil distrações surgem de dentro e de fora, e então vem a sonolência e o sono. Os homens parecem viver para dormir. Quanto do dia de um homem realmente lhe pertence — mesmo no melhor dos casos? E então vêm esses falsos amigos, esses ajudantes assassinos, os alcaloides que sufocam a fadiga natural e matam o descanso — café preto, cocaína—”

“Entendo,” disse Isbister.

“Fiz meu trabalho,” disse o homem insone com uma entonação lamurienta.

“E este é o preço?”

“Sim.”

Por um tempo, ambos ficaram sem falar.

“Você não pode imaginar o desejo de descansar que sinto — uma fome e sede. Por seis longos dias, desde que terminei meu trabalho, minha mente tem sido um redemoinho, rápido, improdutivo e incessante, um turbilhão de pensamentos que não leva a lugar algum, girando rápido e constante—”

Ele fez uma pausa. “Em direção ao abismo.”

“Você precisa dormir,” disse Isbister decididamente, com o ar de quem encontrou uma solução. “Certamente, você precisa dormir.”

“Minha mente está perfeitamente lúcida. Estava mais clara. Mas sei que estou me aproximando do vórtice. Em breve—”

“Sim?”

“Você já viu algo ser sugado por um redemoinho? Fora da luz do dia, fora deste doce mundo de sanidade — para baixo—”

“Mas,” protestou Isbister.

O homem estendeu uma mão em direção a ele, e seus olhos estavam selvagens, e sua voz subitamente alta. “Vou me matar. Se de nenhuma outra forma, ao pé daquela escura falésia ali, onde as ondas são verdes, e a onda branca se levanta e cai, e aquele pequeno fio d’água treme ao descer. Ali, pelo menos, há...”

“Isso não é razoável,” disse Isbister, assustado com o acesso de emoção histérica do homem. “Remédios são melhores que isso.”

“Ali, pelo menos, há sono,” repetiu o estranho, sem lhe dar atenção.

Isbister olhou para ele e se perguntou, de forma transitória, se alguma Providência complexa os havia realmente unido naquela tarde. “Não é certo, sabe,” ele comentou. “Há um

penhasco como aquele em Lulworth Cove — tão alto quanto, pelo menos — e uma garotinha caiu de cima lá embaixo. E vive hoje — sã e salva.”

“Mas aquelas rochas ali?”

“Pode-se cair nelas de maneira bem desagradável através de uma noite fria, com ossos quebrados rangendo enquanto se treme, água fria espirrando sobre você. Hein?” Seus olhos se encontraram. “Desculpe por arruinar seus ideais,” disse Isbister com um senso de ousadia despreocupada, suicídio daquele penhasco (ou de qualquer penhasco, nesse caso), na verdade, como um artista—” Ele riu. “É tão amador, amaldiçoadamente amador.”

“Mas a outra coisa,” disse o homem insonemente irritado, “a outra coisa. Nenhum homem pode se manter sã se noite após noite—”

“Você tem caminhado ao longo desta costa sozinho?”

“Sim.”

“Coisa boba de se fazer. Se me permite dizer. Sozinho! Como você disse; cansaço físico não é cura para o cansaço mental. Quem lhe disse isso? Não é de se admirar; caminhando! E o sol na sua cabeça, calor, cansaço, solidão, o dia todo, e então, suponho, você vai para a cama e tenta dormir—hein?” Isbister parou de repente e olhou para o sofredor com dúvida.

“Olhe para essas rochas!” gritou o homem sentado com uma súbita força de gesto, “Olhe para aquele mar que brilha e treme ali para sempre! Veja a espuma branca correndo para a escuridão sob aquele grande penhasco. E este céu azul, com o sol cegante derramando-se da cúpula. É o seu mundo. Você o aceita, você se alegra nele. Ele aquece, sustenta e encanta você. E para mim—”

Ele virou a cabeça e mostrou um rosto horrível, olhos injetados de sangue, pálidos e lábios sem cor. Ele falou quase em um sussurro. “É a vestimenta da minha miséria. O mundo inteiro... é a vestimenta da minha miséria.”

Isbister olhou para toda a beleza selvagem dos penhascos ensolarados ao redor deles e de volta para aquele rosto de desespero. Por um momento, ele ficou em silêncio.

Ele sobressaltou-se, fez um gesto de rejeição impaciente. “Você precisa de uma noite de sono,” ele disse, “e você não verá muita miséria por aqui. acredite em mim.” Agora ele estava bastante certo de que aquele era um encontro providencial. Apenas meia hora atrás, ele estava se sentindo terrivelmente entediado. Aqui estava um trabalho cuja simples ideia já o fazia sentir uma satisfação moral. Ele tomou posse imediatamente. Parecia-lhe que a primeira necessidade daquele ser exausto era companhia. Ele se jogou no gramado inclinado ao lado da figura imóvel sentada e se lançou imediatamente em uma linha de conversa.

Seu ouvinte parecia ter caído em apatia; ele olhava melancolicamente para o mar e falava apenas em resposta às perguntas diretas de Isbister — e nem respondia todas elas. Mas não deu sinal de objeção a essa intrusão benevolente em seu desespero.

De uma forma impotente, ele parecia até grato, e quando, depois, Isbister, sentindo que sua conversa desamparada estava perdendo vigor, sugeriu que eles deveriam subir novamente a colina e retornar em direção a Boscastle, mencionando a vista para Blackapit, ele se submeteu calmamente. No meio do caminho, ele começou a falar sozinho, e de repente virou um rosto horrível para seu companheiro. “O que pode estar acontecendo?” ele perguntou com uma mão magra ilustrativa. “O que pode estar acontecendo? Gira, gira, gira, gira. Vai girando e girando para sempre.” Ele manteve a mão girando.

“Está tudo bem, velho amigo,” disse Isbister com o ar de um velho camarada. “Não se preocupe. Confie em mim.”

O homem abaixou a mão e se virou novamente. Eles passaram pela colina em fila única até o promontório além de Penally, com o homem insone gesticulando de vez em quando e dizendo fragmentos sobre seu cérebro em turbilhão. No promontório, ficaram por um tempo sentados no banco que dava para os mistérios sombrios de Blackapit. Isbister havia retomado sua conversa sempre que o caminho se alargava o suficiente para caminharem lado a lado. Ele estava falando sobre a complexa dificuldade de entrar no porto de Boscastle em mau tempo, quando, de repente e completamente sem relevância, seu companheiro o interrompeu novamente.

“Minha cabeça não é como costumava ser,” disse ele, gesticulando por falta de frases expressivas. “Não é como antes. Há uma espécie de opressão, um peso. Não — não é sonolência, quem dera fosse! É como uma sombra, uma sombra profunda caindo repentinamente e rapidamente sobre algo. Rodar, rodar na escuridão. O tumulto de pensamentos, a confusão, um redemoinho e um furacão. Não consigo expressar isso. Mal consigo manter a mente fixa o suficiente para te contar.” Ele parou, exausto.

“Não se preocupe, velho amigo,” disse Isbister. “Acho que posso entender. De qualquer forma, não se importe muito em me contar isso agora, você sabe.” O homem insone pressionou os nós dos dedos contra os olhos e os esfregou. Isbister continuou falando por um tempo enquanto o outro esfregava os olhos, e então ele teve uma nova ideia.

“Venha até meu quarto,” ele disse, “e tente fumar um cachimbo. Posso te mostrar alguns esboços deste Blackapit. Se quiser.” O outro se levantou obedientemente e o seguiu morro abaixo. Várias vezes Isbister o ouviu tropeçar enquanto desciam, e seus movimentos eram lentos e hesitantes.

“Entre comigo,” disse Isbister, “e tente alguns cigarros e a bendita dádiva do álcool. Você bebe álcool?” O estranho hesitou no portão do jardim. Ele parecia não estar mais claramente ciente de suas ações. “Eu não bebo,” disse lentamente, subindo o caminho do jardim, e após um intervalo momentâneo repetiu distraidamente, “Não—eu não bebo. Vai girar. Girar, vai — girar—” Ele tropeçou na soleira da porta e entrou na sala com o jeito de quem não vê nada.

Então ele se sentou abrupta e pesadamente na poltrona confortável, quase como se tivesse caído nela. Ele se inclinou para frente com as sobrelanceiras sobre as mãos e ficou imóvel.

Logo emitiu um som fraco na garganta. Isbister movia-se pela sala com a nervosidade de um anfitrião inexperiente, fazendo pequenos comentários que mal exigiam resposta. Ele atravessou a sala até seu portfólio, colocou-o na mesa e percebeu o relógio da lareira.

“Não sei se você gostaria de jantar comigo” disse ele com um cigarro apagado na mão — sua mente preocupada com a ideia de administrar um cloral furtivamente. “Apenas carneiro frio, sabe, mas muito bom. Galês. E acredito que tenha uma torta.” Ele repetiu isso após um breve silêncio.

O homem sentado não respondeu. Isbister parou, com o fósforo na mão, observando-o. O silêncio se prolongou. O fósforo apagou-se, o cigarro foi colocado de lado, sem ser aceso. O homem certamente estava bem imóvel. Isbister pegou o portfólio, abriu-o, colocou-o de volta, hesitou, parecia prestes a falar. “Talvez,” sussurrou duvidoso. Em seguida, olhou para a porta e voltou a olhar para a figura. Então ele saiu furtivamente da sala, caminhando na ponta dos pés, olhando para seu companheiro após cada passo elaborado.

Ele fechou a porta sem fazer barulho. A porta da casa estava aberta, e ele saiu para além da varanda, onde os acônitos cresciam no canteiro do jardim. Dali, podia ver o estranho pela janela aberta, imóvel e apagado, sentado com a cabeça nas mãos. Ele não se mexera.

Um grupo de crianças passando pela estrada parou e observou o artista curiosamente. Um barqueiro trocou cumprimentos com ele. Isbister sentiu que sua postura circunspecta e sua posição poderiam parecer peculiares e inexplicáveis. Fumar, talvez, pudesse parecer mais natural. Ele tirou o cachimbo e o fumo do bolso e começou a enchê-lo devagar.

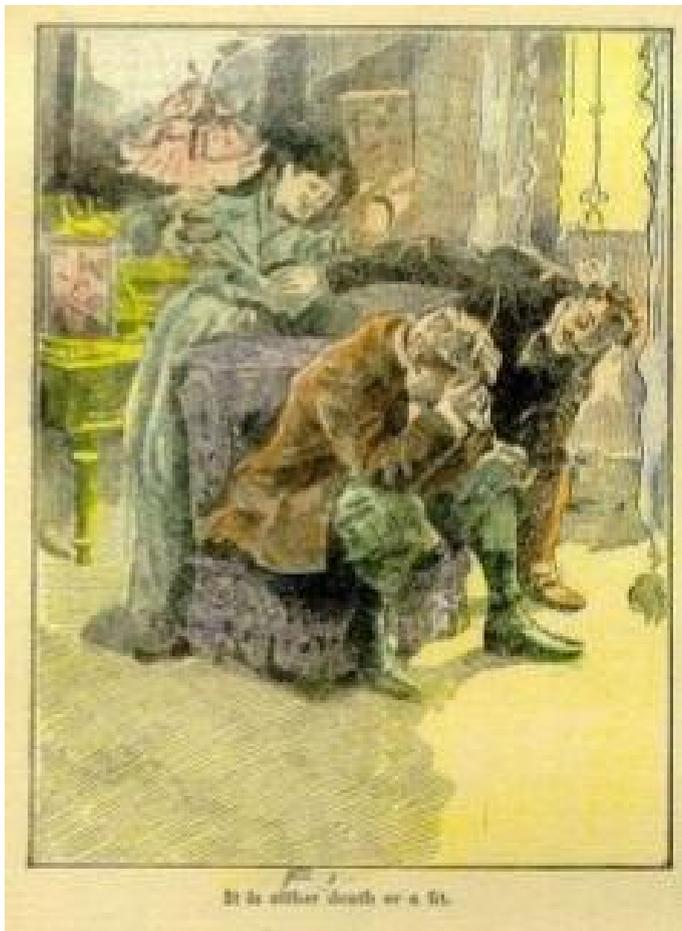
“Eu me pergunto...” ele disse, com uma perda de complacência quase imperceptível. “De qualquer forma, deve-se dar a ele uma chance.” Ele riscou um fósforo de maneira viril e começou a acender o cachimbo.

Logo depois, ouviu sua senhoria atrás dele, vindo com a lâmpada acesa da cozinha. Ele se virou, gesticulando com o cachimbo, e a deteve na porta de sua sala de estar. Ele teve

alguma dificuldade em explicar a situação em sussurros, pois ela não sabia que ele tinha uma visita. Ela se retirou novamente com a lâmpada, ainda um pouco intrigada a julgar por seu comportamento, e ele voltou a pairar no canto da varanda, corado e menos à vontade.

Muito depois de ter terminado de fumar o cachimbo, e quando os morcegos já estavam voando, sua curiosidade dominou suas hesitações complexas, e ele voltou furtivamente para sua sala de estar escurecida. Ele parou no batente da porta. O estranho ainda estava na mesma posição, escuro contra a janela.

Exceto pelo canto de alguns marinheiros a bordo de um dos pequenos navios que transportavam ardósia no porto, a noite estava muito tranquila. Lá fora, os acônitos e os delfínios se mantinham eretos e imóveis contra a sombra da colina. Algo brilhou na mente de



Isbister; ele se sobressaltou e, inclinando-se sobre a mesa, escutou.

Uma suspeita desagradável ficou ainda mais forte; tornou-se convicção. O espanto o dominou e transformou-se em — pavor!

Nenhum som de respiração vinha da figura sentada! Ele avançou lentamente e silenciosamente ao redor da mesa, parando duas vezes para escutar. Finalmente, pôde colocar a mão no encosto da poltrona. Inclinou-se até que as duas cabeças estivessem próximas, ouvido com ouvido.

Então, inclinou-se ainda mais para olhar para o rosto de seu visitante. Ele deu um salto violento e soltou uma exclamação.

Os olhos eram espaços vazios de

branco.

Olhou novamente e viu que eles estavam abertos, com as pupilas reviradas sob as pálpebras. De repente, ficou com medo. Dominado pela estranheza da condição do homem, ele o segurou pelo ombro e o sacudiu.

“Você está dormindo?” ele disse, com a voz subindo para um tom mais alto, e novamente: “Você está dormindo?” Uma convicção tomou conta de sua mente de que esse

homem estava morto. De repente, tornou-se ativo e barulhento, atravessou a sala, trombando contra a mesa ao fazer isso, e tocou a campainha.

“Por favor, traga uma luz imediatamente,” disse no corredor. “Há algo errado com meu amigo.” Então ele voltou para a figura imóvel sentada, agarrou o ombro, sacudiu-o e gritou. A sala foi inundada por um brilho amarelo quando sua perplexa senhoria entrou com a luz. Seu rosto estava pálido quando ele se virou piscando para ela. “Preciso buscar um médico imediatamente,” ele disse. “É morte ou um ataque. Há um médico na vila? Onde posso encontrar um médico?”

## **CAPÍTULO II — O Transe**

O ESTADO de rigor cataléptico em que esse homem havia caído durou por um tempo sem precedentes, e então ele passou lentamente para um estado flácido, uma atitude relaxada, sugerindo um profundo repouso. Então seus olhos puderam ser fechados.

Ele foi removido do hotel para a clínica de Boscastle, e da clínica, após algumas semanas, para Londres. Mas ele ainda resistia a todas as tentativas de reanimação. Depois de um tempo, por razões que aparecerão mais tarde, essas tentativas foram descontinuadas. Por um longo período, ele permaneceu naquela estranha condição, inerte e imóvel — nem morto nem vivo, mas, por assim dizer, suspenso, pairando a meio caminho entre o nada e a existência. O estado dele era uma escuridão ininterrupta por qualquer raio de pensamento ou sensação, uma inação sem sonhos, um vasto espaço de paz. O tumulto de sua mente havia inchado e subido até um clímax abrupto de silêncio. Onde estava o homem? Onde está qualquer homem quando a insensibilidade o domina?

“Parece que foi ontem,” disse Isbister. “Lembro de tudo como se tivesse acontecido ontem — talvez mais claro do que se tivesse acontecido ontem.”

Era o Isbister do capítulo anterior, mas ele não era mais um homem jovem. O cabelo, que era castanho e um pouco mais comprido do que o comprimento da moda, estava grisalho e cortado rente, e o rosto, que antes era rosado e claro, agora era amarelado e avermelhado. Ele tinha uma barba pontuda salpicada de cinza. Ele conversava com um homem idoso que vestia um terno de verão (o verão daquele ano foi incomumente quente). Esse era Warming, um advogado londrino e parente mais próximo de Graham, o homem que havia caído em transe. E os dois homens estavam lado a lado em um cômodo de uma casa em Londres, observando sua figura reclinada.

Era uma figura amarelada, deitada flácida sobre uma cama d'água e vestida com uma camisa larga, uma figura com um rosto encolhido e uma barba curta, membros magros e unhas compridas e finas, e ao redor dela havia uma caixa de vidro fino. Esse vidro parecia separar o adormecido da realidade da vida ao redor dele; ele era uma coisa à parte, uma anormalidade estranha e isolada. Os dois homens estavam próximos ao vidro, espiando.

“Aquilo me deu um choque,” disse Isbister. “Sinto um tipo estranho de surpresa até agora, quando penso nos olhos brancos dele. Eles eram brancos, sabe, virados para cima. Vir aqui de novo traz tudo de volta para mim.”

“Você nunca o viu desde aquela vez?” perguntou Warming.

“Queria vir muitas vezes,” disse Isbister; “mas hoje em dia os negócios estão sérios demais para ter muitas férias. Estive na América a maior parte do tempo.”

“Se me lembro bem,” disse Warming, “você era artista?”

“Era. E então me casei. Percebi que a ilustração em preto e branco estava acabada — pelo menos para um homem mediano; mudei para gravura. Aqueles cartazes nos penhascos de Dover são da minha empresa.”

“Ótimos cartazes,” admitiu o advogado, “embora eu tenha ficado triste em vê-los lá.”

“Duram tanto quanto os penhascos, se necessário,” exclamou Isbister com satisfação. “O mundo muda. Quando ele adormeceu, há vinte anos, eu estava em Boscastle com uma caixa de aquarelas e uma nobre ambição à moda antiga. Não esperava que algum dia meus pigmentos glorificassem toda a bendita costa da Inglaterra, de Land's End<sup>1</sup> até o Lizard. A sorte vem, frequentemente, para um homem quando ele não está olhando.”

Warming parecia duvidar da qualidade da sorte. “Eu quase não o vi, se bem me lembro.”

“Você voltou pelo transporte que me levou à estação de trem de Camelford. Era perto do Jubileu, o Jubileu da Vitória, porque me lembro dos assentos e das bandeiras em Westminster, e da briga com o cocheiro em Chelsea.”

“O Jubileu do Diamante, foi,” disse Warming; “o segundo.”

“Ah, sim! No Jubileu apropriado — o evento dos Cinquenta Anos — eu estava em Wookey — um garoto. Perdi tudo isso... Que confusão tivemos com ele! Minha senhoria não queria aceitá-lo, não deixava ele ficar — ele parecia tão esquisito quando estava rígido. Tivemos que carregá-lo em uma cadeira até o hotel. E o médico de Boscastle — não era o

---

<sup>1</sup> aldeia no extremo sudoeste da Cornualha, Inglaterra.

atual, mas o anterior — ficou com ele até quase às duas, comigo e o proprietário segurando lanternas e assim por diante.”

“Foi um rigor cataléptico no começo, não foi?”

“Rígido! — onde quer que você o dobrasse, ele ficava. Você poderia tê-lo colocado de cabeça para baixo e ele teria ficado assim. Nunca vi tanta rigidez. Claro, isso” — ele indicou a figura prostrada com um movimento da cabeça — “é bem diferente. E, claro, o médico — qual era o nome dele?”

“Smithers?”

“Smithers era o nome — estava completamente errado ao tentar reanimá-lo muito cedo, de acordo com todos os relatos. As coisas que ele fez. Mesmo agora me faz sentir um — ugh! Mostarda, rapé, agulhas. E uma daquelas coisinhas nojentas, dínamos—”

“Bobinas de indução.”

“Sim. Você podia ver seus músculos pulsarem e se contorcendo, e ele se retorcia. Havia apenas duas velas amarelas brilhando, e todas as sombras estavam tremendo, e o médico nervoso e se exibindo, e ele — rígido e se contorcendo de maneiras completamente não naturais. Bem, isso me fez ter sonhos.”

Pausa.

“É um estado estranho,” disse Warming.

“É uma espécie de ausência completa,” disse Isbister. “Aqui está o corpo, vazio. Não está morto, nem um pouco, e ainda assim não está vivo. É como um assento vago e marcado como ‘ocupado.’ Sem sensação, sem digestão, sem batimentos do coração — nada de palpitação. Isso não me faz sentir que há um homem presente. Em um sentido, é mais morto do que a morte, pois esses médicos me dizem que até o cabelo parou de crescer. Agora, com os mortos propriamente ditos, o cabelo continuará a crescer—”

“Eu sei,” disse Warming, com uma expressão de dor.

Eles espiaram através do vidro novamente. Graham estava, de fato, em um estado estranho, na fase flácida de um transe, mas um transe sem precedentes na história médica. O transe já havia durado até um ano antes — mas, no final desse tempo, sempre havia sido uma caminhada ou uma morte; às vezes primeiro um e depois o outro. Isbister notou as marcas que os médicos tinham feito ao injetar nutrientes, pois esse dispositivo havia sido utilizado para adiar o colapso; ele as apontou para Warming, que havia tentado não olhar para elas

“E enquanto ele esteve aqui deitado,” disse Isbister, com o entusiasmo de uma vida bem vivida, “eu mudei meus planos na vida; casei, criei uma família, meu filho mais velho — eu ainda não tinha começado a pensar em filhos naquela época — ele é um cidadão americano e

está ansioso para sair de Harvard. Há um toque de grisalho no meu cabelo. E esse homem, não um dia mais velho ou mais sábio (praticamente) do que eu era nos meus dias de juventude. É curioso pensar nisso.”

Warming virou-se. “E eu também envelheci. Joguei críquete com ele quando eu ainda era apenas um garoto. E ele ainda parece um jovem. Amarelo, talvez. Mas ainda assim é um jovem.”

“E houve a Guerra,” disse Isbister.

“Desde o começo até o fim.”

“E esses marcianos.”

“Descobri,” disse Isbister após uma pausa, “que ele possuía algumas propriedades modestas próprias?”

“É verdade,” disse Warming. Tossiu com um certo zelo. “Acontece que — eu sou responsável por isso.”

“Ah!” Isbister pensou, hesitou e falou: “Sem dúvida — o custo de sua manutenção aqui não é alto — sem dúvida terá melhorado — acumulado?”

“Sim. Ele vai acordar muito melhor, se acordar, do que quando adormeceu.”

“Como homem de negócios,” disse Isbister, “essa ideia naturalmente esteve na minha mente. De fato, às vezes pensei que, falando comercialmente, é claro, esse sono pode ser uma coisa muito boa para ele. Que ele sabe o que está fazendo, por assim dizer, ao estar insensível por tanto tempo. Se ele tivesse vivido diretamente—”

“Eu duvido que ele tivesse planejado tanto,” disse Warming. “Ele não era um homem de visão. Na verdade—”

“Sim?”

“Divergimos nesse ponto. Eu me aproximei dele um pouco como um tutor. Você provavelmente já viu o suficiente de negócios para reconhecer que ocasionalmente há certa fricção —. Mas, mesmo que esse fosse o caso, há uma dúvida se ele algum dia acordará. Esse sono esgota lentamente, mas ele esgota. Aparentemente, ele está deslizando lentamente, muito lentamente e tediosamente, por uma longa ladeira, se você me entende?”

“Seria uma pena perder sua surpresa. Houve muita mudança nesses vinte anos. É como se Rip Van Winkle tivesse se tornado real.”

“É Bellamy,” disse Warming. “Houve, de fato, muita mudança. E, entre algumas mudanças, eu mudei. Sou um homem idoso.” Isbister hesitou e então fingiu uma surpresa tardia. “Eu não teria pensado nisso.”

“Eu tinha quarenta e três anos quando os banqueiros dele — você se lembra, você mandou um telegrama para os banqueiros dele — me enviaram os documentos.”

“Eu obtive o endereço deles com o talão de cheques no bolso dele,” disse Isbister.

“Bem, a adição não é difícil,” disse Warming.

Houve outra pausa, e Isbister cedeu a uma curiosidade inevitável. “Ele pode continuar por anos ainda,” disse ele, e teve um momento de hesitação. “Temos que considerar isso. Os assuntos dele, você sabe, podem algum dia cair nas mãos de — alguém mais, você sabe.”

“Isso, se você acreditar em mim, Sr. Isbister, é um dos problemas que estão constantemente na minha mente. Acontece que somos — na verdade, não há conexões muito confiáveis. É uma posição grotesca e sem precedentes.”

“É,” disse Isbister. “Na verdade, é um caso para um administrador público, se apenas tivéssemos tal função.”

“Parece-me que é um caso para algum órgão público, algum guardião praticamente imortal. Se ele realmente vai continuar a viver — como os médicos, alguns deles, pensam. Na verdade, eu fui a alguns homens públicos falar sobre isso. Mas, até agora, nada foi feito.”

“Não seria uma má ideia entregá-lo a algum órgão público — os Curadores do Museu Britânico, ou o Colégio Real de Médicos. Parece um pouco estranho, é claro, mas toda a situação é estranha.”

“A dificuldade é convencê-los a aceitá-lo.”

“Burocracia, suponho?”

“Em parte.”

Pausa. “É um negócio curioso, certamente,” disse Isbister. “E os juros compostos têm um jeito de se acumular.”

“Tem,” disse Warming. “E agora que os suprimentos de ouro estão acabando, há uma tendência para... apreciação.”

“Eu senti isso,” disse Isbister com uma careta. “Mas isso melhora para ele.”

“Se ele acordar.”

“Se ele acordar,” ecoou Isbister. “Você nota o aspecto comprimido do nariz dele e a maneira como as pálpebras dele afundam?”

Warming olhou e pensou por um momento. “Eu duvido que ele vá acordar,” disse ele por fim.

“Eu nunca entendi direito,” disse Isbister, “o que causou isso. Ele me contou algo sobre sobrecarga de estudo. Eu sempre estive curioso.”

“Ele era um homem de consideráveis talentos, mas espasmódico, emocional. Tinha graves problemas domésticos, divorciou-se da esposa, de fato, e foi para se aliviar disso, eu acho, que ele se envolveu na política bancando o fanático. Ele era um Radical fanático — um Socialista — ou Liberal típico, como costumavam se chamar, de uma escola avançada. Energético — volúvel — desordenado. O excesso de trabalho em uma controvérsia fez isso com ele. Lembro-me do panfleto que ele escreveu — uma produção curiosa. Alguns deles já foram refutados, alguns deles são fatos bem estabelecidos. Mas, na maior parte, ler tal tese é perceber como o mundo está cheio de coisas não premeditadas. Ele terá muito a aprender, muito a desaprender, quando acordar. Se algum dia acordar.”

“Eu daria qualquer coisa para estar lá,” disse Isbister, “só para ouvir o que ele diria sobre tudo isso.”

“Eu também,” disse Warming. “Sim! Eu também,” com uma repentina mudança para a autocomiseração de um homem idoso. “Mas eu nunca o verei acordar.” Ele ficou olhando pensativamente para a figura cerosa.

“Ele nunca acordará,” disse ele por fim. Suspirou. “Ele nunca mais acordará.”

### **CAPÍTULO III — O Despertar**

MAS Warming estava errado quanto a isso. Um despertar aconteceu.

Que coisa maravilhosamente complexa! Esta unidade aparentemente simples — o eu! Quem pode traçar sua reintegração à medida que manhã após manhã despertamos, o fluxo e a confluência de seus inúmeros fatores entrelaçando-se, reconstruindo, os primeiros movimentos tênues da alma, o crescimento e a síntese do inconsciente para o subconsciente, do subconsciente para a consciência crescente, até que finalmente nos reconhecamos novamente. E como acontece com a maioria de nós após o sono da noite, assim foi com Graham no final de seu vasto sono. Uma nuvem tênue de sensação tomando forma, uma nebulosidade sombria, e ele se encontrou vagamente em algum lugar, recumbente, fraco, mas vivo.

A peregrinação em direção a um ser pessoal parecia atravessar abismos vastos, ocupar eras. Sonhos gigantescos que eram realidades terríveis na época, deixaram memórias vagas e perplexas, criaturas estranhas, paisagens estranhas, como se de outro planeta. Havia também uma impressão distinta de uma conversa importante, de um nome — ele não conseguia identificar qual nome — que viria a ocorrer novamente, de alguma sensação estranha há muito esquecida de veias e músculos, de um sentimento de imenso esforço desesperado, o

esforço de um homem quase afogado na escuridão. Então veio um panorama de cenas deslumbrantes e instáveis.

Graham tornou-se ciente de que seus olhos estavam abertos e contemplando alguma coisa desconhecida.

Era algo branco, a borda de algo, uma moldura de madeira. Ele moveu ligeiramente a cabeça, seguindo o contorno dessa forma. Ela ia além do topo de seus olhos. Tentou pensar onde poderia estar. Importava, visto que estava tão miserável? A cor de seus pensamentos era uma depressão escura. Sentia a miséria sem características de quem acorda para o momento do amanhecer.

Tinha uma sensação incerta de sussurros e passos recuando apressadamente.

O movimento de sua cabeça envolveu uma percepção de fraqueza física extrema. Supôs que estava na cama do hotel no local do vale — mas não conseguia se recordar daquela borda branca. Deve ter adormecido. Lembrou-se agora de que havia desejado dormir. Recordou o penhasco e a cachoeira novamente e então lembrou-se de algo sobre conversar com um transeunte...

Quanto tempo ele havia dormido? O que era aquele som de pés apressados? E aquele subir e descer, como o murmúrio das ondas sobre seixos? Estendeu uma mão lânguida para alcançar seu relógio na cadeira onde era seu hábito colocá-lo, e tocou uma superfície lisa e dura como vidro. Isso foi tão inesperado que o assustou profundamente. De repente, ele se virou, olhou por um momento e lutou para se sentar. O esforço foi inesperadamente difícil, e o deixou tonto e fraco — e maravilhado.

Ele esfregou os olhos. O enigma de seus arredores era confuso, mas sua mente estava bastante clara — evidentemente seu sono o havia beneficiado. Ele não estava em uma cama como compreendia a palavra, mas deitado nu em um colchão muito macio e flexível em uma cova de vidro escuro. O colchão era parcialmente transparente, um fato que observou com uma estranha sensação de insegurança, e abaixo dele havia um espelho refletindo-o de forma acinzentada. Ao redor de seu braço — e ele viu com um choque que sua pele estava estranhamente seca e amarelada — havia um curioso aparato de borracha, atado de forma tão astuta que parecia passar por sua pele acima e abaixo. E essa estranha cama estava colocada em uma caixa de vidro de cor esverdeada (como lhe parecia), havia uma barra na moldura branca da qual tinha inicialmente chamado sua atenção. No canto da caixa havia um suporte com um aparato cintilante e delicadamente feito, em sua maior parte eram aparelhos bastante estranhos, embora um termômetro com máximo e mínimo fosse reconhecível.

O tom levemente esverdeado da substância semelhante ao vidro que o rodeava obscurecia o que havia atrás, mas ele percebeu que era um vasto apartamento de aparência esplêndida, e com um arco branco muito grande e simples voltado para ele. Perto das paredes da gaiola havia artigos de mobiliário, uma mesa coberta com um pano prateado, prateado como o lado de um peixe, algumas cadeiras elegantes, e na mesa vários pratos com substâncias empilhadas sobre eles, uma garrafa e dois copos.

Ele percebeu que estava intensamente faminto.

Não conseguia ver nenhuma pessoa, e após um período de hesitação, saiu do colchão translúcido e tentou ficar de pé no chão limpo e branco de seu pequeno apartamento. Ele havia calculado mal sua força, e vacilou, colocando a mão contra o painel semelhante ao vidro à sua frente para se equilibrar. Por um momento, resistiu à sua mão, curvando-se para fora como uma bexiga distendida, então quebrou com um leve estalo e desapareceu — uma bolha furada. Ele cambaleou para fora no espaço geral do corredor, grandemente surpreendido. Ele agarrou-se à mesa para se salvar, derrubando um dos copos no chão — ele fez barulho, mas não quebrou — e sentou-se em uma das cadeiras.

Quando se recuperou um pouco, encheu o copo restante com a garrafa e bebeu — um líquido incolor, mas não era água, com um aroma e gosto agradáveis e uma qualidade de sustento e estímulo imediato. Colocou o recipiente na mesa e olhou ao redor.

O apartamento em nada perdeu o tamanho e magnificência agora que a transparência esverdeada que interferia em sua vista foi removida. O arco que ele viu levava a uma escadaria, descendo sem a intermediação de uma porta, para um amplo corredor transversal. Este corredor corria entre pilares polidos de alguma substância branca com azul profundo, e ao longo dele vinha o som de movimentos e vozes humanas e um profundo tom contínuo. Ele sentou-se, agora completamente acordado, ouvindo atentamente, esquecendo-se das iguarias em sua atenção.

Então, com um choque, lembrou-se de que estava nu e, procurando algo para se cobrir, viu um longo manto preto jogado sobre uma das cadeiras ao seu lado. Envolveu-se com ele e sentou-se novamente, tremendo.

Sua mente ainda era uma perplexidade tumultuada. Claramente, ele havia dormido e sido movido enquanto dormia. Mas para onde? E quem eram aquelas pessoas, a multidão distante além dos pilares azul-escuro? Boscastle? Ele serviu e bebeu parcialmente outro copo do líquido incolor.

O que é este lugar? — este lugar que para seus sentidos parecia sutilmente tremeluzente como algo vivo? Ele olhou ao redor, para a forma limpa e bela do apartamento, sem

ornamentação, e viu que o teto estava quebrado em um lugar por um eixo circular cheio de luz e, enquanto olhava, uma sombra constante e varrente o obscureceu e passou, e voltou a passar. “Bate, bate,” aquela sombra corrente tinha uma nota própria no tumulto abafado que preenchia o ar.

Ele teria chamado, mas apenas um pequeno som surgiu em sua garganta. Então, ele se levantou e, com os passos incertos de um bêbado, seguiu em direção ao arco. Ele cambaleou pelas escadas, tropeçou na borda do manto preto com que estava envolto e se salvou ao se agarrar a um dos pilares azuis.

O corredor descia por uma vista fria de azul e roxo, e terminava remotamente em um espaço cercado como uma varanda, brilhantemente iluminado e projetando-se para um espaço de névoa, um espaço como o interior de algum edifício gigantesco. Além e distante, estavam formas arquitetônicas vastas e vagas. O tumulto de vozes agora subia alto e claro, e na varanda, de costas para ele, estavam três figuras, ricamente vestidas com roupas largas e confortáveis de cores brilhantes e suaves. O ruído de uma grande multidão subia pela varanda, e uma vez parecia que o topo de uma bandeira passava, e uma vez algum objeto colorido, talvez um chapéu ou vestuário azul-claro jogado para o ar, brilhou através do espaço e caiu. Os gritos soavam como inglês, havia uma repetição de “Acorde!” Ele ouviu algum grito agudo indistinto, e abruptamente esses três homens começaram a rir.

“Ha, ha, ha!” riu um deles — um homem de cabelo vermelho em um curto manto roxo. “Quando o Adormecido acordar — Quando!” Ele virou os olhos cheios de divertimento ao longo do corredor. Seu rosto mudou, o homem todo mudou, tornou-se rígido. Os outros dois se viraram rapidamente com sua exclamação e ficaram imóveis. Seus rostos assumiram uma expressão de consternação, uma expressão que se aprofundou em temor. De repente, os joelhos de Graham se curvaram, seu braço contra o pilar caiu frouxamente, ele cambaleou para frente e caiu de rosto no chão.

## **CAPÍTULO IV — O Som de um Tumulto**

A última impressão de Graham antes de desmaiar foi de um barulho tumultuado de sinos. Ele soube depois que estava insensível, pendendo entre a vida e a morte, por mais de uma hora. Quando recuperou os sentidos, estava de volta ao seu leito translúcido, e sentia um calor reconfortante no coração e na garganta.

Percebeu que o aparelho escuro havia sido removido de seu braço, que estava com bandagem. A estrutura branca ainda estava ao seu redor, mas a substância transparente

esverdeada que a preenchia havia desaparecido completamente. Um homem em um manto violeta escuro, um dos que estavam na varanda, estava olhando atentamente para seu rosto. Longe, mas insistente, havia um clamor de sinos e sons confusos, que sugeriam à sua mente a imagem de um grande número de pessoas gritando juntas. Algo parecia ter caído sobre esse tumulto, uma porta foi fechada repentinamente.

Graham moveu a cabeça. “O que significa tudo isso?” disse lentamente. “Onde estou?” Ele viu o homem de cabelo vermelho que havia sido o primeiro a descobri-lo. Uma voz parecia estar perguntando o que ele havia dito, e foi abruptamente silenciada.

O homem de violeta respondeu com uma voz suave, falando inglês com um leve sotaque estrangeiro, ou assim parecia para os ouvidos do Adormecido: “Você está perfeitamente seguro. Você foi trazido aqui de onde adormeceu. Está tudo certo. Você esteve aqui algum tempo — dormindo. Em um transe.” Ele disse algo mais que Graham não conseguiu ouvir, e um pequeno frasco foi passado para ele. Graham sentiu um spray refrescante, uma névoa aromática que se espalhou sobre sua testa por um momento, e sua sensação de refrescamento aumentou. Ele fechou os olhos em satisfação.

“Melhorou?” perguntou o homem de violeta enquanto os olhos de Graham se reabriam. Era um homem de rosto agradável, talvez com trinta anos, com uma barba pontuda e loira, e um fecho de ouro no pescoço de seu manto violeta.

“Sim,” disse Graham.

“Você esteve adormecido por algum tempo. Em um transe cataléptico. Você ouviu? Catalepsia? Pode parecer estranho a princípio, mas eu posso assegurar que tudo está...” Graham não respondeu, mas essas palavras serviram ao seu propósito reconfortante. Seus olhos iam de rosto a rosto das três pessoas ao seu redor. Eles o observavam estranhamente. Ele sabia que deveria estar em algum lugar na Cornualha, mas não conseguia conciliar essas coisas com essa impressão.

Uma questão que esteve em sua mente durante seus últimos momentos acordado em Boscastle voltou, algo decidido e de alguma forma negligenciado. Ele limpou a garganta.

“Você já avisou meu primo?” perguntou. “E. Warming, 27, Chancery Lane?” Todos estavam atentos para ouvir. Mas ele teve que repetir.

“Que sotaque estranho!” sussurrou o homem de cabelo vermelho.

“Aviso, senhor?” disse o jovem com a barba loira, evidentemente perplexo.

“Ele quer dizer enviar um telegrama elétrico,” ofereceu o terceiro, um jovem de rosto agradável, com dezenove ou vinte anos. O homem de barba loira deu um grito de compreensão. “Que estúpido de minha parte! Pode ter certeza de que tudo será feito, senhor.”

disse ele a Graham. “Receio que seria difícil — avisar seu primo. Ele não está mais em Londres agora. Mas não se preocupe com os arranjos ainda; você esteve adormecido por um longo tempo e o importante agora é se recuperar, senhor.” (Graham concluiu que a palavra era senhor, mas este homem a pronunciava “Sire”).

“Oh!” disse Graham, e ficou em silêncio.

Era tudo muito confuso, mas aparentemente essas pessoas com roupas desconhecidas sabiam o que estavam fazendo. No entanto, eram estranhas e o ambiente era estranho. Parecia que ele estava em algum lugar recém-estabelecido. Ele teve um súbito lampejo de suspeita. Certamente não era algum salão de exposição pública! Se fosse, ele daria uma bronca em Warming. Mas não tinha esse caráter. E em um lugar de exposição pública ele não teria se descoberto nu.

Então, de repente, sem aviso, ele percebeu o que havia acontecido. Não houve um intervalo perceptível de suspeita, nem uma aurora de seu conhecimento. Abruptamente ele soube que seu transe havia durado um vasto intervalo; como se por algum processo de leitura de pensamentos, ele interpretou o temor nos rostos que olhavam para ele. Ele os olhou estranhamente, cheio de intensa emoção. Parecia que eles liam seus olhos. Ele posicionou os lábios para falar e não conseguiu. Um impulso estranho de esconder seu conhecimento surgiu em sua mente quase no momento de sua descoberta. Ele olhou para seus pés descalços, observando-os silenciosamente. Seu impulso de falar passou. Ele estava tremendo intensamente.

Deram-lhe um líquido rosa com uma fluorescência esverdeada e um gosto carnosos, e a sensação de força retornando cresceu.

“Isso — isso me faz sentir melhor,” disse ele roucamente, e houve murmúrios de aprovação respeitosa. Ele sabia agora com clareza. Tentou falar novamente, e novamente não conseguiu.

Ele pressionou a garganta e tentou pela terceira vez. “Quanto tempo?” perguntou em uma voz calma. “Quanto tempo estive adormecido?”

“Um tempo considerável,” disse o homem com a barba loira, olhando rapidamente para os outros.

“Quanto tempo?”

“Muito tempo.”

“Sim — sim,” disse Graham, repentinamente irritado. “Mas eu quero — bem — alguns anos? Muitos anos? Havia algo — eu me esqueço do que. Eu me sinto — confuso. Mas vocês...” Ele soluçou. “Vocês não precisam me enrolar. Quanto tempo—?” Ele parou,

respirando irregularmente. Apertou os olhos com os nós dos dedos e esperou por uma resposta.

Eles conversaram em murmúrios.

“Cinco ou seis?” ele perguntou fracamente. “Mais?”

“Muito mais do que isso.”

“Mais!”

“Mais.”

Ele olhou para eles e parecia como se demônios estivessem puxando os músculos de seu rosto. Ele fez a pergunta com o olhar.

“Muitos anos,” disse o homem com a barba vermelha.

Graham lutou para se sentar. Limpou uma lágrima do rosto com uma mão magra. “Muitos anos!” repetiu. Ele fechou os olhos com força, abriu-os e começou a olhar ao redor, de uma coisa desconhecida para outra.

“Quantos anos?” ele perguntou.

“Você deve estar preparado para se surpreender.”

“Bem?”

“Mais de uma grossa de anos.”

Ele estava irritado com a palavra estranha. “Mais de uma o quê?”

Dois deles falaram juntos. Alguns comentários rápidos sobre “decimal” que ele não entendeu.

“Quanto tempo você disse?” perguntou Graham. “Quanto tempo? Não me olhe assim. Diga-me.”

Entre os comentários em tom baixo, seu ouvido captou seis palavras: “Mais de um par de séculos.”

“O quê?” ele exclamou, virando-se para o jovem que ele achava que havia falado. “Quem disse—? O que foi isso? Um par de séculos!”

“Sim,” disse o homem com a barba vermelha. “Duzentos anos.”

Graham repetiu as palavras. Ele estava preparado para ouvir sobre um longo período de repouso, e ainda assim esses séculos concretos o derrotaram.

“Duzentos anos,” disse ele novamente, com a ideia de um grande abismo se abrindo muito lentamente em sua mente; e então, “Oh, mas—”

Eles não disseram nada.

“Você — disse que—?”

“Duzentos anos. Dois séculos de anos,” disse o homem com a barba vermelha.

Houve uma pausa. Graham olhou para os rostos deles e viu que o que ele havia ouvido era realmente verdade.

“Mas não pode ser,” disse ele, de maneira queixosa. “Estou sonhando. Transes. Transes não duram. Isso não está certo — é uma piada que vocês me pregaram! Diga-me — alguns dias atrás, talvez, eu estava caminhando ao longo da costa da Cornualha—?”

Sua voz falhou.

O homem com a barba loira hesitou. “Não sou muito forte em história, senhor,” disse ele de forma fraca, e olhou para os outros.

“Era isso, senhor,” disse o jovem. “Boscastle, no antigo Ducado da Cornualha — é no sudoeste, além dos campos de leite. Há uma casa lá ainda. Eu estive lá.”

“Boscastle!” Graham virou os olhos para o jovem. “Era isso — Boscastle. Pequeno Boscastle. Eu adormeci em algum lugar lá. Não lembro exatamente. Não lembro exatamente.” Ele pressionou as sobrancelhas e sussurrou, “Mais de duzentos anos!” Ele começou a falar rapidamente com um rosto torcido, mas seu coração estava frio dentro dele. “Mas se são duzentos anos, cada alma que conheço, cada ser humano que eu já vi ou com quem falei antes de adormecer, deve estar morto.” Eles não responderam.

“A Rainha e a Família Real, seus Ministros, Igreja e Estado. Altos e baixos, ricos e pobres, um com o outro—”

“Existe ainda a Inglaterra?”

“Isso é um alívio! Existe Londres?”

“Esta é Londres, não é? E você é meu assistente-curador; assistente-curador. E esses—? Eh? Assistentes-curadores também!”

Ele sentou-se com um olhar vacilante no rosto. “Mas por que estou aqui? Não! Não fale. Fique quieto. Deixe-me—”

ELE SENTOU-SE em silêncio, esfregou os olhos e, ao descobri-los, encontrou um pequeno copo de líquido rosado sendo oferecido a ele. Ele tomou a dose. Foi quase imediatamente reconfortante. Assim que a tomou, começou a chorar naturalmente e de maneira revigorante.

Logo, ele olhou para os rostos deles, riu repentinamente através das lágrimas, um pouco tolo. “Mas — duzentos — anos!” disse ele. Fez uma careta histérica e cobriu o rosto novamente.

Após um tempo, ele se acalmou. Sentou-se, com as mãos pendendo sobre os joelhos na mesma atitude em que Isbister o encontrara no penhasco em Pentargen. Sua atenção foi atraída por uma voz grossa e dominante, os passos de uma pessoa que se aproximava.

“O que você está fazendo? Ora, eu não fui avisado? Certamente você poderia dizer? Alguém vai sofrer por isso. O homem deve ser mantido em silêncio. As portas estão fechadas? Todas as portas? Ele deve ser mantido perfeitamente em silêncio. Ele foi informado de alguma coisa?” O homem com a barba clara fez alguns comentários inaudíveis, e Graham, olhando por cima do ombro, viu se aproximar um homem muito baixo, gordo e corpulento, sem barba, com um nariz aquilino e um pescoço e queixo pesados. Cabelos muito espessos, pretos e ligeiramente inclinados que quase se encontravam sobre o nariz e sobre as sobrancelhas profundas, davam ao seu rosto uma expressão estranhamente formidável. Ele fez uma careta momentânea para Graham e então voltou seu olhar para o homem com a barba loira. “Esses outros,” disse ele com uma voz de extrema irritação. “É melhor que vocês se retirem.”

“Retirar?” disse o homem de barba vermelha.

“Certamente — saia agora. Mas veja se as portas estão fechadas enquanto vocês vão.” Os dois homens abordados se viraram obedientemente, após um relutante olhar para Graham, e, em vez de seguir pelo arco como ele esperava, caminharam diretamente para a parede sólida do apartamento oposto ao arco. E então aconteceu algo estranho; uma longa faixa dessa parede aparentemente sólida se desenrolou com um estalo, desceu sobre os dois homens que se retiravam e voltou a cair, e imediatamente Graham ficou sozinho com o recém-chegado e o homem de manto roxo com a barba loira.

Por um tempo, o homem corpulento não deu a menor atenção a Graham, mas continuou a interrogar o outro — obviamente seu subordinado — sobre o tratamento do seu encargo. Ele falava claramente, mas em frases apenas parcialmente inteligíveis para Graham. O despertar parecia não ser apenas uma questão de surpresa, mas também de consternação e aborrecimento para ele. Ele estava evidentemente animado.

“Você não deve confundir a mente dele dizendo-lhe coisas,” repetia novamente e novamente. “Você não deve confundir a mente dele.” Suas perguntas respondidas, ele se virou rapidamente e olhou para o adormecido despertado com uma expressão ambígua.

“Sente-se estranho?” perguntou.

“Muito.”

“O mundo, o que você vê dele, parece estranho para você?”

“Eu suponho que eu tenha que viver nele, por mais estranho que pareça.”

“Eu suponho que sim, agora.”

“Em primeiro lugar, não seria melhor eu ter algumas roupas?”

“Eles—” disse o homem corpulento e parou, e o homem de barba loira encontrou seu olhar e se afastou. “Você terá roupas muito em breve,” disse o homem corpulento.

“É verdade, de fato, que eu estive adormecido por duzentos—?” perguntou Graham.

“Eles te disseram isso, disseram? Duzentos e três, na verdade.” Graham aceitou o indiscutível agora com sobrancelhas levantadas e boca deprimida. Ele ficou em silêncio por um momento, e então fez uma pergunta, “Há um moinho ou dínamo perto daqui?” Ele não esperou uma resposta. “As coisas mudaram tremendamente, eu suponho?” disse ele.

“O que era aquele grito?” perguntou abruptamente.

“Nada,” disse o homem corpulento impacientemente. “São pessoas. Você vai entender melhor mais tarde — talvez. Como você disse, as coisas mudaram.” Ele falou de forma rápida, suas sobrancelhas franzidas, e ele olhou ao redor como um homem tentando decidir em um momento de emergência. “Devemos conseguir roupas e outras coisas para você, de qualquer forma. Melhor esperar aqui até que alguém possa vir. Ninguém se aproximará de você. Você precisa se barbear.”

Graham esfregou o queixo.

O homem de barba loira voltou em direção a eles, virou-se de repente, ouviu por um momento, levantou as sobrancelhas para o homem mais velho e correu para fora pelo arco em direção à varanda. O tumulto dos gritos aumentou, e o homem corpulento se virou e também ouviu. Ele amaldiçoou, de repente, sob sua respiração, e voltou os olhos para Graham com uma expressão nada amigável.

Era um surto de muitas vozes, subindo e descendo, gritando e berrando, e uma vez veio um som como de golpes e gritos agudos, e depois um estalo como o estalido de gravetos secos. Graham estendeu os ouvidos para captar algum fio único de som do tumulto tecido.

Então percebeu, repetido de novo e de novo, uma certa fórmula. Por um tempo duvidou de seus ouvidos. Mas certamente essas eram as palavras: “Mostre-nos o Adormecido! Mostre-nos o Adormecido!” O homem corpulento correu de repente para o arco.

“Loucura!” ele gritou, “Como eles sabem? Eles sabem? Ou é apenas palpíte?” Talvez houvesse uma resposta.

“Não posso ir,” disse o homem corpulento; “Eu tenho que cuidar dele. Mas grite da varanda.” Houve uma resposta inaudível.

“Diga que ele não está acordado. Qualquer coisa! Deixo isso com você.” Ele correu de volta para Graham. “Você deve vestir roupas imediatamente,” disse ele. “Você não pode ficar aqui — e será impossível—” Ele correu para fora, com Graham gritando perguntas sem resposta atrás dele. Em um momento ele estava de volta.

“Não posso te dizer o que está acontecendo. É muito complexo para explicar. Em um momento você terá suas roupas. Sim — em um momento. E então eu posso levar você para longe daqui. Você entenderá nossos problemas logo.”

“Mas aquelas vozes. Elas estavam gritando—?”

“Algo sobre o Adormecido — isso é você. Eles têm alguma ideia distorcida. Eu não sei o que é. Eu não sei nada.”

Um sino estridente soou agudamente através do barulho indistinto de ruídos distantes, e essa pessoa brusca se lançou a um pequeno grupo de aparelhos no canto da sala. Ele ouviu por um momento, olhando para uma esfera de cristal, assentiu e disse algumas palavras indistintas; então caminhou até a parede através da qual os dois homens haviam desaparecido. Ela rolou para cima novamente como uma cortina, e ele ficou esperando.

Graham levantou o braço e ficou surpreso ao descobrir quanta força os restauradores lhe deram. Ele colocou uma perna sobre o lado do sofá e depois a outra. Sua cabeça não girava mais. Ele mal podia acreditar em sua rápida recuperação. Ele estava sentindo seus membros.

O homem de barba loira reentrou pelo arco, e assim que fez isso, a gaiola de um elevador desceu na frente do homem corpulento, e um homem magro, de barba grisalha, carregando um rolo e vestindo um traje justo de verde escuro, apareceu lá dentro.

“Este é o alfaiate,” disse o homem corpulento com um gesto introdutório. “Não será bom para você usar esse preto. Eu não entendo como isso chegou aqui. Mas eu vou. Eu vou. Você pode ser o mais rápido possível?” disse ao alfaiate.

O homem de verde fez uma reverência e, avançando, se sentou ao lado de Graham na cama. Seu comportamento era calmo, mas seus olhos estavam cheios de curiosidade. “Você vai achar a moda bem diferente, Senhor,” disse ele. Ele olhou debaixo das sobrancelhas para o homem corpulento.

Ele abriu o rolo com um movimento rápido, e uma confusão de tecidos brilhantes se derramou sobre seus joelhos. “Você viveu, Senhor, em um período essencialmente cilíndrico — o Vitoriano. Com uma tendência ao hemisfério em chapéus. Curvas circulares. Agora—” Ele retirou um pequeno aparelho do tamanho e aparência de um relógio sem ponteiro, girou o botão e eis que — uma pequena figura branca apareceu de forma cinetoscópica no mostrador, andando e girando. O alfaiate pegou um padrão de cetim azul claro. “Essa é a minha concepção para seu tratamento imediato,” disse ele.

O homem corpulento veio e ficou ao lado do ombro de Graham.

“Temos muito pouco tempo,” disse ele.

“Confie em mim,” disse o alfaiate. “Minha máquina está por aqui. O que você acha disso?”

“O que é isso?” perguntou o homem do século dezenove.

“Em seus dias, eles mostravam uma placa da moda para você,” disse o alfaiate, “mas isso é o nosso desenvolvimento mais moderno. Veja aqui.” A pequena figura repetiu sua ação, mas com um traje diferente. “Ou isso,” e com um clique, outra pequena figura com um tipo de roupa mais volumosa apareceu no mostrador. O alfaiate era muito rápido em seus movimentos e olhava duas vezes para o elevador enquanto fazia isso. Ele rosnou novamente, e um garoto anêmico de cabelo curto com traços do tipo chinês, vestido com um tecido azul claro grosso, apareceu junto com uma máquina complicada, que ele empurrou silenciosamente sobre pequenas rodas para dentro da sala.. O pequeno cinetoscópio foi deixado de lado, Graham foi convidado a ficar em frente à máquina, e o alfaiate murmurou algumas instruções para o garoto de cabelo curto, que respondeu em tons guturais e com palavras que Graham não reconheceu. O garoto então foi para conduzir um monólogo incompreensível no canto, e o alfaiate puxou vários braços com ranhuras terminando em pequenos discos, puxando-os até que os discos estivessem planos contra o corpo de Graham, um em cada omoplata, um nos cotovelos, um no pescoço e assim por diante, até que, por fim, havia talvez duas dúzias deles sobre seu corpo e membros. Ao mesmo tempo, outra pessoa entrou na sala pelo elevador atrás de Graham. O alfaiate fez funcionar um mecanismo que iniciou um movimento rítmico suave de partes na máquina, e em outro momento ele estava ajustando as alavancas e Graham foi liberado. O alfaiate substituiu seu manto preto, e o homem de barba loira lhe ofereceu um pequeno copo com algum líquido refrescante. Graham viu, através da borda do copo, um jovem de rosto pálido observando-o com uma fixação singular.

O homem corpulento havia estado andando pela sala inquieto e agora se virou e foi pelo arco em direção à varanda, de onde o barulho de uma multidão distante ainda vinha em rajadas e cadências. O garoto de cabelo curto entregou ao alfaiate um rolo de cetim azul e os dois começaram a fixar isso na máquina de uma maneira que lembrava um rolo de papel em uma impressora do século dezenove.

Então, eles deslizaram tudo isso em seus suportes fáceis e silenciosos pela sala até um canto remoto, onde um cabo torcido se ligava graciosamente à parede. Eles fizeram alguma conexão e a máquina tornou-se enérgica e rápida.

“O que isso está fazendo?” perguntou Graham, apontando com o copo vazio para as figuras atarefadas e tentando ignorar o escrutínio do recém-chegado. “É — algum tipo de força — aplicada?”

“Sim,” disse o homem de barba loira.

“Quem é aquele?” Ele indicou o arco atrás dele.

O homem de roxo alisou sua pequena barba, hesitou e respondeu em voz baixa, “Ele é Howard, seu guardião principal. Veja, Senhor,— é um pouco difícil de explicar. O Conselho nomeia um guardião e assistentes. Este salão foi, sob certas restrições, público. Para que as pessoas pudessem se satisfazer. Nós barramos as portas pela primeira vez. Mas eu acho — se você não se importar, eu o deixarei explicar.”

“Estranho!” disse Graham. “Guardião? Conselho?” Então, virando-se para o recém-chegado, perguntou em voz baixa, “Por que esse homem está me encarando? Ele é um mesmerista?”

“Mesmerista! Ele é um capilotomista.”

“Capilotomista!”

“Sim — um dos principais. Seu honorário anual é de seis dúzias de leões.”

Isso soava puro maluquice sem sentido. Graham agarrou a última frase com uma mente instável. “Seis dúzias de leões?” disse ele.

“Vocês não tinham leões? Suponho que não. Vocês tinham as antigas libras? Essas são nossos unidades monetárias.”

“Mas o que foi que você disse — seis dúzias?”

“Sim. Seis dúzias, Senhor. Claro que as coisas, até essas pequenas coisas, mudaram. Você viveu na época do sistema decimal, o sistema árabe — dezenas, e pequenas centenas e milhares. Agora temos onze algarismos. Temos figuras únicas para dez e onze, duas figuras para uma dúzia, e uma dúzia de dúzias faz uma grossa, um grande cento, você sabe, uma dúzia de grossas é um dozand, e um dozenado de dozanados é uma miríade. Muito simples?”

“Suponho que sim,” disse Graham. “Mas sobre esse— o que era?”

O homem de barba loira olhou por cima do ombro.

“Aqui estão suas roupas!” disse ele. Graham se virou abruptamente e viu o alfaiate parado ao seu lado sorrindo, segurando algumas roupas palpavelmente novas sobre o braço. O garoto de cabelo curto, com um dedo, estava empurrando a máquina complicada em direção ao elevador por onde havia chegado. Graham olhou para o traje terminado. “Você não quer dizer—!”

“Acabamos de fazer,” disse o alfaiate. Ele deixou as roupas aos pés de Graham, foi até a cama onde Graham havia estado deitado recentemente, jogou fora o colchão translúcido e levantou o espelho. Enquanto fazia isso, um sino furioso convocou o homem corpulento para o canto. O homem de barba loira correu para ele e depois saiu pelo arco.

O alfaiate estava ajudando Graham a se vestir em um traje combinado de roxo escuro, meias, colete e calças, enquanto o homem corpulento voltava do canto para encontrar o homem de barba loira voltando da varanda. Eles começaram a falar rapidamente em voz baixa, com uma qualidade inconfundível de ansiedade em seus comportamentos.

Sobre o traje de baixo roxo veio um traje complexo, mas gracioso de azul claro, e Graham estava vestido na moda mais uma vez e viu a si mesmo, com o rosto pálido, não barbeado e ainda desgrenhado, mas pelo menos não mais nu, e de alguma maneira indefinível, sem precedentes, gracioso.

“Preciso me barbear,” disse ele, olhando para si mesmo no espelho.

“Em um momento,” disse Howard.

O olhar persistente cessou. O jovem fechou os olhos, os reabriu e, com uma mão magra estendida, avançou em direção a Graham. Então ele parou, com a mão lentamente gesticulando, e olhou ao redor.

“Uma cadeira,” disse Howard impaciente, e em um momento o homem de barba loira tinha uma cadeira atrás de Graham.

“Por favor, sente-se,” disse Howard.

Graham hesitou, e na outra mão do homem de olhos selvagens ele viu o brilho de aço.

“Não entende, Senhor?” gritou o homem de barba loira com polidez apressada. “Ele vai cortar seu cabelo.”

“Oh!” exclamou Graham, esclarecido. “Mas você o chamou de—”

“Um capilotomista — precisamente! Ele é um dos melhores artistas do mundo.”

Graham se sentou abruptamente. O homem de barba loira desapareceu. O capilotomista avançou com gestos graciosos, examinou as orelhas de Graham e o observou, tocou a parte de trás da sua cabeça e estaria prestes a se sentar novamente para observá-lo, não fosse a impaciência audível de Howard.

Com movimentos rápidos e uma sucessão de ferramentas hábeis, ele barbeava o queixo de Graham, aparava seu bigode e cortava e arrumava seu cabelo.

Fez tudo isso sem uma palavra, com algo da expressão extasiada de um poeta inspirado. E assim que terminou, Graham recebeu um par de sapatos.

De repente, uma voz alta gritou — parecia vir de um pedaço de maquinaria no canto —: “Imediatamente — imediatamente. As pessoas sabem por toda a cidade. O trabalho está sendo interrompido. O trabalho está sendo interrompido. Não espere nada, apenas venha.” Esse grito parecia perturbar Howard extremamente.

Pelos seus gestos, parecia a Graham que ele hesitava entre duas direções. Abruptamente, ele foi em direção ao canto onde o aparelho estava em torno da pequena esfera de cristal. Enquanto fazia isso, o murmúrio tumultuoso vindo do arco, que continuava durante todas essas ocorrências, aumentou até um som poderoso, rugiu como se estivesse varrendo tudo ao redor e caiu novamente como se recuasse rapidamente. Isso atraiu Graham com uma atração irresistível. Ele olhou para o homem corpulento e, então, obedeceu ao seu impulso. Em dois passos, ele desceu as escadas e entrou no corredor, e em poucos passos estava na varanda onde os três homens haviam estado em pé.

## **CAPÍTULO V — As Vias Móveis**

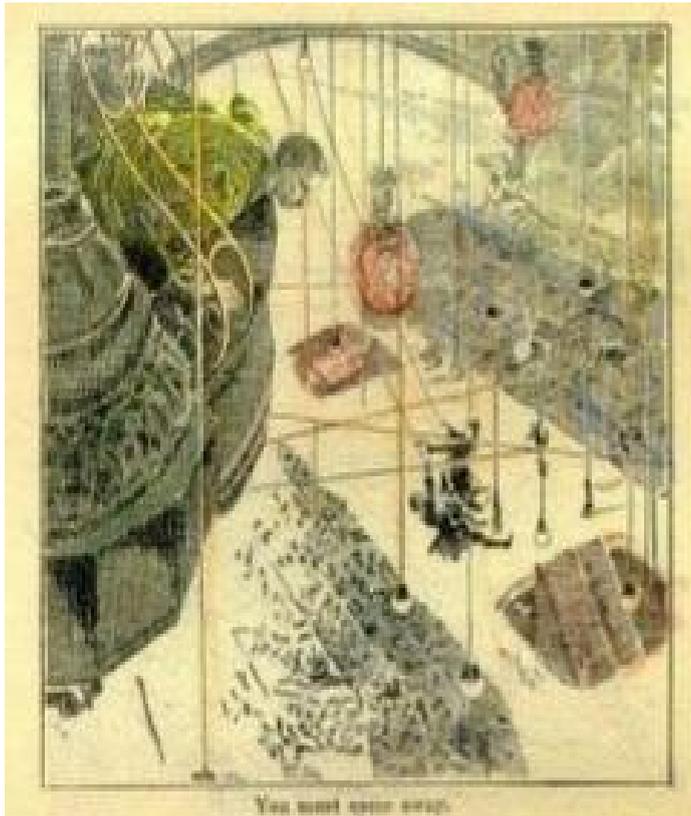
Ele foi até as grades da varanda e olhou para cima. Um grito de surpresa ao ver sua aparência e os movimentos de várias pessoas vieram da ampla área abaixo.

Sua primeira impressão foi de uma arquitetura avassaladora. O lugar em que ele olhava era um corredor de edifícios titânicos, curvando-se de forma espaçosa em ambas as direções. Acima, poderosos cantilevers se encontravam através da enorme largura do lugar, e uma trama de material translúcido bloqueava o céu. Globos gigantes de luz branca fria envergonhavam os pálidos raios de sol que filtravam através das vigas e cabos. Aqui e ali, uma ponte de suspensão de filamentos finos, salpicada de pedestres, atravessava o abismo, e o ar estava entrelaçado com cabos esguios. Um penhasco de edifício pendia acima dele, percebeu ao olhar para cima, e a fachada oposta era cinza e sombria, quebrada por grandes arcos, perfurações circulares, varandas, contrafortes, projeções de torres, miríades de janelas vastas e um intrincado esquema arquitetônico.

Por entre esses elementos, inscrições corriam horizontal e obliquamente em uma escrita desconhecida. Aqui e ali, perto do teto, cabos de espessura peculiar estavam fixados e desciam em uma curva íngreme para aberturas circulares do lado oposto do espaço, e, enquanto Graham notava isso, uma figura remota e pequena de um homem vestido de azul pálido chamou sua atenção. Essa pequena figura estava muito acima, do outro lado do espaço, ao lado do alto suporte de um desses festões, pendendo para frente de um pequeno beiral de alvenaria e manipulando alguns fios quase invisíveis. Então, de repente, com um mergulho

que fez o coração de Graham saltar na garganta, esse homem desceu pela curva e desapareceu através de uma abertura redonda do lado mais próximo do caminho. Graham tinha olhado para cima quando saiu para a varanda, e as coisas que viu acima e opostas a ele inicialmente capturaram sua atenção, excluindo qualquer outra coisa. Então, de repente, ele descobriu a estrada!

Não era uma estrada como Graham entendia tal coisa, pois no século XIX as únicas



estradas e ruas eram trilhas batidas de terra imóvel, congestionadas de veículos entre calçadas estreitas. Mas essa estrada tinha trezentos pés de largura, e se movia; se movia, exceto pelo meio, a parte mais baixa. Por um momento, o movimento ofuscou sua mente. Então ele entendeu.

Debaixo da varanda, essa extraordinária estrada corria rapidamente para a direita de Graham, um fluxo infinito correndo tão rápido quanto um trem expresso do século XIX, uma plataforma interminável de tábuas transversais sobrepostas com pequenos espaços que permitiam

seguir as curvas das ruas. Sobre ela estavam assentos e, aqui e ali, pequenos quiosques, mas eles passavam tão rapidamente que ele não conseguia ver o que havia neles. A partir desta plataforma mais próxima e rápida, uma série de outras descia para o centro do espaço. Cada uma movia-se para a direita, cada uma perceptivelmente mais lenta que a anterior, mas a diferença de velocidade era pequena o suficiente para permitir que alguém passasse de uma plataforma para a adjacente e assim caminhar ininterruptamente da mais rápida para o meio imóvel. Além deste meio caminho, havia outra série de plataformas intermináveis correndo com ritmos variados para a esquerda de Graham. E sentada em multidões sobre as duas plataformas mais largas e rápidas, ou passando de uma para outra pelos degraus, ou se aglomerando sobre o espaço central, havia um grupo inumerável e maravilhosamente diversificado de pessoas.

“Você não deve ficar aqui,” gritou Howard repentinamente ao seu lado. “Você deve ir embora imediatamente.” Graham não respondeu. Ele ouviu sem de fato escutar

As plataformas corriam com um rugido e as pessoas gritavam. Ele percebeu mulheres e meninas com cabelos soltos, lindamente vestidas, com faixas cruzando entre os seios. Essas foram as primeiras a sair da confusão. Então ele percebeu que a nota dominante naquele caleidoscópio de trajes era o azul pálido que o garoto do alfaiate usava. Ele ouviu gritos de “O Adormecido. O que aconteceu com o Adormecido?” e parecia que as plataformas correndo à sua frente estavam repentinamente salpicadas com o tom pálido de rostos humanos, e então ficava ainda mais denso. Ele viu dedos apontando. Percebeu que a área central imóvel desse enorme arcade, logo oposta à varanda, estava densamente lotada de pessoas vestidas de azul. Algum tipo de luta tinha começado a se manifestar.

As pessoas pareciam ser empurradas para cima das plataformas móveis dos dois lados e carregadas contra a vontade. Elas saltavam assim que estavam fora da confusão e voltavam correndo em direção ao conflito.

“É o Adormecido. Verdadeiramente é o Adormecido,” gritavam as vozes. “Nunca é o Adormecido,” gritavam outros.

Cada vez mais rostos se viravam para ele. Nos intervalos ao longo dessa área central, Graham notou aberturas, poços, aparentemente escadas descendo com pessoas e subindo com elas.

A luta parecia se concentrar em uma dessas mais próximas a ele. Pessoas estavam correndo pelas plataformas móveis para lá, saltando com destreza de uma plataforma para outra. As pessoas agrupadas nas plataformas mais altas pareciam dividir seu interesse entre a luta e a varanda. Um número de figuras pequenas e robustas, vestidas com uniformes de vermelho brilhante e trabalhando metodicamente juntas, estavam empregadas, parecia, em impedir o acesso a essa escada descendente. Ao redor delas, uma multidão estava rapidamente se acumulando. Sua cor brilhante contrastava vividamente com o azul esbranquiçado de seus antagonistas, pois a luta era indiscutível.

Ele viu essas coisas com Howard gritando em seu ouvido e sacudindo seu braço. E então, de repente, Howard desapareceu e ele ficou sozinho.

Percebeu que os gritos de “O Adormecido!” aumentavam de volume, e as pessoas na plataforma mais próxima estavam se levantando. A plataforma mais próxima e rápida estava vazia à direita dele, e do outro lado do espaço, a plataforma correndo na direção oposta estava passando vazia. Com uma rapidez incrível, uma vasta multidão se formou no espaço central diante de seus olhos; uma massa densa e balançante de pessoas, e os gritos cresceram de um

choro intermitente para um clamor volumoso e incessante: “O Adormecido! O Adormecido!” e gritos e aplausos, uma agitação de roupas e gritos de “Parem as vias!” Eles também estavam gritando outro nome estranho para Graham. Soava como “Ostrog.” As plataformas mais lentas estavam logo cheias de pessoas ativas, correndo contra o movimento para se manterem frente a ele.

“Parem as vias,” gritavam. Figuras ágeis corriam rapidamente do centro para a estrada rápida mais próxima a ele, eram levadas rapidamente diante dele, gritando coisas estranhas e incompreensíveis, e voltavam obliquamente para a estrada central. Uma coisa ele distinguiu: “É de fato o Adormecido. É de fato o Adormecido,” testemunhavam.

Por um momento, Graham ficou parado, sem se mover. Então ele percebeu vividamente que tudo aquilo dizia respeito a ele. Ele ficou satisfeito com sua incrível popularidade, fez uma reverência e, buscando um gesto de maior alcance, acenou com o braço. Ele ficou surpreso com a intensidade do alvoroço que isso provocou.

O tumulto em torno da escada que descia aumentou para uma violência furiosa. Ele percebeu varandas lotadas, homens deslizando por cordas, homens em assentos semelhantes a trapézios se lançando pelo espaço. Ele ouviu vozes atrás dele, um número de pessoas descendo os degraus pelo arco; de repente, ele percebeu que seu guardião Howard estava de volta e agarrando seu braço com força, gritando inaudivelmente em seu ouvido.

Ele se virou, e o rosto de Howard estava pálido. “Volte,” ele ouviu. “Eles vão parar os caminhos. Toda a cidade entrará em confusão.” Ele percebeu vários homens apressados ao longo do corredor de pilares azuis atrás de Howard: o homem de cabelo ruivo, o homem com a barba loira, um homem alto em um vermelho vibrante, uma multidão de outros em vermelho carregando bastões, e todas essas pessoas tinham rostos ansiosos e ávidos.

“Tirem-no daqui!” gritou Howard.

“Mas por quê?” disse Graham. “Eu não entendo—”

“Você tem que sair!” disse o homem de vermelho com uma voz resoluta. Seu rosto e olhos também eram resolutos.

Os olhares de Graham passaram de rosto em rosto, e ele de repente se deu conta daquele sabor mais desagradável da vida: a compulsão. Alguém agarrou seu braço... Ele estava sendo arrastado para longe. Parecia que o tumulto de repente se dividiu em dois, como se metade dos gritos que vinham daquela via maravilhosa tivessem invadido os corredores do grande prédio atrás dele. Admirado e confuso, sentindo um desejo impotente de resistir, Graham foi meio conduzido, meio empurrado ao longo do corredor de pilares azuis, e de repente ele se encontrou sozinho com Howard em um elevador, subindo rapidamente.

## CAPÍTULO VI — O Salão do Atlas

DESDE O MOMENTO em que o alfaiate se despediu até o momento em que Graham se encontrou no elevador, passaram-se apenas cinco minutos. E, até então, a névoa de seu vasto intervalo de sono ainda pairava sobre ele; até então, a estranheza inicial de estar vivo em uma época tão remota tocava tudo com espanto, com uma sensação de irracionalidade, com algo da qualidade de um sonho realista. Ele ainda estava distante, um espectador surpreso, ainda pouco envolvido na vida. O que ele tinha visto, e especialmente o último tumulto cheio de gente, emoldurado pelo cenário da varanda, tinha uma natureza espetacular, como algo assistido de um teatro.

“Eu não entendo,” disse ele. “Qual era o problema? Minha mente está em um turbilhão. Por que estavam gritando? Qual é o perigo?”

“Temos nossos problemas,” disse Howard. Seus olhos evitaram o olhar de Graham. “Este é um tempo de agitação. E, de fato, sua aparição, seu despertar justo agora, tem uma espécie de conexão—” Ele falou de forma entrecortada, como alguém que não tem certeza de sua respiração. Ele parou abruptamente.

“Eu não entendo,” disse Graham.

“Vai ficar mais claro depois,” disse Howard.

Ele olhou para cima com inquietação, como se achasse o progresso do elevador lento.

“Eu vou entender melhor, sem dúvida, quando tiver visto um pouco mais,” disse Graham, confuso. “Vai ser — é claro que será confuso. No momento, tudo é tão estranho. Qualquer coisa parece possível. Qualquer coisa. Até nos detalhes. Seu sistema de contagem, pelo que entendi, é diferente.”

O elevador parou, e eles saíram para um corredor estreito, mas muito longo, entre paredes altas, ao longo das quais corriam um número extraordinário de tubos e grandes cabos.

“Que lugar enorme é este!” disse Graham. “É tudo um único edifício? Que lugar é este?”

“Esta é uma das vias da cidade para diversos serviços públicos. Luz e assim por diante.”

“Foi um problema social, aquilo, na grande avenida? Como vocês são governados? Vocês ainda têm polícia?”

“Várias,” disse Howard.

“Várias?”

“Cerca de quatorze.”

“Eu não entendo.”

“Muito provavelmente não. Nossa ordem social provavelmente parecerá muito complexa para você. Para ser honesto, eu mesmo não entendo muito bem. Ninguém entende. Talvez você entenda mais tarde. Temos que ir ao Conselho.”

A atenção de Graham estava dividida entre a necessidade urgente de suas perguntas e as pessoas nos corredores e salões que eles estavam atravessando. Por um momento, sua mente se concentrava em Howard e nas respostas hesitantes que ele dava, e então ele perdia o fio da conversa, em resposta a alguma impressão inesperada e vívida. Nos corredores, nos salões, metade das pessoas parecia ser de homens com uniforme vermelho. A lona azul-clara que tinha visto tão abundante na avenida de passagens móveis não aparecia ali.

Invariavelmente, esses homens olhavam para ele, e o saudavam, assim como a Howard, à medida que passavam.

Ele teve uma visão clara de um longo corredor, e havia um número de meninas sentadas em assentos baixos, como se estivessem em uma aula. Ele não viu nenhum professor, apenas um aparelho novo de onde ele imaginou que uma voz saía. As meninas o olhavam, assim como seu condutor, ele pensou, com curiosidade e espanto. Mas ele foi apressado antes que pudesse formar uma ideia clara do que era aquela reunião. Ele supôs que conheciam Howard, mas não a ele, e que se perguntavam quem ele era. Esse Howard, ao que parecia, era uma pessoa importante. Mas ele também era apenas o Guardião de Graham. Isso era estranho.

Seguiu-se um corredor à meia-luz, e nele pendia uma passarela de onde ele podia ver os pés e tornozelos das pessoas indo e vindo, mas nada além disso. Depois, impressões vagas de galerias e de transeuntes casuais e surpresos se virando para olhar para os dois, acompanhados por sua guarda vestida de vermelho.

O estímulo dos restauradores que ele havia tomado foi apenas temporário. Ele logo se sentiu fatigado por essa pressa excessiva. Pediu a Howard que diminuísse a velocidade.

Logo ele estava em um elevador que tinha uma janela com vista para o grande espaço da rua, mas esta era envidraçada e não abria, e eles estavam altos demais para que ele pudesse ver as plataformas móveis abaixo. Mas ele viu pessoas indo e vindo ao longo de cabos e pontes estranhas e frágeis.

Dali, eles cruzaram a rua a uma altura enorme. A travessia foi feita por uma ponte estreita fechada por vidro, tão transparente que o deixou tonto só de lembrar. O chão também era de vidro. Pela sua memória das falésias entre New Quay e Boscastle, tão remotas no tempo e tão recentes em sua experiência, parecia-lhe que deviam estar a cerca de quatrocentos pés acima das vias móveis. Ele parou, olhou para baixo entre suas pernas para as multidões de azul e vermelho, minúsculas e encurtadas, lutando e gesticulando em direção à pequena

varanda muito abaixo, uma pequena varanda que parecia de um brinquedo, onde ele estivera tão recentemente. Uma fina névoa e o brilho dos poderosos globos de luz obscureciam tudo. Um homem sentado em um pequeno berço de estrutura aberta passou rapidamente por um cabo vindo de um ponto ainda mais alto do que a pequena ponte estreita, descendo tão rápido que parecia estar caindo. Graham parou involuntariamente para assistir a esse estranho passageiro desaparecer em uma grande abertura circular abaixo, e então seus olhos voltaram para a luta tumultuada.

Ao longo de uma das vias mais rápidas, corria uma multidão espessa de pontos vermelhos. Isso se dividiu em indivíduos à medida que se aproximava da varanda e desceu pelas vias mais lentas em direção à multidão densa e lutadora na área central.

Esses homens de vermelho pareciam estar armados com bastões ou cassetetes; pareciam estar golpeando e empurrando.

Um grande alvoroço, gritos de raiva e berros estridentes ecoaram, chegando até Graham de forma fraca e distante.

“Vamos,” gritou Howard, colocando as mãos sobre ele.

Outro homem desceu rapidamente por um cabo. Graham de repente olhou para cima para ver de onde ele vinha e, através do teto envidraçado e da rede de cabos e vigas, viu formas rítmicas passando, como as pás de moinhos de vento, e entre elas vislumbres de um céu remoto e pálido. Então Howard o empurrou para frente pela ponte, e ele se viu em uma passagem estreita decorada com padrões geométricos.

“Eu quero ver mais disso,” exclamou Graham, resistindo.

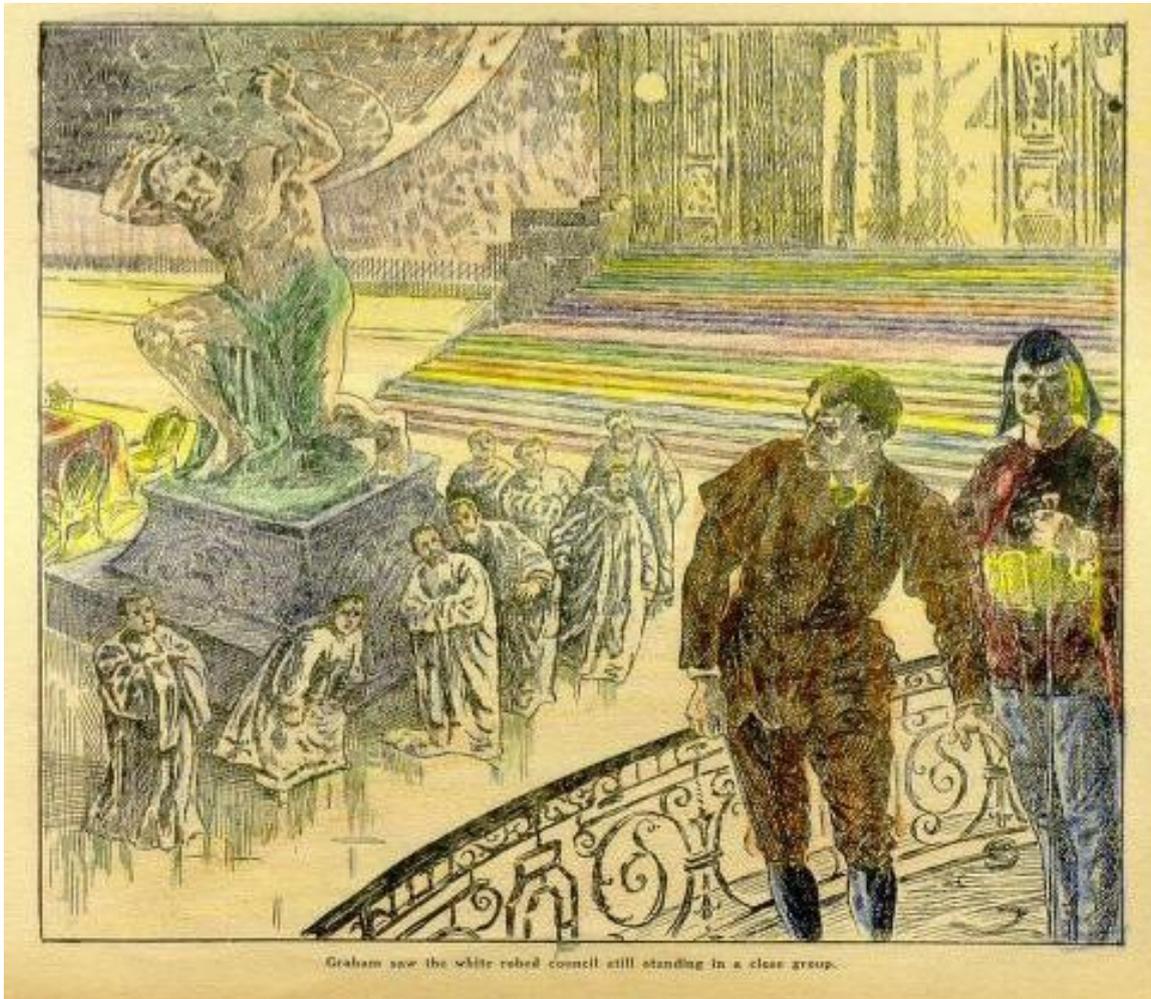
“Não, não,” gritou Howard, ainda segurando seu braço. “Por aqui. Você deve ir por aqui.” E os homens de vermelho que os seguiam pareciam prontos para impor suas ordens.

Alguns negros em um uniforme curioso, semelhante a de uma abelha, apareceram no final da passagem e um deles correu para levantar uma cortina deslizante que parecia uma porta para Graham, e os conduziu por ela. Graham se viu em uma galeria que dava para o final de uma grande câmara. O atendente vestido de preto e amarelo cruzou a galeria, levantou uma segunda cortina e ficou esperando.

Este lugar tinha a aparência de uma antessala. Ele viu várias pessoas no espaço central, e do outro lado, uma porta grande e imponente no topo de um lance de escadas, pesadamente cortinada, mas dando uma visão de um salão ainda maior além. Ele percebeu homens brancos de vermelho e outros negros de preto e amarelo, parados rigidamente ao redor desses portais.

Enquanto cruzavam a galeria, ele ouviu um sussurro vindo de baixo: “O Adormecido,” e percebeu cabeças se virando, um murmúrio de observação. Eles entraram em outra

passagem estreita na parede desta antessala, e então ele se viu em uma galeria com grades de metal que passava ao redor do lado do grande salão que ele já havia visto através das cortinas. Ele entrou no local no canto, de modo que recebeu a impressão completa de suas enormes proporções. O homem no uniforme de vespa ficou de lado como um servo bem treinado e



fechou a porta atrás dele.

Comparado com qualquer um dos lugares que Graham havia visto até então, este segundo salão parecia decorado com extrema riqueza. Em um pedestal mais distante, e mais iluminado do que qualquer outro objeto, havia uma figura gigantesca de Atlas, forte e esforçado, o globo em seus ombros curvados. Foi a primeira coisa a chamar sua atenção, tão vasto, tão paciente e dolorosamente real, tão claro e simples. Exceto por essa figura e por um estrado no centro, o vasto chão do local era uma superfície brilhante vazia. O estrado era distante na imensidão da área; teria parecido uma simples laje de metal se não fosse pelo grupo de sete homens que estavam ao redor de uma mesa sobre ele, dando uma noção de suas proporções.

Todos estavam vestidos com túnicas brancas, pareciam ter se levantado naquele momento de seus assentos e estavam observando Graham atentamente. No final da mesa, ele percebeu o brilho de alguns aparelhos mecânicos.

Howard o conduziu ao longo da galeria até que ficaram em frente à imponente figura de Atlas. Então ele parou. Os dois homens de vermelho que os haviam seguido para a galeria vieram e se posicionaram um de cada lado de Graham.

“Você deve ficar aqui,” murmurou Howard, “por alguns momentos,” e, sem esperar uma resposta, apressou-se pela galeria.

“Mas por quê—?” começou Graham.

Ele se moveu como se fosse seguir Howard, mas encontrou seu caminho bloqueado por um dos homens de vermelho. “Você tem que esperar aqui, senhor,” disse o homem de vermelho.

“Por quê?”

“Ordens, senhor.”

“Ordens de quem?”

“Nossas ordens, senhor.”

Graham demonstrou sua frustração.

“Que lugar é este?” ele disse, depois de um tempo. “Quem são aqueles homens?”

“Eles são os senhores do Conselho, senhor.”

“Que Conselho?”

“O Conselho.”

“Ah!” disse Graham, e após uma tentativa igualmente inútil com o outro homem, foi até a grade e observou os homens distantes de branco, que continuavam a vigiá-lo e a sussurrar entre si.

O Conselho? Ele percebeu que agora havia oito, embora não tivesse observado como o recém-chegado havia aparecido. Eles não fizeram gestos de saudação; eles ficaram olhando para ele como, no século dezenove, um grupo de homens poderia ter ficado na rua olhando para um balão distante que de repente havia surgido à vista. Que Conselho poderia ser aquele que se reunia ali, aquele pequeno corpo de homens sob o significativo Atlas branco, isolado de qualquer ouvinte nesta impressionante área espaçosa? E por que ele deveria ser trazido a eles, e ser olhado de forma estranha e ser escrutinado de forma inaudível? Howard apareceu, caminhando rapidamente pelo chão polido em sua direção.

Quando se aproximou, ele se curvou e realizou certos movimentos peculiares, aparentemente cerimoniais. Em seguida, subiu os degraus do estrado e ficou ao lado dos aparelhos no final da mesa.

Graham observou aquela conversa visível mas inaudível. De vez em quando, um dos homens de túnica branca olhava em sua direção. Ele esforçou-se para ouvir em vão. A gesticulação de dois dos oradores tornou-se animada. Ele olhou para eles e depois para os rostos passivos de seus guardas. Quando olhou novamente, Howard estava estendendo as mãos e movendo a cabeça como um homem que protesta. Ele foi interrompido, ao que parecia, por um dos homens de túnica branca batendo na mesa.

A conversa durou uma eternidade na percepção de Graham. Seus olhos subiram para o gigante imóvel aos pés de quem o Conselho estava reunido. Em seguida, vagaram para as paredes do salão. Ele viu que era decorado com longos painéis pintados de um estilo quase japonês, muitos deles muito bonitos. Esses painéis estavam agrupados em uma grande e elaborada moldura de metal escuro, que se estendia até as cariátides metálicas das galerias e as grandes linhas estruturais do interior. A graça desses painéis realçava o enorme e laborioso esforço da estátua branca que dominava o centro da cena. Os olhos de Graham voltaram para o Conselho, e Howard estava descendo os degraus. Conforme se aproximava, seus traços ficaram mais nítidos, e Graham viu que ele estava corado e inflando as bochechas. Seu rosto ainda estava perturbado quando ele reapareceu na galeria.

“Por aqui,” disse Howard concisamente, e eles seguiram em silêncio até uma pequena porta que se abriu à sua aproximação.

Os dois homens de vermelho pararam de cada lado dessa porta.

Howard e Graham passaram, e Graham, olhando para trás, viu o Conselho vestido de branco ainda em um grupo fechado, observando-o. Então a porta se fechou atrás dele com um baque pesado, e pela primeira vez desde que despertara, ele estava em silêncio. Até mesmo o chão era silencioso sob seus pés.

Howard abriu outra porta, e eles estavam no primeiro de dois aposentos contíguos, mobiliados em branco e verde.

“Que Conselho era aquele?” começou Graham. “O que estavam discutindo? O que eles têm a ver comigo?”

Howard fechou a porta cuidadosamente, soltou um grande suspiro e murmurou algo em tom baixo. Ele caminhou na diagonal pela sala e se virou, soltando o ar pelas bochechas novamente. “Ugh!” grunhiu, como um homem aliviado.

Graham ficou olhando para ele.

“Você precisa entender,” começou Howard abruptamente, evitando os olhos de Graham, “que nossa ordem social é muito complexa. Uma meia explicação, uma declaração simples e sem qualificação lhe daria impressões erradas. Na verdade — é uma questão de juro compostos, em parte — sua pequena fortuna, e a fortuna de seu primo Warming que foi deixada para você — e algumas outras iniciativas — tornaram-se consideráveis. E de outras formas, que serão difíceis para você entender, você se tornou uma pessoa de significância — de grande significância! — envolvida nos assuntos mundiais.” Ele parou.

“Sim?” disse Graham.

“Temos grandes problemas sociais.”

“Sim?”

“As coisas chegaram a um ponto tal que, na verdade, é aconselhável mantê-lo isolado aqui.”

“Manter-me prisioneiro!” exclamou Graham.

“Bem — pedir que fique em isolamento.”

Graham se virou para ele. “Isso é estranho!” disse ele.

“Não será feito mal nenhum a você.”

“Nenhum mal!”

“Mas você deve ficar aqui —”

“Enquanto compreendo minha posição, presumo.”

“Precisamente.”

“Muito bem, então. Comece. Por que o mal?”

“Não agora.”

“Por que não?”

“É uma longa história, senhor.”

“Mais uma ótima razão para começar logo. Você diz que sou uma pessoa importante. O que era aquele alvoroço que ouvi? Por que uma grande multidão está gritando e excitada porque meu transe acabou, e quem são os homens de branco naquela enorme câmara do conselho?”

“Com o tempo, senhor,” disse Howard. “Mas não de forma crua, não de forma crua. Este é um daqueles tempos frágeis em que ninguém tem uma mente estável. Seu despertar. Ninguém esperava seu despertar. O Conselho está consultando.”

“Que conselho?”

“O Conselho que você viu.”

Graham fez um movimento impaciente. “Isso não é certo,” disse ele. “Eu deveria ser informado sobre o que está acontecendo.”

“Você deve esperar. Realmente, você deve esperar.”

Graham sentou-se abruptamente. “Suponho que, já que esperei tanto tempo para retomar a vida,” disse ele, “devo esperar um pouco mais.”

“Isso é melhor,” disse Howard. “Sim, isso é muito melhor. E eu devo deixá-lo sozinho. Por um tempo. Enquanto assisto à discussão no Conselho... Sinto muito.” Ele foi em direção à porta silenciosa, hesitou e desapareceu.

Graham foi até a porta, tentou-a, descobriu que estava trancada de uma maneira que ele nunca entenderia, virou-se, caminhou inquieto pela sala, fez um circuito na sala e sentou-se. Ele permaneceu sentado por algum tempo com os braços cruzados e a testa franzida, mordendo as unhas e tentando juntar as impressões caleidoscópicas dessa primeira hora de vida desperta; os vastos espaços mecânicos, a série interminável de câmaras e passagens, a grande luta que rugia e explodia por esses estranhos caminhos, o pequeno grupo de homens distantes e antipáticos sob o colossal Atlas, o comportamento misterioso de Howard. Já havia em sua mente um pressentimento de uma vasta herança — uma vasta herança talvez mal aplicada — de alguma importância e oportunidade sem precedentes. O que ele tinha a ver com isso? E o silêncio isolado dessa sala era eloquência de uma prisão!

Veio à mente de Graham, com uma convicção irresistível, que essa série de impressões magníficas era um sonho. Ele tentou fechar os olhos e conseguiu, mas aquele dispositivo antigo não o levou a nenhum despertar do sonho.

Logo ele começou a tocar e examinar todos os objetos estranhos dos dois pequenos aposentos em que se encontrava.

Em um longo painel oval espelhado, ele viu a si mesmo e parou, surpreso. Ele estava vestido com um traje gracioso de púrpura e branco-azulado, com uma pequena barba grisalha aparada em ponta, e seu cabelo, cuja negrura agora estava estriada com faixas de cinza, estava caindo sobre a testa de uma maneira incomum, mas elegante. Ele parecia um homem de talvez quarenta e cinco anos. Por um momento, ele não percebeu que era ele mesmo.

Uma gargalhada irrompeu com o reconhecimento. “Ir visitar o velho Warming assim!” exclamou ele, “e fazê-lo me levar para almoçar!” Então ele pensou em encontrar primeiro um e depois outro dos poucos conhecidos familiares de sua juventude, e no meio de sua diversão percebeu que todas as almas com quem poderia brincar haviam morrido muitas décadas atrás. O pensamento o atingiu abruptamente e com força; ele parou de repente, a expressão de seu rosto mudou para uma consternação pálida.

A memória tumultuada das plataformas móveis e da enorme fachada daquela rua maravilhosa ressurgiu.

As multidões gritando voltaram claras e vívidas, e aqueles conselheiros distantes, inaudíveis e hostis vestidos de branco.

Ele se sentiu uma figura pequena, muito pequena e ineficaz, tristemente conspícua. E ao seu redor, o mundo era — estranho.”

## **CAPÍTULO VII — Nas Salas Silenciosas**

Logo Graham retomou o exame de seus aposentos. A curiosidade o mantinha em movimento apesar de seu cansaço. O cômodo interno, percebeu, era alto e com o teto em forma de cúpula, com uma abertura oblonga no centro, que se abria em um funil no qual uma roda de pás largas parecia estar girando, aparentemente puxando o ar para cima pelo tubo. O zumbido suave do seu movimento era o único som claro naquele lugar silencioso. À medida que essas pás surgiam uma após a outra, Graham conseguia ter vislumbres transitórios do céu. Ficou surpreso ao ver uma estrela.

Isso fez com que ele notasse que a iluminação brilhante dessas salas era devido a uma infinidade de lâmpadas de luz muito tênue colocadas ao longo das cornijas. Não havia janelas. E começou a se lembrar de que, ao longo de todos os vastos salões e passagens que havia percorrido com Howard, não observou nenhuma janela. Havia janelas para rua, de fato, mas eram para a entrada da luz? Ou será que toda a cidade era iluminada dia e noite eternamente, de modo que não houvesse noite ali?

Outra coisa que lhe ocorreu foi que não havia lareira em nenhum dos cômodos. Seria a estação de verão, e seriam esses apenas apartamentos de verão, ou será que toda a cidade era uniformemente aquecida ou resfriada? Ele ficou interessado nessas questões, começou a examinar a textura lisa das paredes, a cama simples, os arranjos engenhosos pelos quais o trabalho do serviço de quarto era praticamente inútil. E sobre tudo isso havia uma curiosa ausência de ornamentação deliberada, uma graça nua de forma e cor, que ele achava muito agradável aos olhos.

Havia várias cadeiras muito confortáveis, uma mesa leve sobre trilhos silenciosos com várias garrafas de líquidos e copos, e dois pratos com uma substância clara semelhante a gelatina. Então ele notou que não havia livros, jornais ou materiais de escrita. “O mundo realmente mudou,” disse ele.

Ele observou que um lado inteiro da sala externa estava preenchido com fileiras de cilindros duplos peculiares, com letras verdes em fundo um branco que harmonizavam com o esquema decorativo do cômodo. No centro desse mesmo lado, projetava-se um pequeno aparelho de cerca de um metro quadrado, com uma superfície lisa e branca voltada para a sala. Uma cadeira estava voltada para esse aparelho. Ele teve uma ideia passageira de que esses cilindros poderiam ser livros, ou um substituto moderno para livros, mas, a princípio, não parecia ser o caso.

A escrita nos cilindros o confundia. À primeira vista, parecia russo. Então ele notou uma sugestão de inglês mutilado em algumas das palavras.

“o omẽ kie ke'ria se 'kɛɪ,” forçava-se a ler como “O Homem que Queria Ser Rei. Ortografia fonética,” disse ele. Lembrou-se de ter lido uma história com esse título, e então recordou a história vividamente, uma das melhores histórias do mundo. Mas aquilo diante dele não era um livro como ele o entendia. Ele decifrou os títulos de dois cilindros adjacentes. “O Coração das Trevas,” que ele nunca tinha ouvido falar, e “A Madonna do Futuro”— sem dúvida, se fossem mesmo histórias, eram de autores pós-vitorianos.

Ele pensou um tempo sobre esse cilindro peculiar e o colocou de volta. Em seguida, voltou-se para o aparelho quadrado e o examinou. Abriu uma espécie de tampa e encontrou cilindros duplos dentro, com um pequeno botão na borda superior, semelhante ao botão de um sino elétrico.

Ele pressionou o botão e um clique rápido começou e cessou.

Ele se deu conta de vozes e música e notou um jogo de cores na superfície lisa. De repente, percebeu o que aquilo poderia ser e recuou para observá-lo.

Na superfície plana agora havia uma pequena imagem, muito vívida em cores, e nessa imagem estavam figuras que se moviam. Não só se moviam, como também conversavam com vozes baixas e claras. Era exatamente como a realidade vista através de um vidro de ópera invertido e ouvida através de um tubo longo. Seu interesse foi imediatamente cativado pela situação, que mostrava um homem andando de um lado para o outro, vociferando coisas irritadas para uma mulher bonita, mas petulante. Ambos estavam com trajes pitorescos que pareciam tão estranhos para Graham. “Eu trabalhei,” disse o homem, “mas o que você fez?” “Ah!” disse Graham. Ele esqueceu-se de tudo e se sentou na cadeira. Em cinco minutos, ouviu seu próprio nome ser mencionado, ouviu “quando o Dorminhoco despertar” usado como uma forma de piada para um adiamento remoto, e passou por sua mente, algo distante e incrível. Mas, em pouco tempo, teve aqueles dois como amigos íntimos.

Finalmente, o drama em miniatura chegou ao fim e a superfície quadrada do aparelho voltou a ficar em branco.

Era um mundo estranho o que lhe foi permitido ver, sem escrúpulos, em busca de prazer, enérgico, sutil, um mundo também de intensa luta econômica; havia alucinações que ele não entendia, incidentes que transmitiam sugestões estranhas de ideais morais alterados, lampejos de esclarecimento duvidoso. O azul que dominava sua primeira impressão das ruas da cidade aparecia repetidamente como o traje das pessoas comuns.

Não tinha dúvida de que a história era contemporânea, e seu realismo intenso era inegável. E o final havia sido uma tragédia que o oprimia. Ele ficou olhando para o vazio.

Ele se assustou e esfregou os olhos. Ele estava tão absorvido no substituto moderno para um romance que despertou para o pequeno quarto verde e branco com mais do que um toque da surpresa de seu primeiro despertar.

Levantou-se e, abruptamente, estava de volta ao seu próprio mundo de maravilhas. A clareza do drama no cinetoscópio desapareceu, e a luta no vasto lugar das ruas, o Conselho ambíguo, as fases rápidas desde de seu despertar, voltaram. Essas pessoas tinham falado do Conselho com sugestões de um poder vago e universal. E haviam falado do Dorminhoco; não lhe havia atingido vividamente no momento que ele era o Dorminhoco. Ele teve que recordar precisamente o que disseram...

Ele entrou no quarto e olhou para cima através dos intervalos rápidos do ventilador em movimento. À medida que o ventilador girava, um turbilhão tênue, como o barulho de maquinário, entrava em redemoinhos rítmicos. Tudo o mais era silêncio. Embora o dia perpétuo ainda iluminasse seus aposentos, ele percebeu que a pequena faixa intermitente de céu estava agora um azul profundo — quase negro, com uma poeira de pequenas estrelas...

Ele retomou a examinar os cômodos. Não conseguiu encontrar nenhuma forma de abrir a porta acolchoada, nem havia campainha ou outro meio de chamar por atendimento. Seu sentimento de espanto estava pausado; mas ele estava curioso, ansioso por informações. Queria saber exatamente qual era a sua posição em relação a essas novas coisas. Tentou se recompor para esperar até que alguém viesse até ele. Logo ficou inquieto e ansioso por informações, por distração, por novas sensações.

Ele voltou ao aparelho na outra sala e logo descobriu o método para substituir os cilindros por outros. À medida que fazia isso, lhe ocorreu que esses pequenos aparelhos devem ter fixado a língua de modo que ainda fosse clara e compreensível após duzentos anos. Os cilindros aleatórios que ele substituiu exibiam uma fantasia musical. No início era bela e depois tornou-se sensorial. Ele reconheceu o que lhe parecia ser uma versão alterada da

história de Tannhäuser. A música era desconhecida. Mas a interpretação era realista, com uma novidade contemporânea. Tannhäuser não ia para Venusberg, mas para uma Cidade do Prazer. O que era uma Cidade do Prazer? Um sonho, certamente, a fantasia de um escritor fantástico e voluptuoso.

Ele ficou interessado e curioso. A história se desenvolvia com um sabor de sentimentalismo estranhamente distorcido. De repente, ele não gostou mais. Gostou menos à medida que avançava.

Ele teve um sentimento de repulsa. Aquilo não eram imagens, nem idealizações, mas realidades fotografadas. Ele não queria mais de Venusberg do século XXII. Esqueceu a parte desempenhada pelo modelo na arte do século XIX e cedeu a uma indignação arcaica. Levantou-se, irritado e meio envergonhado de ter testemunhado aquilo, mesmo em solidão. Ele puxou o aparelho para frente e, com alguma violência, procurou um meio de parar sua ação. Algo estalou.

Uma fâsca violeta o picou e o fez contorcer o braço, e o aparelho parou. Quando tentou no dia seguinte substituir os cilindros de Tannhäuser por outro par, descobriu que o aparelho estava quebrado...

Ele traçou um caminho oblíquo pela sala e andou para frente e para trás, lutando com impressões intoleravelmente vastas. As coisas que ele havia extraído dos cilindros e as coisas que tinha visto estavam em conflito, o confundiam.

Parecia-lhe a coisa mais incrível de todas que, em seus trinta anos de vida, ele nunca tinha tentado formar uma imagem desses tempos futuros. “Estávamos fazendo o futuro,” disse ele, “e quase nenhum de nós se preocupou em pensar que futuro estávamos fazendo. E aqui está ele!” O que eles têm, o que foi feito? Como eu me encaixo em tudo isso?” A vastidão das ruas e das casas, as multidões de pessoas — para tudo isso ele estava preparado. Mas não para os conflitos nas ruas da cidade! E a sensualidade sistematizada de uma classe de ricos!

Ele pensou em Bellamy, cujo herói de sua Utopia Socialista tinha tão estranhamente antecipado essa experiência real.

Mas aqui não havia Utopia, nem estado socialista. Ele já havia visto o suficiente para perceber que a antiga antítese entre luxo, desperdício e sensualidade de um lado e pobreza abjeta do outro ainda prevalecia. Ele conhecia o suficiente dos fatores essenciais da vida para entender essa correlação. E não só os edifícios da cidade eram gigantescos e as multidões nas ruas eram gigantescas, mas as vozes que ele havia ouvido nas ruas, a inquietação de Howard, a própria atmosfera falavam de um descontentamento gigantesco. Em que país ele estava?

Ainda parecia ser a Inglaterra, e ainda assim, estranhamente “não inglesa.” Sua mente vagueou pelo resto do mundo e viu apenas um véu enigmático.

Ele vagou por seu apartamento, examinando tudo como um animal em jaula poderia fazer. Sentia-se muito cansado, sentia aquela exaustão febril que não admite descanso.

Ele ouviu por longos períodos sob o ventilador, tentando captar algum eco distante dos tumultos que sentia que devia estar ocorrendo na cidade.

Começou a falar consigo mesmo. “Duzentos e três anos!” dizia a si mesmo repetidamente, rindo estupidamente. “Então eu tenho duzentos e trinta e três anos! O habitante mais antigo. Certamente eles não reverteram a tendência do nosso tempo e voltaram à regra dos mais velhos. Minhas reivindicações são inquestionáveis. Murmúrio, murmúrio. Lembro-me das atrocidades búlgaras como se fosse ontem. É uma grande era! Ha ha!” Ele se surpreendeu primeiro ao ouvir a si mesmo rindo, e então riu novamente deliberadamente e mais alto. Então percebeu que estava se comportando de maneira tola. “Calma,” disse ele. “Calma!” Seu andar tornou-se mais regular. “Este novo mundo,” disse ele. “Eu não entendo. Por quê?... Mas é tudo por quê!

“Suponho que eles podem voar e fazer todo tipo de coisas. Deixe-me tentar lembrar exatamente como tudo começou.” Ele se surpreendeu ao perceber o quão vagas haviam se tornado as memórias de seus primeiros trinta anos. Lembrava de fragmentos, na maior parte momentos triviais, coisas sem grande importância que ele havia observado. Sua infância parecia ser a memória mais acessível à princípio; ele se lembrava de livros escolares e certas lições de matemática. Então reviveu os aspectos mais salientes de sua vida, memórias da esposa há muito falecida, sua influência mágica agora além da corrupção, de seus rivais e amigos e traidores, das rápidas decisões sobre isso e aquilo, e então de seus últimos anos de miséria, de resoluções flutuantes e, finalmente, de seus estudos intensos. Em pouco tempo, percebeu que tinha tudo de volta; talvez nebuloso, como um metal há muito abandonado, mas de nenhuma forma defeituoso ou danificado, capaz de ser re-polido. E a tonalidade disso era uma crescente miséria. Vale a pena re-polir? Por um milagre, ele havia sido retirado de uma vida que se tornara intolerável...

Ele voltou à sua condição atual. Lutou com os fatos em vão. Tornou-se um emaranhado intrincado.

Ele viu o céu através do ventilador rosa com o amanhecer.

Uma antiga persuasão surgiu das profundezas de sua memória. “Eu preciso dormir,” disse ele. Parecia um alívio delicioso dessa angústia mental e da dor crescente e do peso de seus membros. Foi para a pequena e estranha cama, deitou-se e logo estava adormecido...

Ele estava destinado a se familiarizar muito bem com esses apartamentos antes de deixá-los, pois permaneceu preso por três dias. Durante esse tempo, ninguém, exceto Howard, entrou em sua prisão. O milagre de seu destino se misturou e, de alguma forma, minimizou o milagre de sua sobrevivência. Ele havia despertado para a humanidade apenas para ser arrancado para essa solidão incompreensível. Howard vinha regularmente com fluidos sustentadores e nutritivos, e alimentos leves e agradáveis, bastante estranhos para Graham. Ele sempre fechava a porta cuidadosamente ao entrar. Em questões de detalhes, ele era cada vez mais prestativo, mas a atitude de Graham em relação às grandes questões que estavam evidentemente sendo discutidas tão de perto além das paredes à prova de som que o cercavam, ele não elucidava. Ele evitava, da forma mais educada possível, todas as perguntas sobre a situação no mundo exterior.

E, durante aqueles três dias, os incessantes pensamentos de Graham viajaram amplamente e para longe. Tudo o que ele havia visto, toda essa elaborada artimanha para impedir que ele enxergasse, trabalhou junto em sua mente. Quase toda interpretação possível de sua posição ele debateu — inclusive, por acaso, a interpretação correta. As coisas que lhe aconteciam, acabavam se tornando críveis, devido a esse isolamento. Quando finalmente chegou o momento de sua liberação, ele estava preparado...

A atitude de Howard contribuiu bastante para aprofundar a impressão de Graham sobre sua estranha importância; a porta, entre sua abertura e fechamento, parecia admitir com ele o sopro de um acontecimento grandioso. Suas perguntas tornaram-se mais definitivas e investigativas. Howard recuou através de protestos e dificuldades. O despertar foi inesperado, ele repetia; coincidiu com a tendência de uma convulsão social. “Para explicar isso, eu devo contar a história de uma grossa e meia de anos,” protestou Howard.

“A questão é a seguinte,” disse Graham. “Você tem medo de algo que eu possa fazer. De alguma forma eu sou um árbitro — eu poderia ser um árbitro.”

“Não é isso. Mas você tem — eu posso lhe dizer isso — o crescimento automático de sua propriedade coloca grandes possibilidades de interferência em suas mãos. E, de certas maneiras, você tem influência, com suas noções do século XVIII.”

“Século XIX,” corrigiu Graham.

“Com suas noções do velho mundo, de qualquer forma, ignorante como você é de todos os aspectos do nosso Estado.”

“Sou um tolo?”

“Certamente não.”

“Parece-me que eu sou o tipo de homem que agiria imprudentemente?”

“Nunca foi esperado que você agiria. Ninguém contava com seu despertar. Ninguém sonhou que você algum dia acordaria. O Conselho o cercou com condições assépticas. Na verdade, pensávamos que você estava morto — uma simples interrupção na decomposição. E — mas é muito complexo. Não vamos ousar assim de repente — enquanto você ainda está meio acordado.”

“Chega disso,” disse Graham. “Suponha que seja como você diz — por que não estou sendo expremido noite e dia com fatos e advertências e toda a sabedoria do tempo para me preparar para minhas responsabilidades? Sou mais sábio agora do que há dois dias, se é que foram dois dias, quando acordei?”

Howard torceu os lábios.

“Estou começando a sentir — cada hora sinto mais claramente — um sentido de complexa ocultação do qual você é o ponto em destaque. Este Conselho, ou comitê, ou o que quer que sejam, está manipulando as contas da minha propriedade? É isso?”

“Aquele tom de suspeita—” disse Howard.

“Bah!” disse Graham. “Agora, escute minhas palavras, será ruim para aqueles que me colocaram aqui. Será ruim. Eu estou vivo. Não tenha dúvidas, eu estou vivo. A cada dia meu pulso está mais forte e minha mente mais clara e vigorosa. Chega de silêncio. Eu sou um homem que voltou à vida. E eu quero viver—”

O rosto de Howard iluminou-se com uma ideia. Ele se aproximou de Graham e falou com um tom confidencial.

“O Conselho o isola aqui para o seu bem. Você está inquieto. Naturalmente — um homem enérgico! Você acha monótono aqui. Mas estamos ansiosos para que tudo o que você possa desejar — todo desejo — todo tipo de desejo... Pode haver algo. Há algum tipo de companhia?” Ele fez uma pausa com um olhar significativo.

“Sim,” disse Graham pensativo. “Há.”

“Ah! Agora! Temos tratado você negligentemente.”

“As multidões nas ruas lá fora.”

“Quanto a isso,” disse Howard, “eu receio — Mas—”

Graham começou a percorrer o quarto. Howard ficou perto da porta observando-o. A implicação da sugestão de Howard era apenas um pouco evidente para Graham. Companhia? Suponha que ele aceitasse a proposta, exigisse algum tipo de companhia? Haveria possibilidades de obter, através da conversa dessa pessoa adicional, alguma ideia vaga da luta que havia surgido tão vividamente no momento do seu despertar? Ele meditou novamente, e a sugestão tomou forma. Ele se virou abruptamente para Howard.

“O que você quer dizer com companhia?”

Howard levantou os olhos e encolheu os ombros.

“Seres humanos,” disse ele, com um sorriso curioso em seu rosto pesado. “Nossas ideias sociais,” disse ele, “têm uma certa liberalidade maior, talvez, em comparação com seus tempos. Se um homem deseja aliviar um tédio como este — por exemplo, por meio da companhia feminina. Não achamos isso um escândalo. Limpamos nossas mentes de fórmulas. Há em nossa cidade uma classe, uma classe necessária, que não é mais desprezada — ou discreta—”

Graham parou abruptamente.

“Isso passaria o tempo,” disse Howard. “É algo que eu talvez devesse ter pensado antes, mas, na verdade, tanta coisa está acontecendo—” Ele indicou o mundo exterior.

Graham hesitou. Por um momento, a figura de uma possível mulher que sua imaginação criou subitamente dominou sua mente com uma atração intensa. Então, ele se enfureceu.

“Não!” ele gritou. Começou a andar rapidamente de um lado para o outro no quarto.

“Tudo o que você diz, tudo o que você faz, me convence — de alguma grande questão na qual estou envolvido. Eu não quero passar o tempo, como você chama. Sim, eu sei. Desejo e indulgência são vida de certa forma — e Morte! Extinção! Na minha vida antes de dormir eu havia resolvido essa questão lamentável. Não vou começar de novo. Há uma cidade, uma multidão —. E, enquanto isso, estou aqui como um coelho em um saco.” Sua raiva aumentou. Ele engasgou por um momento e começou a agitar os punhos cerrados. Ele deu lugar a uma fúria, amaldiçoou com pragas arcaicas. Seus gestos tinham a qualidade de ameaças físicas.

“Não sei quem é seu grupo. Estou no escuro, e vocês me mantêm no escuro. Mas eu sei disso, que estou isolado aqui sem nenhum bom propósito. Sem nenhum bom propósito. Eu o aviso, eu o aviso das consequências. Uma vez que eu venha a ter meu poder—” Ele percebeu que ameaçar assim poderia ser perigoso para si mesmo. Ele parou. Howard ficou olhando para ele com uma expressão curiosa.

“Presumo que esta seja uma mensagem para o Conselho,” disse Howard.

Graham teve um impulso momentâneo de atacar o homem, derrubá-lo ou atordoá-lo. Isso deve ter aparecido em seu rosto; de qualquer forma, o movimento de Howard foi rápido. Em um segundo, a porta silenciosa se fechou novamente, e o homem do século dezenove estava sozinho.

Por um momento ele ficou rígido, com as mãos cerradas meio erguidas. Então as deixou cair. “Que tolo eu fui!” disse ele, e deu vazão à sua raiva novamente, andando de um lado para o outro no quarto e gritando maldições.

Por um longo tempo ele se manteve em uma espécie de frenesi, enfurecido com sua posição, com sua própria tolice, com os canalhas que o haviam aprisionado. Ele fez isso porque não queria olhar calmamente para sua situação. Ele se apegava à sua raiva — porque tinha medo do Medo.

Logo encontrou-se raciocinando consigo mesmo. Este aprisionamento era inexplicável, mas sem dúvida as formas legais — novas formas legais — do tempo permitiam isso. Devia, é claro, ser legal. Essas pessoas estavam duzentos anos mais avançadas na marcha da civilização do que a geração vitoriana. Não era provável que fossem menos — humanitários. No entanto, tinham limpado suas mentes de fórmulas! A humanidade era uma fórmula assim como a castidade?

Sua imaginação começou a sugerir coisas que poderiam ser feitas contra ele. As tentativas de sua razão de lidar com essas sugestões, embora em sua maioria logicamente válidas, eram completamente infrutíferas. “Por que algo deveria ser feito comigo?” “Se o pior acontecer,” encontrou-se dizendo no final, “posso abrir mão do que eles querem. Mas o que eles querem? E por que não me pedem isso ao invés de me trancarem aqui?” Ele voltou à sua antiga preocupação com as possíveis intenções do Conselho. Começou a reconsiderar os detalhes do comportamento de Howard, olhares sinistros, hesitações inexplicáveis. Então, por um tempo, sua mente girou em torno da ideia de escapar desses quartos; mas para onde ele poderia escapar neste vasto e lotado mundo?

Ele estaria em uma situação pior do que um camponês saxão de repente lançado em Londres do século dezenove. E além disso, como alguém poderia escapar desses quartos?

“Como poderia beneficiar alguém se me acontecer algum mal?” Pensou no tumulto, na grande agitação social da qual ele era inexplicavelmente o eixo. Um texto, suficientemente irrelevante e ainda assim curiosamente insistente, veio flutuando das trevas de sua memória. Também um Conselho havia dito:

“É conveniente para nós que um homem morra pelo povo.”

## **CAPÍTULO VIII — Os Espaços no Telhado**

Enquanto os ventiladores na abertura circular no interior da sala giravam e permitiam vislumbres da noite, sons tênues flutuavam por ali. E Graham, em pé debaixo deles, lutando de forma obscura com os poderes desconhecidos que o aprisionavam, e que agora ele havia desafiado deliberadamente. Ele foi surpreendido pelo som de uma voz.

Ele olhou para cima e viu, nos intervalos da rotação, o rosto e os ombros de um homem que o observava. Então uma mão escura foi estendida, o ventilador a atingiu, girou e bateu com uma pequena mancha acastanhada na borda de sua lâmina fina, e algo começou a cair silenciosamente sobre o chão.

Graham olhou para baixo e viu manchas de sangue aos seus pés. Olhou novamente para cima, em uma excitação estranha. A figura havia desaparecido.

Ele permaneceu imóvel — cada sentido atento à mancha de escuridão que piscava, pois do lado de fora era noite. Ele percebeu alguns pontos escuros e remotos flutuando levemente pelo ar externo. Eles desciam em sua direção, de forma intermitente e espiralada, e passavam para fora da corrente de ar do ventilador. Um brilho de luz piscou, os pontos brilharam em branco, e então a escuridão voltou. Aquecido e iluminado como estava, percebeu que estava nevando a poucos pés dele.

Graham atravessou a sala e voltou ao ventilador. Ele viu a cabeça de um homem passar perto. Houve um som de sussurros. Então um golpe forte em alguma substância metálica, esforço, vozes, e os ventiladores pararam. Uma rajada de flocos de neve voou para dentro da sala e desapareceu antes de tocar o chão. “Não tenha medo,” disse uma voz.

Graham ficou debaixo do ventilador. “Quem é você?” sussurrou.

Por um momento, não houve nada além do balançar do ventilador, e então a cabeça de um homem surgiu cautelosamente na abertura. Seu rosto parecia quase invertido para Graham; seu cabelo escuro estava molhado com flocos de neve derretendo. Seu braço subiu para a escuridão segurando algo invisível. Ele tinha um rosto jovem e olhos brilhantes, e as veias de sua testa estavam inchadas. Parecia estar se esforçando para manter sua posição.

Por vários segundos, nem ele nem Graham falaram.

“Você era o Dorminhoco?” disse o estranho finalmente.

“Sim,” disse Graham. “O que você quer comigo?”

“Eu venho de Ostrog, Senhor.”

“Ostrog?”

O homem no ventilador virou a cabeça para que seu perfil ficasse voltado para Graham. Ele parecia estar ouvindo. De repente, houve uma exclamação apressada, e o intruso se afastou rapidamente para escapar do alcance do ventilador. E quando Graham olhou para cima, não havia nada visível além da neve que caía lentamente.

Talvez tenha se passado um quarto de hora antes que algo voltasse ao ventilador. Mas finalmente o mesmo ruído metálico voltou; os ventiladores pararam e o rosto reapareceu. Graham permaneceu o tempo todo no mesmo lugar, alerta e tremendo de excitação.

“Quem é você? O que você quer?” ele disse.

“Queremos falar com você, Senhor,” disse o intruso. “Queremos — não posso esperar isso. Temos tentado encontrar um jeito de chegar até você — esses três dias.”

“É um resgate?” sussurrou Graham. “Um escape?”

“Sim, Senhor. Se você quiser.”

“Você é do meu grupo — o grupo do Adormecido?”

“Sim, Senhor.”

“O que devo fazer?” disse Graham.

Houve uma luta. O braço do estranho apareceu, e sua mão estava sangrando. Seus joelhos apareceram sobre a borda do funil. “Afastese de mim,” disse ele, e caiu, um tanto pesadamente, sobre suas mãos e ombro aos pés de Graham. O ventilador voltou a girar ruidosamente. O estranho rolou, levantou-se rapidamente e ficou ofegante, com a mão em um ombro machucado, e com os olhos brilhantes fixos em Graham.

“Você é de fato o Adormecido,” disse ele. “Eu o vi adormecido. Quando era lei que qualquer um poderia vê-lo.”

“Eu sou o homem que estava em transe,” disse Graham. “Eles me aprisionaram aqui. Estou aqui desde que acordei — pelo menos há três dias.” O intruso parecia prestes a falar, ouviu algo, olhou rapidamente para a porta e de repente deixou Graham e correu em direção a ela, gritando palavras rápidas e incoerentes. Uma lâmina de aço brilhante piscava em sua mão, e ele começou a bater rapidamente sobre as dobradiças. “Cuidado!” gritou uma voz. “Oh!” A voz vinha de cima.

Graham olhou para cima, viu as solas de dois pés, se abaixou, foi atingido no ombro por um deles e um peso pesado o derrubou ao chão. Ele caiu de joelhos e depois para frente, e o peso passou por cima de sua cabeça. Ele se endireitou e viu um segundo homem sentado à sua frente.

“Eu não vi você, Senhor,” ofegou o homem. Ele se levantou e ajudou Graham a se erguer. “Você está ferido, Senhor?” ele ofegou. Uma sucessão de fortes golpes no ventilador começou, algo caiu perto do rosto de Graham, e uma borda trêmula de metal branco dançou, caiu e ficou no chão.

“O que é isso?” exclamou Graham, confuso e olhando para o ventilador. “Quem são vocês? O que vocês vão fazer? Lembre-se, eu não entendo nada.”

“Afastese,” disse o estranho, puxando-o para fora longe da área abaixo do ventilador enquanto outro fragmento de metal caía.

“Queremos que você venha, Senhor,” ofegou o recém-chegado, e Graham, olhando para seu rosto novamente, viu um novo corte que havia mudado de branco para vermelho em sua testa, e alguns pequenos filetes de sangue começaram a escorrer dali.

“Seu povo chama por você.”

“Para onde? Meu povo?”

“Para o salão perto dos mercados. Sua vida está em perigo aqui. Temos espiões. Descobrimos a tempo. O Conselho decidiu — hoje mesmo — ou te drogar ou te matar. E tudo está pronto. O povo está mobilizado — a polícia oportunista, os engenheiros e metade dos operadores de equipamentos estão conosco. Temos os salões lotados — gritando. A cidade inteira grita contra o Conselho. Temos armas.” Ele limpou o sangue com a mão. “Sua vida aqui não vale— ”

“Mas por que armas?”

“O povo se levantou para protegê-lo, Senhor. O quê?” Ele se virou rapidamente quando o homem que primeiro desceu fez um assobio com os dentes. Graham viu o último recuar, fazer gestos para que se escondessem e então ele se moveu como se fosse se esconder atrás da porta que se abria.

Enquanto fazia isso, Howard apareceu, com uma pequena bandeja em uma mão e o rosto pesado cabisbaixo. Ele se assustou, olhou para cima, a porta se fechou atrás dele, a bandeja inclinou para o lado e a cunha de aço o atingiu atrás da orelha.

Ele caiu como uma árvore derrubada e ficou estirado no chão da sala. O homem que o atingiu se curvou rapidamente, estudou seu rosto por um momento, se levantou e voltou ao seu trabalho na porta.

“Seu veneno!” disse uma voz no ouvido de Graham.

ENTÃO, abruptamente, ficaram no escuro. As inúmeras luzes de cornija foram apagadas. Graham viu a abertura do ventilador com a neve fantasmagórica girando acima dela e figuras escuras se movendo apressadamente. Três estavam de joelhos no ventilador. Algo sombrio — uma escada — estava sendo abaixado pela abertura, e uma mão apareceu segurando uma luz amarela intermitente.

Ele hesitou por um momento. Mas o jeito desses homens, sua rápida agilidade, suas palavras, combinavam tanto com seus próprios medos em relação ao Conselho, com sua ideia e esperança de um resgate, que a hesitação não durou um momento.

E seu povo o aguardava!

“Eu não entendo,” disse ele. “Confio em vocês. Diga-me o que fazer.” O homem com a testa cortada agarrou o braço de Graham.

“Suba pela escada,” ele sussurrou. “Rápido. Eles terão ouvido—” Graham procurou pela escada com as mãos estendidas, colocou o pé no degrau inferior e, virando a cabeça, viu, sobre o ombro do homem mais próximo, na luz amarela intermitente, o primeiro que entrou montado sobre Howard e ainda trabalhando na porta. Graham voltou à escada e foi empurrado por seu condutor e ajudado por aqueles acima, e então ele estava em pé em algo duro, frio e escorregadio fora do funil de ventilação.

Ele estremeceu. Percebeu uma grande diferença de temperatura. Meia dúzia de homens estavam ao seu redor, e pequenos flocos de neve tocavam suas mãos e rosto e derretiam. Por um momento estava escuro, depois, por um relance, uma luz pálida e espectral de cor violeta, e então tudo ficou escuro novamente.

Ele viu que tinha saído para o telhado da vasta estrutura da cidade que substituíra as casas, ruas e espaços abertos da Londres vitoriana.

O lugar onde ele estava era nivelado, com enormes cabos serpenteantes cruzando-o em todas as direções. As rodas circulares de vários moinhos de vento surgiam indistintas e gigantescas através da escuridão e da nevasca, e rugiam com uma intensidade variável à medida que o vento caprichoso subia e descia. Um pouco distante, uma luz branca intermitente brilhava de baixo, tocava os redemoinhos de neve com um brilho passageiro e criava um espectro evanescente na noite; e aqui e ali, mais abaixo, alguns mecanismos movidos pelo vento piscavam com faíscas lívidas.

Tudo isso ele percebeu de maneira fragmentada enquanto seus salvadores estavam ao seu redor. Alguém jogou sobre ele um pesado manto de textura semelhante a pele de animal e prendeu-o com tiras de fivela na cintura e nos ombros. Coisas foram ditas de forma breve e decisiva. Alguém o empurrou para frente.

Antes que sua mente estivesse clara, uma forma escura agarrou seu braço. “Por aqui,” disse essa forma, conduzindo-o e apontando Graham para atravessar o telhado plano na direção de uma névoa semicircular de luz. Graham obedeceu.

“Cuidado!” disse uma voz, enquanto Graham tropeçava em um cabo. “Entre eles e não através deles,” disse a voz. “Temos que nos apressar.”

“Onde estão as pessoas?” perguntou Graham. “O povo que você disse que me aguardava?”

O estranho não respondeu. Ele soltou o braço de Graham à medida que a passagem se estreitava e liderou o caminho com passos rápidos. Graham seguiu cegamente. Em um minuto, encontrou-se correndo.

“Os outros estão vindo?” ele ofegou, mas não obteve resposta. Seu acompanhante olhou para trás e continuou correndo. Eles chegaram a uma espécie de caminho aberto de metal, transversal à direção que haviam vindo, e se desviaram para segui-lo. Graham olhou para trás, mas a nevasca havia escondido os outros.

“Vamos!” disse seu guia. Correndo agora, eles se aproximaram de um pequeno moinho de vento girando alto no ar. “Abaixe-se,” disse o guia de Graham, e eles evitaram uma banda interminável correndo rugindo em direção ao eixo da lâmina. “Por aqui!” e eles estavam com água até os tornozelos em uma vala cheia de neve derretendo, entre dois baixos muros de metal que logo subiram até a altura da cintura. “Eu irei primeiro,” disse o guia.

Graham ajustou o manto em torno de si e seguiu. Então, de repente, surgiu um abismo estreito sobre o qual a vala saltava para a escuridão nevada do outro lado. Graham deu uma espiada ao lado uma vez e o abismo era negro. Por um momento ele se arrependeu de sua fuga. Não ousou olhar novamente, e seu cérebro girava enquanto ele avançava pela neve meio líquida.

Então saíram da vala e apressaram-se através de um espaço amplo e plano, úmido com neve derretendo, e por metade de sua extensão, vagamente translúcido para as luzes que iam e vinham por baixo. Ele hesitou diante daquela substância instável, mas seu guia continuou correndo sem se importar, e assim chegaram e subiram por degraus escorregadios até a borda de uma grande cúpula de vidro. Contornaram-na.

Lá embaixo, várias pessoas pareciam estar dançando, e a música filtrava-se através da cúpula... Graham imaginou que ouviu gritos através da nevasca, e seu guia o apressou com um novo impulso de urgência.

Eles subiram, ofegantes, a um espaço de enormes moinhos de vento, um tão vasto que apenas a borda inferior de suas lâminas aparecia correndo pela visão e depois sumia na noite e na neve. Eles correram por um tempo através da colossal trama metálica de seus suportes e chegaram finalmente a um lugar de plataformas móveis, como o local que Graham havia olhado da varanda. Eles rastejaram através da transparência inclinada que cobria essa rua de plataformas, rastejando com as mãos e joelhos devido à escorregadia neve.

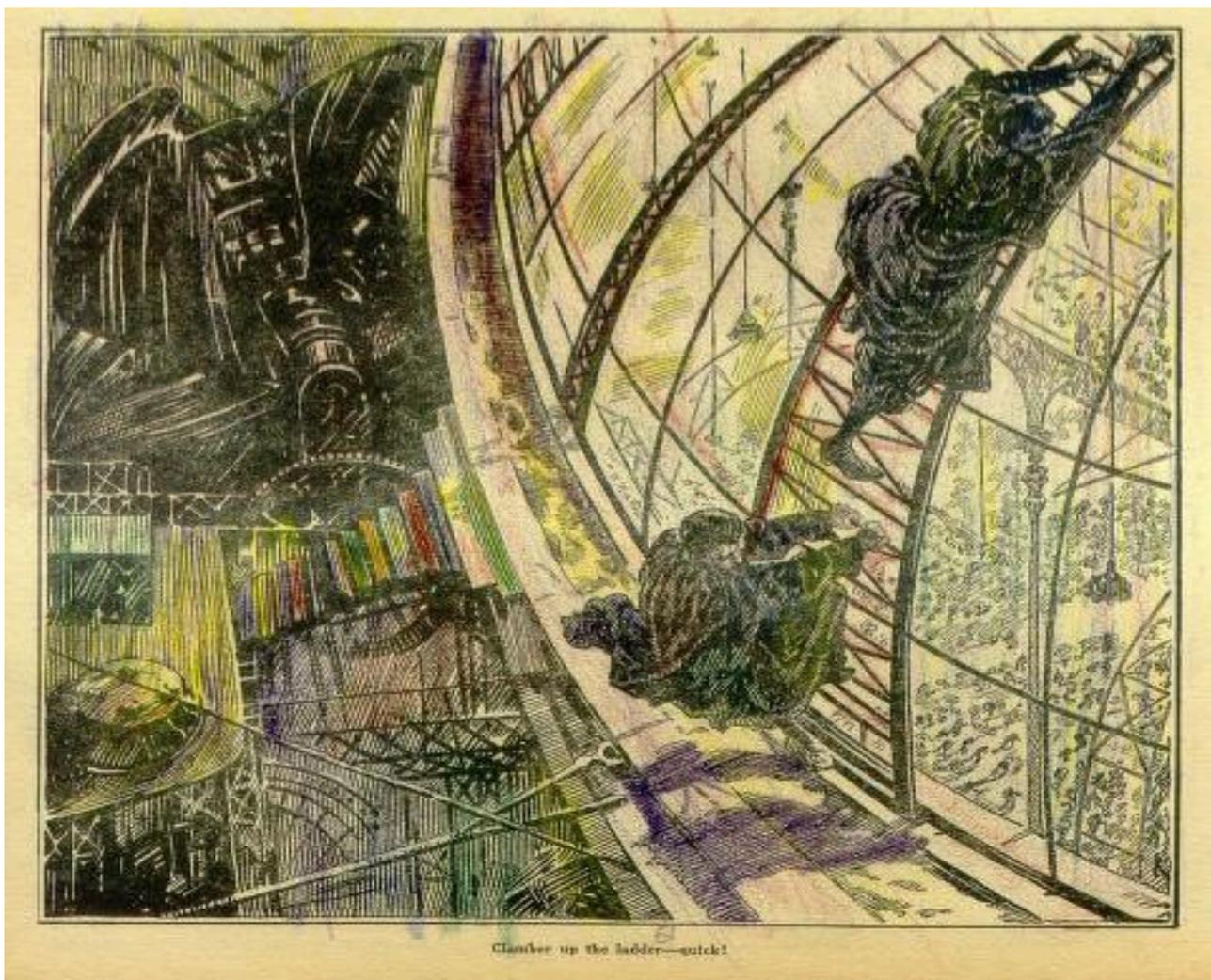
Na maior parte, o vidro estava embaçado, e Graham via apenas sugestões borradas das formas abaixo, mas perto da inclinação do teto transparente o vidro estava claro, e ele se viu olhando diretamente para baixo, sobre tudo aquilo. Por um tempo, apesar da urgência de seu guia, ele cedeu a vertigem e ficou deitado espalmado no vidro, doente e paralisado. Lá embaixo, meros pontos e manchas se moviam, as pessoas da cidade insone em sua luz diurna perpétua, e as plataformas móveis continuavam sua incessante jornada. Mensageiros e

homens em negócios desconhecidos disparavam ao longo dos cabos pendentes, e as frágeis pontes estavam cheias de pessoas. Era como olhar para uma colmeia de vidro gigantesca, e ela estava verticalmente abaixo dele com apenas um vidro espesso e desconhecido para salvá-lo de uma queda. A rua parecia quente e iluminada, e Graham estava agora encharcado com a neve derretendo, e seus pés estavam entorpecidos pelo frio.

Por um momento, ele ficou imóvel. “Vamos!” gritou seu guia, com terror na voz. “Vamos!” Graham chegou ao cume do telhado com um esforço.

Sobre a crista, seguindo o exemplo de seu guia, ele se virou e desceu rapidamente pela inclinação oposta, em meio a uma pequena avalanche de neve. Enquanto escorregava, pensava no que aconteceria se algum buraco surgisse no seu caminho. Na borda, ele tropeçou e caiu de pé, com a água até os tornozelos e lama, agradecendo a Deus por ter um suporte que não era transparente. Seu guia já estava escalando uma tela de metal até uma superfície plana.

Através dos flocos de neve que ainda caíam, surgiu uma linha de vastos moinhos de vento, e então, de repente, o tumulto amorfo das rodas giratórias foi penetrado por um som



ensurdecedor. Era um estrondo mecânico de intensidade extraordinária que parecia vir simultaneamente de todos os pontos da bússola.

“Eles já nos viram!” gritou o guia de Graham com um sotaque de terror, e de repente, com um flash ofuscante, a noite se tornou dia.

Acima da neve impetuosa, do topo das rodas de vento, apareceram mastros enormes carregando globos de luz pálida. Eles se afastavam em perspectivas ilimitadas em todas as direções. Por onde seu olhar penetrava a nevasca, eles brilhavam.

“Suba nisso,” gritou o condutor de Graham, e o empurrou para uma longa grade de metal sem neve que se estendia como uma faixa entre duas superfícies de neve levemente inclinadas. Parecia quente para os pés entorpecidos de Graham, e um leve vapor se erguia dela.

“Vamos!” gritou seu guia, a dez jardas de distância, e, sem esperar, correu rapidamente através do brilho incandescente em direção aos suportes de ferro da próxima linha de moinhos de vento. Graham, recuperando-se do espanto, seguiu o mais rápido que pôde, convencido de sua captura iminente...

Em questão de segundos, eles estavam em uma trama de brilho e sombras negras atravessadas por barras móveis sob rodas monstruosas. O condutor de Graham correu por algum tempo e, de repente, desviou para o lado e desapareceu na sombra negra no canto da base de um enorme suporte. Em um momento, Graham estava ao seu lado.

Eles se agacharam, ofegantes, e olharam para fora.

A cena que Graham viu era muito selvagem e estranha. A neve havia quase cessado; apenas um floco tardio passava agora. Mas a ampla extensão plana à sua frente estava de um branco fantasmagórico, quebrado apenas por massas gigantescas e formas móveis e longas faixas de escuridão impenetrável, titãs imensos de sombra. Ao redor deles, enormes estruturas metálicas, vigas de ferro, inumanamente vastas como parecia para ele, se entrelaçavam, e as bordas das rodas de vento, quase paradas na calmaria, passavam em grandes curvas brilhantes cada vez mais íngremes em uma névoa luminosa.

Onde quer que a luz espelhada pela neve incidisse, feixes e vigas, e faixas incessantes movendo-se com uma resolução hesitante e indomável, subiam e desciam na escuridão. E com toda aquela atividade poderosa, com um sentido omnipresente de movimento e design, essa desolação coberta de neve de mecanismos parecia vazia de toda presença humana, exceto a deles, parecia tão sem trilhas e deserta e pouco frequentada por homens quanto algum inacessível campo de neve alpina.

“Eles vão nos pegar,” gritou o líder. “Estamos longe. Frio como está, devemos nos esconder aqui por um tempo — pelo menos até que a neve caia mais densamente de novo.” Seus dentes batiam de tremedeira.

“Onde estão os mercados?” perguntou Graham, olhando para fora. “Onde estão todas as pessoas?”

O outro não respondeu.

“Olhe!” sussurrou Graham, agachado e bem quieto.

A neve havia, de repente, engrossado de novo, e deslizando com os redemoinhos giratórios do buraco negro do céu vinha algo, vago e grande e muito rápido.

Desceu em um arco íngreme e passou, com amplas asas estendidas e um rastro de vapor branco condensando atrás, subiu com uma facilidade rápida e continuou deslizando pelo ar, varrendo horizontalmente em um grande arco e desaparecendo novamente nos pontos de neve em vapor.

E, através das costelas de seu corpo, Graham viu dois pequenos homens, muito minúsculos e ativos, vasculhando as áreas nevadas ao redor dele, como parecia para ele, com binóculos. Por um segundo estavam claros, depois embaçados através de um espesso redemoinho de neve, depois pequenos e distantes, e em um minuto desapareceram.

“Agora!” gritou seu companheiro. “Venha!” Ele puxou a manga de Graham, e imediatamente os dois estavam correndo desabaladamente pelo arco de estrutura de ferro sob as rodas de vento. Graham, correndo cegamente, colidiu com seu líder, que havia virado abruptamente para ele. Ele se viu a poucas jardas de um abismo negro. Estendia-se tão longe quanto podia ver para a direita e para a esquerda. Parecia bloquear seu progresso em qualquer direção.

“Faça como eu faço,” sussurrou seu guia. Ele se deitou e rastejou até a borda, estendeu a cabeça e se virou até que uma perna pendesse. Ele parecia sentir algo com o pé, encontrou-o e começou a deslizar pela borda para o abismo. Sua cabeça reapareceu. “É uma saliência,” sussurrou. “No escuro, ao longo de todo o caminho. Faça como eu fiz.” Graham hesitou, desceu de quatro, rastejou até a borda e espiou para uma escuridão aveludada. Por um momento doentio ele não teve coragem nem de avançar nem de recuar, então se sentou e pendurou a perna, sentiu as mãos de seu guia puxando-o, teve uma sensação horrível de deslizar pela borda para o incompreensível, e caiu em uma vala lamacenta, impenetravelmente escura.

“Por aqui,” sussurrou a voz, e ele começou a rastejar pela vala através do degelo que escorria, pressionando-se contra a parede. Continuaram por alguns minutos. Ele parecia

passar por uma centena de estágios de miséria, passar minuto após minuto através de uma centena de graus de frio, umidade e exaustão. Em pouco tempo, ele parou de sentir as mãos e os pés.

A vala inclinava-se para baixo. Ele observou que agora estavam muitos pés abaixo da borda dos edifícios.

Fileiras de formas brancas espectrais, como fantasmas de janelas cegamente puxadas, erguiam-se acima deles. Eles chegaram ao final de um cabo preso acima de uma dessas janelas brancas, vagamente visível e caindo em sombras impenetráveis. De repente, sua mão encontrou a de seu guia.

“Quieto!” sussurrou o outro muito suavemente.

Ele olhou para cima com um sobressalto e viu as enormes asas da máquina voadora deslizando lentamente e silenciosamente acima do amplo trecho de céu azul-cinza salpicado de neve. Em um momento, estava oculta novamente.

“Fique quieto; eles estavam apenas virando.” Por um tempo, ambos permaneceram imóveis, então o companheiro de Graham levantou-se e, alcançando os fixadores do cabo, mexeu com algum equipamento indistinto.

“O que é isso?” perguntou Graham.

A única resposta foi um leve grito. O homem estava agachado, imóvel. Graham olhou e viu seu rosto vagamente. Ele estava olhando para baixo ao longo da longa fita de céu, e Graham, seguindo seus olhos, viu a máquina voadora pequena, tênue e distante. Então viu que as asas se espalhavam de cada lado, que estava indo em direção a eles, que a cada momento estava ficando maior. Estava seguindo a borda do abismo em direção a eles.

Os movimentos do homem tornaram-se convulsivos. Ele colocou duas barras cruzadas nas mãos de Graham. Graham não podia vê-las, ele determinou a forma delas pelo tato. Estavam penduradas por cordas finas ao cabo. Na corda estavam alças de alguma substância elástica e macia. “Coloque a cruz entre as suas pernas,” sussurrou o guia histericamente, “e segure os suportes. Segure firme, segure!” Graham fez como foi instruído.

“Salte,” disse a voz. “Pelo amor de Deus, salte!” Por um segundo crucial, Graham não conseguiu falar.

Ele se alegrou depois que a escuridão escondeu seu rosto. Não disse nada. Começou a tremer violentamente. Olhou de lado para a sombra rápida que engolia o céu enquanto se aproximava.

“Salte! Salte — em nome de Deus! Ou eles vão nos pegar,” gritou o guia de Graham, e na violência de sua paixão o empurrou para frente.

Graham vacilou convulsivamente, deu um grito soluçante, um grito para além de si mesmo, e então, enquanto a máquina voadora passava sobre eles, caiu para frente no abismo daquela escuridão, sentado na madeira da cruz e segurando as cordas com a força da morte. Algo estalou, algo bateu com precisão contra uma parede. Ele ouviu a roldana zumbir na sua corda. Ouviu os aeronautas gritarem. Sentiu um par de joelhos cavando em suas costas.

...Ele estava caindo de cabeça para baixo pelo ar, caindo pelo ar. Toda a sua força estava em suas mãos.

Ele teria gritado, mas não tinha fôlego.

Ele atirou-se para uma luz ofuscante que fez com que ele segurasse ainda mais firme. Reconheceu o grande corredor com as passarelas em movimento, as luzes penduradas e as vigas entrelaçadas. Elas subiam e passavam por ele. Teve a impressão momentânea de uma grande abertura circular se abrindo para engoli-lo.

Estava novamente no escuro, caindo, caindo, segurando com as mãos doloridas, e eis um estrondo de som, uma explosão de luz, e ele estava em um salão iluminado com uma multidão rugindo sob seus pés. As pessoas! Seu povo! Um proscênio, um palco se aproximavam rapidamente dele, e seu cabo descia até uma abertura circular à direita. Sentiu que estava se movendo mais devagar, e de repente ficou ainda mais devagar. Ele distinguia gritos de “Salvo! O Mestre. Ele está seguro!” O palco se aproximava dele com uma velocidade rapidamente diminuída.

Então...

Ouviu o homem agarrado a ele gritar como se estivesse aterrorizado, e esse grito foi ecoado por um grito de baixo. Sentiu que não estava mais deslizando pelo cabo, mas caindo com ele. Havia um tumulto de gritos, gemidos e clamores. Sentiu algo macio contra sua mão estendida e o impacto de uma queda vibrando pelo seu braço...

Queria ficar parado e as pessoas o estavam levantando.

Ele acreditava, depois, que foi levado para a plataforma e recebeu alguma bebida, mas nunca teve certeza. Não notou o que aconteceu com seu guia. Quando sua mente clareou novamente, ele estava de pé; mãos ansiosas estavam ajudando-o a se manter. Estava em um grande alcova, ocupando a posição que em sua experiência anterior havia sido dedicada às cadeiras inferiores. Se isso era realmente um teatro.

Um grande tumulto estava em seus ouvidos, um rugido estrondoso, o grito de uma multidão incontável. “É o Adormecido! O Adormecido está conosco!” “O Adormecido está conosco! O Mestre — o Proprietário!”

“O Mestre está conosco. Ele está salvo.”

Graham teve uma visão tumultuada de um grande salão lotado de pessoas. Ele não via indivíduos, estava consciente de um turbilhão de rostos cor-de-rosa, de braços e roupas balançando, sentia a influência oculta de uma vasta multidão se derramando sobre ele, sustentando-o. Havia balcões, galerias, grandes arcos que ofereciam perspectivas mais distantes, e em toda parte havia pessoas, uma vasta arena de gente, densamente empacotada e aplaudindo. Através do espaço mais próximo, o cabo caído parecia uma enorme serpente. Ele tinha sido cortado pelos homens da máquina voadora em sua extremidade superior e havia desabado no salão. Homens pareciam estar retirando-o do caminho. Mas todo o efeito era vago, os próprios edifícios tremiam e saltavam com o rugido das vozes.

Ele ficou de pé cambaleando e olhou para aqueles ao seu redor.

Alguém o apoiou por um braço. “Deixe-me ir para um quarto,” ele disse, chorando; “um pequeno quarto,” e não conseguiu dizer mais nada. Um homem de preto avançou, tomou seu braço livre. Ele percebeu homens oficiais abrindo uma porta diante dele. Alguém o guiou até um assento. Ele cambaleou. Sentou-se pesadamente e cobriu o rosto com as mãos; estava tremendo violentamente, seu controle nervoso tinha acabado. Foi aliviado de seu manto, não se lembrava como; suas meias roxas estavam pretas de molhadas. Pessoas corriam ao seu redor, coisas estavam acontecendo, mas por algum tempo ele não deu atenção a elas.

Ele havia escapado. Um turbilhão de gritos lhe dizia isso.

Ele estava seguro. Essas eram as pessoas que estavam ao seu lado. Por um momento, ele soluçou para recuperar o fôlego, e então ficou sentado com o rosto coberto. O ar estava cheio do grito de incontáveis homens.

## **CAPÍTULO IX — A Marcha do Povo**

Ele percebeu alguém insistindo em um copo de líquido claro, olhou para cima e descobriu que era um jovem em um traje amarelo.

Ele tomou a dose imediatamente e, em um momento, estava brilhando. Um homem alto em uma túnica preta estava ao lado de seu ombro e apontou para a porta semiaberta para o corredor.

Este homem estava gritando perto de seu ouvido e ainda assim o que foi dito era indistinto devido ao enorme tumulto do grande teatro. Atrás do homem estava uma garota em uma túnica cinza prateado, que Graham, mesmo nessa confusão, percebeu ser bonita. Seus

olhos escuros, cheios de admiração e curiosidade, estavam fixos nele, seus lábios tremiam separados.

A porta parcialmente aberta dava uma visão do corredor lotado e admitia um vasto tumulto desigual, uma martelada, palmas e gritos que diminuía e começavam novamente, e aumentavam para um tom de trovões, e assim continuavam intermitentemente todo o tempo que Graham permaneceu na pequena sala. Ele observou os lábios do homem de preto e concluiu que ele estava dando alguma explicação desajeitada.

Ele olhou estupidamente por alguns momentos para essas coisas e depois levantou-se abruptamente; ele agarrou o braço dessa pessoa gritando.

“Diga-me!” ele gritou. “Quem sou eu? Quem sou eu?” Os outros se aproximaram para ouvir suas palavras. “Quem sou eu?” Seus olhos procuraram seus rostos.

“Eles não disseram nada a ele!” gritou a garota.

“Diga-me, diga-me!” gritou Graham.

“Você é o Mestre da Terra. Você é dono de metade do mundo.”

Ele não acreditou que ouviu corretamente. Ele resistiu à persuasão. Ele fingiu não entender, não ouvir.

Ele levantou a voz novamente. “Estou acordado há três dias — prisioneiro há três dias. Eu julgo que há alguma luta entre um certo número de pessoas nesta cidade — é Londres?”

“Sim”, disse o homem mais jovem.

“E aqueles que se encontram no grande salão com o Atlas branco? Como isso me diz respeito? De alguma forma tem a ver comigo. Por que, eu não sei. Parece-me que enquanto eu dormia o mundo enlouqueceu. Eu enlouqueci. Quem são esses Conselheiros sob o Atlas? Por que eles tentariam me drogar?”

“Para mantê-lo insensível,” disse o homem de amarelo.

“Para impedir sua interferência.”

“Mas por quê?”

“Porque você é o Atlas, Majestade”, disse o homem de amarelo. “O mundo está sobre seus ombros. Eles governam em seu nome.”

Os sons do salão haviam morrido em um silêncio permeado por uma voz monótona. Agora, de repente, pisando nestas últimas palavras, veio um tumulto ensurdecedor, um rugido e um trovão, torcida amontoada em torcida, vozes roucas e agudas, batendo, sobrepondo-se, e enquanto durava as pessoas na pequena sala não podiam ouvir um ao outro gritar.

Graham ficou em pé, sua inteligência agarrando-se impotentemente à coisa que acabara de ouvir. “O Conselho”, repetiu ele sem expressão, e depois agarrou um nome que o havia atingido. “Mas quem é Ostrog?” ele disse.

“Ele é o organizador — o organizador da revolta. Nosso Líder — em seu nome.”

“Em meu nome? E você? Por que ele não está aqui?”

“Ele nos delegou. Eu sou seu irmão — seu meio-irmão, Lincoln. Ele quer que você se mostre a essas pessoas e depois vá até ele. É por isso que ele nos enviou. Ele está nos escritórios do comando, dirigindo. As pessoas estão marchando.”

“Em seu nome,” gritou o homem mais jovem. “Eles governaram, esmagaram, tiranizaram. Finalmente.”

“Em meu nome! Meu nome! Mestre?”

O homem mais jovem subitamente tornou-se audível em uma pausa do trovão externo, indignado e veemente, uma voz alta penetrante sob seu nariz aquilino vermelho e bigode espesso. “Ninguém esperava que você acordasse. Ninguém esperava que você acordasse. Eles eram astutos. Malditos tiranos! Mas eles foram pegos de surpresa. Eles não sabiam se deveriam drogar você, hipnotizar você, matá-lo.” Novamente o salão dominou tudo.

“É agora ou nunca. O Conselho está balançando — eles não podem confiar nem em seus homens treinados—”

“Ouça o povo chamando por você!” A mente de Graham era como uma noite de lua e nuvens rápidas, agora escura e sem esperança, tão clara e fantasmagórica.

Ele era Mestre da Terra, era um homem encharcado de neve derretendo. De todas as suas impressões flutuantes, as dominantes apresentavam um antagonismo; de um lado estava o Conselho Branco, poderoso, disciplinado, poucos, o Conselho Branco do qual ele acabara de escapar; e de outro, multidões monstruosas, massas compactas de pessoas indistinguíveis clamando seu nome, saudando-o como Mestre. O outro lado o havia aprisionado, debatido sua morte. Essas milhares de pessoas gritando além da pequena porta o haviam resgatado. Mas por que essas coisas deveriam ser assim, ele não conseguia entender.

A porta se abriu, a voz de Lincoln foi levada embora e afogada, e uma enxurrada de pessoas seguiu nos calcanhares do tumulto. Esses intrusos vieram em sua direção e Lincoln gesticulando. As vozes de fora explicavam seus lábios silenciosos.

“Mostre-nos o Adormecido, mostre-nos o Dorminhoco!” era o peso do tumulto. Homens estavam gritando por “Ordem! Silêncio!”

Graham olhou em direção à porta aberta e viu uma imagem alta e oblonga do salão além, uma confusão incessante e agitada de rostos e gritos, homens e mulheres juntos, acenando com roupas azul claro, mãos estendidas. Muitos estavam de pé, um homem em trapos marrons escuros, uma figura desnutrida, estava sentado e acenava com um pano preto. Ele encontrou a admiração e a expectativa dos olhos da garota. O que essas pessoas esperavam dele.

Ele estava vagamente ciente de que o tumulto lá fora havia mudado de caráter, estava de alguma forma batendo, marchando. Sua própria mente também mudou. Por um tempo ele não reconheceu a influência que estava o transformando. Mas logo veio um momento próximo a um pânico. Ele tentou fazer perguntas audíveis sobre o que era exigido dele.

Lincoln estava gritando em seu ouvido, mas Graham estava surdo para isso. Todos os outros, exceto a mulher, gesticulavam em direção ao salão. Ele percebeu o que havia acontecido com o tumulto. Toda a massa de pessoas estava cantando juntas. Não era simplesmente uma música, as vozes estavam reunidas e sustentadas por um torrente de música instrumental, música como a música de um órgão, uma textura tecida de sons, cheia de trompetes, cheia de bandeiras ostentatórias, cheia da marcha e pompa da abertura de uma guerra. E os pés das pessoas estavam batendo no ritmo — traque, traque.

Ele foi empurrado em direção à porta. Obedeceu mecanicamente. A força daquele canto tomou conta dele, agitou-o, encorajou-o. O salão se abriu para ele, um vasto turbilhão de cores tremulantes balançando com a música.

“Acene para eles,” disse Lincoln. “Acene para eles.”

“Isso,” disse uma voz do outro lado, “ele deve fazer isso.”

Braços estavam ao redor de seu pescoço, detendo-o na porta, e uma capa preta sutilmente dobrada pendia de seus ombros. Ele percebeu a garota de cinza perto dele, seu rosto iluminado, seu gesto indicando para seguir em frente. Por um instante, ela se tornou para ele, radiante e ansiosa como estava, uma personificação da canção. Ele emergiu na alcova novamente.

Incontinente, as ondas crescentes da canção quebraram ao seu surgimento e se transformaram em uma espuma de gritos. Guiado pela mão de Lincoln, ele marchou obliquamente através do centro do palco, voltado para o público.

O salão era um espaço vasto e intrincado — galerias, varandas, amplas escadarias em estilo de anfiteatro e grandes arcadas. Lá longe, no alto, parecia estar a entrada de um enorme corredor cheio de gente lutando para se movimentar. Toda a multidão balançava em massas congestionadas. Figuras individuais surgiam do tumulto, impressionavam-no

momentaneamente e depois perdiam definição novamente. Perto do palco, uma bela mulher loira balançava, carregada por três homens, com o cabelo cobrindo o rosto e brandindo um bastão verde. Ao lado desse grupo, um velho cansado, vestido com um manto azul, lutava para manter seu lugar na multidão, e atrás dele, um rosto careca gritava, com uma grande cavidade de boca sem dentes. Uma voz chamou a palavra enigmática “Ostrog.”

Todas as suas impressões eram vagas, exceto pela emoção intensa daquela canção de pisoteio. A multidão marcava o ritmo com os pés — traque, traque, traque, traque. As armas verdes balançavam, brilhavam e se inclinavam. Então ele viu que aqueles mais próximos a ele, em um espaço plano diante do palco, marchavam à sua frente, passando em direção a um grande arco, gritando “Para o Conselho!” Traque, traque, traque, traque. Ele levantou o braço, e o rugido se intensificou. Lembrou-se de que precisava gritar “Marcha!” Sua boca formava palavras heróicas inaudíveis. Ele acenou com o braço novamente e apontou para o arco, gritando “Avançar!” Eles já não estavam mais marcando o ritmo, estavam marchando; traque, traque, traque.

Entre aquela multidão havia homens barbudos, velhos, jovens, mulheres de braços nus com vestes esvoaçantes, meninas. Homens e mulheres da nova era! Ricas túnicas e trapos cinzentos se misturavam no turbilhão do movimento, no meio do azul predominante. Um monstro escuro se deslocava para a direita. Ele avistou um homem vestido de azul, uma mulher enrugada de amarelo, e então um grupo de homens altos, loiros, com o rosto branco e vestidos de azul, passando teatralmente por ele. Ele notou dois chineses. Um jovem alto, pálido, de cabelo escuro e olhos brilhantes, vestido de branco da cabeça aos pés, subiu em direção ao palco gritando lealmente, saltou de volta e se afastou, olhando para trás. Cabeças, ombros, mãos segurando armas, tudo se balançava com os ritmos da marcha.

Rostos surgiam da confusão enquanto ele estava ali, olhos se encontravam com os seus e depois passavam e desapareciam. Homens gesticulavam para ele, gritavam coisas pessoais inaudíveis.

A maioria dos rostos estava ruborizada, mas muitos eram pálidos como a morte. Havia doença ali, e muitas das mãos que acenavam para ele eram magras e esqueléticas. Homens e mulheres da nova era! Um encontro estranho e incrível! À medida que o amplo fluxo passava diante dele para a direita, corredores laterais vindos das áreas distantes do salão desciam incessantemente substituindo as pessoas; traque, traque, traque, traque. A unificação da canção era enriquecida e complexificada pelos ecos massivos das arcadas e corredores. Homens e mulheres se misturavam nas fileiras; traque, traque, traque, traque. O mundo todo

parecia marchar. Traque, traque, traque, traque; sua mente marchava. As roupas balançavam para frente, os rostos passavam mais abundantemente.

Traque, traque, traque, traque; sob a pressão de Lincoln, ele se voltou em direção ao arco, caminhando inconscientemente nesse ritmo, mal notando seu movimento devido à melodia e ao agito. A multidão, o gesto e a canção se dirigiam naquela direção, o fluxo de pessoas descia até que os rostos voltados para cima estavam abaixo do nível de seus pés. Ele percebia um caminho à sua frente, um séquito ao seu redor, guardas e dignitários, e Lincoln à sua direita. Assistentes intervinham e, de vez em quando, bloqueavam a visão da multidão à esquerda.

À sua frente, iam as costas dos guardas vestidos de preto — três a três. Ele foi conduzido por um pequeno caminho cercado e cruzou acima do arco, com o torrente fluindo abaixo e gritando para ele. Ele não sabia para onde estava indo; não queria saber. Olhou para trás através de um vasto espaço iluminado do salão. Traque, traque, traque, traque.

## **CAPÍTULO X — A Batalha das Trevas**

Ele não estava mais no salão. Estava marchando por uma galeria que pairava sobre uma das grandes avenidas de plataformas móveis que atravessavam a cidade. Diante dele e atrás, marchavam seus guardas.

Todo o concave das vias móveis abaixo era uma massa congestionada de pessoas marchando, pisoteando à esquerda, gritando, levantando mãos e braços, avançando em um enorme panorama, gritando ao surgir à vista, gritando ao passar, gritando ao se afastar, até que os globos de luz elétrica, diminuindo na perspectiva, pareciam cair e esconder as cabeças descobertas da multidão. Traque, traque, traque. A canção rugia para Graham agora, não mais sustentada pela música, mas grosseira e ruidosa, e o som das pisadas marchando, traque, traque, traque, entrelaçava-se com a irregularidade trovejante dos passos do grupo desorganizado que corria nas passarelas mais altas.

De repente, ele notou um contraste. Os prédios do lado oposto da avenida pareciam desertos, os cabos e pontes que cruzavam o corredor estavam vazios e sombrios. Veio à mente de Graham que aqueles também deveriam estar abarrotados de pessoas.

Ele sentiu uma emoção curiosa — um pulsar rápido! Parou novamente. Os guardas à sua frente continuaram a marcha; os que estavam ao seu redor pararam com ele. Ele viu a direção para onde olhavam. O pulsar tinha algo a ver com as luzes. Ele também olhou para cima.

A princípio, parecia algo que afetava apenas as luzes, um fenômeno isolado, sem conexão aparente com o que acontecia abaixo. Cada enorme globo de luz ofuscante parecia ser comprimido, como num batimento cardíaco, seguido por uma liberação passageira, e novamente comprimido, num aperto que alternava rapidamente entre escuridão e luz, escuridão e luz.

Graham percebeu que o comportamento estranho das luzes tinha a ver com as pessoas lá embaixo. A aparência das casas e das avenidas, assim como das massas compactas de pessoas, mudou, tornando-se uma confusão de luzes vívidas e sombras que saltavam. Ele viu uma multidão de sombras surgirem agressivamente, parecendo avançar, ampliando-se, crescendo rapidamente — para então recuar de repente e voltar com mais força. O canto e o ritmo dos passos haviam cessado. A marcha unânime, ele percebeu, fora interrompida. Havia redemoinhos, um movimento lateral, e gritos de “As luzes!” Vozes clamavam em uníssono por uma única coisa. “As luzes!”, gritavam. “As luzes!” Ele olhou para baixo. Naquela dança de luzes moribundas, a área da rua havia se transformado repentinamente em uma luta monstruosa. Os grandes globos brancos tornaram-se roxo-claros, com um brilho avermelhado, piscando mais e mais rápido, alternando entre luz e escuridão, até pararem de piscar e se transformarem em simples pontos desvanecidos de vermelho em uma vastidão de escuridão. Em dez segundos, a extinção se completou, e restava apenas aquela escuridão rugindo, uma monstruosidade negra que havia engolido de repente aquelas miríades de homens brilhantes.

Ele sentiu formas invisíveis ao seu redor; seus braços foram agarrados. Algo bateu com força contra sua canela.

Uma voz gritou em seu ouvido: “Está tudo bem — tudo bem.” Graham sacudiu a paralisia de seu primeiro espanto. Ele bateu a testa contra a de Lincoln e gritou: “O que é essa escuridão?”

“O Conselho cortou a corrente que ilumina a cidade. Temos que esperar — parar. O povo vai continuar. Eles vão—” Sua voz foi abafada. Vozes gritavam: “Protejam o Adormecido. Cuidem do Adormecido.” Um guarda tropeçou em Graham e machucou sua mão com um golpe inadvertido de sua arma. Um tumulto selvagem o cercava, crescendo, ao que parecia, mais alto, denso e furioso a cada momento. Fragmentos de sons reconhecíveis chegavam até ele, sendo arrastados antes que sua mente pudesse compreendê-los. Parecia que vozes gritavam ordens conflitantes, enquanto outras respondiam. De repente, uma sucessão de gritos penetrantes soou logo abaixo deles.

Uma voz gritou em seu ouvido: “A polícia vermelha!”, e logo se afastou antes que ele pudesse fazer mais perguntas.

Um som de estalos se tornou mais nítido, acompanhado por pequenos flashes ao longo das passarelas distantes. Pela luz desses flashes, Graham viu cabeças e corpos de vários homens, armados com armas semelhantes às de seus guardas, saltarem para uma breve visibilidade na penumbra. Toda a área começou a estalar e brilhar com pequenos lampejos instantâneos de luz, e, de repente, a escuridão se afastou como uma cortina.

Um clarão de luz ofuscou seus olhos, uma vasta extensão fervilhante de homens em luta confundiu sua mente. Um grito, uma explosão de aplausos veio de longe. Ele olhou para cima em busca da fonte da luz. Um homem estava suspenso bem acima, pendurado pela parte superior de um cabo, segurando uma corda com a estrela ofuscante que havia dissipado a escuridão.

Ele usava um uniforme vermelho.

Os olhos de Graham voltaram para as passarelas. Um grupo vermelho, um pouco distante, chamou sua atenção. Ele viu que era uma massa densa de homens vestidos de vermelho, amontoados na passarela superior, com as costas contra o paredão implacável de um prédio, cercados por uma multidão de adversários.

Eles estavam lutando. Armas brilhavam, subiam e desciam, cabeças desapareciam na borda do combate e outras cabeças tomavam seus lugares, os pequenos flashes das armas verdes se transformavam em pequenas rajadas de fumaça cinza enquanto a luz durava.

SUBITAMENTE, o clarão se apagou, e as passarelas foram mergulhadas novamente em uma escuridão densa, um mistério tumultuoso.

Ele sentiu algo empurrando contra ele. Estava sendo levado ao longo da galeria. Alguém gritava — poderia ser para ele. Ele estava muito confuso para entender. Foi jogado contra a parede, e várias pessoas tropeçaram ao seu lado. Parecia-lhe que seus guardas estavam lutando entre si.

De repente, o portador da estrela suspensa pelo cabo apareceu novamente, e toda a cena ficou branca e ofuscante. O grupo de soldados de casaca vermelha parecia maior e mais próximo; seu ápice estava a meio caminho da passarela em direção a passagem central. Levantando os olhos, Graham viu que vários desses homens também haviam surgido agora nas galerias escuras mais baixas do prédio oposto e estavam atirando sobre as cabeças de seus companheiros abaixo, em direção à confusão fervilhante de pessoas nas passarelas inferiores. O significado disso tudo começou a se revelar para ele. A marcha do povo tinha caído em

uma emboscada logo no início. Lançados à confusão pela extinção das luzes, eles agora estavam sendo atacados pela polícia vermelha.

Foi então que percebeu que estava sozinho, que seus guardas e Lincoln estavam ao longo da galeria na direção de onde ele havia vindo antes de a escuridão cair. Ele os viu gesticulando freneticamente para ele, correndo de volta em sua direção. Um grande clamor vinha do outro lado das passarelas. Parecia que toda a face do prédio escurecido à sua frente estava cheia de homens vestidos de vermelho. Eles apontavam para ele e gritavam. “O Adormecido! Salvem o Adormecido!” gritaram várias vozes.

Algo atingiu a parede acima de sua cabeça. Ele olhou para o impacto e viu um respingo em forma de estrela de metal prateado. Ele viu Lincoln perto dele e sentiu seu braço ser agarrado. Ele havia sido alvo duas vezes, mas erraram.

Por um momento, ele não entendeu aquilo. A rua estava oculta, tudo estava oculto, enquanto ele olhava. O segundo clarão havia se apagado.

Lincoln agarrou Graham pelo braço e o puxava pela galeria. “Antes que a próxima luz acenda!” ele gritou. A urgência dele foi contagiante. O instinto de autopreservação de Graham superou a paralisia de seu espanto incrédulo. Por um tempo, ele se tornou uma criatura cega pelo medo da morte. Correu, tropeçando por causa da escuridão incerta, esbarrando em seus guardas enquanto eles também se viravam para correr com ele. A pressa era seu único desejo, escapar daquela galeria perigosa na qual estava exposto. Um terceiro clarão veio logo após os anteriores. Com ele, veio um grande clamor do outro lado das passarelas, e um tumulto correspondente. Ele viu que os soldados de casaca vermelha abaixo quase haviam alcançado a passagem central. Inúmeros rostos se voltaram para ele, e eles gritaram. A fachada branca oposta estava densamente pontilhada de vermelho. Todas essas coisas absurdas giravam ao redor dele, como se ele fosse o ponto central. Aqueles eram os guardas do Conselho tentando recapturá-lo.

Por sorte, para ele, esses disparos foram os primeiros feitos com raiva há cento e cinquenta anos. Ele ouviu balas zunindo acima de sua cabeça, sentiu um respingo de metal derretido queimar sua orelha, e percebeu, sem olhar, que toda a fachada oposta, uma emboscada desmascarada da polícia vermelha, estava lotada, gritando e atirando nele.

Um de seus guardas caiu à sua frente, e Graham, incapaz de parar, saltou sobre o corpo contorcido. Em questão de segundos, ele havia mergulhado, ileso, em um beco escuro, e imediatamente alguém, vindo talvez de uma direção transversal, trombou violentamente contra ele.

Ele estava descendo uma escada na mais completa escuridão. Cambaleou, foi novamente atingido e colidiu com as mãos uma parede. Foi esmagado por um peso de corpos lutando, girado, e empurrado. Uma enorme pressão o imobilizou. Ele não conseguia respirar, suas costelas pareciam se partir. Sentiu um alívio momentâneo, e então toda a massa de pessoas, movendo-se juntas, o empurrou de volta em direção ao grande teatro de onde ele havia saído recentemente. Houve momentos em que seus pés nem tocavam o chão. Depois, ele estava cambaleando e empurrando.

Ouviu gritos de “Eles estão chegando!” e um grito abafado perto dele. Seu pé tropeçou em algo macio, e ele ouviu um grito rouco sob seus pés. Ouviu gritos de “O Adormecido!”, mas estava muito confuso para falar. Ouviu as armas verdes estalando. Por um momento, ele perdeu sua vontade individual, tornando-se um átomo em meio ao pânico, cego, sem pensar, mecânico. Ele empurrava e pressionava de volta, torcendo-se na multidão, até que seus pés finalmente bateram em um degrau, e ele percebeu que estava subindo uma inclinação.

De repente, os rostos ao seu redor emergiram da escuridão, visíveis, pálidos e aterrorizados, suando, sob um brilho lívido. Um rosto, o de um jovem, estava muito perto dele, a menos de cinquenta centímetros de distância. Naquele momento, foi apenas um incidente passageiro sem valor emocional, mas depois isso retornaria a ele em seus sonhos. Aquele jovem, preso de pé no meio da multidão por algum tempo, já havia sido baleado e estava morto.

Uma quarta estrela branca devia ter sido acesa pelo homem no cabo. Sua luz entrava pelas janelas e arcos gigantes, e mostrou a Graham que ele agora fazia parte de uma massa densa de figuras negras em fuga, sendo empurradas para trás através da área inferior do grande teatro. Desta vez, a imagem era pálida e fragmentada, cortada e sombreada por escuridão. Ele viu que, bem perto dele, os guardas vermelhos estavam abrindo caminho através das pessoas. Não sabia se o haviam visto. Procurou por Lincoln e seus guardas. Viu Lincoln perto do palco do teatro, cercado por uma multidão de revolucionários com insígnias pretas, erguido e olhando de um lado para o outro como se estivesse à sua procura.

Graham percebeu que ele mesmo estava perto da borda oposta da multidão, e que atrás dele, separado por uma barreira, estavam os assentos agora vazios do teatro. Uma ideia repentina surgiu em sua mente, e ele começou a lutar para chegar à barreira. Quando finalmente a alcançou, o brilho se apagou.

Em um instante, ele tirou o grande manto que não apenas dificultava seus movimentos, mas o tornava chamativo, e o deslizou de seus ombros. Ele ouviu alguém tropeçar nas suas roupas. Logo em seguida, ele estava escalando a barreira e caiu na escuridão do outro lado.

Tateando, encontrou o final de uma rampa ascendente. Na escuridão, o som dos disparos cessou e o rugido de passos e vozes diminuiu. De repente, ele se deparou com um degrau inesperado, tropeçou e caiu. No momento em que isso aconteceu, poças e ilhas em meio à escuridão ao seu redor saltaram para uma luz vívida novamente, o tumulto aumentou e o brilho da quinta estrela branca iluminou as enormes janelas do teatro.

Ele rolou entre alguns assentos, ouviu gritos e o zumbido das armas, tentou se levantar e foi derrubado novamente. Percebeu que vários homens com insígnias negras estavam ao seu redor, atirando nos soldados vermelhos, pulando de assento em assento e agachando-se para recarregar. Instintivamente, ele se abaixou entre os assentos, enquanto tiros perdidos rasgavam as almofadas pneumáticas e cortavam com brilho as suaves placas de metal. Ele marcou, por instinto, a direção das rampas, o caminho mais provável para sua fuga assim que a escuridão caísse novamente.

Um jovem, vestindo roupas desbotadas, saltou por cima dos assentos. “Ei!” disse ele, com seus pés voando a poucos centímetros do rosto do Adormecido.

Ele olhou sem qualquer sinal de reconhecimento, virou-se para atirar, disparou e, gritando “Maldito seja o Conselho!”, estava prestes a atirar novamente. Então pareceu a Graham que metade do pescoço desse homem havia desaparecido. Uma gota de umidade caiu na bochecha de Graham. A arma verde parou, meio erguida. Por um momento, o homem ficou parado, com o rosto subitamente inexpressivo, e então começou a inclinar-se para frente. Seus joelhos se dobraram. Homem e escuridão caíram juntos. Ao som de sua queda, Graham se levantou e correu pela sua vida até tropeçar em um degrau na rampa. Ele se levantou rapidamente, subiu pela rampa e continuou correndo.

QUANDO a sexta estrela brilhou, ele já estava perto da boca escancarada de um corredor.

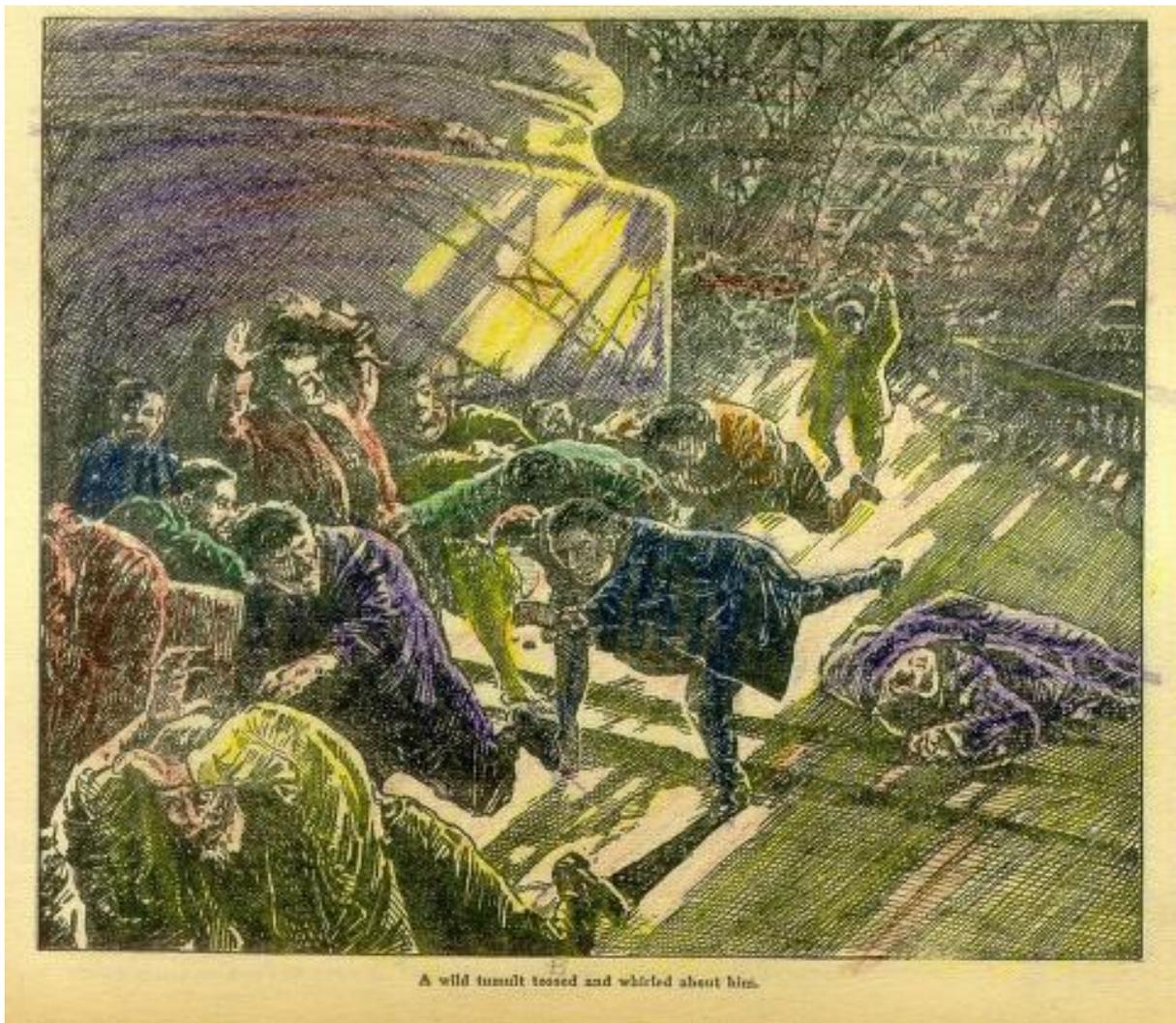
Correu ainda mais rápido com a luz, entrou no corredor e virou uma esquina para a escuridão absoluta novamente. Foi derrubado de lado, rolou no chão e se levantou. Percebeu que agora fazia parte de uma multidão de fugitivos invisíveis, todos pressionando na mesma direção. Seu único pensamento agora era o mesmo deles: escapar daquela luta. Ele empurrava e golpeava, cambaleava, corria, ficava preso, perdia terreno, e então estava livre de novo.

Por alguns minutos, correu pela escuridão em um corredor sinuoso, depois atravessou um espaço amplo e aberto, desceu uma longa inclinação e finalmente desceu uma escadaria até um lugar plano.

Muitas pessoas gritavam: “Eles estão vindo! Os guardas estão vindo. Eles estão atirando. Fugam da luta! Os guardas estão atirando. Será seguro na Via Sete!”

“Por aqui até a Via Sete!” Havia mulheres e crianças na multidão, além de homens. Alguns homens gritavam nomes para ele. A multidão convergiu em direção a um arco, passou por um corredor curto e emergiu em um espaço mais amplo, iluminado de forma tênue. As figuras negras ao seu redor se espalharam e começaram a subir o que parecia, no crepúsculo, ser uma gigantesca série de degraus. Ele os seguiu. As pessoas se dispersaram para a direita e para a esquerda... Ele percebeu que não estava mais no meio de uma multidão. Parou perto do degrau mais alto. À sua frente, naquele nível, havia grupos de assentos e um pequeno quiosque. Ele se aproximou, e, parando à sombra da cobertura, olhou ao redor, ofegante.

Tudo estava vago e cinza, mas ele reconheceu que aqueles grandes degraus eram uma série de plataformas dos “caminhos”, agora imóveis novamente. A plataforma inclinava-se para os dois lados, e os altos edifícios se erguiam além, enormes fantasmas difusos, com suas inscrições e anúncios indistintamente visíveis. Entre as vigas e cabos, uma faixa interrompida de céu pálido podia ser vista. Várias pessoas passavam apressadas. Pelos gritos e vozes,



parecia que estavam correndo para se juntar à luta. Outras figuras menos barulhentas moviam-se timidamente entre as sombras.

De muito longe, ao final da rua, ele podia ouvir o som de uma luta. Mas estava claro para ele que aquela não era a rua para qual o teatro se abria. A antiga batalha, ao que parecia, havia de repente desaparecido de seus ouvidos. E — pensamento grotesco! — estavam lutando por ele!

Por um momento, ele se sentiu como um homem que interrompe a leitura de um livro intenso e de repente duvida do que estava aceitando sem questionar. Naquele momento, ele não tinha muita clareza sobre os detalhes; o efeito total era de um imenso espanto.

Curiosamente, enquanto a fuga da prisão do Conselho, a grande multidão no salão e o ataque da polícia vermelha sobre as pessoas em massa estavam claros em sua mente, era difícil para ele ligar esses eventos ao seu despertar e ao intervalo meditativo nas Salas Silenciosas. No início, sua memória pulava essas coisas e o levava de volta à cascata em Pentargen, tremendo ao vento, e a toda a sombria majestade da costa iluminada pelo sol da Cornualha. O contraste tingia tudo com uma sensação de irrealidade. E então a lacuna foi preenchida, e ele começou a compreender sua situação.

Não era mais um enigma absoluto, como tinha sido nas Salas Silenciosas.

Pelo menos agora ele tinha o estranho e simples esboço da situação. De alguma forma, ele era o dono de metade do mundo, e grandes partidos políticos estavam lutando para possuí-lo. De um lado estava o Conselho Branco, com sua polícia vermelha, aparentemente decidida a usurpar sua propriedade e talvez assassiná-lo; do outro, a revolução que o havia libertado, liderada por este invisível “Ostrog”. E toda essa gigantesca cidade estava convulsionada por essa luta. O frenético desenvolvimento de seu mundo! “Eu não entendo,” ele gritou. “Eu não entendo!” Ele tinha escapado entre as partes em conflito, alcançando essa liberdade no crepúsculo. O que aconteceria a seguir? O que estava acontecendo? Ele imaginava os homens vestidos de vermelho caçando-o freneticamente, empurrando os revolucionários de insígnias negras à sua frente.

De qualquer forma, o acaso lhe deu um momento para respirar.

Ele podia espreitar sem ser desafiado pelos transeuntes e observar o curso dos acontecimentos. Seus olhos seguiram a imensidão intricada e nebulosa dos prédios no crepúsculo, e ele se deu conta, como algo infinitamente maravilhoso, que lá em cima o sol estava nascendo, e o mundo estava iluminado e brilhando com a velha e familiar luz do dia. Em pouco tempo, ele recuperou o fôlego. Suas roupas já haviam secado do contato com a neve.

Ele vagou por quilômetros ao longo desses caminhos crepusculares, sem falar com ninguém, sem ser abordado por ninguém — uma figura sombria entre figuras sombrias — o cobiçado homem vindo do passado, o dono inestimável e não intencional de metade do mundo.

Sempre que havia luzes, multidões densas ou uma excitação excepcional, ele temia ser reconhecido, e observava, voltava ou subia e descia pelas escadas centrais, entrando em algum sistema transversal de caminhos em um nível mais baixo ou mais alto. E embora não tenha encontrado mais lutas, toda a cidade fervilhava da batalha. Um certo momento, ele teve que correr para evitar uma multidão marchando que varria a rua. Todos que estavam do lado de fora pareciam envolvidos. Na maior parte, eram homens, e carregavam o que ele supôs serem armas. Parecia que a luta estava concentrada principalmente no bairro da cidade de onde ele havia vindo. De tempos em tempos, um rugido distante, a sugestão remota daquele conflito, chegava aos seus ouvidos. Então sua cautela e sua curiosidade lutavam entre si. Mas sua cautela prevalecia, e ele continuava vagando para longe da batalha — tanto quanto ele conseguia julgar. Ele seguiu sem ser molestado, sem ser suspeito, através da escuridão. Após algum tempo, ele parou de ouvir até mesmo um eco remoto da batalha, cada vez menos pessoas passavam por ele, até que, finalmente, as ruas titânicas se tornaram desertas. As fachadas dos prédios tornaram-se claras e duras; parecia que ele havia chegado a um distrito de armazéns vazios.

A solidão foi se aproximando dele — seu ritmo diminuiu.

Ele se deu conta de uma fadiga crescente. Às vezes, desviava-se e sentava-se em um dos inúmeros bancos dos caminhos superiores. Mas uma inquietação febril, a consciência de sua vital implicação naquela luta, não o deixava descansar em lugar algum por muito tempo. Seria a luta apenas por ele?

E então, em um lugar desolado, veio o choque de um terremoto — um rugido e trovão — um vento poderoso de ar frio soprando pela cidade, o estilhaçar de vidro, o deslize e baque de alvenaria caindo — uma série de concussões gigantescas. Uma massa de vidro e estrutura de ferro caiu dos telhados distantes na galeria central, a menos de cem metros de onde ele estava, e à distância ouviam-se gritos e correria. Ele também foi tomado por uma atividade sem direção, correndo primeiro para um lado e depois, sem rumo, de volta.

Um homem veio correndo em sua direção. Seu autocontrole retornou. “O que eles explodiram?” perguntou o homem, sem fôlego. “Aquilo foi uma explosão,” e antes que Graham pudesse falar, o homem já havia seguido em frente apressado.

Os grandes edifícios se erguiam sombriamente, velados por um crepúsculo confuso, embora o filete de céu acima já estivesse claro com o dia. Ele notou várias características estranhas, sem entender nenhuma delas naquele momento; ele até decifrou muitas das inscrições em letras fonéticas. Mas de que adianta decifrar uma confusão de letras estranhas, que, após um doloroso esforço de vista e mente, se transformam em “Aqui está Eadhamite” ou “Bistrô de Trabalho — Menor lado”? Pensamento grotesco, que provavelmente algumas ou todas essas casas imponentes eram suas!

A perversidade de sua experiência o atingiu de forma vívida. De fato, ele havia dado um salto no tempo, como os romancistas imaginaram repetidamente. E, tendo realizado esse fato, ele estava preparado, sua mente, por assim dizer, se acomodou para assistir a um espetáculo. Mas nenhum espetáculo veio, apenas um grande e vago perigo, sombras antipáticas e véus de escuridão. Em algum lugar através dessa obscuridade labiríntica, sua morte o procurava. Será que ele, afinal, seria morto antes de ver o espetáculo? Talvez, até na próxima esquina sombria, sua destruição estivesse à espreita. Um grande desejo de ver, uma ânsia de saber, surgiu nele.

Ele começou a temer as esquinas. Parecia-lhe que a segurança estava na ocultação. Onde poderia se esconder para ser imperceptível quando as luzes voltassem? Finalmente, ele se sentou em um banco em um recuo de um dos caminhos mais altos, acreditando estar sozinho ali.

Ele apertou os punhos cansados contra os olhos fatigados. Suponha que, ao olhar novamente, ele encontrasse o vale escuro de caminhos paralelos e aquela altura intolerável de edifícios, desaparecidos? Suponha que descobrisse que toda a história desses últimos dias — o despertar, as multidões gritando, a escuridão e a luta — fosse uma fantasmagoria, um novo e mais vívido tipo de sonho. Só podia ser um sonho; era tão inconsequente, tão sem sentido. Por que as pessoas estavam lutando por ele? Por que esse mundo mais sensato o consideraria como Proprietário e Mestre?

Assim ele pensava, sentado com os olhos fechados, e então olhou novamente, meio que esperando, apesar de seus ouvidos, ver algum aspecto familiar da vida do século XIX, ver, talvez, o pequeno porto de Boscastle ao seu redor, as falésias de Pentargen ou o quarto de sua casa. Mas a realidade não dá atenção às esperanças humanas. Um esquadrão de homens com uma bandeira preta marchou pelas sombras mais próximas, determinados ao conflito, e além erguia-se aquela parede vertiginosa de fachadas, vasta e sombria, com as letras incompreensíveis e indistintas aparecendo levemente em sua superfície.

“Não é um sonho,” ele disse, “não é um sonho”. E ele curvou o rosto sobre as mãos.

## CAPÍTULO XI — O Velho que Sabia Tudo

Ele foi surpreendido por uma tosse perto dali.

Virou-se bruscamente e, espiando, viu uma pequena figura curvada sentada a poucos metros de distância, na sombra do recinto.

“Você tem notícias?”, perguntou a voz aguda e ofegante de um homem muito velho.

Graham hesitou. “Nenhuma,” respondeu.

“Eu fico aqui até as luzes voltarem,” disse o velho. “Esses canalhas de azul estão por toda parte — por toda parte.”

A resposta de Graham foi um murmúrio inarticulado de concordância. Ele tentou ver o velho, mas a escuridão escondia seu rosto. Queria muito responder, conversar, mas não sabia como começar.

“Escuro e amaldiçoado,” disse o velho de repente. “Escuro e amaldiçoado. Expulso do meu quarto em meio a todos esses perigos.”

“Isso é duro,” arriscou Graham. “Isso é difícil para você.”

“Escuridão. Um velho perdido na escuridão. E todo o mundo enlouquecido. Guerra e luta. A polícia derrotada e ladrões soltos. Por que não trazem alguns homens para nos proteger?... Nada de mais becros escuros para mim. Tropecei em um homem morto. Você está mais seguro com companhia,” disse o velho, “se for a companhia certa,” e olhou atentamente. Ele se levantou de repente e foi em direção a Graham.

Aparentemente, a análise que ele fez foi satisfatória. O velho sentou-se como se aliviado por não estar mais sozinho. “Ah!” disse ele, “mas esses são tempos terríveis! Guerra e luta, e os mortos espalhados por aí — homens, homens fortes, morrendo na escuridão. Filhos! Eu tenho três filhos. Deus sabe onde eles estão esta noite.” A voz cessou. Então repetiu trêmula: “Deus sabe onde eles estão esta noite.”

Graham permaneceu em silêncio, tentando formular uma pergunta que não revelasse sua ignorância. Mais uma vez, a voz do velho quebrou a pausa.

“Esse Ostrog vai vencer,” disse ele. “Ele vai vencer. E como será o mundo sob seu domínio, ninguém pode dizer. Meus filhos estão sob os cata-ventos, todos os três. Uma das minhas noras foi amante dele por um tempo. Amante dele! Nós não somos gente comum. Embora tenham me mandado vagar esta noite e enfrentar a sorte... Eu sabia o que estava acontecendo. Antes de muita gente. Mas essa escuridão! E tropeçar de repente em um corpo morto no escuro!” Sua respiração ofegante podia ser ouvida.

“Ostrog!”, disse Graham.

“O maior Chefe que o mundo já viu,” respondeu a voz.

Graham vasculhou sua mente. “O Conselho tem poucos amigos entre o povo,” arriscou.

“Poucos amigos. E pobres, ainda por cima. Já tiveram seu tempo. Eh! Deveriam ter se mantido próximos dos mais espertos. Mas fizeram eleições duas vezes. E Ostrog—. E agora explodiu e nada pode detê-lo, nada pode detê-lo. Duas vezes rejeitaram Ostrog — Ostrog, o Mestre. Ouvi falar da suas fúria na época — ele era terrível. Que o céu os proteja! Pois nada na Terra pode, agora que ele levantou as Companhias de Trabalho contra eles. Ninguém mais teria ousado. Todo o tecido azul armado e marchando! Ele vai seguir em frente. Ele vai seguir em frente.” Ele ficou em silêncio por um momento. “Esse Dorminhoco,” disse ele, e parou.

“Sim,” disse Graham. “E então?”

A voz senil caiu para um sussurro confidencial, e o rosto pálido e vago se aproximou. “O verdadeiro Dorminhoco—”

“Sim,” disse Graham.

“Morreu há anos.”

“O quê?” disse Graham, com surpresa.

“Há anos. Morreu. Há anos.”

“Você não está dizendo!” disse Graham.

“Estou. Estou dizendo. Ele morreu. Esse Dorminhoco que acordou — eles trocaram durante a noite. Uma criatura drogada e insensível. Mas não devo contar tudo o que sei. Não devo contar tudo o que sei.”

Por um momento, ele murmurou inaudivelmente. Seu segredo era demais para ele. “Não conheço quem o fez dormir — isso foi antes do meu tempo — mas conheço o homem que injetou os estimulantes e o despertou novamente. Era uma questão de vida ou morte — acordar ou matar. O jeito de Ostrog.”

Graham estava tão espantado com essas revelações que teve que interromper, pedir ao velho para repetir suas palavras e questionar vagamente, até ter certeza do significado e da tolice do que ouvira. E seu despertar não tinha sido natural? Seria essa uma superstição senil de um velho, ou havia alguma verdade nisso? Vasculhando nos cantos escuros de sua memória, ele logo encontrou algo que poderia ser uma impressão de algum efeito estimulante. Percebeu que havia tido um encontro feliz, que finalmente poderia aprender algo sobre a nova era. O velho respirou ofegante por um tempo e cuspiu, e então a voz fina e nostálgica continuou:

“A primeira vez que o rejeitaram. Eu acompanhei tudo.”

“Rejeitaram quem?” disse Graham. “O Dorminhoco?”

“Dorminhoco? Não. Ostrog. Ele era terrível — terrível! E foi prometido então, prometido na próxima vez. Eram tolos — não terem mais medo dele. Agora toda a cidade é sua pedra de moinho, e nós, como poeira, moídos nela. Poeira moída nela. Até que ele começasse a trabalhar — os trabalhadores cortavam a garganta uns dos outros, e às vezes matavam um chinês ou um policial de Trabalho, e deixavam o resto de nós em paz. Corpos mortos! Roubo! Escuridão! Algo assim não ocorre há anos. Eh! — mas é ruim para os pequenos quando os grandes brigam! É ruim.”

“Você disse... não havia o quê? Há três dúzias de anos?”

“Eh?” disse o velho.

O velho disse algo sobre não ter entendido bem as palavras e fez com que Graham repetisse pela terceira vez.

“Luta e matança, com armas nas mãos, e tolos gritando por liberdade e coisas do tipo,” disse o velho. “Nunca na minha vida houve isso. Isso é como nos velhos tempos, com certeza — quando o povo de Paris se revoltou, há três dúzias de anos. É isso que eu quero dizer que não houve. Mas é o jeito do mundo. Tinha que voltar. Eu sei. Eu sei. Há cinco anos que Ostrog vem trabalhando, e tem ocorrido problemas e mais problemas, fome e ameaças, conversas exaltadas e armas. Manto azul e murmúrios. Ninguém está seguro. Tudo deslizando e escapando. E agora, aqui estamos! Revolta e luta, e o Conselho chegando ao fim.”

“Você está bem informado sobre essas coisas,” disse Graham.

“Eu sei o que ouço. Não é tudo máquina de fofocas.”

“Não,” disse Graham, se perguntando o que seria essa tal de máquina de fofocas. “E você tem certeza de que Ostrog — tem certeza de que Ostrog organizou essa rebelião e planejou o despertar do Dorminhoco? Apenas para se afirmar — porque não foi eleito para o Conselho?”

“Todo mundo sabe disso, eu acho,” disse o velho. “Exceto... os tolos. Ele queria ser o mestre de algum jeito. No Conselho ou não. Todo mundo que sabe de alguma coisa sabe disso. E aqui estamos com corpos mortos jogados no escuro! Ora, onde você esteve se não ouviu falar de todo o problema entre Ostrog e os Verneys? E o que você acha que causou esses problemas? O Dorminhoco. Hein? Você acha que o Dorminhoco é real e que acordou por conta própria —é?”

“Sou um homem meio lerdo, mais velho do que pareço, e esquecido,” disse Graham. “Muitas coisas aconteceram — especialmente nos últimos anos... Se eu fosse o Dorminhoco, para falar a verdade, eu não saberia menos sobre isso.”

“Eh!” disse a voz. “Velho, é? Você não soa tão velho assim! Mas nem todo mundo guarda a memória até minha idade — de fato. Mas essas coisas notórias! Mas você não é tão velho quanto eu — nem de longe tão velho quanto eu. Bem! Talvez eu não devesse julgar os outros por mim mesmo, talvez. Sou jovem — para um homem tão velho. Talvez você seja velho para alguém tão jovem.”

“É isso,” disse Graham. “E tenho uma história estranha. Eu sei muito pouco. E história; praticamente não sei nada de história. O Dorminhoco e Júlio César são a mesma coisa para mim. É interessante ouvir você falar dessas coisas.”

“Eu sei de algumas coisas,” disse o velho. “Eu sei uma ou duas coisas. Mas... Escute!”

Os dois homens ficaram em silêncio, ouvindo. Houve um baque pesado, uma concussão que fez o banco deles tremer. Os transeuntes pararam, gritaram uns para os outros.

O velho estava cheio de perguntas; ele gritou para um homem que passou próximo a eles. Graham, encorajado pelo exemplo dele, levantou-se e abordou outros. Ninguém sabia o que havia acontecido.

Ele voltou para o banco e encontrou o velho murmurando vagos questionamentos em voz baixa. Por um tempo, não disseram nada um ao outro.

A sensação dessa luta gigantesca, tão próxima e, ao mesmo tempo, tão distante, oprimia a imaginação de Graham. Será que o velho estava certo? Será que o relato das pessoas estava correto e os revolucionários estavam vencendo? Ou todos estavam enganados, e os guardas vermelhos estavam dominando tudo?

A qualquer momento, o fluxo da guerra poderia invadir este bairro silencioso da cidade e capturá-lo novamente. Era necessário que ele aprendesse tudo o que pudesse enquanto ainda havia tempo.

Ele se virou de repente para o velho com uma pergunta, mas a deixou pra lá. No entanto, seu movimento levou o velho a falar novamente.

“Eh! Como as coisas trabalham juntas!” disse o velho. “Esse Dorminhoco em quem todos os tolos depositam sua confiança! Eu conheço toda a história — sempre fui bom com histórias. Quando eu era garoto — sou muito velho assim — eu costumava ler livros impressos. Você mal acreditaria. Provavelmente você nunca viu nenhum — eles apodrecem e viram pó — e a Companhia de Saneamento os queima para fazer carbonita. Mas eram convenientes à sua maneira suja. Aprendia-se muito. Essas novas Máquinas de Fofocas — não parecem novas para você, hein? — são fáceis de ouvir, fáceis de esquecer. Mas eu segui toda a história do Adormecido desde o início.”

“Você mal vai acreditar,” disse Graham lentamente, “eu sou tão ignorante — estive tão ocupado com meus próprios e pequenos problemas, minhas circunstâncias de vida foram tão estranhas — eu não sei nada sobre a história desse Adormecido. Quem era ele?”

“Eh!” disse o velho. “Eu sei. Eu sei. Ele era um pobre ninguém, apaixonado por uma mulher brincalhona, pobre coitado! E ele caiu em um transe. Há aqueles velhos registros, aquelas coisas marrons — fotografias de prata — ainda o mostram enquanto ele deitava, uma dúzia e meia de anos atrás — uma dúzia e meia de anos.”

“Envolvido com uma mulher brincalhona, pobre coitado,” disse Graham suavemente para si mesmo, e então em voz alta, “Sim — bem, continue.”

“Você deve saber que ele tinha um primo chamado Warming, um homem solitário, sem filhos, que fez uma grande fortuna especulando em estradas — nas primeiras estradas Eadhamite. Mas com certeza você já ouviu falar disso, não? Por quê? Ele comprou todas as patentes e formou uma grande empresa. Naquela época, havia dúzias e dúzias de empresas separadas e companhias de negócios. Dúzias e dúzias! As estradas dele mataram os trens —aquele sistema antigo — em duas dúzias de anos; ele comprou e converteu as vias para o sistema Eadhamite. E porque não queria dividir sua grande propriedade ou incluir acionistas, ele deixou tudo para o Dorminhoco, e colocou sob um Conselho de Curadores que ele mesmo escolheu e treinou. Ele sabia que o Dorminhoco não acordaria, que continuaria dormindo, dormindo até morrer. Ele sabia muito bem disso! E, de repente! Um homem nos Estados Unidos, que havia perdido dois filhos em um acidente de barco, deixou outro grande legado. Os curadores se viram com uma dúzia de milhares de libras ou mais em propriedade logo no início.”

“Qual era o nome dele?”

“Graham.”

“Não — quero dizer, o nome do americano.”

“Isbister.”

“Isbister!” exclamou Graham. “Ora, eu nem conheço o nome.”

“Claro que não,” disse o velho. “Claro que não. Hoje em dia, as pessoas não aprendem muito na escola. Mas eu sei tudo sobre ele. Ele era um americano rico que veio da Inglaterra e deixou ainda mais para o Dorminhoco do que Warming. Como ele conseguiu? Isso eu não sei. Algo relacionado a imagens por máquinas. Mas ele fez sua fortuna e a deixou, e assim o Conselho teve seu início. No começo, era apenas um conselho de curadores.”

“E como cresceu?”

“Eh! — mas você não está por dentro das coisas. Dinheiro atrai dinheiro — e doze cérebros são melhores do que um. Eles jogaram de forma inteligente. Manipularam a política com dinheiro e continuaram a aumentar suas riquezas trabalhando com moeda e tarifas. Eles cresceram — cresceram. E por anos os doze curadores esconderam o crescimento da propriedade do Dorminhoco, usando nomes duplos, títulos de empresas e todas essas coisas. O Conselho se espalhou por títulos de posse, hipotecas, ações, compraram todos os partidos políticos, todos os jornais. Se você ouvir as velhas histórias, verá o Conselho crescendo e crescendo. Bilhões e bilhões de leões ao final — o patrimônio do Dorminhoco. E tudo começou de um capricho — do testamento de Warming, e de um acidente com os filhos de Isbister.

“Os homens são estranhos,” disse o velho. “O que me surpreende é como o Conselho trabalhou junto por tanto tempo. Doze deles. Mas desde o início trabalhavam em grupos. E eles decaíram. Nos meus dias de jovem, falar do Conselho era como um homem ignorante falando de Deus. Nós não pensávamos que eles poderiam errar. Não sabíamos sobre suas mulheres e todas aquelas coisas! Ou talvez eu tenha ficado mais sábio.

“Os homens são estranhos,” disse o velho. “Aqui está você, jovem e ignorante, e eu — com setenta anos, e eu, que poderia estar esquecendo as coisas — explicando tudo para você de forma clara e breve.

“Setenta,” ele disse, “setenta, e eu ouço e vejo — ainda ouço melhor do que vejo. E raciocino claramente, e me mantenho atualizado com tudo o que acontece. Setenta!

“A vida é estranha. Eu tinha vinte anos antes de Ostrog nascer. Eu me lembro dele muito antes de ele chegar ao comando do Controle das Hélices de Vento. Eu vi muitas mudanças. Eh! Eu já vesti o azul. E por fim cheguei a ver essa confusão, essa escuridão e tumulto, e homens mortos sendo carregados em pilhas pelas ruas. E tudo obra dele! Tudo obra dele!”

Sua voz foi morrendo em elogios mal articulados a Ostrog.

Graham pensou. “Deixe-me ver,” ele disse, “se eu entendi direito.” Ele estendeu a mão e contou pontos em seus dedos. “O Dorminhoco está adormecido—”

“Trocado,” disse o velho.

“Talvez. E enquanto isso, a propriedade do Adormecido cresceu nas mãos de doze curadores, até que engoliu praticamente todas as grandes propriedades do mundo. Os doze curadores — em virtude dessa propriedade — se tornaram virtualmente os mestres do mundo. Porque eles são o poder financeiro — assim como o antigo Parlamento inglês costumava ser—”

“Eh!” disse o velho. “Isso mesmo — é uma boa comparação. Você não é tão—”

“E agora esse Ostrog — de repente revolucionou o mundo ao acordar o Dorminhoco — quem, até então, apenas as pessoas supersticiosas e comuns acreditavam que um dia voltaria a acordar — e fez com que o Dorminhoco reivindicasse sua propriedade do Conselho, depois de todos esses anos.”

O velho endossou essa afirmação com uma tosse.

“É estranho,” ele disse, “encontrar um homem que está aprendendo essas coisas pela primeira vez esta noite.”

“Sim,” disse Graham, “é estranho.”

“Você já esteve em uma Cidade do Prazer?” perguntou o velho.

“A vida toda eu desejei—” Ele riu. “Mesmo agora,” ele disse, “eu poderia aproveitar um pouco de diversão. Aproveitar para ver as coisas, tanto faz.” Ele murmurou uma frase que Graham não entendeu.

“O Dorminhoco — quando ele acordou?” perguntou Graham de repente.

“Três dias atrás.”

“Onde ele está?”

“Ostrog está com ele. Ele escapou do Conselho há menos de quatro horas. Meu caro senhor, onde você estava naquela hora? Ele estava no salão dos mercados — onde a luta aconteceu. Toda a cidade estava gritando sobre isso. Todas as Máquinas de Fofoca. Em todos os lugares falavam disso. Até os tolos que falam pelo Conselho estavam admitindo. Todos estavam correndo para vê-lo — todos estavam pegando armas. Você estava bêbado ou dormindo? E mesmo assim! Mas você está brincando! Com certeza você está fingindo. Foi para parar os gritos das Máquinas de Fofoca e impedir que as pessoas se reunissem que eles desligaram a eletricidade — e nos colocaram nessa maldita escuridão. Você quer dizer que—?”

“Eu ouvi dizer que o Adormecido foi resgatado,” disse Graham.

“Mas — voltando um momento. Você tem certeza de que Ostrog está com ele?”

“Ele não vai deixá-lo ir,” disse o velho.

“E o Dorminhoco. Você tem certeza de que ele é genuíno? Nunca ouvi falar—”

“É o que todos os tolos pensam. Eles acham isso. Como se não houvesse milhares de coisas que nunca foram ouvidas. Eu conheço Ostrog bem demais para isso. Eu te disse? De certa forma, sou uma espécie de parente de Ostrog. Uma espécie de parente. Através da minha nora.”

“Eu suponho—”

“O quê?”

“Suponho que não haja chance de esse Dorminhoco se afirmar. Suponho que ele certamente será uma marionete — nas mãos de Ostrog ou do Conselho, assim que a luta terminar.”

“Nas mãos de Ostrog — certamente. Por que ele não seria uma marionete? Olhe para a posição dele. Tudo feito para ele, todo prazer possível. Por que ele iria querer se afirmar?”

“O que são essas Cidades do Prazer?” perguntou Graham, abruptamente.

O velho fez com que ele repetisse a pergunta. Quando finalmente teve certeza das palavras de Graham, o empurrou violentamente. “Isso é demais,” disse ele. “Você está zombando de um velho. Já suspeitava que você sabia mais do que aparenta.”

“Talvez eu saiba,” disse Graham. “Mas não! Por que eu continuaria fingindo? Não, eu não sei o que é uma Cidade do Prazer.”

O velho riu de um jeito íntimo.

“Além disso, eu não sei ler suas cartas, não sei qual dinheiro você usa, não conheço os países estrangeiros. Não sei onde estou. Não sei contar. Não sei onde conseguir comida, bebida ou abrigo.”

“Venha, venha,” disse o velho, “se você tivesse um copo de bebida agora, onde você colocaria? No ouvido ou no olho?”

“Quero que você me conte todas essas coisas.”

“Ah, ah! Bem, senhores que se vestem de seda tem que se divertir.” Uma mão enrugada acariciou o braço de Graham por um momento. “Seda. Bem, bem! Mas, mesmo assim, eu gostaria de ser o homem que foi posto como o Adormecido. Ele terá um ótimo tempo. Toda a pompa e prazer. Ele tem uma aparência estranha. Quando costumavam permitir que alguém fosse vê-lo, eu consegui ingressos e fui. A imagem do verdadeiro, conforme mostram as fotografias, era esse substituto. Amarelo. Mas ele vai ficar enjoado. É um mundo esquisito. Pense na sorte disso. A sorte disso. Eu espero que ele seja enviado para Capri. É a melhor diversão.”

A tosse o dominou novamente. Então ele começou a murmurar com inveja sobre prazeres e diversões estranhas. “A sorte disso, a sorte disso! Toda a minha vida estive em Londres, esperando minha chance.”

“Mas você sabe que o Adormecido morreu,” disse Graham, de repente.

O velho fez ele repetir suas palavras.

“Homens não vivem além de cem e vinte anos. Isso não está na ordem das coisas,” disse o velho. “Não sou tolo. Tolos podem acreditar, mas eu não.”

Graham ficou irritado com a certeza do velho. “Se você é tolo ou não,” disse ele, “acontece que você está errado sobre o Adormecido.”

“Eh?”

“Você está errado sobre o Adormecido. Eu não tinha te contado antes, mas vou te contar agora. Você está errado sobre o Adormecido.”

“Como você sabe? Achei que você não sabia nada — nem mesmo sobre Cidades do Prazer.”

Graham hesitou.

“Você não sabe,” disse o velho. “Como você pode saber? São poucos os homens—”

“Eu sou o Adormecido.”

Ele teve que repetir.

Houve uma breve pausa. “Isso é uma coisa boba de se dizer, senhor, se me permite. Pode te trazer problemas em um tempo como este,” disse o velho. Graham, um pouco desalentado, repetiu sua afirmação.

“Eu estava dizendo que sou o Adormecido. Que há muitos e muitos anos eu adormeci, em uma pequena vila de pedra, nos dias em que havia cercas vivas, vilas, estalagens e todo o campo dividido em pequenos pedaços, pequenos campos. Você nunca ouviu falar desses dias? E sou eu — eu que falo com você — quem despertou novamente há quatro dias.”

“Quatro dias! — o Adormecido! Mas eles têm o Adormecido. Eles o têm e não vão deixá-lo ir. Bobagem! Você tem falado com bom senso até agora. Eu posso ver como se estivesse lá. Haverá um Lincoln como um vigia logo atrás dele; não o deixarão andar sozinho. Acredite, eles são assim. Você é um sujeito estranho. Um desses que gosta de fazer piada. Agora entendo por que você tem falado de maneira tão esquisita, mas—”

Ele parou abruptamente, e Graham viu seu gesto.

“Como se Ostrog deixasse o Adormecido andar por aí sozinho! Não, você está falando isso para a pessoa errada. Eh! Como se eu fosse acreditar. Qual é o seu truque? E além disso, estávamos falando do Adormecido.”

Graham se levantou. “Escute,” disse ele. “Eu sou o Adormecido.”

“Você é um homem estranho,” disse o velho, “para estar aqui no escuro, falando de forma truncada e dizendo uma mentira dessas. Mas—”

A exasperação de Graham virou riso. “É ridículo,” exclamou. “Ridículo. O sonho deve acabar. Fica cada vez mais louco. Aqui estou eu — neste maldito crepúsculo — nunca tive um sonho num crepúsculo antes — um anacronismo de duzentos anos tentando convencer um velho tolo de que sou eu mesmo, e enquanto isso — Ugh!”

Ele se movia irritado e começou a andar de um lado para o outro. Em um momento, o velho estava o seguindo. “Eh! Mas não vá!” gritou o velho. “Eu sou um velho tolo, eu sei. Não vá. Não me deixe sozinho neste escuro.”

Graham hesitou, parou. De repente, a tolice de revelar seu segredo lhe veio à mente.

“Eu não queria te ofender — desacreditando você,” disse o velho se aproximando. “Não faz mal algum. Diga que você é o Adormecido se isso te agrada. É apenas um truque tolo.”

Graham hesitou, virou-se abruptamente e seguiu seu caminho.

Por um tempo, ele ouviu o velho cambaleando atrás dele e seus gritos ofegantes se afastando. Mas, por fim, a escuridão o engoliu, e Graham não o viu mais.

## CAPÍTULO XII — Ostrog

Graham agora conseguia ter uma visão mais clara de sua situação. Por muito tempo ele vagou, mas após a conversa com o velho, as informações sobre Ostrog estavam claras em sua mente como a decisão final e inevitável. Uma coisa era evidente: aqueles que estavam na sede da revolta tinham conseguido admiravelmente suprimir o fato do seu desaparecimento. Mas a cada momento ele esperava ouvir o relato de sua morte ou de sua recaptura pelo Conselho.

A certa altura, um homem parou diante dele. “Você ouviu?” disse ele.

“Não!” respondeu Graham, surpreso.

“Perto de mil,” disse o homem, “mil homens!” e se apressou a seguir em frente.

Um grupo de homens e uma garota passaram na escuridão, gesticulando e gritando: “Capturaram! Se renderam!” “Mil homens.” “Dois mil homens.” “Ostrog, Viva! Ostrog, Viva!” Esses gritos foram se afastando, tornando-se indistintos.

Outros homens gritando seguiram. Por um tempo, sua atenção foi absorvida pelos fragmentos da fala que ouvia. Ele tinha dúvidas se todos estavam falando inglês. Fragmentos chegavam até ele, fragmentos como o Pidgin<sup>2</sup>, distorções confusas e mutiladas. Ele não ousava abordar ninguém com perguntas. A impressão que as pessoas lhe davam contrastava completamente com suas concepções sobre a luta e confirmava a fé do velho em Ostrog. Devagar ele conseguiu acreditar que todas essas pessoas estavam se regozijando com a derrota do Conselho, que o Conselho, que o havia perseguido com tanto poder e vigor, era afinal o lado mais fraco no conflito. E se isso era verdade, como isso afetava ele? Várias vezes ele hesitou diante dessas questões fundamentais. Dado momento, ele se virou e andou

---

<sup>2</sup> língua criada de forma espontânea a partir da mistura de duas ou mais línguas.

por um bom tempo atrás de um homem pequeno e corpulento, mas não conseguiu reunir a confiança para abordá-lo.

Foi apenas lentamente que lhe ocorreu que poderia perguntar pelos “escritórios das hélices”, fosse lá o que fossem esses “escritórios das hélices”. Sua primeira consulta simplesmente resultou em uma indicação para seguir em direção a Westminster. A segunda levou à descoberta de um atalho no qual ele se perdeu rapidamente. Disseram-lhe para deixar os caminhos aos quais havia se confinado até então, não conhecendo outro meio de trânsito — e mergulhar em uma das escadas do meio na escuridão de um cruzamento. Então vieram algumas aventuras triviais; a principal delas foi um encontro ambíguo com uma criatura invisível de voz rouca falando um dialeto estranho que parecia, à primeira vista, uma língua incomum, um fluxo espesso de palavras com restos de palavras inglesas, o dialeto dos últimos tempos vil. Então outra voz se aproximou, uma voz de garota cantando, “tralala tralala.” Ela falou com Graham, seu inglês tocado com algo da mesma qualidade. Ela alegou ter perdido a irmã, tropeçou desnecessariamente nele, agarrou-o e riu. Mas uma palavra de protesto vago a fez desaparecer novamente.

Os sons ao seu redor aumentaram. Pessoas tropeçando passaram por ele, falando excitadas. “Eles se renderam!” “O Conselho! Não pode ser o Conselho!” “Estão dizendo isso nas Passagens.” O corredor parecia mais largo. De repente, a parede se afastou. Ele estava em um grande espaço e as pessoas se moviam ao longe. Ele perguntou o caminho a uma figura indistinta. “Siga direto,” disse uma voz de mulher. Ele deixou a parede guia e, em um momento, tropeçou em uma pequena mesa com utensílios de vidro. Os olhos de Graham, agora adaptados à escuridão, distinguiram uma longa perspectiva com mesas pálidas de cada lado. Ele caminhou por ali. Em uma ou duas mesas, ouviu o tilintar de vidro e o som de pessoas comendo. Então havia pessoas suficientemente tranquilas para jantar, ou ousadas o bastante para roubar uma refeição apesar da convulsão social e da escuridão. Ao longe e no alto, ele viu uma luz pálida de forma semicircular. Ao se aproximar, uma borda negra surgiu e a escondeu. Ele tropeçou nas escadas e se encontrou em uma galeria. Ouviu um choro e encontrou duas meninas assustadas agachadas perto de um corrimão. As crianças se calaram com a aproximação dos passos. Ele tentou consolá-las, mas elas ficaram quietas até que ele se afastou. Então, enquanto se distanciava, pôde ouvir o choro delas novamente.

Em pouco tempo, ele se viu ao pé de uma escada e perto de uma grande abertura. Viu um crepúsculo tênue acima e subiu, saindo da escuridão para uma rua de passagens movimentadas novamente. Ao longo dela, uma multidão desordenada marchava gritando. Eles cantavam trechos da canção da revolta, a maioria desafinada. Aqui e ali, tochas acesas

criavam breves sombras histéricas. Ele pediu informações e se viu duas vezes confuso com o mesmo dialeto difícil. Em sua terceira tentativa, obteve uma resposta que pôde entender. Ele estava a duas milhas dos escritórios das hélices em Westminster, mas o caminho era fácil de seguir.

Quando, finalmente, se aproximou da região dos escritórios, parecia-lhe, pelas procissões festivas que desfilavam pelas Passagens, pelo tumulto de comemorações e, por fim, pela restauração da iluminação da cidade, que a derrubada do Conselho já deveria ter ocorrido. E ainda assim, nenhuma notícia de sua ausência chegava até ele.

A reiluminação da cidade veio com uma brusquidão surpreendente. De repente, ele estava piscando os olhos, enquanto todos ao seu redor estavam ofuscados, e o mundo estava incandescente. A luz o encontrou já nas bordas das multidões excitadas que entupiam as Passagens perto dos escritórios, e o sentido de visibilidade e exposição que veio com isso transformou sua intenção incolor de se unir a Ostrog em uma aguda ansiedade.

Por um tempo, ele foi empurrado, obstruído e ameaçado por homens roucos e cansados de aclamar seu nome, alguns deles feridos e sangrando por sua causa. A fachada dos escritórios estava iluminada por alguma imagem em movimento, mas o que era ele não conseguia ver, porque, apesar de seus esforços, a densidade da multidão impedia que ele se aproximasse. Pelos fragmentos de conversa que ouviu, ele deduziu que a imagem transmitia notícias sobre a luta em torno da Casa do Conselho. A ignorância e a indecisão o tornavam lento e ineficaz em seus movimentos. Por um tempo, ele não conseguia conceber como entrar na fachada impenetrável daquele lugar. Ele avançou lentamente para o meio daquela massa de pessoas, até perceber que a escada descendente do caminho central levava ao interior dos edifícios. Isso lhe deu um objetivo, mas a multidão no caminho central era tão densa que demorou muito para que ele pudesse alcançá-la. E mesmo assim, encontrou obstruções complicadas e teve uma hora de discussões intensas primeiro em uma sala de guarda e depois em outra antes de conseguir fazer com que uma mensagem fosse entregue ao único homem que estava mais ansioso para vê-lo. Sua história foi ridicularizada em um lugar, e mais sábio por isso, quando finalmente chegou a uma segunda escada, ele se limitou a dizer que tinha notícias de importância extraordinária para Ostrog. O que era ele não diria. Eles enviaram sua mensagem de forma relutante. Por um longo tempo, ele esperou em uma pequena sala ao pé do poço do elevador, e então, por fim, Lincoln chegou, ansioso, apologético, surpreso. Ele parou na porta, examinando Graham, e depois avançou efusivamente.

“Sim,” exclamou. “É você. E você não está morto!”

Graham fez uma breve explicação.

“Meu irmão está esperando,” explicou Lincoln. “Ele está sozinho nos escritórios. Temíamos que você tivesse sido morto no teatro. Ele duvidou — e as coisas ainda são muito urgentes apesar do que estamos dizendo — ou ele teria ido ao seu encontro.”

Eles subiram em um elevador, passaram por um corredor estreito, cruzaram um grande salão, vazio, exceto por dois mensageiros apressados, e entraram em uma sala relativamente pequena, cujo único mobiliário era um longo sofá e um grande disco oval de cinza nebuloso e em movimento, pendurado por cabos na parede. Ali, Lincoln deixou Graham por um momento, e ele ficou sozinho sem entender as formas escuras e fumacentas que se moviam lentamente pelo disco.

Sua atenção foi capturada por um som que começou abruptamente. Era uma aclamação, a aclamação frenética de uma vasta, mas muito distante, multidão, uma exultação rugente. Isso terminou tão abruptamente quanto havia começado, como um som ouvido entre a abertura e o fechamento de uma porta. Na sala externa, havia um barulho de passos apressados e um tilintar melodioso, como se uma corrente solta estivesse passando pelos dentes de uma engrenagem.

Então ele ouviu a voz de uma mulher, o farfalhar de roupas invisíveis. “É Ostrog!” ouviu-a dizer. Um pequeno sino soou de forma intermitente, e então tudo ficou silencioso novamente.

Logo vieram vozes, passos e movimentos do lado de fora. Os passos de uma pessoa se destacaram dos outros sons e se aproximaram, passos firmes e ritmados. A cortina se levantou lentamente. Um homem alto, de cabelos brancos, vestido com roupas de seda de cor creme, apareceu, observando Graham por baixo do braço erguido.

Por um momento, a figura branca permaneceu segurando a cortina, depois a deixou cair e ficou diante dela. A primeira impressão de Graham foi de uma testa muito ampla, olhos azul-pálido profundos e afundados sob sobrancelhas brancas, um nariz aquilino e uma boca resoluta e fortemente marcada. As dobras de pele sobre os olhos e o caimento dos cantos da boca contrastavam com a postura ereta e indicavam que o homem era velho. Graham se levantou instintivamente, e por um momento os dois homens ficaram em silêncio, se observando.

“Você é Ostrog?” perguntou Graham.

“Sou Ostrog.”

“O Chefe?”

“É assim que me chamam.”

Graham sentiu o desconforto do silêncio. “Eu tenho que lhe agradecer, principalmente, sabe, pela minha segurança,” disse ele, finalmente.

“Temíamos que você tivesse sido morto,” disse Ostrog. “Ou enviado para dormir novamente — para sempre. Temos feito tudo para manter nosso segredo — o segredo do seu desaparecimento. Onde você esteve? Como chegou aqui?”

Graham contou-lhe brevemente.

Ostrog ouviu em silêncio.

Ele sorriu de forma ligeira. “Você sabe o que eu estava fazendo quando vieram me dizer que você tinha chegado?”

“Como eu poderia adivinhar?”

“Preparando o seu duplo.”

“Meu duplo?”

“Um homem o mais parecido com você que pudemos encontrar. Íamos hipnotizá-lo, para poupar-lhe a dificuldade de atuar. Era imperativo. Toda essa revolta depende da ideia de que você está acordado, vivo, e conosco. Mesmo agora, uma grande multidão se reuniu no teatro, clamando para vê-lo. Eles não confiam... Você sabe, é claro, algo sobre sua posição?”

“Muito pouco,” disse Graham.

“É assim.” Ostrog deu alguns passos pela sala e se virou. “Você é o proprietário absoluto,” disse ele, “de mais da metade do mundo. Como resultado disso, você é praticamente um rei. Seus poderes são limitados de muitas maneiras complexas, mas você é o símbolo, a figura popular do governo. Esse Conselho Branco, o Conselho de Curadores como é chamado...”

“Ouvi umas coisas vagas sobre isso.”

“Imaginei.”

“Encontrei um velho tagarela.”

“Entendo... Nossas massas — essa palavra vem da sua época — você sabe, claro, que ainda temos massas, veem você como nosso governante de fato. Assim como muitas pessoas na sua época viam a Coroa como governante. Eles estão descontentes — as massas em todo o planeta — com o governo dos seus Curadores. Em grande parte, é o mesmo descontentamento de sempre, o velho conflito do homem comum com sua própria condição — a miséria do trabalho, da disciplina e da inadequação. Mas seus Curadores governaram mal. Em certos aspectos, como na administração das Companhias de Trabalho, por exemplo, foram imprudentes. Deram inúmeras oportunidades. Já nós, do partido popular, estávamos agitando por reformas — quando seu despertar aconteceu. Aconteceu! Se tivesse sido

planejado, não poderia ter vindo em momento mais oportuno.” Ele sorriu. “A opinião pública, sem considerar os seus anos de inatividade, já havia cogitado a ideia de acordá-lo e apelar para você, e — BANG!”

Ele indicou o início da revolta com um gesto, e Graham acenou com a cabeça para mostrar que entendia.

“O Conselho se atrapalhou — brigaram. Sempre fazem isso. Não conseguiam decidir o que fazer com você. Entende como o prenderam?”

“Entendo. Entendo. E agora — nós vencemos?”

“Nós vencemos. De fato, vencemos. Esta noite, em cinco horas rápidas. De repente, atacamos por toda parte. As pessoas do controle de ventos, a Companhia de Trabalho e seus milhões, romperam as amarras. Conseguimos o controle dos aviões.”

“Sim,” disse Graham.

“Isso, claro, era essencial. Caso contrário, eles poderiam ter escapado. Toda a cidade se levantou, quase um terço da população estava envolvida! Todos os azuis, todos os serviços públicos, exceto apenas alguns aeronautas e cerca de metade da polícia vermelha. Você foi resgatado, e a própria polícia deles das Vias — Nem metade deles conseguiu se reunir na Casa do Conselho — foram dispersados, desarmados ou mortos. Toda Londres é nossa agora. Apenas a Casa do Conselho ainda permanece.

“Metade dos que restam da polícia vermelha deles foi perdida naquela tentativa tola de recapturá-lo. Eles perderam a cabeça quando perderam você. Jogaram tudo o que tinham no teatro. Nós os isolamos da Casa do Conselho ali. De fato, esta noite foi uma noite de vitória. Em todos os lugares sua estrela brilhou. Um dia atrás — o Conselho Branco governava como tem governado por mais de cem anos, por um século e meio, e então, com apenas um pequeno sussurro, um armamento oculto aqui e ali, de repente — foi assim!”

“Sou muito ignorante,” disse Graham. “Eu suponho... Não entendo claramente as condições dessa luta. Se pudesse explicar. Onde está o Conselho? Onde está a luta?”

Ostrog atravessou a sala, algo clicou, e de repente, exceto por um brilho oval, eles estavam na escuridão. Por um momento, Graham ficou confuso.

Então ele viu que o disco cinza e nebuloso havia ganhado profundidade e cor, assumindo a aparência de uma janela oval que dava para uma cena estranha e desconhecida.

À primeira vista, ele não conseguiu adivinhar o que essa cena poderia ser. Era uma cena à luz do dia, a luz de um dia de inverno, cinza e clara. Através da imagem, e a meio caminho, como parecia, entre ele e a vista mais distante, um cabo grosso de fios brancos torcidos estendia-se verticalmente. Então ele percebeu que as fileiras de grandes moinhos de vento que

via, os largos intervalos e os ocasionais abismos de escuridão eram semelhantes aos que ele havia atravessado fugindo da Casa do Conselho. Ele distinguiu uma fila ordenada de figuras vermelhas marchando por um espaço aberto entre fileiras de homens de preto, e percebeu, antes de Ostrog falar, que estava olhando para a superfície superior da Londres contemporânea. A neve da noite anterior havia desaparecido.”

Ele deduziu que aquele espelho era algum tipo de substituto moderno da câmara escura, mas essa questão não foi explicada para ele. Ele percebeu que, embora a fileira de figuras vermelhas estivesse trotando da esquerda para a direita, elas estavam desaparecendo da imagem à esquerda. Ele se perguntou brevemente, e então viu que a imagem estava passando lentamente, no estilo de um panorama, através da superfície oval.

“Em um momento você verá a luta,” disse Ostrog ao seu lado. “Esses homens de vermelho que você vê são prisioneiros. Este é o espaço superior de Londres — todas as casas agora são praticamente contínuas. As ruas e praças públicas estão cobertas. As lacunas e abismos do seu tempo desapareceram.”

Algo fora de foco obliterou metade da imagem. Sua forma sugeria um homem. Houve um brilho de metal, um flash, algo que varreu o oval, como a pálpebra de um pássaro sobre seu olho, e a imagem ficou clara novamente. E agora Graham viu homens correndo entre os moinhos de vento, apontando armas das quais saíam pequenos flashes de fumaça. Eles se aglomeravam cada vez mais à direita, gesticulando — talvez estivessem gritando, mas a imagem não revelava isso. Eles e os moinhos de vento passaram lenta e constantemente pelo campo do espelho.

“Agora,” disse Ostrog, “vem a Casa do Conselho,” e lentamente uma borda preta surgiu na visão, capturando a atenção de Graham. Logo não era mais apenas uma borda, mas uma cavidade, um enorme espaço escurecido no meio das edificações agrupadas, e dele subiam finos pilares de fumaça no céu pálido de inverno. Massas sombrias e arruinadas do edifício, grandes pilares truncados e vigas, erguiam-se de forma lúgubre daquela escuridão cavernosa. E sobre esses vestígios de algum lugar outrora esplêndido, inúmeros homens minúsculos estavam subindo, pulando, se aglomerando.

“Esta é a Casa do Conselho,” disse Ostrog. “O último reduto deles. E os tolos desperdiçaram munição suficiente para resistir por um mês, explodindo os prédios ao redor deles — para tentar deter nosso ataque. Você ouviu a explosão? Quebrou metade do vidro frágil da cidade.”

Enquanto ele falava, Graham viu que, além daquele mar de ruínas, erguia-se uma grande massa irregular de edifícios brancos, elevando-se a uma altura considerável. Essa

massa havia sido isolada pela destruição impiedosa das estruturas ao redor. Buracos negros marcavam as passagens que o desastre havia dilacerado; grandes salões tinham sido abertos, e a decoração de seus interiores se mostrava desoladora na aurora invernal. Ao longo da parede irregular, pendiam festões de cabos cortados, linhas torcidas e hastes metálicas dobradas. E, em meio a todos esses vastos detalhes, moviam-se pequenos pontos vermelhos — os defensores vestidos de vermelho do Conselho. De vez em quando, flashes fracos iluminavam as sombras. À primeira vista, parecia a Graham que um ataque a esse edifício branco isolado estava em andamento, mas logo ele percebeu que o grupo dos revoltosos não avançava, mas se abrigava entre os destroços colossais que cercavam o último bastião dos homens vestidos de vermelho, mantendo um fogo esporádico.

E há menos de dez horas ele estivera sob os ventiladores em uma pequena câmara dentro daquele edifício remoto, se perguntando o que estava acontecendo no mundo!

Observando com mais atenção enquanto esse episódio de guerra se movia silenciosamente no centro do espelho, Graham viu que o edifício branco estava cercado por ruínas em todos os lados, e Ostrog começou a descrever com frases concisas como os defensores tinham buscado, com tal destruição, isolar-se de uma tempestade. Ele falou da perda de homens que aquele enorme desabamento havia causado, com um tom indiferente. Ele indicou um necrotério improvisado entre os escombros, mostrando ambulâncias que se moviam como insetos ao longo de uma fenda arruinada que outrora fora uma rua dos caminhos móveis. Ele parecia mais interessado em apontar as partes da Casa do Conselho e a distribuição dos sitiados. Em pouco tempo, o conflito civil que havia convulsionado Londres não era mais um mistério para Graham. Não havia ocorrido uma revolta tumultuosa naquela noite, tampouco uma guerra igual, mas um golpe de estado magnificamente organizado. A atenção de Ostrog aos detalhes era impressionante; ele parecia saber o que estava acontecendo até mesmo com o menor grupo de pontos pretos e vermelhos que rastejavam por aqueles lugares.

Ele estendeu um enorme braço negro sobre a imagem luminosa e mostrou o quarto de onde Graham havia escapado e, através do abismo de ruínas, o percurso de sua fuga. Graham reconheceu o vão sobre o qual a calha corria e as turbinas de vento onde ele havia se agachado para escapar da máquina voadora. O restante de seu caminho havia sucumbido à explosão. Ele olhou novamente para a Casa do Conselho, que já estava metade escondida, e à direita, uma colina com um aglomerado de cúpulas e pináculos, enevoados, distantes e vagos, começava a aparecer.

“E o Conselho foi realmente derrubado?”, perguntou.

“Derrubado,” respondeu Ostrog.

“E eu — é verdade mesmo que eu —?”

“Você é o Mestre do Mundo.”

“Mas aquela bandeira branca—”

“Aquele é a bandeira do Conselho — a bandeira do Governo do Mundo. Ela cairá. A luta acabou. O ataque deles ao teatro foi sua última tentativa desesperada. Eles têm apenas mil homens ou algo assim, e alguns desses homens serão desleais. Eles têm pouca munição. E nós estamos revivendo as antigas artes. Estamos fundindo canhões.”

“Mas — ajuda. Esta cidade é o mundo?”

“Praticamente, é tudo o que resta para eles de seu império. No exterior, as cidades já se revoltaram conosco ou estão esperando o desfecho. Seu despertar os desconcertou, os paralisou.”

“Mas o Conselho não tem máquinas voadoras? Por que não as usam em combate?”

“Eles tinham. Mas a maior parte dos pilotos estava na revolta conosco. Eles não arriscariam lutar ao nosso lado, mas também não se moveriam contra nós. Tivemos que garantir uma vantagem com os aeronautas. Quase metade estava conosco, e os outros sabiam disso. Assim que souberam que você havia escapado, aqueles que estavam à sua procura desistiram. Matamos o homem que atirou em você — uma hora atrás. E ocupamos as plataformas de voo desde o início em todas as cidades que pudemos, e assim detivemos e capturamos os aviões. Quanto às pequenas máquinas voadoras que surgiram — algumas, de fato, apareceram — mantivemos um fogo tão direto e constante que elas não conseguiram se aproximar da Casa do Conselho. Se descessem, não conseguiriam subir novamente, pois não há espaço livre suficiente ali para decolar. Destruímos várias máquinas, outras caíram e se renderam, e o resto fugiu para o continente na esperança de encontrar uma cidade amiga antes que o combustível acabasse. A maioria desses homens estava aliviada em ser capturada e mantida longe de perigo. Cair de uma máquina voadora não é uma coisa muito atraente. Não há chance para o Conselho dessa maneira. Seus dias acabaram.”

Ele riu e voltou-se para o reflexo oval novamente para mostrar a Graham o que ele queria dizer com plataformas de voo. Mesmo as quatro mais próximas eram distantes e obscurecidas por uma leve neblina matinal. Mas Graham percebeu que eram estruturas enormes, mesmo comparadas aos padrões das construções ao redor.

Então, à medida que essas formas enevoadas passavam à esquerda, surgiu novamente a visão do vasto espaço pelo qual os homens desarmados de vermelho haviam marchado. Em seguida, as ruínas negras e, novamente, a fortaleza branca sitiada do Conselho. Não parecia

mais uma pilha fantasmagórica, mas brilhava em âmbar à luz do sol, pois uma sombra de nuvem havia passado. Ao redor dela, a luta minúscula ainda permanecia em suspense, mas agora os defensores de vermelho não estavam mais disparando.

Assim, em um silêncio sombrio, o homem do século XIX testemunhou a cena final da grande revolta, o estabelecimento forçado de seu governo. Com uma sensação de descoberta surpreendente, ele percebeu que este era seu mundo, e não aquele outro que ele havia deixado para trás; que isso não era um espetáculo que culminaria e terminaria; que neste mundo estava o que restava de sua vida, todas as suas responsabilidades, deveres e perigos. Ele se voltou com novas perguntas. Ostrog começou a respondê-las, mas interrompeu abruptamente. “Mas essas coisas eu devo explicar mais detalhadamente depois. No momento, há coisas a serem feitas. O povo está vindo pelas vias móveis para este setor de todas as partes da cidade — os mercados e teatros estão lotados. Você chegou na hora certa para eles. Eles estão clamando para vê-lo. E no exterior também querem vê-lo. Paris, Nova York, Chicago, Denver, Capri — milhares de cidades estão em tumulto, indecisas, e clamando para vê-lo. Eles clamaram por anos para que você fosse despertado, e agora que aconteceu, mal conseguem acreditar.”

“Mas certamente... eu não posso ir...”

Ostrog respondeu do outro lado da sala, e a imagem no disco oval ficou pálida e desapareceu quando a luz voltou de repente. “Há cinescópios tele-fotográficos,” ele disse. “Enquanto você acena para o povo aqui, em todo o mundo, miríades de miríades de pessoas, aglomeradas e quietas em salas escuras, também o verão. Em preto e branco, claro — não como aqui. E você ouvirá os gritos delas reforçando os gritos no salão.

“E há um dispositivo óptico que usaremos”, disse Ostrog, “usado por alguns dos artistas e dançarinas. Pode ser novidade para você. Você fica em uma luz muito forte, e eles não veem você, mas uma imagem ampliada sua é projetada em uma tela — para que até o homem mais distante na galeria mais remota possa, se quiser, contar seus cílios.”

Graham agarrou-se desesperadamente a uma das perguntas em sua mente. “Qual é a população de Londres?”

“Oito e vinte miríades.”

“Oito e o quê?”

“Mais de trinta e três milhões.”

Esses números estavam além da imaginação de Graham. “Esperam que você diga algo,” disse Ostrog. “Não o que você costumava chamar de Discurso, mas o que nosso povo chama de Palavra — apenas uma frase, seis ou sete palavras. Algo formal. Se eu puder sugerir — ‘Eu despertei e meu coração está com vocês.’ É esse tipo de coisa que eles querem.”

“O que eu digo?” perguntou Graham.

“‘Eu despertei e meu coração está com vocês.’ E faça uma reverência — reverência real. Mas primeiro precisamos colocar suas vestes negras — porque preto é sua cor. Você se importa? E, então eles se dispersarão para suas casas.”

Graham hesitou. “Estou em suas mãos,” disse ele.

Ostrog estava certo dessa opinião. Ele pensou por um momento, se virou para a cortina e deu instruções breves a alguns atendentes invisíveis. Quase imediatamente, um manto negro, exatamente igual ao que Graham usara no teatro, foi trazido. E enquanto ele o colocava sobre os ombros, ouviu-se do lado de fora da sala o som agudo de um sino estridente. Ostrog olhou com curiosidade para o atendente, depois pareceu mudar de ideia de repente, puxou a cortina e desapareceu.

Graham ficou com o atendente respeitoso, ouvindo os passos de Ostrog se afastando. Houve o som de perguntas e respostas rápidas e de homens correndo. A cortina foi puxada de volta e Ostrog reapareceu, seu rosto maciço brilhando de excitação. Ele cruzou a sala em um único passo, fez a sala mergulhar na escuridão, segurou o braço de Graham e apontou para o espelho.

“Mesmo enquanto nos virávamos,” ele disse.

Graham viu seu dedo indicador, negro e colossal, acima da Casa do Conselho refletida no espelho. Por um momento, ele não entendeu. E então percebeu que o mastro que carregava a bandeira branca estava vazio.

“Você quer dizer...?” ele começou. “O Conselho se rendeu. Seu domínio chegou ao fim para sempre.”

“Olhe!” e Ostrog apontou para uma espiral negra que subia em pequenos solavancos pelo mastro vazio, desenrolando-se à medida que subia.

A imagem oval ficou pálida quando Lincoln puxou a cortina e entrou.

“Eles estão clamando,” ele disse.

Ostrog manteve sua mão firme no braço de Graham.

“Nós levantamos o povo,” ele disse. “Nós lhes demos armas. Pelo menos hoje, os desejos deles devem ser lei.”

Lincoln segurou a cortina aberta para que Graham e Ostrog passassem.

A caminho dos mercados, Graham teve uma visão rápida de uma longa sala estreita com paredes brancas, onde homens, todos usando o manto azul universal, carregavam coisas cobertas como se fossem esquifes, e ao redor deles homens em roxo, médicos, corriam de um lado para o outro. Daquela sala vinham gemidos e lamentos. Ele teve a impressão de um leito

vazio manchado de sangue, de homens em outros leitos, enfaixados e cobertos de sangue. Foi apenas um vislumbre a partir de uma passarela cercada, e então um contraforte escondeu o local, e eles seguiram em direção aos mercados.

O rugido da multidão estava perto agora: ele explodiu em trovão. E, chamando sua atenção, um tremular de bandeiras negras, o agitar de roupas de lona azul e trapos marrons, e a vastidão da multidão no teatro perto dos mercados públicos surgiu à vista ao longo de um corredor. A cena se abriu. Ele percebeu que estavam entrando no grande teatro de sua primeira aparição, o grande teatro que ele tinha visto pela última vez como um mosaico de clarões e escuridão em sua fuga da polícia vermelha. Desta vez, ele entrou por uma galeria em um nível alto, acima do palco. O local agora estava brilhantemente iluminado novamente. Ele procurou o caminho pelo qual havia fugido, mas não conseguiu distingui-lo entre as dezenas de outros; nem podia ver qualquer coisa das cadeiras destruídas, almofadas murchas e vestígios da luta devido à densidade das pessoas. Exceto o palco, o local inteiro estava lotado. Olhando para baixo, o efeito era uma vasta área de manchas rosadas, cada ponto um rosto imóvel voltado para cima, observando-o. Quando ele apareceu com Ostrog, os aplausos cessaram, os cânticos se calaram, um interesse comum silenciou e unificou a desordem. Parecia que cada indivíduo daquela miríade estava observando-o.

### **CAPÍTULO XIII — O Fim da Velha Ordem**

Até onde Graham podia julgar, era quase meio-dia quando a bandeira branca do Conselho caiu. Mas algumas horas precisaram se passar antes que fosse possível efetuar a capitulação formal. Depois de ter falado sua “Palavra”, ele se retirou para seus novos aposentos nos escritórios das hélices. A contínua excitação das últimas doze horas o deixara profundamente exausto; até mesmo sua curiosidade estava desgastada. Por algum tempo, ele ficou sentado inerte e passivo com os olhos abertos, e em seguida adormeceu. Foi despertado por dois atendentes médicos, que chegaram preparados com estimulantes para sustentá-lo na próxima ocasião. Depois de tomar os medicamentos e se banhar em água fria, conforme recomendado pelos conselheiros, ele sentiu um rápido retorno da energia e do interesse, e logo estava capaz e disposto a acompanhar Ostrog por várias milhas (ou assim parecia) de passagens, elevadores e rampas até a cena final do governo do Conselho Branco.

O caminho serpenteava por um labirinto de prédios. Eles chegaram, finalmente, a uma passagem que fazia uma curva e revelava uma abertura oblonga à frente, com nuvens aquecidas pelo pôr do sol e o horizonte irregular da arruinada Casa do Conselho. Um tumulto

de gritos ecoava. Em pouco tempo, eles emergiram no topo de um penhasco de prédios destruídos que pairavam sobre os escombros. A vasta área se abriu diante de Graham, não menos estranha e maravilhosa do que a visão remota que ele tivera dela no espelho oval.

Este espaço, rudemente anfiteatral, parecia agora ter mais de uma milha até sua borda externa. Era iluminado em dourado à esquerda, captando a luz do sol, e à direita, claro e frio na sombra. Acima da sombria e cinzenta Casa do Conselho, que ficava no centro, a grande bandeira preta da rendição ainda pendia em dobras lentas contra o escaldante pôr do sol. Salas, corredores e passagens se abriam de forma estranha, massas quebradas de metal se projetavam tristemente dos destroços complexos, vastas redes de cabos retorcidos caíam como algas emaranhadas. E, da base das ruínas, vinham tumultuosos sons de inúmeras vozes,



explosões violentas e o toque de trombetas. Ao redor desta grande pilha branca havia um círculo de desolação: massas esmagadas e enegrecidas, fundações nuas e a madeira arruinada da estrutura destruída pelas ordens do Conselho, esqueletos de vigas, titânicas paredes desmoronadas, florestas de pilares robustos. Entre os escombros sombrios, água corrente brilhava e cintilava, e, ao longe, no meio de uma vasta massa de prédios, uma tubulação

retorcida projetava-se duzentos pés no ar, despejando uma cascata cintilante. E, por toda parte, multidões de pessoas.

Onde quer que houvesse espaço ou apoio, as pessoas se aglomeravam — pequenas e minuciosamente claras, exceto onde o pôr do sol as transformava em sombras douradas indistintas. Elas escalavam as paredes desmornadas, se agarravam em grinaldas e se agrupavam em torno dos pilares elevados. Ao longo das bordas do círculo de ruínas, elas se comprimiam, avançando em direção ao espaço central.

Os andares superiores da Casa do Conselho pareciam desertos; nenhum ser humano era visível. Apenas a bandeira caída da rendição pendia, pesada, contra a luz. Os mortos estavam dentro da Casa do Conselho, ou escondidos entre as pessoas aglomeradas, ou já haviam sido levados. Graham via apenas alguns corpos abandonados em fendas e cantos das ruínas, e entre a água corrente.

“Você vai deixá-los vê-lo, senhor?” perguntou Ostrog. “Eles estão ansiosos para vê-lo.”

Graham hesitou, depois caminhou até a borda quebrada do muro, que caía abruptamente. Ele olhou para baixo, uma figura solitária, alta e escura contra o céu.

Muito lentamente, as ruínas fervilhantes tomaram conhecimento de sua presença. E, à medida que isso acontecia, pequenos grupos de homens uniformizados de preto apareceram ao longe, avançando em meio à multidão em direção à Casa do Conselho. Graham viu pequenas cabeças pretas olharem para ele, e logo uma onda de reconhecimento varreu o espaço. Ele sentiu que devia fazer algum gesto de reconhecimento. Levantou o braço, apontou para a Casa do Conselho e abaixou a mão. As vozes abaixo tornaram-se unânimes, ganharam volume e o aplaudiram como uma única entidade.

O céu ocidental tingia-se de um verde-azulado pálido, e Júpiter brilhava alto no sul, antes que a capitulação fosse concluída. Acima, uma mudança lenta e imperceptível: a noite avançava, serena e bela. Abaixo, havia pressa, excitação, ordens conflitantes, pausas, espasmódicos desenvolvimentos de organização, um vasto clamor crescente e confusão. Antes que o Conselho sáísse, homens suados e apressados, dirigidos por uma cacofonia de gritos, carregaram centenas de mortos das longas passagens e câmaras.

Guardas de preto alinhavam o caminho por onde o Conselho viria. Até onde a vista alcançava, no crepúsculo azul nebuloso das ruínas, e nas margens destruídas dos edifícios adjacentes à Casa do Conselho, havia inúmeras pessoas, e suas vozes, mesmo quando não estavam aplaudindo, eram como o sussurro do mar em uma praia de seixos. Ostrog escolheu uma enorme pilha de alvenaria destruída, sobre a qual um palco de madeira e vigas de metal estava sendo construído às pressas. Suas partes essenciais estavam completas, mas máquinas

zumbindo e barulhentas ainda trabalhavam intermitentemente nas sombras abaixo desse edifício temporário.

O palco tinha uma pequena elevação onde Graham, Ostrog e Lincoln estavam, um pouco à frente de um grupo de oficiais menores. Ao redor deles, um palco mais amplo abrigava os guardas da revolta, uniformizados de preto, armados com armas verdes cujos nomes Graham ainda desconhecia. Aqueles ao seu redor notaram que seus olhos vagavam constantemente da multidão ao redor das ruínas crepusculares até a massa escura da Casa do Conselho, de onde os curadores viriam em breve, e então de volta para as pessoas. As vozes da multidão tornaram-se um tumulto ensurdecedor.

Ele viu os Conselheiros pela primeira vez, à distância, sob o brilho de uma das luzes temporárias que marcavam seu caminho, um pequeno grupo de figuras brancas caminhando por um arco negro. Dentro da Casa do Conselho, estavam na escuridão. Ele os observou se aproximarem, primeiro passando por uma luz elétrica brilhante e depois por outra, com o rugido ameaçador da multidão ao seu lado, uma multidão sobre a qual o poder deles durara cento e cinquenta anos. À medida que se aproximavam, seus rostos pareciam cansados, pálidos e ansiosos. Graham reconheceu alguns: o homem corpulento com a barba ruiva, o homem baixo de feições delicadas e crânio alongado. Notou que dois sussurravam, lançando olhares para Ostrog. Em seguida, viu um homem alto, de aparência nobre, caminhando de cabeça baixa. De repente, ele olhou para cima, seus olhos encontraram os de Graham por um momento e depois passaram para Ostrog. O caminho feito para eles era tão estreito que tiveram que marchar em fila e fazer uma curva antes de chegarem ao caminho inclinado que levava ao palco onde fariam a rendição.

“O Mestre, o Mestre! Deus e o Mestre,” gritava o povo. “Que se dane o Conselho!” Graham olhou para as multidões, que se perdiam de vista em meio a uma névoa de gritos, depois para Ostrog ao seu lado, firme e imóvel. Seus olhos voltaram para o pequeno grupo de Conselheiros Brancos. E então ele olhou para as estrelas familiares e silenciosas acima. O elemento maravilhoso de seu destino repentinamente se tornou vívido. Poderia ser realmente sua, aquela vida pequena que ele lembrava de duzentos anos atrás — e esta também?

## **CAPÍTULO XIV — O Ninho do Corvo**

E assim, depois de estranhos atrasos e através de um caminho de dúvidas e batalhas, aquele homem do século XIX finalmente alcançou sua posição à frente daquele mundo complexo.

A princípio, quando ele despertou do longo e profundo sono que se seguiu ao seu resgate e à rendição do Conselho, ele não reconheceu o ambiente ao seu redor. Com esforço, ele conseguiu organizar seus pensamentos, e tudo o que havia acontecido voltou à sua mente, com uma qualidade irreal, como uma história ouvida, como algo lido em um livro. E, mesmo antes de suas memórias estarem completamente claras, a exultação por sua fuga e o assombro de sua nova posição já ocupavam seus pensamentos. Ele era o dono do mundo; Mestre da Terra. Esta nova grande era lhe pertencia, no sentido mais completo. Ele não temia mais que suas experiências fossem um sonho; agora estava ansioso para se convencer de que eram reais.

Um criado obsequioso o ajudou a se vestir, sob a direção de um chefe de serviço digno, um homenzinho cujo rosto revelava ser japonês, embora falasse inglês perfeitamente. Deste último, ele aprendeu algo sobre a situação atual. A revolução já era um fato consumado; os negócios estavam sendo retomados em toda a cidade. No exterior, a queda do Conselho foi recebida em grande parte com alegria. Em nenhum lugar o Conselho era popular, e as mil cidades da América Ocidental, após duzentos anos ainda invejosas de Nova York, Londres e o Leste, se levantaram quase unanimemente dois dias antes, com a notícia da prisão de Graham. Paris estava em meio a conflitos internos. O restante do mundo aguardava os desdobramentos.

Enquanto tomava o café da manhã, o som de um telefone chamou sua atenção, e seu chefe de serviço o informou que Ostrog estava na linha, fazendo perguntas educadas. Graham interrompeu sua refeição para responder. Logo depois, Lincoln chegou, e Graham imediatamente expressou um forte desejo de falar com as pessoas e ver mais da nova vida que se abria diante dele. Lincoln informou que, em três horas, uma reunião representativa de oficiais e suas esposas seria realizada nos apartamentos de estado do chefe de vento. O desejo de Graham de caminhar pelas ruas da cidade, no entanto, era impossível no momento, devido à enorme excitação popular. Contudo, ele poderia ter uma visão panorâmica da cidade do ninho de corvo do guarda-vento. Para isso, Graham foi conduzido por seu assistente. Lincoln, com uma reverência cortês ao assistente, desculpou-se por não acompanhá-los, devido à pressão dos afazeres administrativos.

Mais alto que as gigantescas hélices eólicas, estava o ninho de corvo, a quase mil pés acima dos telhados, um pequeno ponto em forma de disco em uma lança de filigrana metálica, estaiada. Graham foi içado até o topo em um pequeno compartimento suspenso por cabos. A meio caminho da coluna frágil havia uma galeria estreita, sobre a qual pendia um conjunto de tubos — minúsculos vistos de cima — girando lentamente em seu anel externo.

Esses eram os telescópios, conectados aos espelhos do guarda-vento, um dos quais Ostrog havia usado para mostrar-lhe a chegada de seu governo. Seu assistente japonês subiu antes dele, e passaram quase uma hora fazendo e respondendo perguntas.

Era um dia repleto de promessa e do frescor da primavera. O toque do vento era morno. O céu exibia um azul profundo, e a vasta extensão de Londres brilhava sob o sol da manhã. O ar estava limpo, livre de fumaça e neblina, tão puro quanto o ar de um vale montanhoso. Exceto pelo oval irregular de ruínas ao redor da Casa do Conselho, e pela bandeira negra da rendição que tremulava sobre ela, a imponente cidade, vista de cima, mostrava poucos sinais da rápida revolução que, em apenas uma noite e um dia, mudara os destinos do mundo. Uma multidão ainda se aglomerava sobre essas ruínas, e as enormes plataformas abertas ao longe — de onde, em tempos de paz, partiam os serviços de aeronaves para as grandes cidades da Europa e da América — também estavam repletas dos vencedores. Ao longo de um caminho estreito de tábuas erguidas sobre cavaletes, que cruzavam as ruínas, uma multidão de trabalhadores estava ocupada restaurando a conexão entre os cabos e fios da Casa do Conselho e o resto da cidade, preparando a transferência da sede de Ostrog dos escritórios das hélices.

Fora isso, a vasta extensão luminosa permanecia intocada. Tão grandiosa era sua serenidade, em comparação com as áreas de perturbação, que Graham, olhando além delas, quase conseguia esquecer os milhares de homens caídos fora de vista, no brilho artificial dentro do labirinto subterrâneo, mortos ou morrendo dos ferimentos noturnos; esquecer as enfermarias improvisadas, com hordas de cirurgiões, enfermeiros e socorristas febrilmente ocupados; esquecer, de fato, toda a comoção e novidade sob as luzes elétricas. Lá embaixo, nos caminhos ocultos do formigueiro humano, ele sabia que a revolução havia triunfado, que a cor preta prevalecera em todo lugar: insígnias negras, bandeiras negras, guirlandas negras adornavam as ruas. E aqui, sob o sol da manhã, além da cratera de destruição, como se nada tivesse acontecido, as florestas de moinho de ventos que tinham crescido a partir de apenas algumas poucas, enquanto o Conselho governava, giravam pacificamente em seu dever incessante.

Ao longe, irregulares e recortadas pelos cata-ventos, as colinas de Surrey se erguiam, azuis e tênues; ao norte e mais próximas, as formas nítidas de Highgate e Muswell Hill também eram igualmente irregulares. E, espalhados por todo o campo, ele sabia que, em cada crista e colina, onde antes as sebes entrelaçadas e as pequenas propriedades com suas igrejas, estalagens e fazendas se aninhavam entre árvores, agora se erguiam rodas de vento como as que ele via ali, lançando suas sombras giratórias e armazenando incessantemente a energia

que fluía por todas as artérias da cidade. Abaixo delas, vagueavam os incontáveis rebanhos e manadas do British Food Trust, guardados por seus tratadores solitários.

Nenhuma forma familiar interrompia o aglomerado de estruturas gigantescas abaixo. Ele sabia que a Catedral de São Paulo havia sobrevivido, assim como muitos dos prédios antigos em Westminster, embutidos fora de vista, arqueados e cobertos entre os gigantescos crescimentos dessa grande era. O Tâmsa também não exibia seu brilho prateado, outrora visível, para quebrar a desolação da cidade; as redes sedentas haviam absorvido cada gota de suas águas antes que chegassem às margens. Seu leito e estuário, escavados e aprofundados, agora formavam um canal de água do mar, por onde navegavam barcaças que transportavam os materiais pesados do comércio portuário, movendo-se sob os pés dos trabalhadores. No distante leste, entre a terra e o céu, erguiam-se, tênues e escuras, as massas de mastros das embarcações colossais no porto. Todo o tráfego pesado, para o qual não havia pressa, era realizado por gigantescos veleiros vindos dos confins do mundo, enquanto as mercadorias urgentes eram transportadas por navios mecânicos menores e mais rápidos.

Ao sul, além das colinas, vastos aquedutos traziam água do mar para os esgotos, e, em três direções separadas, corriam linhas pálidas — as estradas, pontilhadas de manchas cinzentas em movimento. Na primeira oportunidade, ele estava determinado a sair e ver essas estradas. Isso viria depois do voo de teste da aeronave que ele estava prestes a realizar. Seu assistente as descreveu como duas superfícies levemente curvas, cada uma com cem metros de largura, destinadas ao tráfego em uma direção, e feitas de uma substância chamada Eadhamita — uma substância artificial semelhante ao vidro temperado. Ao longo dessa cena, um tráfego de veículos estreitos, com rodas de borracha maciça, grandes rodas únicas, veículos de duas e quatro rodas, se deslocava a velocidades entre uma e seis milhas por minuto. As ferrovias haviam desaparecido; alguns aterros ainda permaneciam, agora enferrujados e desatualizados. Alguns poucos ainda serviam como núcleos para os caminhos de Eadhamita.

Entre as primeiras coisas que chamaram sua atenção estavam as grandes frotas de balões de propaganda e pipas que recuavam, enfileiradas ao norte e ao sul, ao longo das rotas dos aviões. Nenhum avião era visível. As passagens haviam sido suspensas, e apenas um pequeno monoplane circulava alto à distância, acima das colinas de Surrey, um pequeno ponto insignificante no vasto céu azul.

Uma coisa que Graham havia aprendido, e que ainda achava difícil de assimilar, era que quase todas as cidades e vilas do país haviam desaparecido. Apenas aqui e ali, ele sabia, algum grande edifício, semelhante a um hotel, se erguia em meio a quilômetros quadrados de

cultivo único e preservava o nome de uma cidade — como Bournemouth, Wareham ou Swanage. No entanto, seu assistente logo o convenceu de como tal mudança fora inevitável. A antiga ordem havia pontilhado o campo com casas de fazenda, e a cada duas ou três milhas ficava a propriedade de algum senhor feudal, acompanhada por uma pousada, um sapateiro, uma mercearia e uma igreja — a vila. A cada oito milhas, ou mais, encontrava-se a cidade mercantil, onde moravam advogados, comerciantes de grãos, veterinários, médicos, comerciantes de tecidos e outros. Essa organização de oito milhas existia porque era o máximo que os fazendeiros poderiam percorrer confortavelmente para comercializar seus produtos. Mas com o advento das ferrovias, seguidas pelas ferrovias leves e pelos novos automóveis rápidos que substituíram os cavalos, e com as estradas principais sendo construídas de madeira, borracha e Eadhamita — e outros materiais duráveis — a necessidade de cidades mercantis tão frequentes desapareceu. E as grandes cidades cresceram, atraindo trabalhadores e empregadores com sua promessa de oportunidades aparentemente infinitas.

E à medida que o padrão de conforto aumentava e a complexidade do mecanismo de vida se tornava maior, a vida no campo tornava-se cada vez mais dispendiosa ou estreita e impossível. O desaparecimento do vigário e do senhor de terras, a extinção do clínico geral pelo especialista da cidade, havia roubado da vila seu último vestígio de cultura. Depois que o telefone, o cinematógrafo e o fonógrafo substituíram o jornal, o livro, o professor e a carta, viver fora do alcance dos cabos elétricos era como viver isolado, como um selvagem. No campo, não havia maneiras de se vestir ou se alimentar (de acordo com os refinados padrões da época), nem médicos eficazes para emergências, tampouco companhia ou atividades.

Além disso, os equipamentos mecânicos na agricultura transformaram um engenheiro no equivalente a trinta trabalhadores. E assim, invertendo a antiga condição do escriturário da cidade, que vivia numa Londres poluída pelo carvão, os trabalhadores agora corriam pelas estradas ou pelo ar em direção à cidade, em busca de sua vida e seus prazeres à noite, para deixá-la novamente pela manhã. A cidade havia engolido a humanidade; o homem tinha entrado em um novo estágio de desenvolvimento. Primeiro veio o nômade, o caçador; depois, o agricultor, cujas cidades e portos eram apenas as sedes e mercados do campo. E agora, consequência lógica de uma era de invenções, surgiu essa gigantesca agregação de homens. Exceto Londres, havia apenas quatro outras cidades na Grã-Bretanha — Edimburgo, Portsmouth, Manchester e Shrewsbury.

Essas informações, embora simples fatos para os homens daquela época, forçaram a imaginação de Graham a extremos. Quando ele tentou conceber o que havia “além”, no continente, sua mente falhou. Ele imaginava cidades sobre cidades, grandes aglomerados em

planícies extensas, cidades à margem de grandes rios, vastas cidades ao longo do litoral, cidades cercadas por montanhas cobertas de neve. Em grande parte da terra, falava-se o inglês; junto com seus dialetos hispano-americano, hindu, africano e pidgin, era a língua do cotidiano para dois terços das pessoas do mundo. No continente, exceto por raras sobrevivências curiosas, predominavam apenas três outras línguas: o alemão, que havia chegado até Antioquia e Gênova e empurrado o espanhol-inglês para fora de Cádiz; o russo, fortemente influenciado pelo francês, que encontrou o inglês indiano na Pérsia e no Curdistão e o inglês “pidgin” em Pequim; e o francês, ainda claro e brilhante, a língua da lucidez, que compartilhava o Mediterrâneo com o inglês indiano e o alemão e se estendia até o Congo através de um dialeto africano.

Em todo o mundo estabelecido pela cidade, exceto nos territórios controlados pelos “cinturões negros” dos trópicos, prevalecia a mesma organização social cosmopolita. Do Pólo ao Equador, a propriedade e as responsabilidades de todos estavam interligadas. O mundo inteiro era civilizado; o mundo inteiro vivia em cidades; o mundo inteiro pertencia a essa nova era urbana.

Ao sudoeste, brilhando estranhas, voluptuosas e de alguma forma terríveis, estavam as Cidades do Prazer, sobre as quais o cinematógrafo-fonógrafo e o velho da rua comentaram. Lugares exóticos que lembravam a lendária Síbaris, cidades de arte e beleza — mas de uma arte mercenária e uma beleza igualmente comprada. Cidades maravilhosas, estéreis de movimento e música, onde se refugiaram todos aqueles que haviam prosperado na luta econômica feroz e inglória que dominava o labirinto ofuscante abaixo.

Ele sabia que era uma luta feroz. Quão feroz, ele podia julgar pelo fato de que os habitantes desse futuro se referiam à Inglaterra do século XIX como um tempo de vida idílica e fácil. Ele voltou seus olhos para a cena imediatamente diante dele, tentando conceber as vastas fábricas escondidas naquele labirinto intricado...

## **CAPÍTULO XV — Pessoas Proeminente**

Os aposentos de estado do Guardião dos moinhos de vento teriam espantado Graham se ele os tivesse visto diretamente após sua vida no século XIX, mas ele já estava se acostumando com a escala deste novo tempo. Ele saiu por um dos painéis deslizantes, agora familiares, para um platô de aterrissagem no topo de uma escadaria muito ampla e suave, onde homens e mulheres, vestidos de forma muito mais extravagante do que qualquer outro que ele havia visto até então, subiam e desciam. Dali, ele olhou para baixo, onde a vista

mostrava ornamentos sutis e variados em branco, malva e roxo opaco, atravessados por pontes que pareciam feitas de porcelana e filigrana, e que se perdiam ao longe em um mistério enevoadado de telas perfuradas.

Ao olhar para cima, viu camada após camada de galerias ascendentes com rostos observando-o. O ar estava cheio do balbuciar de inúmeras vozes e de uma música alegre e estimulante que descia do alto, embora ele não conseguisse descobrir sua fonte.

O corredor central estava repleto de pessoas, mas de forma alguma estava lotado de maneira desconfortável; ao todo, aquela assembleia devia contar com muitos milhares. Eles estavam vestidos de maneira colorida, até mesmo chamativa, e os homens tão extravagantemente quanto as mulheres, pois a influência sóbria da concepção puritana de dignidade sobre a vestimenta masculina havia desaparecido há muito tempo. O cabelo dos homens, embora raramente fosse longo, era geralmente ondulado de uma maneira que sugeria o trabalho de um cabeleireiro, e a calvície havia desaparecido da face da Terra. Massas de cabelo encaracolado, cortadas de forma reta, que teriam encantado Rossetti, eram comuns, e um cavalheiro, que foi apresentado a Graham sob o título misterioso de “amorista”, usava o cabelo com duas tranças ao estilo de Marguerite. O rabo de cavalo também estava em evidência; parecia que os cidadãos de origem chinesa não tinham mais vergonha de sua etnia. Havia pouca uniformidade de moda aparente nas roupas usadas. Os homens com melhor porte exibiam sua simetria em trajes ajustados, e aqui havia calções bufantes e cortes elaborados, ali uma capa, e acolá uma túnica. As modas dos tempos de Leão X eram, talvez, a influência predominante, mas as concepções estéticas do extremo oriente também estavam claramente presentes. O sobrepeso masculino, que na era vitoriana teria sido submetido ao desconforto dos paletós apertados e à implacável rigidez do traje formal da noite, agora formava a base de uma riqueza de dignidade e drapeados caídos. A beleza graciosa também era abundante. Para Graham, um homem tipicamente rígido de uma época tipicamente rígida, esses homens não apenas pareciam graciosos demais, mas também expressivos demais em seus rostos vividamente animados. Eles gesticulavam com vigor, expressavam surpresa, interesse e diversão, e, acima de tudo, demonstravam com surpreendente franqueza as emoções provocadas pelas mulheres ao seu redor. Mesmo à primeira vista, era evidente que as mulheres constituíam uma grande maioria.

As damas na companhia desses cavalheiros exibiam, em trajes, postura e modos, uma ênfase menor e uma complexidade maior. Algumas afetavam uma simplicidade clássica nas vestes e na sutileza dos drapeados, à moda do Primeiro Império Francês, e exibiam braços e ombros atraentes ao passarem por Graham. Outras usavam vestidos justos, sem costuras ou

cintos na cintura, às vezes com longos drapeados caindo dos ombros. As insinuantes revelações dos trajes da noite não haviam diminuído com a passagem de dois séculos.

Os movimentos de todos pareciam graciosos. Graham comentou com Lincoln que via homens como os desenhos animados de Rafael caminhando, e Lincoln lhe disse que a execução de um conjunto apropriado de gestos fazia parte da educação de toda pessoa rica. A entrada do Mestre foi recebida com uma espécie de aplausos risonhos, mas essas pessoas demonstravam seus modos refinados ao não se aglomerarem sobre ele nem o incomodarem com qualquer escrutínio prolongado enquanto ele descia os degraus em direção ao chão do salão.

Ele já havia aprendido com Lincoln que essas eram as principais figuras da sociedade londrina contemporânea; quase todas as pessoas ali presentes eram autoridades poderosas ou parentes imediatos de grandes influentes. Muitos haviam retornado das Cidades do Prazer Europeias expressamente para recebê-lo. As autoridades aeronáuticas, cuja deserção havia desempenhado um papel crucial na queda do Conselho, logo após Graham, eram muito proeminentes, assim como os controladores dos moinhos de vento. Entre outros, havia vários dos principais dirigentes do Food Trust; o controlador dos abatedouros de porcos Europeus tinha uma expressão particularmente melancólica e interessante, além de uma atitude delicadamente cínica. Um bispo em trajes canônicos completos passou pela visão de Graham, conversando com um cavalheiro vestido exatamente como o tradicional Chaucer, incluindo até uma coroa de louros.

“Quem é aquele?” ele perguntou quase involuntariamente.

“O Bispo de Londres”, disse Lincoln.

“Não, o outro, quero dizer.”

“Poeta Laureado.”

“Vocês ainda têm isso?”

“Ele não escreve poesia, é claro. Ele é primo de Wotton — um dos Conselheiros. Mas ele é um dos ‘Monarquistas da Rosa Vermelha’ — um clube encantador — e eles mantêm a tradição dessas coisas.”

“Asano me disse que havia um Rei.”

“O Rei não faz parte. Eles tiveram que afastá-lo. Deve ser o sangue Stuart, eu suponho; mas, na verdade...”

“Exagerado?”

“Exagerado.”

Graham não entendeu completamente, mas parecia fazer parte da inversão geral da nova era. Ele fez uma saudação condescendente à sua primeira apresentação. Ficou claro que sutis distinções de classe prevaleciam até nessa assembleia, onde apenas para uma pequena proporção dos convidados, um grupo seleta, Lincoln considerava apropriado apresentá-lo. Sua primeira introdução foi ao Mestre Aeronauta, um homem cujo rosto bronzeado contrastava estranhamente com as peles delicadas ao seu redor. No momento, sua deserção decisiva do Conselho o tornava uma figura de grande importância.

Sua postura contrastava favoravelmente, aos olhos de Graham, com a atitude geral. Ele fez algumas observações comuns, assegurando lealdade e fazendo perguntas diretas sobre a saúde do Mestre. Sua atitude era alegre, seu sotaque não carregava o staccato fluente do inglês moderno. Ele deixou claro para Graham que era um “cão aéreo” destemido — ele usou essa expressão — sem frescuras, completamente másculo e antiquado, que não fingia saber muito e que o que não sabia, não valia a pena saber. Ele fez uma reverência máscula, ostensivamente livre de subserviência, e se retirou.

“Fico feliz que esse tipo ainda exista,” disse Graham.

“Fonógrafos e cinematógrafos,” disse Lincoln, com um tom um pouco mordaz. “Ele aprendeu com a vida.” Graham olhou para a figura corpulenta mais uma vez. Ela parecia estranhamente familiar.

“Na verdade, nós o compramos,” disse Lincoln. “Em parte. E, em parte, ele tinha medo de Ostrog. Tudo dependia dele.”

Lincoln então se virou bruscamente para apresentar o Inspetor-Geral da Escola Pública de Trust. Essa pessoa era uma figura esbelta, usando uma toga acadêmica azul-acinzentada. Ele sorriu para Graham por detrás de um pince-nez de estilo vitoriano e pontuava suas falas com gestos de uma mão perfeitamente cuidada. Graham ficou imediatamente interessado nas funções daquele cavalheiro e lhe fez uma série de perguntas extremamente diretas. O Inspetor-Geral parecia ligeiramente divertido com a franqueza do Mestre. Ele foi um tanto vago quanto ao monopólio educacional que sua Companhia detinha; era feito por contrato com o sindicato que geria as numerosas municipalidades de Londres, mas ele se entusiasmava ao falar sobre os avanços na educação desde os tempos vitorianos. “Nós eliminamos o Cram,” ele disse, “eliminamos completamente — não há mais exames no mundo. Você não está feliz?”

“Como vocês fazem as pessoas aprenderem?” perguntou Graham.

“Tornamos o aprendizado atraente — o mais atraente possível. E se não atrai, então — nós deixamos para lá. Cobrimos uma área vasta.”

Ele prosseguiu com detalhes, e eles tiveram uma longa conversa. Graham soube que a Extensão Universitária ainda existia, embora de uma forma modificada. “Há um certo tipo de garota, por exemplo,” disse o Inspetor-Geral, inflando-se de orgulho com sua utilidade, “com uma paixão por estudos rigorosos — desde que não sejam muito difíceis, você sabe. Nós as atendemos aos milhares. Neste momento,” ele disse com um toque napoleônico, “quase quinhentos fonógrafos estão dando palestras em diferentes partes de Londres sobre a influência exercida por Platão e Swift nos casos amorosos de Shelley, Hazlitt e Burns. Depois, elas escrevem ensaios sobre as palestras, e os nomes em ordem de mérito são exibidos em locais visíveis. Veja como o pequeno germe que você plantou cresceu? A classe média analfabeta do seu tempo já não existe.”

“Sobre as escolas públicas de ensino fundamental”, disse Graham. “Você as controla?”

O Inspetor-Geral respondeu: “Totalmente.” Agora, Graham, em seus últimos dias democráticos, tinha um grande interesse nesse assunto, e seu questionamento acelerou-se. Certas frases casuais, ditas pelo velho com quem ele havia conversado na escuridão, voltaram à sua mente. O Inspetor-Geral, na verdade, confirmava as palavras do velho. “Abolimos o sistema de memorização,” disse ele, uma frase que Graham começava a entender como a abolição de todo trabalho árduo e contínuo. O Inspetor-Geral ficou sentimental. “Tentamos tornar as escolas elementares agradáveis para as crianças pequenas. Elas terão que trabalhar bem cedo. Ensinamos apenas alguns princípios básicos — obediência e diligência.”

“Vocês ensinam muito pouco a elas?” perguntou Graham.

“Por que deveríamos? Isso só traz problemas e descontentamento. Nós as entretêmos. Mesmo assim, há problemas, agitação. De onde os trabalhadores tiram essas ideias, eu realmente não sei. Eles contam uns aos outros. Há sonhos socialistas, até mesmo anarquia! Agitadores vão trabalhar entre eles. Eu sempre assumi que meu dever principal é combater o descontentamento popular. Por que as pessoas deveriam ser infelizes?”

“Eu me pergunto,” disse Graham pensativamente. “Mas há muitas coisas que eu gostaria de saber.”

Lincoln, que observava o rosto de Graham durante toda a conversa, interveio. “Há outros,” disse ele em voz baixa.

O Inspetor-Geral das escolas se afastou. “Talvez,” disse Lincoln, ao interceptar um olhar casual de Graham, “você gostaria de conhecer algumas dessas moças?”

A filha do gerente dos chiqueiros do ‘European Food Trust’ era uma pessoa particularmente charmosa, com cabelos ruivos e olhos azuis vibrantes. Lincoln deixou Graham sozinho por um tempo para conversar com ela, e ela se mostrou bastante entusiasta

dos “queridos velhos tempos”, como ela os chamava, que viram o início de seu transe. Enquanto falava, ela sorria, e seus olhos sorriam de uma maneira que exigia reciprocidade.

“Tentei,” disse ela, “inúmeras vezes imaginar aqueles velhos dias românticos. E para você, eles são memórias. Quão estranho e cheio o mundo deve parecer para você! Vi fotografias e imagens dos velhos tempos: as pequenas casas isoladas construídas com tijolos de barro queimado, todas pretas com fuligem de seus incêndios; as pontes ferroviárias, os anúncios simples, os homens puritanos solenes em seus casacos pretos esquisitos e aqueles chapéus altos, os trens de ferro em pontes de ferro, cavalos e gado, e até mesmo cães correndo meio selvagens pelas ruas. E, de repente, você chegou aqui!”

“Sim,” disse Graham.

“Fora de sua vida, de tudo o que era familiar.”

“A vida antiga não era feliz”, disse Graham. “Não sinto falta dela.”

Ela olhou para ele rapidamente. Houve uma breve pausa. Ela suspirou de forma encorajadora. “Não?”

“Não,” respondeu Graham. “Era uma vida pequena — e sem sentido. Mas isso... Achávamos que o mundo era complexo, cheio e civilizado o suficiente. No entanto, olhando para trás, mesmo tendo vivido apenas quatro dias neste novo mundo, percebo que meu tempo era estranho e bárbaro — apenas o início desta nova ordem. Apenas o começo desta nova era. Você achará difícil entender o quão pouco eu sei.

“Você pode me perguntar o que quiser,” ela disse, sorrindo para ele.

“Então me diga quem são essas pessoas. Ainda estou muito no escuro sobre elas. É intrigante. Há algum general?”

“Homens com chapéus e penas?”

“Claro que não. Quero dizer, suponho que sejam os homens que controlam os grandes negócios públicos. Quem é aquele homem de aparência distinta?”

“Aquele? Ele é um oficial muito importante. Esse é Morden. Ele é o diretor administrativo da ‘Antibillious Pill Company’. Ouvi dizer que seus trabalhadores às vezes produzem uma miríade de miríades de pílulas por dia, sem parar. Imagine uma miríade de miríades!”

“Uma miríade de miríades. Não é de se espantar que ele pareça tão orgulhoso,” disse Graham. “Pílulas! Que época maravilhosa! E aquele homem vestido de roxo?”

“Ele não é exatamente do círculo interno, sabe? Mas gostamos dele. Ele é realmente inteligente e muito divertido. Ele é um dos chefes da Faculdade de Medicina da nossa

Universidade de Londres. Todos os médicos, você sabe, são acionistas da ‘Medical Faculty Company’, e usam aquele roxo. Você tem que ser qualificado para isso. Mas, claro, as pessoas que são pagas por algumas taxas para fazer algo...” Ela sorriu, desconsiderando as pretensões sociais de todas essas pessoas.

“Algum dos seus grandes artistas ou autores está aqui?”

“Nenhum autor. Eles são, em sua maioria, pessoas tão excêntricas — e tão preocupadas consigo mesmas. E brigam terrivelmente! Alguns deles até disputam prioridade para descer as escadas! Horrível, não é? Mas acho que Wraysbury, o capilotomista da moda, está por aqui. De Capri.”

“Capilotomista,” disse Graham. “Ah! Eu me lembro. Um artista! Por que não?”

“Temos que incentivá-lo,” ela disse, como se tivesse se desculpando. “Nossas cabeças estão em suas mãos.” Ela sorriu.

Graham hesitou diante do elogio insinuado, mas o olhar dela era expressivo. “As artes evoluíram com o restante das coisas civilizadas?”, ele perguntou. “Quem são os seus grandes pintores?”

Ela o olhou com um ar de dúvida. Então riu. “Por um momento”, disse, “achei que você estivesse se referindo a...” Ela riu de novo. “Você quer dizer, claro, aqueles homens habilidosos que costumavam cobrir grandes espaços de tela com tinta a óleo? Grandes paisagens. E as pessoas costumavam emoldurar essas coisas com molduras douradas e pendurá-las em suas salas quadradas. Não temos mais disso. As pessoas se cansaram desse tipo de coisa.”

“Mas o que você achou que eu quis dizer?”

Ela colocou o dedo de forma sugestiva em uma bochecha impecável e sorriu, parecendo bastante astuta, bonita e provocante. “Aqui,” disse ela, apontando para a pálpebra.

Graham teve um momento de surpresa. Então, uma lembrança cômica de uma imagem que ele havia visto em algum lugar — de Tio Toby e a Viúva — passou por sua mente. Uma antiga vergonha o envolveu. Ele subitamente percebeu que estava sendo observado por um grande número de pessoas interessadas. “Entendo,” ele comentou de forma inadequada. Ele se virou desajeitadamente, afastando-se da atraente mulher. Olhou ao redor e encontrou vários olhos que imediatamente desviaram a atenção para outras coisas. Talvez ele tenha corado um pouco. “Quem é aquele conversando com a dama de vestido açafraão?”, ele perguntou, evitando os olhos dela.

A pessoa em questão, ele descobriu, era um dos grandes organizadores dos teatros americanos, recentemente vindo de uma gigantesca produção no México. Seu rosto lembrava

a Graham um busto de Calígula. Outro homem de aparência impressionante era o Mestre do Trabalho Negro. A expressão, no momento, não causou grande impressão, mas mais tarde voltaria à sua mente — o Mestre do Trabalho Negro? A pequena dama, sem nenhum constrangimento, indicou uma mulherzinha charmosa, dizendo ser uma das esposas subsidiárias do bispo anglicano de Londres. Ela elogiou a coragem do bispo — até então havia uma regra de monogamia clerical — “uma condição que não era nem natural nem conveniente. Por que o desenvolvimento natural das afeições deveria ser restringido só porque um homem é clérigo?”

“E, a propósito,” acrescentou ela, “você é anglicano?” Graham estava prestes a perguntar sobre o que é uma “esposa subsidiária”, aparentemente uma expressão eufemística, quando o retorno de Lincoln interrompeu essa conversa sugestiva e interessante. Eles cruzaram o salão até onde um homem alto, vestido de carmesim, e duas figuras encantadoras em trajes que lhe pareciam birmaneses aguardavam ansiosamente. Após as saudações, Graham foi apresentado a várias outras pessoas.

Com o tempo, suas inúmeras impressões começaram a se organizar em um panorama geral. No início, o brilho da reunião despertou o democrata em Graham; ele se sentiu hostil e satírico. Mas não é da natureza humana resistir a uma atmosfera de cortesia. Logo, a música, a luz, o jogo de cores, os braços e ombros brilhantes ao seu redor, o toque de mãos, o interesse transitório de rostos sorridentes, o som alegre de vozes habilmente moduladas, a atmosfera de elogios, interesse e respeito, tudo se entrelaçou em um tecido de prazer inegável. Graham, por algum tempo, esqueceu suas resoluções solenes. Ele cedeu insensivelmente à embriaguez da posição que lhe foi concedida, sua postura tornou-se menos tensa, mais convincentemente régia, seus pés se moviam com segurança, o manto negro caía com uma elegância audaciosa, e o orgulho enobreceu sua voz. Afinal, aquele era um mundo fascinante e cheio de interesse.

Ele olhou para cima e viu, passando por uma ponte de porcelana e olhando para baixo em sua direção, um rosto que quase imediatamente se escondeu — o rosto da jovem que ele tinha visto na noite passada, na pequena sala além do teatro, após sua fuga do Conselho. Ela o estava observando.

Por um momento, ele não se lembrou de onde a conhecia, e então uma vaga lembrança das emoções agitadas de seu primeiro encontro surgiu. Mas a teia dançante de melodias ao seu redor abafava a lembrança daquela canção grandiosa de marcha.

A dama com quem ele estava falando repetiu seu comentário, e Graham se lembrou do flerte quase real no qual estava envolvido.

Contudo, inexplicavelmente, uma vaga inquietação, um sentimento crescente de insatisfação, começou a se insinuar em sua mente. Ele se sentiu perturbado, como se estivesse negligenciando algum dever esquecido, ou perdendo algo importante em meio àquela luz e brilho. A atração que aquelas mulheres deslumbrantes exerciam sobre ele começou a desaparecer. Ele já não respondia de forma vaga e desajeitada aos avanços sutilmente amorosos que agora ele tinha certeza de que estavam sendo feitos, e seus olhos vagaram, procurando outro vislumbre da garota da primeira revolta.

Onde exatamente ele a tinha visto?...

Graham estava em uma das galerias superiores, conversando com uma senhora de olhos radiantes sobre o assunto de Eadhamite — um tema escolhido por ele, e não por ela. Ele interrompeu suas calorosas garantias de devoção pessoal com uma pergunta mais prosaica. Ele a percebeu, assim como outras mulheres modernas que conheceu naquela noite, mais charmosa do que bem informada. De repente, lutando contra o fluxo turbulento da melodia próxima, a canção da Revolta, aquela grande canção que ouvira no Salão, rouca e imponente, veio até ele com força.

Ah! Agora ele se lembrava!

Ele olhou para cima, assustado, e notou um *œil de bœuf* (janela redonda) por onde a canção havia vindo. Além dela, via-se as camadas superiores de cabos, a névoa azulada e as luzes das vias públicas penduradas como um tecido suspenso. Ele ouviu a canção se transformar em um tumulto de vozes e, então, cessar abruptamente. Mas agora ele podia perceber claramente o zumbido e o movimento nas plataformas móveis, além do murmúrio de uma multidão. Ele tinha uma vaga intuição, algo inexplicável, um sentimento instintivo de que, lá fora, nas vias públicas, uma imensa multidão deveria estar observando aquele local onde seu Mestre se divertia.

Mesmo que a música tivesse parado abruptamente e a melodia do encontro tivesse retornado, o tema daquela canção de marcha continuou a ecoar em sua mente.

A dama de olhos brilhantes ainda lutava com os mistérios de Eadhamite quando ele avistou novamente a garota que tinha visto no teatro. Ela estava caminhando agora pela galeria em sua direção; ele a viu antes que ela o notasse. Ela estava vestida com um traje cinza, levemente iluminado, e seu cabelo escuro, que pairava sobre as sobrancelhas, parecia uma nuvem. Quando ele a avistou, a fria luz da abertura circular para as vias caiu sobre seu rosto abatido.

A dama, ainda confusa sobre o Eadhamite, percebeu a mudança na expressão de Graham e aproveitou a oportunidade para escapar. “Você gostaria de conhecer aquela

garota?”, ela perguntou corajosamente. “Ela é Helen Wotton — sobrinha de Ostrog. Ela conhece muitas coisas importantes. É uma das pessoas mais sérias que existe. Tenho certeza de que você gostará dela.”

Logo depois, Graham já estava conversando com Helen, e a outra mulher, com olhos radiantes, já havia se afastado. “Eu me lembro muito bem de você”, disse Graham. “Você estava naquela pequena sala quando todos estavam cantando e batendo os pés, antes de eu atravessar o Salão.”

Seu constrangimento momentâneo desapareceu. Ela o olhou com firmeza. “Foi maravilhoso,” disse ela, hesitando antes de continuar com um esforço repentino: “Todas aquelas pessoas teriam morrido por você, senhor. Incontáveis pessoas morreram por você naquela noite.”

Seu rosto iluminou-se, e ela olhou rapidamente para os lados para se certificar de que ninguém mais havia escutado.

Lincoln apareceu um pouco mais adiante na galeria, abrindo caminho pela multidão em direção a eles. Ela o avistou e virou-se para Graham, ansiosa, com uma súbita expressão de confiança e intimidade. “Senhor,” ela disse rapidamente, “não posso lhe dizer agora, aqui. Mas as pessoas comuns estão muito infelizes; elas são oprimidas — são mal governadas. Não se esqueça das pessoas, que enfrentaram a morte — a morte, para que você pudesse viver.”

“Eu não sei de nada...” começou Graham.

“Não posso lhe contar agora.”

O rosto de Lincoln apareceu próximo deles. Ele se curvou em um pedido de desculpas para Helen.

“Você está gostando do novo mundo, senhor?” perguntou Lincoln, com um sorriso respeitoso, gesticulando para o espaço e o esplendor da reunião. “De qualquer forma, parece que o acha bem diferente.”

“Sim,” disse Graham, “mudou. E, no entanto, não tanto quanto pensei.”

“Espere até estar no ar,” disse Lincoln. “O vento diminuiu; um avião já o aguarda.”

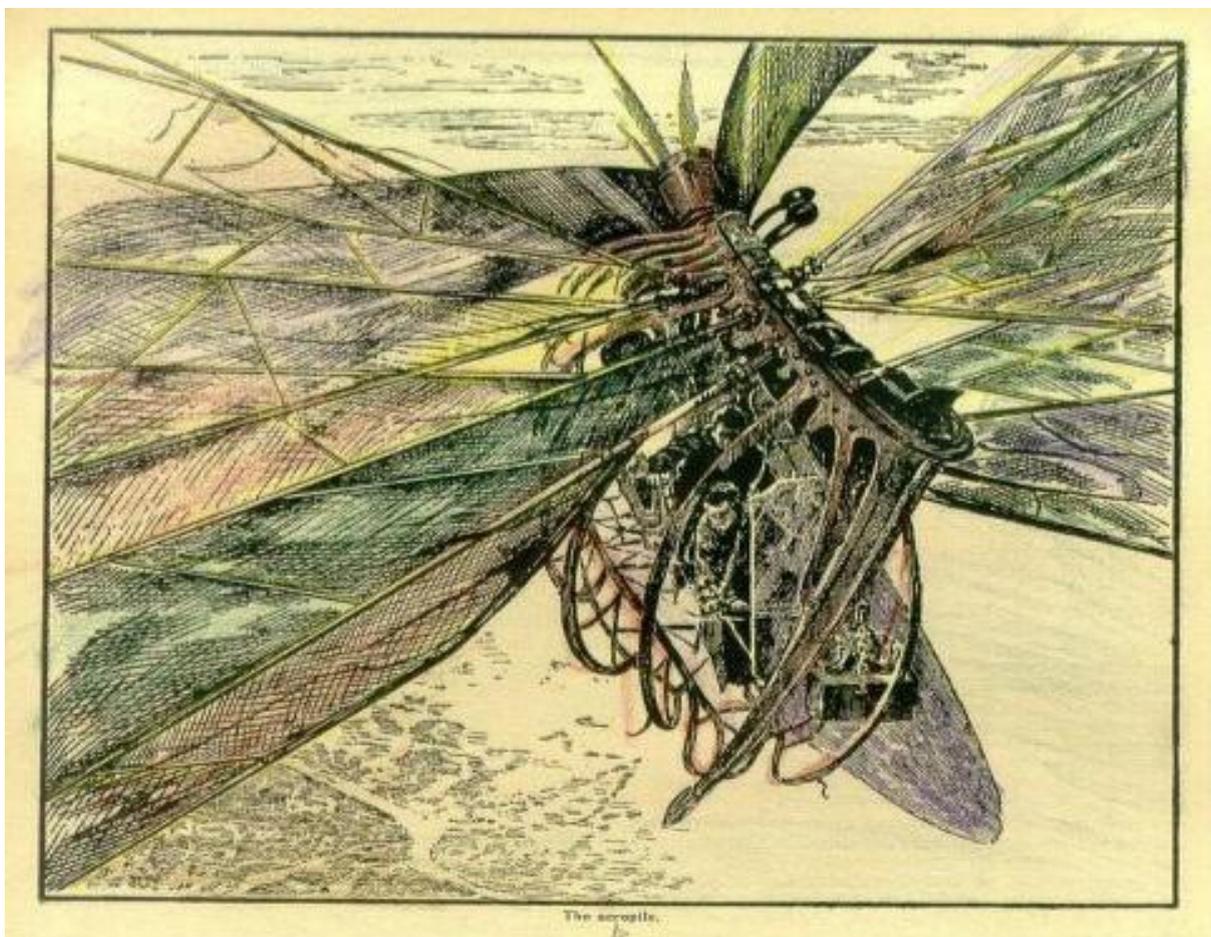
A expressão de Helen indicava que ela esperava ser dispensada.

Graham olhou para ela e estava prestes a fazer uma pergunta, mas viu o aviso em seu olhar. Ele se curvou para ela, agradeceu e seguiu Lincoln.

## CAPÍTULO XVI — O Monoplano

As áreas de decolagem de Londres formavam um crescente irregular no lado sul do rio. Eles estavam organizados em três grupos de dois, cada um mantendo o nome de antigas colinas ou vilas suburbanas. Os nomes seguiam a ordem: Roehampton, Wimbledon Park, Streatham, Norwood, Blackheath e Shooter's Hill. Eram estruturas uniformes que se erguiam muito acima do nível dos telhados. Cada uma tinha cerca de quatro mil jardas de comprimento e mil de largura, construídas com uma liga de alumínio e ferro que havia substituído o ferro nas construções. As camadas superiores formavam aberturas entre as vigas, por onde elevadores e escadas subiam. A superfície superior era plana, com porções dos transportadores iniciais que podiam ser levantadas, permitindo que corresse em trilhos ligeiramente inclinados até o final da plataforma.

Graham seguiu para a área de decolagem pelas vias públicas, acompanhado por Asano, seu assistente japonês. Lincoln havia sido chamado por Ostrog, que estava ocupado com suas responsabilidades administrativas. Uma forte guarda da polícia dos moinhos de vento aguardava Graham do lado de fora dos escritórios, e abriu caminho para ele na plataforma móvel superior. Apesar de sua partida ser inesperada, uma grande multidão rapidamente se formou e o seguiu até seu destino. Conforme avançava, Graham ouvia as pessoas gritando seu



nome, e via homens, mulheres e crianças vestidas de azul subindo pelas escadas centrais, gesticulando e gritando. Ele não conseguia entender o que diziam, e ficou novamente impressionado com a existência de um dialeto vulgar entre os pobres da cidade. Quando finalmente desceu, seus guardas foram cercados por uma multidão densa e agitada. Mais tarde, ele percebeu que alguns haviam tentado entregar-lhe petições. Seus guardas abriram passagem com dificuldade.

Um monoplane aguardava Graham na área oeste, comandado por um piloto. De perto, a máquina parecia maior. Em sua base de lançamento sobre a vasta plataforma voadora, seu esqueleto de alumínio era tão grande quanto o casco de um iate de vinte toneladas. Suas asas laterais, sustentadas por nervuras de metal semelhantes às de uma asa de abelha, eram feitas de uma membrana artificial vítrea e projetavam sombras por centenas de metros quadrados. As cadeiras para o engenheiro e o passageiro estavam suspensas por um sistema complexo, protegidas pelas nervuras da estrutura e posicionadas bem atrás do centro. A cadeira do passageiro era equipada com um para-brisa e protegida por barras metálicas com almofadas de ar. Ela poderia, se necessário, ser completamente fechada, mas Graham, ansioso por novas experiências, pediu para que fosse deixada aberta. O piloto sentava-se protegido por um vidro dianteiro. O passageiro podia se prender firmemente ao assento, o que era quase obrigatório durante o pouso, ou podia se mover através de um pequeno trilho até um compartimento na parte de trás da máquina, onde seus pertences, agasalhos e suprimentos eram guardados, servindo também como contrapeso para as partes centrais do motor, que se estendiam até a hélice na popa.

A área de decolagem ao seu redor estava vazia, exceto por Asano e sua comitiva de assistentes. Seguindo as instruções do piloto, ele se acomodou em seu assento. Asano passou pelas barras do casco e permaneceu abaixo na plataforma, acenando com a mão. Ele pareceu deslizar ao longo do palco para a direita e desaparecer. O motor zumbia alto, a hélice girava, e por um segundo a plataforma e os prédios ao redor passaram rapidamente na horizontal diante dos olhos de Graham; em seguida, essas imagens pareceram se inclinar abruptamente. Instintivamente, ele agarrou as pequenas barras de segurança ao seu lado. Sentiu o movimento de subida e ouviu o ar assobiar sobre o topo do para-brisa. A hélice girava com impulsos poderosos e rítmicos — um, dois, três, pausa; um, dois, três — controlados com precisão pelo engenheiro. A máquina começou a vibrar levemente, uma tremulação contínua durante todo o voo, enquanto as áreas dos telhados pareciam correr rapidamente para estibordo e diminuía cada vez mais. Ele olhou para o engenheiro, através das nervuras da estrutura. Olhando de lado, nada parecia muito surpreendente — um funicular rápido poderia

provocar sensações semelhantes. Ele reconheceu a A Casa do Conselho e a Highgate Ridge. Então, olhou diretamente para baixo, entre seus pés.

Por um momento, foi tomado por um terror físico, uma sensação de insegurança profunda. Ele se agarrou firmemente. Por alguns segundos, não conseguiu levantar o olhar. Algumas centenas de pés abaixo, ele avistou um dos grandes moinhos no sudoeste de Londres, e além dele, a área de decolagem mais ao sul, cheio de pequenos pontos pretos. Essas coisas pareciam se distanciar dele. Por um instante, ele sentiu um impulso de descer de volta para a terra. Cerrou os dentes, levantou os olhos com esforço, e o momento de pânico passou.

Com os dentes ainda cerrados e os olhos fixos no céu, ele ouvia o som rítmico da hélice — pulsação, pulsação, pulsação — batida. Ele segurou as barras com firmeza, olhou para o aeronauta e viu um sorriso no rosto bronzeado do piloto. Graham sorriu de volta — talvez um pouco forçado. “É um pouco estranho no começo,” gritou ele, antes de se lembrar de manter a compostura. No entanto, não se atreveu a olhar para baixo de novo por um tempo. Ele manteve os olhos no horizonte, onde uma linha azul de céu começava a subir vagarosamente. Pensamentos sobre possíveis acidentes continuavam insistentes em sua mente — pulsação, pulsação, pulsação; e se algum parafuso crítico falhasse naquele motor de apoio? E se...? Com esforço, ele afastou essas ideias, mantendo-as ao menos fora do foco principal. E assim, subiram cada vez mais alto no ar limpo.

Depois que o choque mental de se mover pelo ar sem apoio passou, as sensações deixaram de ser desagradáveis e rapidamente se tornaram prazerosas. Haviam-no alertado sobre o risco de enjoo aéreo, mas o movimento pulsante do monoplane, enquanto subia com a brisa suave do sudoeste, era apenas um pouco mais intenso do que o balanço de um barco em ondas largas sob uma ventania moderada, e Graham sempre fora um bom marinheiro. A ternura do ar rarefeito à medida que subiam trouxe-lhe uma sensação de leveza e alegria. Ele olhou para cima e viu o céu azul marcado por nuvens cirros. Seus olhos desceram cautelosamente através das nervuras e barras da estrutura até avistar um voo brilhante de pássaros brancos, planando nas camadas mais baixas do céu. Ele os observou por um tempo. Sentindo-se mais confiante, olhou novamente para baixo e viu a figura esguia de um moinho brilhando ao sol, ficando menor a cada momento. Com o olhar agora mais firme, ele percebeu uma linha azul de colinas, e então Londres, já a sotavento, revelando-se como um vasto emaranhado de telhados. A borda mais próxima emergiu nítida e clara, dissipando suas últimas apreensões com um choque de surpresa. Pois a fronteira de Londres era como um

muro, um penhasco, uma queda abrupta de trezentos ou quatrocentos pés, uma fachada interrompida apenas por terraços aqui e ali, com uma complexidade decorativa imponente.

Aquela transição gradual da cidade para o campo, através de uma extensa área de subúrbios, que era uma característica marcante das grandes cidades do século XIX, não existia mais. Nada restava, exceto um desperdício de ruínas, variegado e denso com moitas de vegetação heterogênea que outrora adornava os jardins dos arredores, intercaladas entre manchas marrons de solo arado e extensões verdejantes de hortaliças de inverno. Essas últimas se espalhavam até mesmo entre os vestígios de casas. Mas, na maior parte, as colinas e os montes de ruínas, os destroços de vilas suburbanas, ficavam espalhados entre suas ruas e estradas, estranhas ilhas em meio às extensões planas de verde e marrom, abandonadas há anos pelos moradores, mas muito substanciais, ao que parecia, para serem removidas pelos mecanismos agrícolas em larga escala da época.

A vegetação desse deserto ondulava e se espalhava pelas inúmeras células formadas pelas paredes das casas em ruínas, rompendo-se ao longo da base da muralha da cidade em uma onda de silvas, azevinhos, heras, cardos e gramíneas altas. Aqui e ali, palácios de prazer se erguiam vistosamente em meio aos restos insignificantes dos tempos vitorianos, e teleféricos inclinavam-se em direção a eles partindo da cidade. Naquele dia de inverno, pareciam desertos. Também estavam desertos os jardins artificiais entre as ruínas. Os limites da cidade eram, de fato, tão nitidamente definidos quanto nos tempos antigos, quando os portões eram fechados ao cair da noite e os guardas noturnos patrulhavam até os próprios muros. Uma enorme garganta semicircular despejava um tráfego vigoroso na Estrada Eadhamite Bath. Então, a primeira visão do mundo além da cidade brilhou para Graham e desapareceu. E quando finalmente conseguiu olhar diretamente para baixo novamente, viu os campos de vegetais do vale do Tâmsa — inúmeros retângulos minúsculos de um marrom avermelhado, entrecortados por fios reluzentes, as valas de drenagem.

Sua euforia cresceu rapidamente, transformando-se em uma espécie de intoxicação. Ele se viu respirando profundamente, rindo alto, sentindo vontade de gritar. Depois de um tempo, esse desejo se tornou forte demais para ele, e ele gritou.

Eles inclinaram-se em direção ao sul. Conduziam com uma leve inclinação a favor do vento, alternando entre uma curta e acentuada subida e uma longa descida suave, que era rápida e agradável. Durante essas descidas, a hélice ficava completamente inativa. Essas subidas deram a Graham uma sensação gloriosa de esforço bem-sucedido; as descidas pelo ar rarefeito estavam além de qualquer experiência que já tivera. Ele nunca mais queria sair dos ares superiores.

Por um tempo, ele concentrou-se nos mínimos detalhes da paisagem que rapidamente passava ao norte abaixo dele. Ele ficou impressionado com as ruínas das casas que antes pontilhavam o campo, com a vasta extensão sem árvores onde todas as fazendas e vilas haviam desaparecido, restando apenas ruínas esparsas. Ele sabia que era assim, mas ver com os próprios olhos era completamente diferente. Ele tentou identificar lugares que conhecia dentro da vasta bacia do mundo abaixo, mas, a princípio, não conseguiu distinguir nenhum ponto específico, agora que o vale do Tâmis havia ficado para trás. Logo, no entanto, estavam sobrevoando uma colina de giz íngreme que ele reconheceu como Guildford Hog's Back, por causa do contorno familiar do desfiladeiro em sua extremidade leste e por causa das ruínas da cidade que se erguiam abruptamente em cada borda deste desfiladeiro. A partir daí, ele distinguiu outros pontos: Leith Hill, os desertos arenosos de Aldershot e assim por diante. A escarpa de Downs era delineada por gigantescas hélices de vento, movendo-se lentamente. Exceto onde a larga Estrada Eadhamite Portsmouth, densamente pontilhada de formas apressadas, seguia o curso da antiga ferrovia, o desfiladeiro do Wey estava cheio de matagais.

Toda a extensão da escarpa de Downs, até onde a névoa cinzenta lhe permitia ver, estava repleta de rodas de vento, das quais a maior da cidade era apenas um pouquinho menor. Elas se agitavam com um movimento majestoso diante do vento sudoeste. Aqui e ali, manchas salpicadas com as ovelhas do British Food Trust podiam ser vistas, e aqui e ali, um pastor montado aparecia como um ponto preto. Então, correndo sob a popa do monoplane, vinham as Wealden Heights, a linha de Hindhead, Pitch Hill e Leith Hill, com uma segunda fileira de rodas de vento que pareciam lutar para capturar dos redemoinhos dos Downs sua cota de brisa. A urze roxa estava salpicada de tojo amarelo, e do outro lado, uma manada de bois pretos corria à frente de dois cavaleiros. Rapidamente, ficaram para trás, diminuíram e perderam a cor, tornando-se meras manchas móveis, engolidas pela névoa.

Quando desapareceram à distância, Graham ouviu o lamento de um galeno próximo. Ele percebeu que agora estava sobrevoando os South Downs, e olhando por cima do ombro viu as ameias da Plataforma de Desembarque de Portsmouth elevando-se sobre o cume de Portsdown Hill. Em outro momento, uma vasta extensão de navios, como cidades flutuantes, surgiu à vista; os pequenos penhascos brancos das Agulhas, diminutos e banhados pelo sol; e as águas cinzentas e brilhantes do mar estreito. Parecia que haviam cruzado o Solent em um instante, e em poucos segundos a Ilha de Wight estava passando, e então abaixo dele se estendia uma vasta extensão de mar, ora roxo com a sombra de uma nuvem, ora cinza, ora um espelho polido, ora uma extensão de azul esverdeado nublado. A Ilha de Wight diminuía cada

vez mais. Em mais alguns minutos, uma faixa de névoa cinzenta destacou-se das demais, que eram nuvens, e desceu do céu, tornando-se uma linha costeira iluminada pelo sol e acolhedora — a costa norte da França. Ela surgiu, tomou cor, tornou-se definida e detalhada, e a contrapartida das terras baixas da Inglaterra passou rapidamente abaixo.

Em pouco tempo, Paris apareceu no horizonte, permanecendo visível por um momento antes de desaparecer novamente enquanto o monoplano fazia uma curva para o norte. Graham conseguiu ver a Torre Eiffel ainda de pé, ao lado de uma enorme cúpula encimada por uma figura pontiaguda. Ele também notou uma coluna inclinada de fumaça, embora não tivesse compreendido seu significado na hora. O piloto comentou algo sobre “problemas nos túneis subterrâneos”, mas Graham não prestou atenção. No entanto, ele reparou nas torres, minaretes e esbeltas estruturas que se elevavam sobre os telhados de Paris, e percebeu que, em termos de beleza arquitetônica, a cidade ainda se mantinha à frente de sua rival maior. Enquanto observava, uma forma azul-clara subiu da cidade como uma folha levada pelo vento. Ela se aproximava rapidamente, crescendo em tamanho. O piloto disse algo, mas Graham estava muito concentrado na visão à sua frente.

“O que?”, perguntou Graham, relutante em desviar o olhar.

“Avião de Londres, senhor”, gritou o piloto, apontando para a figura que se aproximava.

Eles subiram e viraram para o norte conforme o avião se aproximava, cada vez maior e mais rápido. O pulsar do motor do monoplano, que antes parecia tão poderoso, agora parecia lento em comparação com a velocidade daquela gigantesca máquina. Ela passou bem perto, silenciosa, com suas enormes asas translúcidas de arame, como uma criatura viva. Graham teve um breve vislumbre das fileiras de passageiros, de um engenheiro vestindo um macacão branco que rastejava contra o vento, dos motores que giravam em uníssono e do hélice giratório. E então, num instante, a aeronave passou.

Eles subiram ligeiramente, e as pequenas asas do monoplano balançaram com o deslocamento do ar. O avião se afastava rapidamente, tornando-se apenas um ponto no céu distante. Esse era o avião que fazia a rota entre Londres e Paris, voando quatro vezes ao dia em tempos de paz e bom clima.

A travessia do Canal da Mancha parecia agora lenta para Graham, cuja mente estava ampliada pelas experiências recentes. Beachy Head apareceu à esquerda.

“Aterrissar,” gritou o piloto, sua voz mal audível no meio do vento.

“Não ainda!”, gritou Graham, rindo. “Ainda não tocamos o solo. Quero aprender mais sobre esta máquina.”

“Eu quis dizer...”, começou o piloto, mas Graham o interrompeu.

“Quero aprender mais sobre esta máquina!”, repetiu Graham.

Ele se levantou da cadeira, movendo-se ao longo do corrimão, suas mãos apertando-o com firmeza enquanto o vento batia forte em seu rosto e cabelo. O piloto fez ajustes apressados para compensar a mudança no centro de gravidade.

“Explique-me como isso funciona,” disse Graham. “O que você faz quando move este motor para frente?”

O piloto hesitou, depois respondeu: “É complexo, senhor.”

“Eu não me importo,” gritou Graham.

O piloto hesitou novamente. “A aeronáutica é um segredo — um privilégio—”

“Eu sei. Mas sou o Mestre, e quero saber.” Graham riu, sentindo-se poderoso naquele ambiente aéreo.

O monoplano fez uma curva, o vento fresco cortando o rosto de Graham. Ele e o aeronauta se entreolharam.

“Senhor, há regras—”

“Não para mim,” respondeu Graham. “Você parece se esquecer disso.”

O piloto estudou o rosto de Graham. “Não, senhor, não esqueço. Mas em toda a terra, apenas aeronautas treinados podem operar essas máquinas. Os outros são meros passageiros—”

“Eu ouvi algo a respeito. Mas isso não me interessa. Quero voar por mim mesmo! Eu terei algo para compensar pelo meu sono. De todas as outras coisas... No meu passado, meu sonho era voar. Agora — mantenha o equilíbrio!”

“Uma dúzia de espiões estão me observando, senhor!”

A paciência de Graham estava no limite. Talvez ele tivesse decidido que assim fosse. Ele praguejou. Girou em torno da massa de alavancas que o separava do piloto, fazendo o monoplano balançar.

“Eu sou o Mestre da Terra?” ele perguntou. “Ou é a sua Sociedade? Agora, tire as mãos dessas alavancas e segure meus pulsos. Isso, assim. Agora, como fazemos o nariz da máquina apontar para baixo para o planeio?”

“Senhor,” disse o aeronauta.

“O que é?”

“Você vai me proteger?”

“Sim! Se for necessário, queimarei Londres por isso. Agora!”

Com essa promessa, Graham comprou sua primeira lição de navegação aérea. “Claramente é do seu interesse, nesta viagem,” ele disse com uma risada alta — pois o ar era como vinho forte — “me ensinar rápido e bem. Eu puxo isso? Ah! Assim! Vamos lá!”

“Para trás, senhor! Para trás!”

“Para trás... à direita. Um... dois... três... Deus do céu! Ah! Lá vamos nós! Mas isso é viver!”

A máquina começou a realizar as manobras mais estranhas no ar. Em uma espiral de apenas cem metros de diâmetro, ela subia vertiginosamente para então mergulhar de forma abrupta e rápida, caindo como um falcão, apenas para se recuperar em um loop ágil que a fazia subir novamente. Em uma dessas descidas, parecia que ia direto para o parque de balões à deriva no sudeste, desviando no último instante em uma recuperação súbita e hábil. A velocidade e a suavidade extraordinárias dos movimentos, juntamente com os efeitos do ar rarefeito sobre sua constituição, lançaram Graham em uma euforia imprudente.

Mas, finalmente, um incidente estranho o trouxe de volta à realidade, enviando-o de volta ao mundo abaixo com todos os seus enigmas sombrios e insolúveis. Enquanto ele mergulhava, ouviu um estalo e algo se desprende, caindo como uma gota de chuva. Ao descer, ele viu algo branco girando ao longe. “O que foi isso?”, perguntou. “Eu não vi.”

O piloto deu uma olhada rápida e agarrou a alavanca para estabilizar a descida. Quando o monoplane voltou a subir, ele respirou fundo e respondeu: “Aquilo,” e indicou a coisa branca ainda caindo, “era um cisne”.

“Eu não vi,” disse Graham.

O piloto não respondeu, e Graham notou pequenas gotas de suor em sua testa.

Eles voaram horizontalmente enquanto Graham retornava ao assento do passageiro, longe do chicote do vento. Então, veio uma descida rápida, com a hélice girando para amortecer a queda, e área de voo abaixo deles crescia, larga e escura. O sol, que se punha sobre as colinas de giz ao oeste, descia junto com eles, deixando o céu com um brilho dourado.

Logo, podiam ser vistos homens como pequenas manchas no chão. Graham ouviu um som vindo ao longe, semelhante ao das ondas em uma praia de seixos, e viu que os telhados ao redor da área de voo estavam escuros com pessoas se alegrando com seu retorno seguro. Abaixo, uma multidão densa enchia o palco, uma escuridão pontilhada de rostos incontáveis, tremulando com lenços brancos acenando e mãos levantadas em saudação.

## CAPÍTULO XVII — Três Dias

Lincoln aguardava Graham em um apartamento sob a plataforma de voo. Ele parecia curioso sobre tudo o que havia acontecido e satisfeito em ouvir o quanto Graham havia gostado de voar. Graham estava cheio de entusiasmo. “Eu preciso aprender a voar,” ele gritou. “Tenho que dominar isso. Sinto pena de todas as pobres almas que morreram sem essa oportunidade. O ar rápido e revigorante! É a experiência mais maravilhosa do mundo.”

“Você descobrirá que nossos novos tempos são cheios de experiências maravilhosas,” disse Lincoln. “Não sei o que você vai querer fazer agora. Temos músicas que podem parecer novas.”

“Por enquanto,” disse Graham, “voar é o que me prende. Quero aprender mais sobre isso. O piloto mencionou que o sindicato tem alguma objeção a que outros aprendam.”

“É verdade,” disse Lincoln. “Mas para você —! Se quiser se dedicar a isso, podemos torná-lo um aeronauta oficial amanhã mesmo.”

Graham expressou seu desejo com vivacidade e falou sobre suas sensações por um tempo. “E quanto aos outros assuntos?”, perguntou abruptamente. “Como estão as coisas?”

Lincoln desviou a conversa. “Ostrog vai lhe contar tudo amanhã,” ele disse. “Tudo está se acalmando. A Revolução está acontecendo em todo o mundo. Um atrito aqui e ali é inevitável, mas seu governo está garantido. Você pode descansar tranquilo com Ostrog no comando.”

“Seria possível me tornar um aeronauta oficial, como você mencionou, ainda hoje — antes de dormir?”, perguntou Graham, andando de um lado para o outro. “Assim eu poderia voltar a voar logo pela manhã.”

“É possível,” disse Lincoln pensativo. “Bem possível, na verdade. Será feito.” Ele riu. “Vim preparado para sugerir entretenimentos, mas você já encontrou o seu. Vou telefonar para os escritórios aeronáuticos e, depois de jantarmos, os aeronautas poderão vir. Mas depois do jantar, você não preferiria —?” Ele fez uma pausa.

“Sim,” disse Graham.

“Preparamos um espetáculo de dançarinas — foram trazidas do teatro de Capri.”

“Eu detesto balés,” disse Graham secamente. “Sempre detestei. Essas outras coisas — não é o que quero ver. Tivemos dançarinas no passado. Na verdade, elas existiam até no antigo Egito. Mas voar —”

“De fato,” disse Lincoln. “Embora nossos dançarinas —”

“Elas podem esperar,” interrompeu Graham. “Elas podem esperar. Eu sei. Não sou latino. Há perguntas que quero fazer a algum especialista — sobre suas máquinas. Estou interessado. Não quero distrações.”

“Você tem o mundo à sua disposição,” disse Lincoln. “Tudo o que desejar é seu.”

Asano apareceu, e sob a escolta de uma forte guarda, eles retornaram pelas ruas da cidade para os apartamentos de Graham. Multidões muito maiores do que as que testemunharam sua partida agora se reuniam para vê-lo retornar, e os gritos e aplausos dessas massas de pessoas às vezes abafavam as respostas de Lincoln às intermináveis perguntas que a viagem aérea de Graham havia despertado. A princípio, Graham reconheceu os aplausos e gritos da multidão com reverências e gestos, mas Lincoln o alertou que tal reconhecimento seria considerado inadequado. Já um pouco cansado de tais formalidades, Graham ignorou os súditos pelo restante do trajeto público.

Assim que chegaram aos seus aposentos, Asano saiu em busca de representações cinematográficas de máquinas em funcionamento, enquanto Lincoln organizava os pedidos de Graham por modelos e pequenos dispositivos que ilustravam os avanços mecânicos dos últimos dois séculos. O grupo de aparelhos de comunicação telegráfica atraiu tanto a atenção de Graham que seu jantar, servido por várias garotas habilidosas, teve que esperar. O hábito de fumar quase havia desaparecido do mundo, mas, quando expressou desejo por tal indulgência, alguns charutos excelentes foram localizados na Flórida e enviados por despacho pneumático, ainda durante o jantar.

Depois vieram os aeronautas, e uma série de maravilhas engenhosas nas mãos de engenheiros modernos. Por um tempo, a elegância mecânica de máquinas contadoras, motores, elevadores de grãos e água, e outros dispositivos fascinou Graham mais do que qualquer dançarina. “Éramos selvagens,” ele repetia, “selvagens. Estávamos na Idade da Pedra — comparados a isso... E o que mais vocês têm?”

Vieram também psicólogos práticos, com alguns desenvolvimentos interessantes na arte do hipnotismo. Os nomes de Milne Bramwell, Fechner, Liebault, William James, Myers e Gurney, agora tinham um valor que surpreenderia seus contemporâneos. A psicologia havia substituído amplamente drogas e anestésicos na medicina e era usada por quase todos que necessitavam de concentração mental. Ela parecia ter ampliado a capacidade humana em diversas direções. Feitos antes vistos como milagres, como os de “calculistas prodígios”, agora estavam ao alcance de qualquer um que pudesse pagar por um bom hipnotizador.

A educação também havia mudado drasticamente. Em vez de anos de estudo, algumas semanas em estado de transe com especialistas repetindo os pontos necessários eram

suficientes para o aprendizado. Crianças de classes trabalhadoras eram hipnotizadas cedo, tornando-se máquinas confiáveis e liberadas das longas preocupações da juventude. Qualquer memória ou habilidade podia ser implantada ou removida através desse método. A cirurgia psíquica, como chamavam, era amplamente utilizada, permitindo que pessoas esquecessem traumas e experiências indesejadas.

Graham, como a maioria das pessoas de seu tempo anterior, desconfiava de hipnotizadores, ou ele poderia ter aliviado sua mente de muitas preocupações dolorosas naquele momento. Apesar das garantias de Lincoln, ele se apegava à velha crença de que ser hipnotizado significava, de alguma forma, uma rendição de sua personalidade, uma abdicação de sua vontade. No banquete de experiências extraordinárias que estava começando, ele queria, acima de tudo, permanecer absolutamente ele mesmo.

Nos dias seguintes, um após o outro, Graham se envolveu com esses novos interesses. Cada dia, ele passava muitas horas no glorioso prazer de voar. No terceiro dia, sobrevoou o centro da França, avistando os Alpes cobertos de neve. Esses exercícios vigorosos lhe proporcionavam um sono reparador, e a cada dia ele avançava significativamente em sua recuperação da apatia anêmica que o afligia desde seu despertar. Sempre que não estava no ar, Lincoln se empenhava em entretê-lo; todas as invenções contemporâneas mais curiosas e inovadoras eram trazidas para ele, até que finalmente seu apetite por novidades começava a ser saciado. Seria possível encher uma dúzia de volumes com as coisas estranhas que lhe foram exibidas.

Todas as tardes, Graham mantinha uma espécie de audiência por cerca de uma hora ou mais. Logo percebeu que seu interesse por seus contemporâneos se tornava mais pessoal e íntimo. No início, ele se concentrava principalmente no que lhe parecia estranho e peculiar: qualquer exagero nas roupas ou diferença em relação aos preconceitos de nobreza que ele possuía o incomodava. Mas foi notável para ele como essa estranheza e a tênue hostilidade que ela gerava rapidamente desapareciam; ele começou a apreciar sua verdadeira posição e a ver a era vitoriana como um tempo remoto e pitoresco. Ele se divertiu particularmente com a filha ruiva do Gerente dos Porcos Europeus. No segundo dia, após o jantar, encontrou uma dançarina moderna e a considerou uma artista surpreendente. E após isso, novas maravilhas hipnóticas foram apresentadas.

No terceiro dia, Lincoln sugeriu que o Mestre visitasse uma Cidade do Prazer, mas Graham recusou. Ele também não aceitou os serviços dos hipnotizadores em seus experimentos de voo. O apego à localidade o mantinha em Londres; ele achava uma maravilha constante em identificar lugares que teria perdido ao ir para o exterior. “Aqui — ou

cem metros abaixo — eu costumava almoçar minhas costeletas durante meus dias na Universidade de Londres. Abaixo daqui ficava Waterloo e a eterna correria para pegar trens confusos. Quantas vezes fiquei esperando ali embaixo, bolsa na mão, olhando para o céu, sem imaginar que um dia estaria voando cem metros acima. E agora, naquele céu que antes era apenas um manto de fumaça cinza, eu circulo em um monoplane.”

Graham estava tão absorvido por essas distrações que os vastos movimentos políticos em curso além de seus aposentos lhe pareciam de pouca importância. As pessoas ao seu redor pouco lhe falavam a respeito. Diariamente, Ostrog, o Chefe, seu Grão-Vizir, seu prefeito do palácio, vinha até ele para relatar vagamente sobre a estabilização de seu governo; “um pequeno problema” que logo seria resolvido em uma cidade, “um leve distúrbio” em outra. A canção da revolta social não mais chegava aos seus ouvidos; ele nunca soube que havia sido proibida dentro dos limites da cidade. Todas as grandes emoções da insurgência repousavam dormentes em sua mente.

No entanto, no segundo e terceiro dia, ele começou a se lembrar, apesar de seu interesse pela filha do Gerente de Porcos — ou talvez por causa das ideias que as conversas com ela provocavam — da jovem Helen Wotton, que havia falado com ele de maneira tão estranha durante a reunião dos Guardiões dos Moinhos de vento. A impressão que ela havia deixado era profunda, embora a incessante surpresa das novas circunstâncias o tivesse distraído disso por um tempo. Mas agora, sua memória estava voltando com mais força. Ele se perguntava o que ela quis dizer com aquelas frases fragmentadas, meio esquecidas; a imagem de seus olhos e a paixão sincera em seu rosto se tornavam mais vívidas à medida que seus interesses mecânicos diminuía.

## **CAPÍTULO XVIII — Graham se lembra**

Ela o encontrou finalmente em uma pequena galeria que ia dos Escritórios dos Moinhos em direção aos seus aposentos de estado. A galeria era longa e estreita, com uma série de recessos, cada um com uma janela arqueada que dava para um pátio de palmeiras. Ele a encontrou de repente em um desses recessos. Ela estava sentada. Ao som de seus passos, ela virou a cabeça e se assustou ao vê-lo. Toda a cor desapareceu de seu rosto. Ela se levantou imediatamente, deu um passo em sua direção como se fosse falar com ele, mas hesitou. Ele parou e ficou parado, esperando. Então percebeu que um tumulto nervoso a silenciava, e que ela devia ter procurado falar com ele, pois estava esperando naquele lugar.

“Eu queria te ver,” ele disse. “Alguns dias atrás, você queria me contar algo... você queria me contar sobre as pessoas. O que era que você tinha para me contar?”

Ela o olhou com olhos preocupados.

“Você disse que as pessoas estavam infelizes?”

Por um momento, ela ficou em silêncio.

“Deve ter parecido estranho para você,” disse abruptamente.

“Sim. E, no entanto...”

“Foi um impulso.”

“Bem?”

“É só isso.”

Ela o olhou com hesitação. Falou com esforço. “Você esqueceu,” disse ela, respirando fundo.

“O quê?”

“As pessoas...”

“Você quer dizer...?”

“Você esqueceu as pessoas.”

Ele a olhou interrogativamente.

“Sim. Eu sei que você está surpreso. Pois você não entende quem você é. Você não sabe o que está acontecendo.”

“Bem?”

“Você não entende.”

“Não muito claramente, talvez. Mas... me diga.”

Ela se virou para ele com resolução repentina. “É tão difícil de explicar. Eu quis, eu quis... e agora — não consigo. Não estou pronta com as palavras. Mas sobre você — há algo. É uma maravilha. Seu sono — seu despertar. Essas coisas são milagres. Para mim, pelo menos — e para todas as pessoas comuns. Você, que viveu, sofreu e morreu, você, que era um cidadão comum, acorda novamente, vive novamente, para se encontrar como o Mestre, quase dono da Terra.”

“Mestre da Terra,” ele disse. “É o que me dizem. Mas tente imaginar o quão pouco eu sei sobre ela.”

“Cidades — Trusts — o Departamento do Trabalho —”

“Principados, poderes, domínios — o poder e a glória. Sim, eu ouvi eles gritarem. Eu sei. Eu sou o Mestre. Rei, se quiser. Com Ostrog, o Chefe—”

Ele fez uma pausa.

Ela se virou para ele e examinou seu rosto com curiosidade. “E então?”

Ele sorriu. “Para assumir a responsabilidade.”

“É isso que começamos a temer.” Por um momento, ela não disse mais nada. “Não,” disse ela lentamente. “Você assumirá a responsabilidade. Você assumirá. As pessoas olham para você.” Ela falou suavemente. “Escute! Por pelo menos metade dos anos do seu sono — em cada geração, multidões de pessoas, cada vez mais, oraram para que você pudesse despertar — oraram.”

Graham moveu-se para falar, mas não conseguiu. Ela hesitou, e uma leve cor voltou às suas bochechas. “Você sabia que já estive com miríades — Rei Arthur, Barbarossa — o Rei que viria em seu próprio tempo e consertaria o mundo para eles?”

“Suponho que a imaginação das pessoas...”

“Você não ouviu nosso provérbio, 'Quando o Adormecido acorda'? Enquanto você jazia insensível e imóvel ali — milhares vinham. Milhares. Todo primeiro dia do mês, você estava em deitado com uma túnica branca sobre você, e as pessoas se alinhavam ao seu redor. Quando eu era uma garotinha, eu o via assim, com seu rosto branco e calmo.”

Ela virou o rosto para longe e olhou fixamente para a parede pintada diante dela. Sua voz baixou. “Quando eu era uma garotinha, costumava olhar para o seu rosto... parecia-me fixo e esperando, como a paciência de Deus. Foi isso que pensamos de você”, ela disse. “Foi assim que você nos pareceu.”

Ela virou os olhos brilhantes para ele, e sua voz era clara e forte. “Na cidade, na terra, uma miríade de homens e mulheres estão esperando para ver o que você fará, cheios de estranhas e incríveis expectativas.”

“Sim?”

“Ostrog — ninguém — pode assumir essa responsabilidade.”

Graham olhou para ela, surpreso, para seu rosto iluminado pela emoção. A princípio, ela parecia falar com esforço, e então, ao falar, se inflamava.

“Você acha,” ela disse, “que você, que viveu aquela pequena vida tão distante no passado, você, que caiu e saiu desse milagre do sono — você acha que a admiração, a reverência e a esperança de metade do mundo se reuniram ao seu redor apenas para que você possa viver outra pequena vida?... Que você pode transferir a responsabilidade para qualquer outro homem?”

“Eu sei quão grandiosa é essa minha realeza,” ele disse hesitante. “Eu sei quão grandiosa ela parece. Mas ela é real? É incrível — como um sonho. Ela é real ou é apenas uma grande ilusão?”

“É real,” ela disse; “se você ousar.”

“Afinal, como toda realeza, minha realeza é crença. É uma ilusão na mente dos homens.”

“Se você ousar!” ela disse.

“Mas—”

“Inúmeros homens,” ela disse, “e enquanto estiver nas mentes deles, eles obedecerão.”

“Mas eu não sei nada. Era isso que eu tinha em mente. Eu não sei nada. E esses outros — os Conselheiros, Ostrog. Eles são mais sábios, mais frios, eles sabem tanto, cada detalhe. E, de fato, o que são essas misérias das quais você fala? O que eu devo saber? Você quer dizer—”

Ele parou, confuso.

“Ainda sou pouco mais que uma menina,” ela disse. “Mas para mim, o mundo parece cheio de miséria. O mundo mudou desde o seu tempo, mudou muito estranhamente. Rezei para poder vê-lo e lhe contar essas coisas. O mundo mudou. Como se um câncer o tivesse tomado — e roubado da vida — tudo o que valia a pena ter.”

Ela virou um rosto corado para ele, movendo-se de repente. “Seus dias foram os dias de liberdade. Sim, eu pensei. Fui feita para pensar, pois minha vida não foi feliz. Os homens não são mais livres, nem maiores, nem melhores do que os homens do seu tempo. Isso não é tudo. Esta cidade é uma prisão. Toda cidade agora é uma prisão. Mammon segura a chave em sua mão. Miríades, incontáveis miríades, labutam do berço ao túmulo. Isso está certo? Isso vai ser para sempre? Sim, muito pior do que no seu tempo. Ao nosso redor, abaixo de nós, tristeza e dor. Todo o prazer superficial de tal vida que você encontra ao seu redor está separado por apenas um pouco de uma vida de miséria além de qualquer descrição. Sim, os pobres sabem disso, eles sabem que sofrem. Essas incontáveis multidões que enfrentaram a morte por você duas noites atrás...! Você deve sua vida a elas.”

“Sim,” disse Graham, lentamente. “Sim. Devo minha vida a eles.”

“Você vem,” ela disse, “dos dias em que essa nova tirania das cidades mal estava começando. É uma tirania — uma tirania. Nos seus dias, os senhores feudais da guerra tinham desaparecido, e o novo senhorio da riqueza ainda estava por vir. Metade dos homens do mundo ainda vivia no campo livre. As cidades ainda não os haviam devorado. Eu li as histórias dos livros antigos — havia nobreza! Homens comuns levavam vidas de amor e fidelidade naquela época — faziam mil coisas. E você — você vem daquela época.”

“Não foi... Mas não importa. Como está agora?”

“Ganho e as Cidades do Prazer! Ou escravidão — escravidão sem agradecimento, sem honra.”

“Escravidão!”, ele disse.

“Escravidão.”

“Você não quer dizer que os seres humanos são propriedades móveis.”

“Pior. É isso que eu quero que você saiba, o que eu quero que você veja. Eu sei que você não sabe. Eles vão esconder coisas de você, eles vão te levar imediatamente para uma Cidade do Prazer. Mas você notou homens, mulheres e crianças em trapos azul-claros, com rostos magros e amarelados, e olhos opacos?”

“Em todos os lugares.”

“Falando um dialeto horrível, grosseiro e fraco.”

“Eu ouvi isso.”

“Eles são os escravos — seus escravos. São os escravos do Departamento de Trabalho que você possui.”

“A Companhia de Trabalho! De certa forma... isso me soa familiar. Ah! Agora eu me lembro. Eu vi quando estava vagando pela cidade, depois que as luzes retornaram, aquelas enormes fachadas azuis-claras. Você realmente quer dizer—?”

“Sim. Como posso explicar isso a você? Claro que o uniforme azul chamou sua atenção. Quase um terço da nossa população o veste — mais pessoas aderem a ele a cada dia. Esse Departamento de Trabalho cresceu de forma imperceptível.”

“O que é esse Departamento de Trabalho?” perguntou Graham.

“Antigamente, como você lidava com pessoas famintas?”

“Havia o asilo, mantido pelas paróquias.”

“Asilo! Sim, havia algo assim. Em nossas aulas de história, eu me lembro agora. O Departamento de Trabalho substituiu os asilos. Ele surgiu, em parte, de algo que você talvez se lembre — uma organização religiosa emocional chamada Exército da Salvação, que se tornou uma empresa comercial. A princípio, era quase uma instituição de caridade. Para salvar as pessoas dos rigores do asilo. Agora que penso nisso, foi uma das primeiras propriedades que seus curadores adquiriram. Compraram o Exército da Salvação e o reestruturaram assim. A ideia, inicialmente, era dar trabalho às pessoas famintas e sem-teto.”

“Sim.”

“Hoje não há asilos, refúgios ou instituições de caridade, nada além daquele Departamento. Seus escritórios estão em todos os lugares. O azul é sua cor. E qualquer homem, mulher ou criança que se encontre faminto, cansado e sem recursos deve ir ao

Departamento no fim — ou buscar alguma forma de morte. A eutanásia está além de seus meios — para os pobres não há morte fácil. E a qualquer momento, dia ou noite, há comida, abrigo e um uniforme azul para todos que chegam — essa é a primeira condição da criação do Departamento — e, em troca de um dia de abrigo, o Departamento extrai um dia de trabalho e então devolve suas roupas e o manda embora novamente.”

“Sim?”

“Talvez isso não pareça tão terrível para você. No seu tempo, homens passavam fome nas ruas. Isso era ruim. Mas eles morriam — homens. Essas pessoas de azul... O provérbio diz: 'Azul uma vez, azul para sempre.' O Departamento comercializa com seu trabalho, e garantiu o suprimento. As pessoas chegam lá famintas e desamparadas — comem e dormem por uma noite e um dia, trabalham por um dia e, ao final do dia, saem de novo. Se trabalharam bem, ganham um centavo ou algo assim — o suficiente para um teatro barato ou uma refeição simples. Vagam por aí até que isso acabe. A mendicância é proibida pela polícia. E ninguém dá. Eles voltam no dia seguinte ou no outro — trazidos de volta pela mesma necessidade que os trouxe antes. Por fim, suas roupas adequadas se desgastam, ou seus trapos ficam tão surrados que eles se envergonham. Então, precisam trabalhar meses para conseguir novas roupas. Um grande número de crianças nasce sob o cuidado do Departamento. A mãe deve a eles um mês após o nascimento, e as crianças que eles criam devem dois anos de serviço. Pode ter certeza de que essas crianças são educadas para o manto azul. E é assim que o Departamento funciona.”

“E não há ninguém desamparado na cidade?”

“Nenhum. Eles estão de azul ou na prisão.” Abolimos a miséria. Está gravado nos cheques do Departamento.”

“E se eles não trabalharem?”

“A maioria trabalha, e o Departamento tem poderes. Existem penalidades — interrupção da alimentação — e quem se recusa a trabalhar é registrado em um sistema de marcação em todos os escritórios do Departamento ao redor do mundo. E para os insubordinados, há as prisões — escuras e miseráveis, fora de vista. Existem prisões agora para muitas infrações.”

“E um terço das pessoas veste esses trapos azuis?”

“Mais de um terço. Trabalhadores, vivendo sem orgulho, sem prazer ou esperança, com as histórias das Cidades do Prazer ecoando, zombando de suas vidas miseráveis e privações. Pobres demais até para a eutanásia, o refúgio dos ricos. Milhões ignorantes de tudo, além de

suas limitações e desejos insatisfeitos. Eles nascem, são frustrados e morrem. Esse é o estado em que nos encontramos.”

Graham ficou em silêncio, abatido, por um momento.

“Mas houve uma revolução,” ele disse. “Essas coisas mudarão. Ostrog—”

“Essa é a nossa esperança. Mas Ostrog não fará isso. Ele é um político. Para ele, as coisas devem ser assim. Ele não se importa. Mas você — que veio de uma era mais feliz — para você, o povo olha. Para você.”

Ele olhou para o rosto dela. Os olhos brilhavam com lágrimas não derramadas. Ele sentiu uma onda de emoção.

“Mas o que devo fazer?” perguntou, olhando para ela.

“Governe,” ela respondeu. “Governe o mundo como nunca foi governado, para o bem e a felicidade dos homens. Eles só querem seu líder,” ela disse.

“E então?”

“Você pode fazer o que quiser; o mundo é seu.”

Ele sentou-se, não mais olhando para ela. Logo ele falou:

“Os velhos sonhos, e a coisa que eu sonhei, liberdade, felicidade. Eles são sonhos? Poderia um homem — um homem —?” Sua voz afundou e cessou.

“Não um homem, mas todos os homens — dê-lhes apenas um líder para expressar o desejo de seus corações.”

Ele balançou a cabeça e, por um tempo, houve silêncio.

Ele olhou para cima de repente, e seus olhos se encontraram.

“Eu não tenho sua fé,” ele disse. “Eu não tenho sua juventude. Estou aqui com um poder que zomba de mim. Não — deixe-me falar. Eu quero fazer — não o certo — eu não tenho força para isso — mas algo mais certo do que errado. Isso não trará nenhuma miríade, mas estou decidido agora que governarei. O que você disse me despertou... Você está certa. Ostrog deve saber seu lugar. E eu vou aprender... Uma coisa eu prometo a você. Essa escravidão trabalhista acabará.”

“E você governará?”

“Sim. Desde que... Há uma coisa.”

“Sim?”

“Que você vai me ajudar.”

“Eu! — uma menina!”

“Sim. Não lhe ocorre que estou completamente sozinho?”

Ela começou e, por um instante, seus olhos revelaram pena.

“Você precisa perguntar se eu vou te ajudar?” ela disse.

“Estou muito desamparado.”

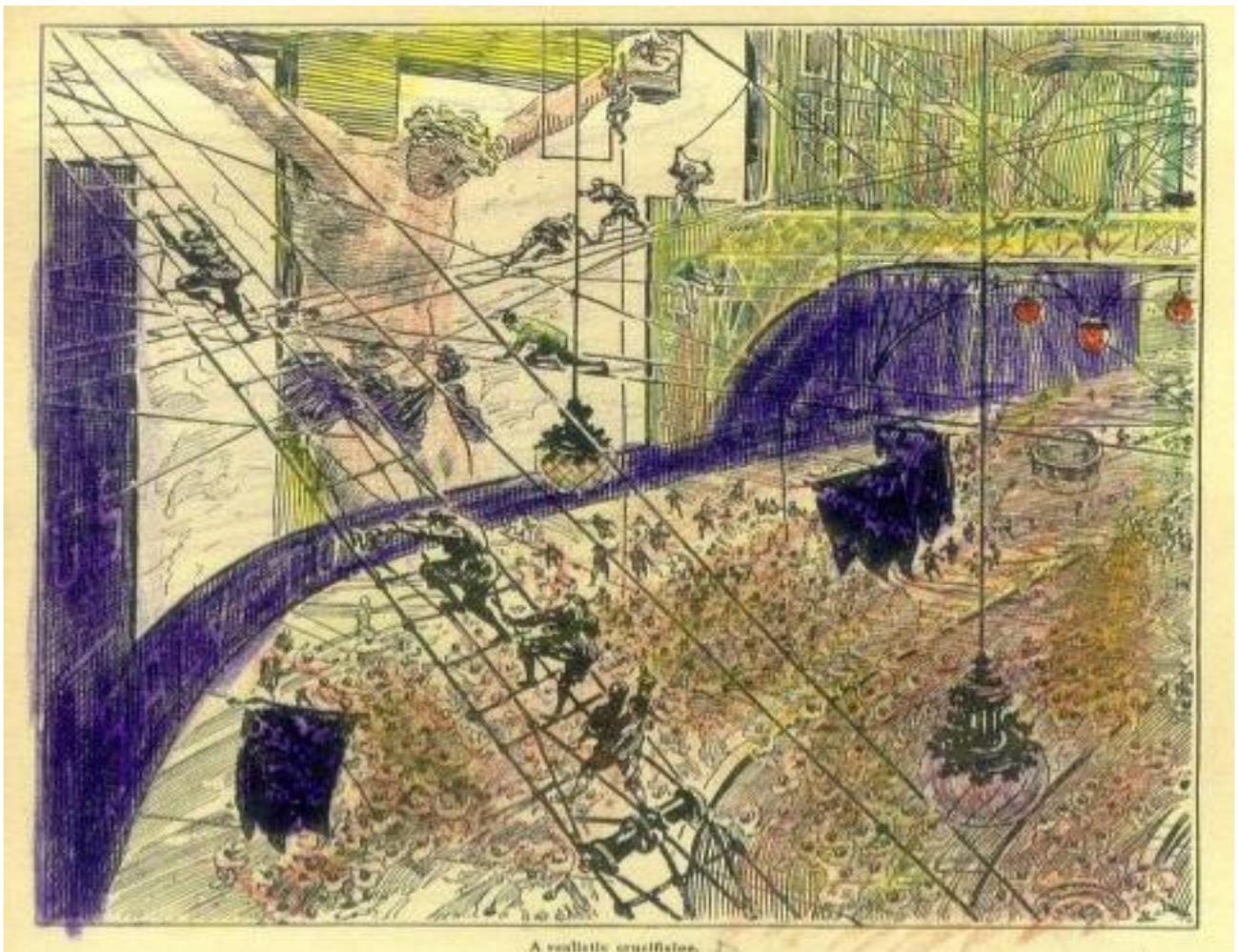
“Pai e Mestre,” ela disse. “O mundo é seu.”

Houve um silêncio tenso, e então o bater de um relógio marcou a hora. Graham se levantou.

“Bem agora,” ele disse, “Ostrog estará esperando.” Ele hesitou, encarando-a. “Quando eu tiver perguntado a ele certas coisas —. Há muita coisa que eu não sei. Pode ser que eu vá ver com meus próprios olhos as coisas das quais você falou. E quando eu retornar—?”

“Eu saberei de sua ida e volta. Esperarei por você aqui novamente.”

Eles se olharam fixamente, interrogativamente, e então ele se virou para os escritórios do moinho de vento.



## CAPÍTULO XIX — O Ponto de Vista de Ostrog

Graham encontrou Ostrog esperando para dar um relato formal da administração do seu dia. Em ocasiões anteriores, ele havia passado por essa cerimônia o mais rápido possível, mas agora ele começou a fazer perguntas rápidas e diretas. Ele estava ansioso para assumir seu império imediatamente. Ostrog trouxe relatórios lisonjeiros sobre o desenvolvimento dos negócios no exterior. Em Paris e Berlim, Graham percebeu que ele estava mencionando que havia problemas — não exatamente resistência organizada, mas procedimentos insubordinados.

“Depois de todos esses anos,” disse Ostrog quando Graham pressionou por mais detalhes. “A Comuna levantou a cabeça novamente. Essa é a verdadeira natureza da luta, para ser explícito.” Mas a ordem havia sido restaurada nessas cidades. Graham, o mais deliberadamente judicial, dadas as emoções agitadas que sentia, perguntou se houve alguma luta.

“Um pouco,” disse Ostrog. “Em apenas um distrito. Mas a divisão senegalesa da nossa polícia agrícola africana — as Consolidadas Companhias Africanas têm uma polícia muito bem treinada — estava pronta, assim como os aviões. Esperávamos um pequeno problema nas cidades continentais e na América. Mas as coisas estão muito calmas na América. Eles estão satisfeitos com a derrubada do Conselho. Por enquanto.”

“Por que vocês esperavam problemas?” perguntou Graham abruptamente.

“Há muito descontentamento — descontentamento social.”

“O Departamento do Trabalho?”

“Você está aprendendo,” disse Ostrog com um toque de surpresa. “Sim. É principalmente o descontentamento com o Departamento do Trabalho. Foi esse descontentamento que forneceu a força motriz dessa derrubada — isso e o seu despertar.”

“Sim?”

Ostrog sorriu. Ele se tornou mais explícito.

“Tivemos que agitar o descontentamento deles, tivemos que revisitar os velhos ideais de felicidade universal — todos os homens iguais — todos os homens felizes — nenhum luxo que todos não possam compartilhar — ideias que estão adormecidas há duzentos anos. Você sabia disso? Tivemos que reviver esses ideais, por mais impossíveis que sejam — para derrubar o Conselho. E agora —”

“Bem?”

“Nossa revolução está concluída, o Conselho foi derrubado, e as pessoas que nós agitamos — continuam se rebelando. Mal houve luta suficiente... Fizemos promessas, claro. É extraordinário o quão violentamente e rapidamente esse vago humanitarismo ultrapassado ressurgiu e se espalhou. Nós que plantamos a semente, estamos atônitos. Em Paris, como eu disse — tivemos que pedir um pouco de ajuda externa.”

“E aqui?”

“Há problemas. Multidões não voltam ao trabalho. Há uma greve geral. Metade das fábricas estão vazias e as pessoas estão se aglomerando nas vias públicas. Falam de uma Comuna. Homens vestindo seda e cetim foram insultados nas ruas. Os trabalhadores vestindo lona azul estão esperando todo tipo de coisa de você... Claro que não há necessidade de se preocupar. Estamos usando as Máquinas de Fofoca para propagar contra-ideias em favor da lei e da ordem. Devemos manter um controle firme; isso é tudo.”

Graham refletiu. Ele percebeu uma maneira de se afirmar. Mas falou com moderação.

“A ponto de trazer a polícia Senegalesa,” ele disse.

“Eles são úteis,” disse Ostrog. “São brutos leais e bons, sem nenhuma onda de ideias em suas cabeças — como a nossa ralé tem. O Conselho deveria tê-los utilizado como polícia nas ruas, e as coisas poderiam ter sido diferentes. Claro, não há nada a temer, exceto tumultos e vandalismo. Você pode controlar seus próprios aviões agora e pode voar para Capri se houver fumaça ou confusão. Temos o controle de todas as grandes potências; os aeronautas são privilegiados e ricos, o sindicato mais próximo do mundo, e também os engenheiros dos moinhos. Temos o ar, e o domínio do ar é o domínio da terra. Ninguém com essa habilidade está se organizando contra nós. Eles não têm líderes — apenas os chefes seccionais da sociedade secreta que organizamos antes do seu despertar muito oportuno. São meros intrometidos e sentimentistas, amargamente ciumentos uns dos outros. Nenhum deles é homem o suficiente para ser uma figura central. O único problema será uma revolta desorganizada. Para ser franco — isso pode acontecer. Mas não interromperá sua aeronáutica. Os dias em que o povo podia fazer revoluções já passaram.”

“Suponho que sim,” disse Graham. “Suponho que sim.” Ele refletiu. “Este seu mundo tem sido cheio de surpresas para mim. Antigamente, sonhávamos com uma vida democrática maravilhosa, com uma era em que todos os homens seriam iguais e felizes.”

Ostrog olhou para ele firmemente.

“O dia da democracia já passou,” ele disse.

“Passou para sempre. Esse dia começou com os arqueiros em Crécy e terminou quando a infantaria em massa, quando homens comuns, pararam de vencer as batalhas do mundo.

Quando canhões caros, grandes navios de guerra e ferrovias estratégicas se tornaram os meios de poder. Hoje é o dia da riqueza. A riqueza agora é poder, como nunca foi antes — ela comanda a terra, o mar e o céu. Todo poder está nas mãos daqueles que podem lidar com a riqueza. Em nome dela... Você deve aceitar os fatos, e esses são os fatos. O mundo para a Multidão! A Multidão como governante! Mesmo nos seus tempos, esse credo foi julgado e condenado. Hoje ele tem apenas um crente — um imenso tolo — o homem comum na Multidão.”

Graham não respondeu imediatamente. Ele se perdeu em pensamentos sombrios.

“Não,” disse Ostrog. “O dia do homem comum já passou. Em campo aberto, um homem é tão bom quanto outro, ou quase tão bom. A antiga aristocracia mantinha um controle precário pela força e pela audácia. Eles eram forjados — endurecidos. Havia insurreições, duelos, tumultos. A primeira aristocracia real, a primeira aristocracia permanente, surgiu com castelos e armaduras, mas desapareceu diante do mosquete e do arco. Mas esta é a segunda aristocracia. A verdadeira. Aqueles dias de pólvora e democracia eram apenas um redemoinho na corrente. O homem comum agora é uma unidade indefesa. Hoje, temos essa grande máquina da cidade e uma complexidade organizacional além de sua compreensão.”

“Sim,” disse Graham, “há algo que resiste, algo que você está segurando — algo que se agita e pressiona.”

“Você verá,” disse Ostrog, com um sorriso forçado, como se quisesse afastar essas perguntas difíceis. “Eu não despertei a força que me destruirá — confie em mim.”

“Eu me pergunto,” disse Graham.

Ostrog o encarou firmemente.

“O mundo deve seguir esse caminho?” disse Graham, com suas emoções chegando ao ponto de explodir. “Deve realmente seguir esse caminho? Todas as nossas esperanças foram em vão?”

“O que você quer dizer?” perguntou Ostrog. “Esperanças?”

“Eu vim de uma era democrática. E encontro uma tirania aristocrática!”

“Bem, mas você é o principal tirano.”

Graham balançou a cabeça.

“Bem,” disse Ostrog, “pegue a questão geral. Esse é o caminho que a mudança sempre seguiu. Aristocracia, a prevalência dos melhores — o sofrimento e a extinção dos inaptos, e assim, seguimos em direção a coisas melhores.”

“Mais aristocracia! Essas pessoas que eu conheci —”

“Oh! Não essas!” disse Ostrog. “Mas, em sua maioria, eles vão para a morte. Vício e prazer! Eles não têm filhos. Esse tipo de coisa vai acabar. Se o mundo seguir por esse caminho, se não houver retorno. Um caminho fácil para o sucesso, e a eutanásia conveniente para os caçadores de prazer queimados pela chama, essa é a maneira de melhorar a raça!”

“Extinção agradável,” disse Graham. “Ainda assim —” Ele pensou por um instante. “Há aquela outra coisa — a Multidão, a grande massa de homens pobres. Ela vai morrer? Ela não vai morrer. E ela sofre, seu sofrimento é uma força que até você —”

Ostrog se mexia impacientemente e, quando falou, sua voz estava muito menos calma do que antes.

“Não se preocupe com essas coisas,” ele disse. “Tudo será resolvido em alguns dias. A Multidão é uma enorme besta tola. E se ela não morrer? Mesmo que não morra, ainda pode ser domada e conduzida. Não tenho simpatia por homens servis. Você ouviu aquelas pessoas gritando e cantando duas noites atrás. Eles aprenderam aquela música. Se você tivesse levado qualquer homem lá a sangue frio e perguntado por que ele estava gritando, ele não saberia lhe dizer. Eles acham que estão gritando por você, que são leais e devotos a você. Naquele momento, estavam prontos para massacrar o Conselho. Hoje, já estão murmurando contra aqueles que derrubaram o Conselho.”

“Não, não,” disse Graham. “Eles gritavam porque suas vidas eram tristes, sem alegria ou orgulho, e porque em mim — em mim — eles tinham esperança.”

“E qual era a esperança deles? Qual é a esperança deles? Que direito eles têm de ter esperança? Eles trabalham mal e querem a recompensa daqueles que trabalham bem. A esperança da humanidade — qual é? Que algum dia o Super-Homem possa vir, que algum dia os inferiores, os fracos e os bestiais possam ser subjugados ou eliminados. Subjugados, se não eliminados. O mundo não é lugar para os maus, os estúpidos, os enervados. O dever deles — e é um belo dever também! — é morrer. A morte dos fracassados! Esse é o caminho pelo qual a besta ascendeu à idade adulta, pelo qual o homem alcança coisas maiores.”

Ostrog deu um passo, pareceu pensar e se virou para Graham.

“Posso imaginar como este nosso grande estado mundial parece a um inglês vitoriano. Você lamenta todas as velhas formas de governo representativo — seus espectros ainda assombram o mundo, conselhos de votação e parlamentos e toda aquela tolice do século XVIII. Você se sente movido contra nossas Cidades de Prazer. Eu poderia ter pensado nisso — se não estivesse tão ocupado. Mas você entenderá melhor. As pessoas estão loucas de inveja — elas simpatizariam com você. Até nas ruas agora, clamam para destruir as Cidades de Prazer. Mas as Cidades de Prazer são os órgãos excretoras do Estado, lugares atraentes

que, ano após ano, reúnem tudo o que é fraco e vicioso, tudo o que é lascivo e preguiçoso, toda a malandragem fácil do mundo, para uma destruição graciosa. Eles vão para lá, têm seu tempo, morrem sem filhos, todas as mulheres bonitas, tolas e lascivas morrem sem filhos, e a humanidade melhora. Se as pessoas fossem racionais, não invejariam os ricos por seu modo de morrer. E você emanciparia os trabalhadores tolos e sem cérebro que escravizamos, e tentaria tornar suas vidas fáceis e agradáveis novamente, assim como eles afundaram para o que são adequados.” Ele sorriu um sorriso que irritou Graham profundamente. “Você entenderá melhor. Eu conheço essas ideias; na minha juventude, li seu Shelley e sonhei com liberdade. Não há liberdade, exceto sabedoria e autocontrole. A liberdade está dentro — não fora. É questão de cada homem. Suponha — o que é impossível — que esses idiotas uivantes de azul levem a melhor sobre nós, e então? Eles só cairão sob outros mestres. Enquanto houver ovelhas, a Natureza insistirá em animais de rapina. Isso significaria apenas alguns séculos de atraso. A vinda do aristocrata é fatal e garantida. O fim será o Super-Homem — apesar de todos os protestos insanos da humanidade. Deixe-os se revoltar, deixe-os vencer e matar a mim e meus semelhantes. Outros surgirão — outros mestres. O fim será o mesmo.”

“Eu me pergunto,” disse Graham, teimosamente.

Por um momento, ele ficou abatido.

“Mas eu preciso ver essas coisas por mim mesmo,” disse ele, de repente assumindo um tom de confiança dominante. “Só vendo é que eu poderei entender. Preciso entender. É isso que eu quero te dizer, Ostrog. Não quero ser Rei em uma Cidade do Prazer; esse não é o meu desejo. Passei tempo suficiente com aeronáutica — e essas outras coisas. Preciso aprender como as pessoas vivem agora, como a vida comum se desenvolveu. Só então eu poderei entender melhor essas coisas. Preciso aprender como as pessoas comuns vivem — especialmente os trabalhadores — como trabalham, se casam, têm filhos, morrem —”

“Você ouviu isso dos nossos romancistas realistas,” sugeriu Ostrog, subitamente preocupado.

“Eu quero a realidade,” disse Graham.

“Há dificuldades,” disse Ostrog, pensativo. “No geral —”

“Eu não posso esperar —”

“Eu pensei — E ainda assim, talvez — Você diz que quer caminhar pelas ruas da cidade e ver as pessoas comuns.”

De repente, ele chegou a uma conclusão. “Você precisaria ir disfarçado,” ele disse. “A cidade está intensamente agitada, e a descoberta de sua presença entre eles poderia criar um tumulto assustador. Ainda assim, essa sua ideia de ir para a cidade — essa sua vontade —

Sim, agora que penso bem, não me parece completamente fora de questão. Pode ser feito. Se você realmente quiser isso! Você é, é claro, o Mestre. Pode ir quando quiser. Asano conseguirá disfarçá-lo. Ele irá com você. Afinal, essa sua ideia não é ruim.”

“Você não vai querer me consultar sobre nenhum assunto?” perguntou Graham de repente, tomado por uma estranha suspeita.

“Oh, meu Deus, não! Acho que você pode confiar em mim para cuidar dos negócios por algum tempo, de qualquer forma,” disse Ostrog, sorrindo. “Mesmo que discordemos —”

Graham olhou para ele bruscamente.

“Não há nenhuma probabilidade de que ocorram conflitos em breve?”, ele perguntou abruptamente.

“Certamente que não.”

“Tenho pensado sobre esses Senegaleses. Não acredito que as pessoas pretendam qualquer hostilidade contra mim e, afinal, eu sou o Mestre. Não quero que nenhum deles seja trazido para Londres. É um preconceito arcaico talvez, mas tenho sentimentos peculiares sobre os europeus e as raças que subjugamos. Até mesmo sobre Paris —”

Ostrog ficou observando-o por debaixo de suas sobranceiras caídas. “Não estou trazendo-os para Londres”, ele disse lentamente. “Mas se —”

“Você não deve trazer ninguém armado para Londres, aconteça o que acontecer,” disse Graham. “Nessa questão, estou bem decidido.”

Ostrog fez uma reverência respeitosa.

## **CAPÍTULO XX — Pelas Ruas da Cidade**

E naquela noite, desconhecido e sem levantar suspeita, Graham, vestido com o uniforme de um oficial subalterno do Moinho de férias, e acompanhado por Asano, que vestia uma roupa de lona do Departamento de Trabalho, observou a cidade pela qual ele já havia vagado quando ela estava velada na escuridão. Mas agora ele a via iluminada e desperta, um redemoinho de vida. Apesar do surgimento e da oscilação das forças da revolução, apesar do incomum descontentamento, dos murmúrios da grande luta da qual a primeira revolta foi apenas um prelúdio, as miríades de fluxos do comércio ainda fluíam largas e fortes. Ele agora conhecia algo das dimensões e da natureza dessa nova era, mas não estava preparado para a infinita surpresa da visão detalhada, para a torrente de cores e impressões vívidas que passavam diante dele.

Este foi seu primeiro contato real com as pessoas destes últimos dias. Ele percebeu que tudo o que havia acontecido antes, exceto seus vislumbres dos teatros e dos mercados públicos, continha um elemento de reclusão, um movimento dentro de um bairro político comparativamente estreito, e que todas as suas experiências anteriores haviam girado em torno da questão de sua própria posição. Mas ali estava a cidade nas horas mais movimentadas da noite, as pessoas em grande parte retornavam aos seus interesses imediatos, a retomada da vida cotidiana real, os hábitos comuns daquele novo tempo.

Eles emergiram primeiro em uma rua cujos dois lados estavam lotados com os uniformes de lona azul. Aquele enxame que Graham viu fazia parte de uma procissão — era estranho ver uma procissão desfilando por uma cidade com todos sentados. Eles carregavam faixas de material preto grosseiro com letras vermelhas. “Sem desarmamento”, diziam as faixas, na maior parte com letras grosseiramente pintadas e com grafias variadas, e “Por que deveríamos nos desarmar?” “Sem desarmamento.” “Nada de desarmamento.” Faixa após faixa, uma torrente delas passava, e, finalmente, no final, a canção da revolta e uma banda barulhenta de instrumentos estranhos. “Todos deveriam estar trabalhando,” disse Asano. “Eles não comeram nada nesses dois dias, ou roubaram.”

Naquele momento, Asano fez um desvio para evitar a multidão congestionada que olhava, boquiaberta, para a passagem ocasional dos cadáveres do hospital ao necrotério, os restos da colheita de mortes da primeira revolta.

Naquela noite, poucas pessoas dormiam, todos estavam fora. Uma vasta excitação, multidões perpétuas que mudavam constantemente, cercavam Graham; sua mente estava confusa e obscurecida por um tumulto incessante, pelos gritos e fragmentos enigmáticos da luta social que ainda estava apenas começando. Em todos os lugares, festões e faixas de decorações pretas e estranhas intensificavam a impressão de sua popularidade. Em todos os lugares, ele ouvia fragmentos daquele dialeto grosso e rude que servia à classe analfabeta, a classe, isto é, além do alcance da cultura fonográfica, em sua comunicação cotidiana. Em todos os lugares, esse problema do desarmamento estava no ar, com uma urgência da qual ele não tinha a menor ideia durante sua reclusão no bairro dos Moinhos. Ele percebeu que, ao retornar, deveria discutir isso com Ostrog, bem como as questões maiores das quais essa era expressiva, de maneira muito mais conclusiva do que havia feito até então. Durante toda aquela noite, mesmo nas primeiras horas de suas andanças pela cidade, o espírito de inquietação e revolta tomou conta de sua atenção, excluindo inúmeras coisas estranhas que ele poderia ter observado de forma diferente.

Essa preocupação tornou suas impressões fragmentadas. No entanto, em meio a tantas coisas estranhas e vívidas, nenhum assunto, por mais pessoal e insistente que fosse, podia exercer uma influência indivisa. Houve momentos em que o movimento revolucionário saiu completamente de sua mente, como uma cortina afastada diante de algum novo aspecto surpreendente da época. Helen havia influenciado sua mente para essa intensa seriedade na investigação, mas houve momentos em que até mesmo ela se afastava de seus pensamentos conscientes. Em um momento, por exemplo, ele percebeu que estavam atravessando o bairro religioso, pois o trânsito fácil pela cidade, proporcionado pelas vias móveis, tornava igrejas e capelas esporádicas desnecessárias — e sua atenção foi vividamente capturada pela fachada de uma das seitas cristãs.

Eles estavam viajando sentados em uma das rápidas vias superiores, o lugar apareceu diante deles em uma curva e avançou rapidamente em sua direção. Estava coberto de inscrições do topo à base, em branco e azul vívidos, exceto onde uma transparência cinematográfica grosseira e ofuscante exibia uma cena realista do Novo Testamento, e onde uma vasta guirlanda preta, para mostrar que a religião popular seguia a política popular, pendia sobre as letras. Graham já estava familiarizado com a escrita fonotípica e essas inscrições o prenderam, sendo, para ele, em sua maior parte, uma blasfêmia quase inacreditável. Entre as menos ofensivas estavam “Salvação no Primeiro Andar e vire à Direita”. “Coloque seu Dinheiro em seu Criador”. “A Conversão Mais Rápida de Londres, Operadores Especialistas! Pareça Brilhante!” “O que Cristo diria ao Preguiçoso! — Junte-se aos Santos Atualizados!” “Seja um Cristão — sem impedimento para sua Ocupação Atual”. “Todos os Bispos Mais Iluminado no Palco hoje à noite — e Preços como de costume”. “Bênçãos Rápidas para Homens de Negócios Ocupados”.

“Mas isso é terrível!”, disse Graham, enquanto aquele grito ensurdecedor de piedade mercantil se elevava acima deles.

“O que é terrível?”, perguntou seu pequeno oficial, aparentemente procurando em vão algo incomum naquele turbilhão estridente.

“Isto! Certamente a essência da religião é a reverência.”

“Oh, isso!” Asano olhou para Graham. “Isso te choca?” ele disse no tom de quem faz uma descoberta. “Eu suponho que sim, é claro, eu tinha esquecido. Hoje em dia a competição por atenção é tão acirrada, e as pessoas simplesmente não têm tempo para cuidar de suas almas, você sabe, como costumavam fazer.” Ele sorriu. “Antigamente você tinha os Sabbaths tranquilos e o campo. Embora em algum lugar eu tenha lido sobre as tardes de domingo que \_\_\_\_\_ ”

“Mas, isso,” disse Graham, olhando de volta para o azul e branco que recuava. “Isso certamente não é a única —”

“Há centenas de maneiras diferentes. Mas, é claro, se uma seita não conta, não paga. A adoração mudou com o tempo. Há seitas de alta classe com maneiras mais silenciosas — incenso caro e atenções pessoais e tudo mais. Essas pessoas são extremamente populares e prósperas. Elas pagam várias dezenas de leões por esses apartamentos para o Conselho — para você, eu quero dizer.”

Graham ainda sentia dificuldade com essa nomeação, e essa menção de uma dúzia de leões o trouxe abruptamente para esse assunto. Em um momento, os templos gritando e seus vendedores ambulantes povoando a área foram esquecidos nesse novo interesse. Uma reviravolta nessa frase sugeria, e uma resposta confirmava, a ideia de que ouro e prata eram ambos desvalorizados, que o ouro estampado que havia começado seu reinado entre os mercadores da Fenícia estava finalmente destronado. A mudança havia sido gradual, mas rápida, provocada por uma extensão do sistema de cheques que, mesmo em sua vida anterior, já havia praticamente substituído o ouro em todas as transações comerciais maiores. O tráfego comum da cidade, a moeda comum de todo o mundo, era conduzido por meio de pequenos cheques verde, rosa e marrom para pequenas quantias, impressos com um beneficiário em branco. Asano tinha vários com ele e, na primeira oportunidade, preencheu as lacunas em seu conjunto. Eles foram impressos não em papel rasgável, mas em um tecido semitransparente de flexibilidade sedosa, entrelaçados com seda. Sobre todos eles, espalhava-se um fac-símile da assinatura de Graham, seu primeiro encontro com as curvas e voltas daquele autógrafo familiar em duzentos e três anos.

Algumas experiências intermediárias não causaram uma impressão suficientemente vívida para impedir que o assunto do desarmamento reivindicasse seus pensamentos novamente; uma imagem borrada de um templo teosofista que prometia MILAGRES em letras enormes de em um fogo instável foi a menos obscurecida talvez, mas então veio a visão do refeitório na Avenida Northumberland. Isso o interessou muito.

Pela energia e pensamento de Asano, ele foi capaz de ver este lugar de uma pequena galeria com tela reservada para os atendentes das mesas. O prédio estava impregnado por um distante e abafado pio, flauta e berro, do qual ele não entendeu a princípio a importância, mas que lembrava uma certa voz misteriosa e coriácea que ele ouvira após a retomada das luzes na noite de sua peregrinação solitária.

Ele havia se acostumado à vastidão e ao grande número de pessoas, no entanto, esse espetáculo o prendeu por um longo tempo. Foi quando ele observou o serviço de mesa

imediatamente abaixo, e intercalado com muitas perguntas e respostas sobre os detalhes, que a percepção do significado total da festa de vários milhares de pessoas veio a ele.

Era uma surpresa constante descobrir que; certos pontos que alguém esperaria que atingissem vividamente logo de início nunca lhe ocorriam até que algum detalhe trivial de repente se moldava como um enigma e apontava para uma coisa óbvia que ele havia negligenciado. Ele descobriu que essa ‘continuidade’ da cidade, essa exclusão do clima, esses vastos corredores e caminhos, envolviam o desaparecimento da casa; que a típica “Casa” vitoriana, a pequena cela de tijolos contendo cozinha e copa, salas de estar e quartos, havia, exceto pelas ruínas que diversificavam os campos, desaparecido tão certamente quanto a cabana de pau-a-pique. Mas, agora ele via o que de fato havia se manifestado desde o início, que Londres, considerada um lugar de vida, não era mais uma agregação de casas, mas um hotel prodigioso, um hotel com mil classes de acomodações, milhares de refeitórios, capelas, teatros, mercados e locais de reunião, uma síntese de empreendimentos, dos quais ele era o principal proprietário. As pessoas tinham seus quartos de dormir, com, talvez, antecâmaras, quartos que eram sempre higiênicos, pelo menos qualquer que fosse o grau de conforto e privacidade, e, de resto, viviam como muitas pessoas viviam nos hotéis gigantes dos dias vitorianos, comendo, lendo, pensando, brincando, conversando, tudo em locais de resort público, indo para o trabalho nos bairros industriais da cidade ou fazendo negócios em seus escritórios na seção comercial.

Ele percebeu imediatamente o quão necessariamente o estado dessas coisas havia se desenvolvido a partir dos dias vitorianos. A razão fundamental para a cidade moderna sempre foi a economia da cooperação. A principal coisa para impedir a fusão das famílias separadas em sua própria geração era simplesmente a civilização ainda imperfeita do povo, o forte orgulho bárbaro, paixões e preconceitos, os ciúmes, rivalidades e violência das classes média e baixa, que haviam necessitado da separação completa de famílias contíguas. Mas a mudança, a domesticação das pessoas, estava em rápido progresso desde aquela época. Em seus breves trinta anos de vida anteriores, ele viu uma enorme extensão do hábito de consumir refeições em casa, as estalagens frequentemente ocupadas deu lugar à aberta e lotada loja de pães e bebidas, por exemplo, os clubes femininos tiveram seu início, e um imenso desenvolvimento de salas de leitura, lounges e bibliotecas testemunhou o crescimento da confiança social. Essas promessas já haviam atingido seu cumprimento completo. A casa fora trancada e trancada havia desaparecido.

Essas pessoas abaixo dele pertenciam, ele aprendeu, à classe média baixa, a classe logo acima dos trabalhadores azuis, uma classe tão acostumada no período vitoriano a se alimentar

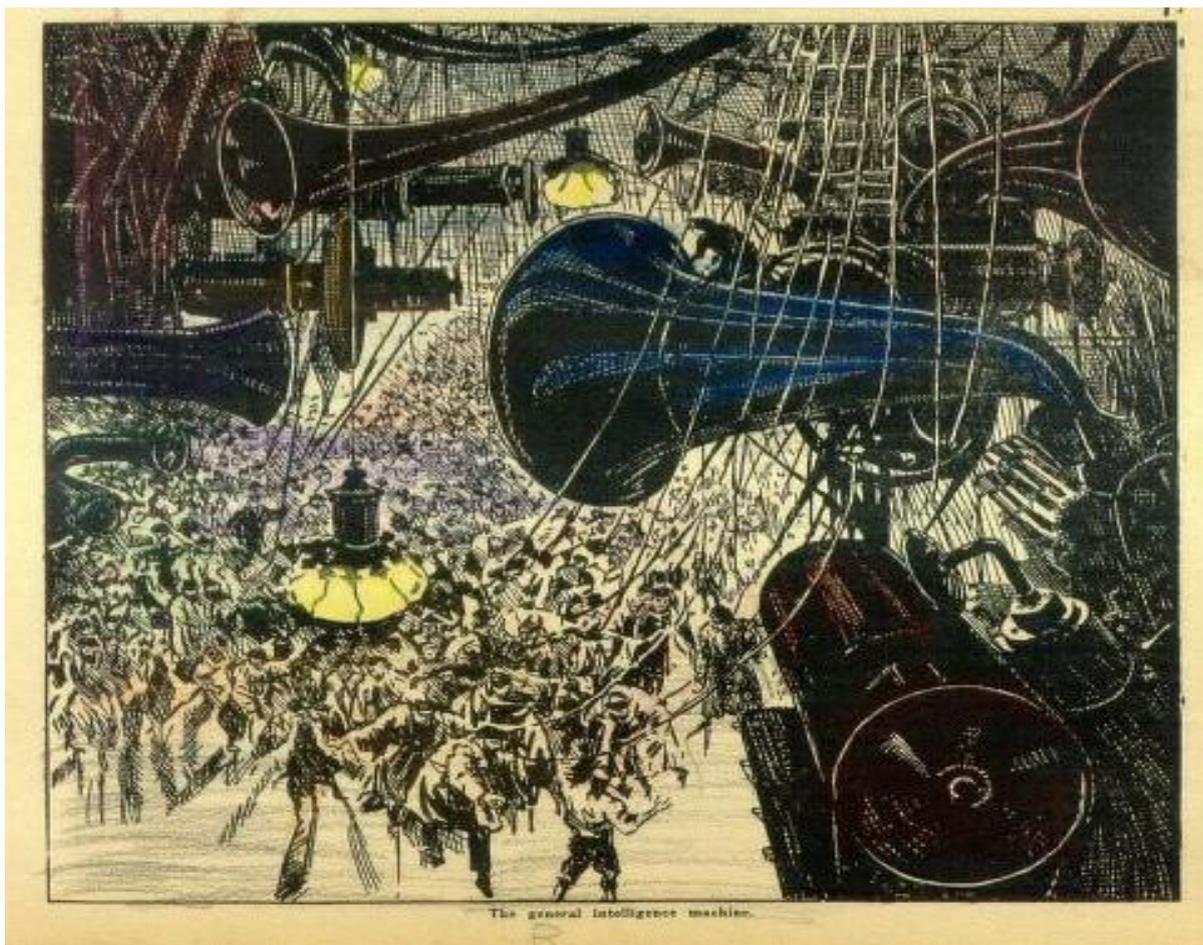
com todas as precauções de privacidade que seus membros, quando a ocasião os confrontava com uma refeição pública, geralmente esconderiam sua vergonha com brincadeiras ou um comportamento marcadamente militante. Mas essas pessoas abaixo, alegres, embora vestidas de forma casual, embora vivazes, apressadas e incommunicativas, eram habilmente educadas e certamente bastante à vontade em relação umas às outras.

Ele notou uma pequena coisa significativa; a mesa, até onde podia ver, estava e permanecia agradavelmente arrumada, não havia nada para comparar com a confusão, as migalhas espalhadas, os respingos de comida e condimentos, a bebida derrubada e os ornamentos deslocados, que teriam marcado o progresso tempestuoso da refeição vitoriana. A mobília da mesa era muito diferente. Não havia ornamentos, nem flores, e a mesa estava sem toalha, sendo feita, ele aprendeu, de uma substância sólida com a textura e aparência do damasco. Ele discerniu que essa substância ‘damasco’ era estampada com anúncios comerciais graciosamente desenhados. Em um nicho diante de cada pessoa, havia um aparato complexo de porcelana e metal. Um prato branco de porcelana era lavado entre os pratos, e os talheres de metal branco eram limpos conforme a necessidade, utilizando torneiras de água quente e fria.

A sopa e o vinho químico, que era a bebida comum, eram entregues por torneiras semelhantes, e os outros recipientes viajavam automaticamente em pratos elegantemente dispostos pela mesa, ao longo de trilhos de prata. As pessoas paravam e serviam-se conforme desejavam. Esses pratos surgiam de uma pequena abertura em uma extremidade da mesa e desapareciam na outra. Aquele senso democrático em declínio, aquele orgulho mesquinho de almas servis que tornava os iguais relutantes em servir uns aos outros, estava fortemente presente entre essas pessoas. Graham estava tão absorto nesses detalhes que só quando estava saindo do lugar notou os enormes cartazes publicitários que marchavam majestosamente ao longo das paredes superiores, proclamando os produtos mais notáveis.

Além deste local, eles chegaram a um salão lotado, e ele descobriu a causa do barulho que o havia deixado perplexo. Eles pararam em uma catraca, onde um pagamento foi feito.

A atenção de Graham foi imediatamente capturada por um grito alto e estridente, seguido por uma voz metálica e poderosa: “O Mestre está dormindo pacificamente,” proclamava. “Ele está com excelente saúde. Ele dedicará o restante de sua vida à aeronáutica. Ele diz que as mulheres estão mais belas do que nunca. Trac, Trac! Uau! Nossa civilização maravilhosa o surpreende além de qualquer medida. Trac! Além de qualquer medida. Ele deposita uma grande confiança no Chefe Ostrog, confiança absoluta no Chefe Ostrog. Ostrog será seu primeiro-ministro; ele está autorizado a remover ou reintegrar funcionários públicos



— todo o patrocínio estará em suas mãos. Todo o patrocínio nas mãos do Chefe Ostrog! Os Conselheiros foram enviados de volta para sua prisão acima da Casa do Conselho.”

Graham parou ao ouvir a primeira frase e, olhando para cima, viu a face tola de trombeta de onde vinham essas palavras. Esta era a Máquina de Inteligência Geral. Por um momento, ela pareceu estar ganhando fôlego, e um pulsar regular de seu corpo cilíndrico era audível. Então, ela soltou outro “Trac, Trac” e irrompeu novamente.

“Paris agora está pacificada. Toda a resistência foi suprimida. Trac! A polícia ocupa todas as posições importantes na cidade. Eles lutaram com grande bravura, cantando canções escritas em louvor a seus ancestrais pelo poeta Kipling. Uma ou duas vezes eles saíram de controle e torturaram e mutilaram insurgentes feridos e capturados, homens e mulheres. Moral da história — não se rebelem. Haha! Trac, Trac! Eles são camaradas animados. Companheiros animados e corajosos. Que isso sirva de lição para os macacos desordeiros desta cidade. Yah! Macacos! Escória da terra! Trac, Trac!”

A voz cessou. Houve um murmúrio confuso de desaprovação entre a multidão. “Malditos negros.” Um homem começou uma arenga perto deles. “Isso é obra do Mestre, irmãos? Isso é obra do Mestre?”

“Polícia Senegalesa!” disse Graham. “Você não quer dizer —”

Asano tocou seu braço e lançou-lhe um olhar de advertência, e imediatamente outro desses mecanismos gritou ensurdecedoramente e deu na língua em uma voz estridente. “Iahahá, Iahá, iape! Ouçam um jornal vivo rugindo! Jornal vivo. Iahá! Ultraje chocante em Paris. Iahahá! Os parisienses exasperados pela polícia negra a ponto de cometer assassinato. Represálias terríveis. Tempos selvagens voltaram. Sangue! Sangue! Iahá!” A Máquina de Fofoca mais próxima piou estupidamente, “Trac, Trac”, abafando o final da frase, e prosseguiu em um tom um tanto mais direto do que antes, com novos comentários sobre os horrores da desordem. “A lei e a ordem devem ser mantidas,” disse a Máquina de Fofoca mais próxima.

“Mas,” começou Graham.

“Não faça perguntas aqui,” disse Asano, “ou você se envolverá em uma discussão.”

“Então vamos continuar,” disse Graham, “pois quero saber mais sobre isso.”

Enquanto ele e seu companheiro abriam caminho através da multidão excitada que se aglomerava sob essas vozes, em direção à saída, Graham concebeu mais claramente a proporção e as características desta sala. Ao todo, grandes e pequenas, deve ter havido quase mil dessas estruturas, tocando, gritando, berrando e tagarelando naquele grande espaço, cada uma com sua multidão de ouvintes excitados, a maioria deles homens vestidos com o manto azul. Havia todos os tamanhos de máquinas, desde pequenos mecanismos fofoqueiros que soltavam sarcasmo mecânico em cantos estranhos, passando por uma série de rampas, até gigantes de quinze metros de altura, como aquele que primeiro gritou acima de Graham.

Este lugar estava excepcionalmente lotado, por causa do intenso interesse público no curso dos acontecimentos em Paris. Evidentemente, a luta tinha sido muito mais selvagem do que Ostrog havia apresentado. Todos os mecanismos estavam discursando sobre esse tópico, e a repetição das pessoas fez a enorme colmeia zumbir com frases como “Policiais linchados”, “Mulheres queimadas vivas”, “Selvagens”. “Mas o Mestre permite tais coisas?” perguntou um homem perto dele. “É este o início do governo do Mestre?”

“É este o início do governo do Mestre?” Por um longo tempo, depois que ele deixou o lugar, o vaiar, o assobiar e o zurrar das máquinas o perseguiram; “Trac, Trac”, “Iahahá, iahá, Iap! Iahá!” É este o início do governo do Mestre?

Assim que saíram, ele começou a questionar Asano de perto sobre a natureza da luta parisiense. “Este desarmamento! Qual era o problema deles? O que tudo isso significa?” Asano parecia primariamente ansioso em tranquilizá-lo de que estava “tudo bem”. “Mas esses ultrajes!” “Você não pode fazer uma omelete,” disse Asano, “sem quebrar ovos. São apenas as pessoas rudes. Apenas em uma parte da cidade. Todo o resto está bem. Os trabalhadores parisienses são os mais selvagens do mundo, exceto os nossos.”

“O quê! Os londrinos?”

“Não, os japoneses. Eles precisam ser mantidos sob controle.”

“Mas queimar mulheres vivas!”

“Uma Comuna!” disse Asano. “Eles roubariam sua propriedade. Acabariam com a propriedade e entregariam o mundo ao governo da multidão. Você é o Mestre, o mundo é seu. Mas não haverá Comuna aqui. Não há necessidade de polícia Senegalesa aqui. E toda consideração foi demonstrada. São seus próprios negros — negros de língua francesa. Regimentos do Senegal, Nigéria e Timbuktu.”

“Regimentos?” disse Graham, “pensei que só havia um —”

“Não,” disse Asano, e olhou para ele. “Há mais de um.”

Graham sentiu-se desagradavelmente impotente.

“Eu não pensei,” ele começou, e parou abruptamente. Ele desviou o assunto para pedir informações sobre essas Máquinas de Fofoca. A maioria da multidão presente estava maltrapilha ou até mesmo mal vestida, e Graham descobriu que, no que diz respeito às classes mais prósperas, em todos os apartamentos privados mais confortáveis da cidade havia Máquinas de Fofoca fixas que falavam diretamente, acionadas ao puxar uma alavanca. O inquilino do apartamento poderia conectar isso aos cabos de qualquer um dos grandes Sindicatos de Notícias que ele preferisse. Quando soube disso, imediatamente perguntou por que elas estavam ausentes em seu próprio conjunto de apartamentos. Asano ficou envergonhado. “Eu nunca pensei,” ele disse. “Ostrog deve tê-las removido.”

Graham olhou fixamente. “Como eu poderia saber?” ele exclamou.

“Talvez ele tenha pensado que elas iriam te irritar,” disse Asano.

“Devem ser substituídas assim que eu retornar,” disse Graham após uma pausa.

Ele teve dificuldade em entender que esta sala de notícias e o refeitório não eram grandes lugares centrais, que tais estabelecimentos eram repetidos quase além da conta por toda a cidade. Mas de vez em quando, durante sua expedição noturna, seus ouvidos captavam, em algum novo quarteirão, o peculiar pio do órgão do Chefe Ostrog, “Trac, Trac!” ou o estridente “Iahahá, Iahá, Iap! — Ouçam um jornal vivo uivar!” de seu principal rival.

Repetidas, também, em todos os lugares, eram creches como a que ele agora adentrava. Era acessada por um elevador, seguido por uma ponte de vidro que cruzava o refeitório e os corredores em um leve ângulo ascendente. Para entrar na primeira seção do local, era necessário o uso de sua assinatura digital sob a direção de Asano. Eles foram imediatamente recebidos por um homem em um manto violeta com um broche de ouro, a insígnia dos médicos em atividade. Ele percebeu, pela atitude do homem, que sua identidade era conhecida e começou a fazer perguntas sobre os estranhos arranjos do local sem hesitação.

De cada lado do corredor, que era silencioso e acolchoado, como se para abafar o som dos passos, havia pequenas portas estreitas, cujo tamanho e disposição sugeriam celas de uma prisão vitoriana. Mas a parte superior de cada porta era feita do mesmo material transparente esverdeado que o envolvera ao despertar, e dentro, vagamente visíveis, estavam, em todos os casos, bebês muito jovens em pequenos ninhos. Um aparelho elaborado monitorava a atmosfera e tocava um alarme à distância, no escritório central, ao menor desvio dos padrões ideais de temperatura e umidade. Um sistema de creches como este havia praticamente substituído as aventuras perigosas da amamentação no antigo mundo. O atendente imediatamente chamou a atenção de Graham para as amas de leite — figuras mecânicas com braços, ombros e seios de modelagem, articulação e textura surpreendentemente realistas, mas, da cintura para baixo, meros tripés de latão. Em vez de rostos, elas exibiam discos planos com anúncios que provavelmente interessariam às mães.

De todas as coisas estranhas que Graham viu naquela noite, nenhuma abalou mais seus costumes do que aquele lugar. O espetáculo das pequenas criaturas rosadas, seus membros fracos balançando de forma incerta em movimentos vagos, deixadas sozinhas, sem abraço ou carinho, era completamente repugnante para ele. O médico assistente, no entanto, tinha uma opinião diferente. Seus dados estatísticos mostravam, sem dúvida, que na era vitoriana a passagem mais perigosa da vida era nos braços da mãe, onde a mortalidade infantil havia sido terrivelmente alta. Por outro lado, aquela empresa de creches — o Sindicato Internacional de Creche — não perdia nem meio por cento dos quase um milhão de bebês sob seus cuidados. Mas o preconceito de Graham era forte demais até para esses números.

Em uma das várias passagens do local, eles encontraram um jovem casal, com a tradicional vestimenta azul, espiando pela transparência e rindo histericamente da cabeça calva de seu primogênito. O rosto de Graham deve ter mostrado o desprezo que sentia por eles, pois sua alegria cessou imediatamente, e ambos pareceram envergonhados. Esse pequeno incidente ressaltou para Graham sua súbita percepção do abismo entre seus costumes e os da nova era. Ele avançou pelas salas de engatinhar e pelo jardim de infância, perplexo e

angustiado. Descobriu que as vastas salas de brincadeiras estavam vazias! As crianças de antigamente, ao menos, ainda passavam as noites dormindo. Enquanto passavam, o pequeno oficial apontou a natureza dos brinquedos, evoluções daqueles criados pelo sentimentalista inspirado Froebel. Havia enfermeiras ali, mas muito do trabalho era feito por máquinas que cantavam, dançavam e balançavam.

Graham ainda não havia compreendido vários aspectos da situação. “Mas tantos órfãos?” perguntou, perplexo, voltando a um equívoco inicial, e mais uma vez foi informado que eles não eram órfãos.

Assim que deixaram a creche, Graham começou a falar sobre o horror que os bebês nas incubadoras haviam lhe causado. “A maternidade acabou?” perguntou ele. “Era um instinto! Certamente foi um instinto. Isso parece tão antinatural — quase abominável.”

“Estamos quase chegando ao salão de dança,” disse Asano em resposta. “Certamente estará lotado. Apesar de toda a agitação política, estará lotado. As mulheres não se interessam muito por política — exceto algumas poucas. Você verá as mães — a maioria das jovens em Londres são mães. Nesta classe, é considerado uma honra ter um filho — uma prova de vitalidade. Poucas pessoas da classe média têm mais de um. Com o Departamento de Trabalho, a situação é diferente. Quanto à maternidade! Elas ainda têm imenso orgulho de seus filhos. Frequentemente vêm aqui para vê-los.”

“Então você quer dizer que a população mundial —?”

“Está diminuindo? Sim. Exceto entre as pessoas do Departamento de Trabalho. Apesar da disciplina científica, elas são imprudentes —”

O ar de repente encheu-se de música, eles se aproximaram obliquamente por um caminho adornado com pilares cintilantes como se fossem de ametista clara, enquanto uma multidão alegre fluía, acompanhada de gritos e risadas vibrantes. Graham viu cabeças agitadas, sobranceiras arqueadas e um alegre e intrincado tremular de roupas amareladas passarem triunfantemente pela cena.

“Você verá,” disse Asano com um leve sorriso. “O mundo mudou. Em breve, você verá as mães da nova era. Venha por aqui. Veremos aquelas outras novamente muito em breve.”

Eles subiram uma certa altura em um elevador rápido e mudaram para um mais lento. Conforme avançavam, a música crescia sobre eles, até que estava próxima, plena e esplêndida, e, movendo-se com suas gloriosas complexidades, podiam distinguir o som de inúmeros pés dançantes. Após pagarem uma taxa em uma catraca, emergiram numa ampla galeria que dava vista para o salão de dança, e foram envolvidos pelo encanto completo do som e da visão.

“Aqui,” disse Asano, “estão os pais e as mães dos pequenos que você viu.”

O salão não era tão ricamente decorado quanto o salão do Atlas, mas, fora isso, era o mais esplêndido que Graham já tinha visto em tamanho e beleza. As belas figuras de membros brancos que sustentavam as galerias o lembraram, mais uma vez, da magnificência restaurada da escultura; elas pareciam se contorcer em poses envolventes, seus rostos rindo. A fonte da música que preenchia o lugar estava oculta, e todo o vasto piso brilhante estava repleto de casais dançando. “Olhe para eles,” disse o pequeno oficial, “veja o quanto eles demonstram a maternidade.”

A galeria em que estavam corria ao longo da borda superior de uma enorme tela que dividia o salão de dança de um lado de uma espécie de salão externo, que mostrava, através de arcos largos, a incessante movimentação dos caminhos na cidade. Neste salão externo havia uma grande multidão de pessoas vestidas de forma menos brilhante, tão numerosas quanto aquelas que dançavam lá dentro, a grande maioria usando o uniforme azul do Departamento do Trabalho, agora tão familiar para Graham. Pobres demais para pagar pela entrada no festival, ainda assim, eram incapazes de se manter longe do som das seduções que ouviam. Alguns deles até tinham espaços limpos e estavam dançando, agitando seus trapos no ar. Alguns gritavam enquanto dançavam, lançando piadas e alusões estranhas que Graham não conseguia entender. Em um momento, alguém começou a assobiar o refrão de uma canção revolucionária, mas parece que esse começo foi rapidamente abafado. O canto estava escuro e Graham não conseguia ver. Ele se voltou para o salão novamente. Acima das cariátides, havia bustos de mármore de homens que, na época, eram considerados grandes emancipadores morais e pioneiros; na maior parte, seus nomes eram estranhos para Graham, embora ele reconhecesse Grant Allen, Le Gallienne, Nietzsche, Shelley e Godwin. Grandes festões pretos e palavras eloquentes reforçavam a enorme inscrição que desfigurava parcialmente a extremidade superior do local de dança e afirmava que “O Festival do Despertar” estava em andamento.

“Miríades estão tirando férias ou ficando de fora do trabalho por causa disso, bem diferente dos trabalhadores que se recusam a voltar,” disse Asano. “Essas pessoas estão sempre prontas para férias.”

Graham caminhou até o parapeito e ficou debruçado, observando os dançarinos. Exceto por dois ou três casais distantes que sussurravam e se separavam furtivamente, ele e seu guia tinham a galeria só para eles. Um hálito quente de perfume e vitalidade chegou até ele. Tanto homens quanto mulheres abaixo estavam casualmente vestidos, com braços nus e pescoços expostos, como o calor universal da cidade permitia. O cabelo dos homens frequentemente

formava cachos efeminados, seus queixos estavam sempre barbeados, e muitos deles tinham bochechas coradas ou tingidas. Muitas das mulheres eram muito bonitas e todas estavam vestidas com uma elaborada coqueteria. Enquanto passavam por baixo, ele viu rostos extasiados com olhos semicerrados de prazer.

“Que tipo de pessoas são essas?” ele perguntou abruptamente.

“Trabalhadores — trabalhadores prósperos. O que você chamaria de classe média. Comerciantes independentes com pequenos negócios separados desapareceram há muito tempo, mas há garçons, gerentes e engenheiros de uma centena de tipos. Hoje à noite é feriado, é claro, e todos os lugares de dança da cidade estarão lotados, assim como todos os lugares de culto.”

“Mas... as mulheres?”

“O mesmo. Há mil formas de trabalho para mulheres agora. Mas você teve o começo da mulher trabalhadora independente em seus dias. A maioria das mulheres é independente agora. A maioria delas é mais ou menos casada — há vários métodos de contrato — e isso dá a elas mais dinheiro e permite que se divirtam.”

“Entendo,” disse Graham, olhando para os rostos corados, o flash e o redemoinho de movimento, e ainda pensando naquele pesadelo de membros rosados e indefesos. “E essas são... mães.”

“A maioria delas.”

“Quanto mais vejo essas coisas, mais complexos acho seus problemas. Isso, por exemplo, é uma surpresa. Aquela notícia de Paris foi uma surpresa.”

Pouco depois, ele falou novamente:

“Estas são mães. Atualmente, suponho que devo adotar a maneira moderna de ver as coisas. Tenho velhos hábitos mentais grudados em mim — hábitos baseados, suponho, em necessidades que acabaram e desapareceram. Claro, em nossa época, uma mulher não deveria apenas gerar filhos, mas também cuidar deles, dedicar-se a eles, educá-los — todos os aspectos essenciais da educação moral e mental que uma criança devia receber de sua mãe. Caso contrário, a criança ficava desamparada. Um bom número, admito, ficava desamparada. Hoje em dia, claramente, não há mais necessidade de tal cuidado, como se fossem borboletas. Eu vejo isso! Só que havia um ideal — aquela figura de uma mulher séria e paciente, silenciosa e serenamente dona de um lar, mãe e criadora de homens — amá-la era uma espécie de adoração —”

Ele parou e repetiu: “Uma espécie de adoração.”

“Os ideais mudam,” disse o homem, “conforme as necessidades mudam.”

Graham despertou de um devaneio instantâneo e Asano repetiu suas palavras. A mente de Graham voltou à questão.

“É claro que vejo a perfeita razoabilidade disto. Restrição, sobriedade, o pensamento amadurecido, o ato altruísta, são necessidades do estado bárbaro, a vida de perigos. A severidade é o tributo do homem à Natureza invencível. Mas o homem conquistou a Natureza agora para todos os propósitos práticos — seus assuntos políticos são administrados por Chefes com uma polícia negra — e a vida é alegre.”

Ele olhou para os dançarinos novamente. “Alegres,” ele disse.

“Há momentos de cansaço,” disse o pequeno oficial, pensativo.

“Todos eles parecem jovens. Lá embaixo eu deveria ser visivelmente o homem mais velho. E na minha época eu deveria ter passado por um homem de meia-idade.”

“Eles são jovens. Há poucos idosos nessa classe nas cidades de trabalho.”

“Como é isso?”

“A vida dos idosos não é tão agradável quanto costumava ser, a menos que sejam ricos o suficiente para contratar acompanhantes e ajudantes. E temos uma instituição chamada Eutanásia.”

“Ah! Essa Eutanásia!” disse Graham. “A morte fácil?”

“A morte fácil. É o último prazer. A Eutanásia faz isso muito bem. As pessoas pagam a quantia — é algo caro — com antecedência, vão para alguma cidade de prazer e retornam empobrecidas e cansadas, muito cansadas.”

“Ainda há muito para eu entender,” disse Graham após uma pausa. “No entanto, vejo a lógica de tudo isso. Nossa gama de virtudes rigorosas e restrições amargas era consequência do perigo e da insegurança. Os estoicos, os puritanos, mesmo na minha época, eram tipos em extinção. Antigamente, o homem estava armado contra a dor; agora ele está ansioso pelo prazer. A civilização afastou a dor e o perigo para tão longe — apenas para os ricos. E somente os ricos importam agora. Estou dormindo há duzentos anos.”

Por um minuto, eles se apoiaram na balaustrada, observando a complexa evolução da dança. De fato, a cena era muito bonita.

“Diante de Deus,” disse Graham de repente, “eu preferiria ser um sentinela ferido congelando na neve do que um desses idiotas pintados!”

“Na neve,” disse Asano, “alguém pode pensar diferente.”

“Eu sou incivilizado,” disse Graham, ignorando-o. “Esse é o problema. Eu sou primitivo — paleolítico. Sua fonte de raiva, medo e frustração está selada e fechada, e os hábitos de uma vida inteira os tornam alegres, despreocupados e satisfeitos. Você deve

suportar meus choques e desgostos do século XIX. Essas pessoas, você diz, são trabalhadores qualificados e assim por diante. E enquanto eles dançam, homens estão lutando — homens estão morrendo em Paris para manter o mundo — para que eles possam dançar.”

Asano sorriu fracamente. “A propósito, homens estão morrendo em Londres,” ele disse.

Houve um momento de silêncio.

“Onde eles dormem?” perguntou Graham.

“Acima e abaixo — um labirinto intrincado.”

“E onde eles trabalham? Isto é — a vida doméstica.”

“Você verá pouco trabalho esta noite. Metade dos trabalhadores está fora ou armada. Metade dessas pessoas está de férias. Mas iremos aos locais de trabalho se você desejar.”

Por um tempo, Graham observou os dançarinos e então, de repente, virou-se. “Quero ver os trabalhadores. Já vi o suficiente deles,” disse ele.

Asano liderou o caminho pela galeria através do salão de dança. Logo chegaram a uma passagem transversal que trouxe uma lufada de ar mais fresco e frio.

Asano olhou para esta passagem enquanto passavam, parou, voltou para ela e se virou para Graham com um sorriso. “Aqui, senhor,” ele disse, “tem algo — será familiar para você, pelo menos — e ainda assim — Bom, eu não vou lhe contar. Venha!”

Ele liderou o caminho por uma passagem fechada que logo ficou fria. A reverberação de seus pés indicava que essa passagem era uma ponte. Eles entraram em uma galeria circular envidraçada do clima externo e, então, chegaram a uma câmara circular que parecia familiar, embora Graham não conseguisse se lembrar distintamente de quando havia entrado nela antes. Nela havia uma escada pela qual subiram e chegaram a um lugar alto, escuro e frio, no qual havia outra escada quase vertical. Subiram-na, Graham ainda perplexo.

No topo, ele entendeu e reconheceu as barras metálicas às quais se agarrava. Ele estava na gaiola sob a cúpula de St. Paul. A cúpula se erguia um pouco acima do contorno geral da cidade, no crepúsculo parado, e descia, brilhando oleosamente sob algumas luzes distantes, para uma vala de escuridão circundante.

Lá fora, entre as barras, ele olhou para o céu do norte, limpo pelo vento, e viu as constelações estreladas, todas inalteradas. Capella pairava no oeste, Vega estava nascendo e os sete pontos brilhantes da Ursa Maior varriam o céu em seu círculo majestoso ao redor do Polo.

Ele viu essas estrelas através de uma abertura clara no céu. A leste e ao sul, as grandes formas circulares das turbinas eólicas bloqueavam os céus, de modo que o brilho sobre a Casa do Conselho estava escondido. Ao sudoeste, pendia Orion, aparecendo como um fantasma

pálido através de uma estrutura de ferro e formas entrelaçadas acima de um deslumbrante brilho de luzes. Um rugido e um grito de sirene vindos das plataformas de voo avisaram que um dos aviões estava pronto para decolar. Ele permaneceu um momento olhando para a plataforma ofuscante. Então seus olhos voltaram para as constelações do norte.

Por um longo tempo, ele ficou em silêncio. “Isto,” ele disse finalmente, sorrindo na sombra, “parece a coisa mais estranha de todas. Estar na cúpula de St. Paul e olhar novamente para essas estrelas familiares e silenciosas!”

Então Graham foi levado por Asano por caminhos tortuosos para os grandes bairros de jogos de azar e negócios, onde a maior parte das fortunas da cidade eram perdidas e feitas. Isso o impressionou como uma série quase interminável de salões muito altos, cercados por fileiras e mais fileiras de galerias nas quais se abriam milhares de escritórios, e atravessados por uma multidão complicada de pontes, passarelas, trilhos aéreos para motores e estruturas em trapézio e cabo. E aqui, mais do que em qualquer outro lugar, a nota de vitalidade intensa, de atividade incontrolável e apressada, se elevava. Em todo lugar havia propaganda exagerada, até que seu cérebro nadou no tumulto de luz e cor. E as Máquinas de Fofoca, com um tom peculiarmente rançoso, eram abundantes e enchiam o ar com gritos extenuantes e uma gíria idiota. “Olhe bem e deslize”, “Zumbibum, Bonanza”, “Esquisitões, venham e escutem!”

O lugar lhe parecia denso de pessoas profundamente agitadas ou inchadas de obscura astúcia, mas ele soube que estava relativamente vazio, que a grande convulsão política dos últimos dias havia reduzido as transações a um mínimo sem precedentes. Em um salão havia longas áreas de mesas de roleta, cada uma com uma multidão silenciosa e vigilante ao redor; em outro, uma Babel uivante de mulheres com o rosto branco e o pescoço vermelho. Homens de pulmões enrugados compravam e vendiam ações de um empreendimento comercial absolutamente fictício, que a cada cinco minutos pagava um dividendo de dez por cento e cancelava uma certa proporção de suas ações por meio de uma roda de loteria.

Essas atividades comerciais eram processadas com uma energia que prontamente se transformava em violência, e Graham, ao se aproximar de uma multidão densa, encontrou em seu centro um casal de comerciantes proeminentes em violenta controvérsia, usando unhas e dentes em algum ponto delicado de etiqueta comercial. Ainda restava algo na vida pelo qual lutar. Além disso, ele levou um choque com um anúncio veemente em letras fonéticas de chama escarlate, cada uma com o dobro da altura de um homem, de que “NÓS ASSEGURAMOS O PROPRIETÁRIO. NÓS ASSEGURAMOS O PROPRIETÁRIO.”

“Quem é o proprietário?” ele perguntou.

“Você.”

“Mas o que eles me asseguram?” ele perguntou. “O que eles me asseguram?”

“Você não sabe mesmo?”

Graham pensou. “Seguro?”

“Sim, seguro. Lembro que essa era a palavra mais antiga. Eles estão assegurando sua vida. Dezenas de pessoas estão fazendo apólices, miríades de leões estão sendo colocados em você. E mais adiante, outras pessoas estão comprando anuidades. Eles fazem isso com todo mundo que é proeminente. Olhe ali!”

Uma multidão de pessoas surgiu e rugiu, e Graham viu uma vasta tela preta subitamente iluminada em letras ainda maiores de roxo ardente. “Anuidades sobre o Proprietário — x 5 pr. G.” As pessoas começaram a vaiar e gritar com isso; vários homens ofegantes e de olhos arregalados passaram correndo, arranhando o ar com dedos em forma de gancho. Havia uma aglomeração curiosa em torno de uma pequena porta.

Asano fez um breve cálculo impreciso. “Dezessete por cento ao ano é a anuidade deles para você. Eles não pagariam tantos por cento se pudessem ver você agora, senhor. Mas eles não sabem. Suas próprias anuidades costumavam ser um investimento muito seguro, mas agora você é pura aposta, é claro. Provavelmente é uma oferta desesperada. Duvido que as pessoas recebam seu dinheiro.”

A multidão de aspirantes a anuentes cresceu tanto ao redor deles que, por algum tempo, eles não conseguiram se mover nem para frente nem para trás. Graham notou uma alta proporção de mulheres entre os especuladores e foi lembrado novamente da independência econômica de seu sexo. Elas pareciam notavelmente capazes de cuidar de si mesmas na multidão, usando seus cotovelos com habilidade particular, como ele aprendeu às suas custas. Uma pessoa de cabelos cacheados, presa na pressão por um espaço, olhou fixamente para ele várias vezes, quase como se o reconhecesse, e então, se aproximando deliberadamente dele, tocou sua mão com seu braço de uma maneira quase acidental, deixando claro por um olhar tão antigo quanto a Caldéia que ele havia encontrado favor em seus olhos. E então um homem magro e de barba grisalha, transpirando copiosamente em uma nobre paixão de auto-ajuda, cego a todas as coisas terrenas, exceto aquela isca gritante, enfiou-se entre eles em uma corrida cataclísmica em direção àquele atraente “x 5 pr. G.”

“Eu quero sair daqui,” disse Graham para Asano. “Não é isso que eu vim ver. Mostre-me os trabalhadores. Eu quero ver as pessoas de azul. Esses lunáticos parasitas—”

Ele se viu encurralado em uma massa de pessoas em dificuldades.

## CAPÍTULO XXI — O Lado de Baixo

Do Bairro Comercial, eles passaram pelas vias em movimento até um distrito remoto da cidade, onde se concentrava a maior parte das manufaturas. No caminho, as plataformas cruzaram o Tâmis duas vezes e passaram por um viaduto largo sobre uma das grandes estradas que entravam na cidade pelo norte. Em ambos os casos, sua impressão foi rápida e, ao mesmo tempo, muito vívida. O rio era uma vasta superfície enrugada de água negra, coberta por construções, e desaparecendo em ambas as direções em uma escuridão pontilhada por luzes distantes. Uma fila de barcaças negras seguia rumo ao mar, tripuladas por homens vestidos de azul. A estrada era um túnel longo, muito largo e alto, por onde grandes máquinas de rodas enormes passavam em silêncio e rapidamente. Ali também abundava o azul distintivo do Departamento de Trabalho. A suavidade das trilhas duplas e a grandeza e leveza das rodas pneumáticas, desproporcionais aos corpos dos veículos, impressionaram Graham vivamente. Um carro muito alto e esguio, com varas metálicas longitudinais e pendurando as carcaças pingantes de centenas de ovelhas, prendeu sua atenção por mais tempo do que o esperado. De repente, a borda da arcada cortou e apagou a cena.

Logo depois, eles deixaram o caminho e desceram por um elevador, atravessando um corredor inclinado para baixo, e chegaram a outro elevador que descia novamente. A aparência das coisas mudou. Até mesmo a pretensão de ornamentos arquitetônicos desapareceu, as luzes diminuíram em número e tamanho, e a arquitetura se tornou cada vez mais massiva em proporção aos espaços, à medida que o distrito das fábricas era alcançado. Nos fornos de metalurgia, nas salas de fundição e nos lagos incandescentes de Eadhamite bruto, a vestimenta de lona azul estava presente em homens, mulheres e crianças.

Muitas dessas galerias enormes e empoeiradas eram avenidas silenciosas de máquinas, e fornos extintos testemunhavam a revolução. Mas onde havia trabalho, ele era feito por trabalhadores lentos em vestes de lona azul. As únicas pessoas sem esse uniforme eram os supervisores e os policiais do trabalho vestidos de laranja. Vindo direto dos rostos corados das salas de dança e dos vigorosos movimentos do Bairro Comercial, Graham notou as faces pálidas, músculos fracos e os olhos cansados de muitos dos trabalhadores. Aqueles que viu em atividade eram visivelmente inferiores fisicamente aos poucos gerentes e capatazes, bem vestidos, que dirigiam os trabalhos. Os robustos trabalhadores da era vitoriana haviam desaparecido, assim como os cavalos de tração; seus músculos caros haviam sido substituídos por máquinas habilidosas. O operário moderno, tanto masculino quanto feminino, era essencialmente um operador de máquinas, um servo, um atendente ou um artista sob direção.

As mulheres, em comparação com aquelas que Graham lembrava, eram de uma classe claramente menos atraentes e de peitos achatados. Duzentos anos de emancipação das restrições morais da religião puritana e de vida urbana haviam eliminado a beleza e o vigor feminino da multidão em vestes azuis. Ser brilhante física ou mentalmente, de alguma forma atraente ou excepcional, era um caminho certo para escapar da labuta, para alcançar a Cidade do Prazer e, por fim, a Eutanásia. Resistir a tais tentações era difícil para almas tão mal nutridas. Nas jovens cidades da vida anterior de Graham, a massa trabalhadora recém-agrupada era uma multidão diversificada, ainda agitada pela tradição de honra pessoal e alta moralidade; agora, ela estava se diferenciando em uma classe distinta, com diferenças morais e físicas próprias — até mesmo com seu próprio dialeto.

Eles penetraram cada vez mais fundo em direção aos locais de trabalho. Passaram sob uma das ruas de vias em movimento e viram as plataformas correndo em seus trilhos acima, com fendas de luz branca entre as rachaduras transversais. As fábricas que não estavam em operação eram pouco iluminadas; para Graham, elas e seus corredores cobertos de máquinas gigantes pareciam mergulhadas em escuridão, e mesmo onde o trabalho continuava, a iluminação era muito menos brilhante do que nas vias públicas.

Além dos lagos radiantes de Eadhamite, ele chegou ao labirinto dos joalheiros e, com alguma dificuldade e utilizando sua assinatura, conseguiu acesso a essas galerias. Eram altas, escuras e um tanto frias. Na primeira, alguns homens estavam fazendo ornamentos de filigrana dourada, cada um em uma pequena bancada, iluminados por pequenas lâmpadas sombreadas. O longo corredor de luzes, com dedos ágeis iluminados e movendo-se entre os fios amarelos reluzentes, e o rosto sério, como o de um fantasma em cada sombra, causava o efeito mais estranho.

O trabalho era executado com beleza, mas sem força no desenho ou modelagem, em sua maior parte grotescos intrincados ou variações geométricas. Esses trabalhadores usavam um uniforme branco peculiar, sem bolsos ou mangas. Assumiam-no ao chegar para trabalhar, mas, à noite, eram despídos e examinados antes de deixarem as dependências do Departamento. Apesar de todas as precauções, o policial do trabalho disse, desanimado, que o Departamento ainda era frequentemente roubado.

Mais adiante, havia uma galeria de mulheres ocupadas em cortar e ajustar lajes de rubi artificial, e depois homens e mulheres trabalhando juntos nas lajes de rede de cobre que formavam a base dos ladrilhos de cloisonné. Muitos desses trabalhadores tinham lábios e narinas esbranquiçadas devido a uma doença causada por um esmalte roxo que estava muito na moda. Asano se desculpou com Graham pela visão desagradável, mas justificou-se pela

conveniência do trajeto. “Era isso que eu queria ver,” disse Graham; “era isso que eu queria ver,” tentando não se assustar com uma deformidade particularmente impressionante.

“Ela poderia ter feito melhor do que isso por si mesma,” disse Asano.

Graham fez alguns comentários indignados.

“Mas, Senhor, nós simplesmente não conseguiríamos suportar aquilo sem o roxo,” disse Asano. “Nos seus tempos, as pessoas conseguiam aguentar essas vulgaridades, estavam mais próximas da barbárie por duzentos anos.”

Eles continuaram ao longo de uma das galerias inferiores dessa fábrica de cloisonné e chegaram a uma pequena ponte que atravessava uma câmara. Olhando por cima do parapeito, Graham viu que abaixo havia um cais sob arcos ainda mais grandiosos do que qualquer outro que ele tinha visto. Três barcas, cobertas de pó esbranquiçado, estavam sendo descarregadas de suas cargas de feldspato em pó por uma multidão de homens tossindo, cada um guiando um pequeno carrinho; a poeira enchia o lugar com uma névoa sufocante e tornava o brilho elétrico amarelo. As sombras vagas desses trabalhadores gesticulavam sobre seus pés e corriam de um lado para o outro contra uma longa extensão de parede caiada. De vez em quando, um deles parava para tossir.

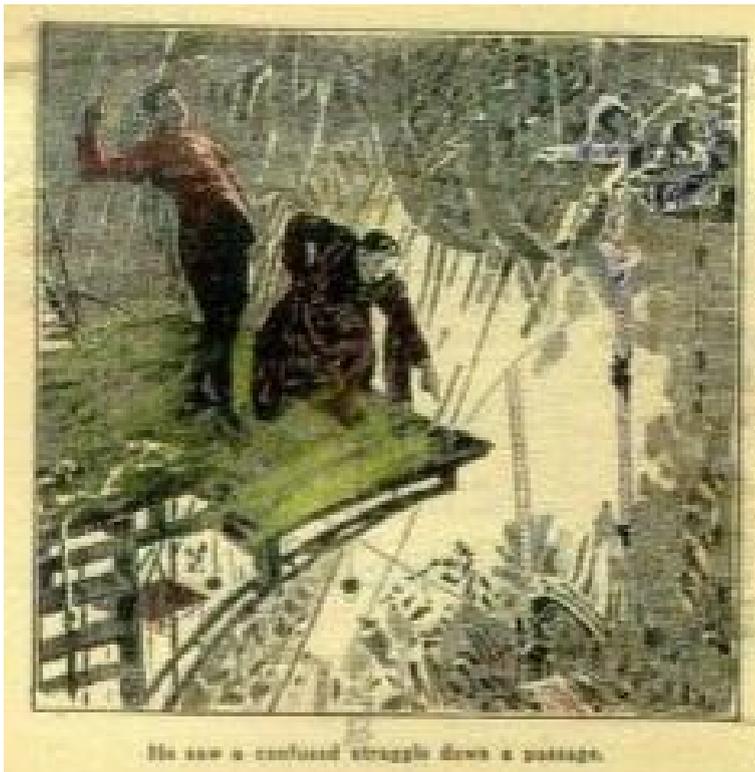
Uma massa sombria e enorme de alvenaria surgindo da água negra trouxe à mente de Graham o pensamento sobre a infinidade de caminhos, galerias e elevadores que se erguiam andar após andar sobre ele, entre ele e o céu. Os homens trabalhavam em silêncio sob a supervisão de dois policiais do Trabalho; seus pés faziam um trovão oco nas tábuas ao longo das quais eles iam e vinham. E enquanto ele observava a cena, uma voz oculta na escuridão começou a cantar.

“Pare com isso!” gritou um dos policiais, mas a ordem foi desobedecida, e primeiro um, depois todos os homens cobertos de pó que estavam trabalhando ali começaram a cantar o refrão marcante, cantando-o de forma desafiadora, a Canção da Revolta. Os pés sobre as tábuas agora marcavam o ritmo da música, bum, bum, bum. O policial que tinha gritado olhou para seu companheiro, e Graham o viu dar de ombros. Ele não fez mais nenhum esforço para parar a canção.

E assim eles passaram por essas fábricas e lugares de labuta, vendo muitas coisas dolorosas e sombrias. Aquele passeio deixou na mente de Graham um labirinto de memórias, imagens oscilantes de salões envoltos, e galerias lotadas vistas através de nuvens de poeira, de máquinas intrincadas, os fios correndo nos teares, o pesado ritmo das máquinas de prensagem, o rugido e estalido de cintas e armaduras, de corredores subterrâneos mal iluminados onde se dormia, vastas vistas de pontos de luz infinitos. Aqui estava o cheiro do

curtume, ali o fedor de uma cervejaria, e ali um fedor não identificado. E em toda parte havia pilares e cruzamentos de uma massividade que Graham nunca havia visto antes, Titãs espessos de tijolos oleosos e brilhantes esmagados sob o enorme peso daquela complexa cidade-mundo, assim como essas milhões de almas anêmicas eram esmagadas pela sua complexidade. E em toda parte havia rostos pálidos, membros magros: desfiguração e degradação.

Uma, duas e até três vezes, Graham ouviu a canção da revolta durante sua longa e desagradável pesquisa por esses lugares, e uma vez ele viu uma luta confusa em um corredor e soube que vários desses servos tinham pegado seu pão antes de terminar o trabalho. Graham estava subindo de volta aos corredores quando viu um grupo de crianças vestidas de azul correndo por um corredor transversal, e logo percebeu o motivo de sua fuga: um grupo de Policiais do Trabalho armados com cassetetes, trotando em direção a algum distúrbio desconhecido. E então veio uma desordem distante. Mas na maior parte, o que restava desse grupo trabalhava sem esperança. Todo o espírito que restava na humanidade caída estava



acima, nas ruas naquela noite, clamando pelo Mestre, valente e ruidosamente segurando suas armas.

Eles emergiram dessas andanças e ficaram piscando sob a luz brilhante da passagem central das plataformas novamente. Eles perceberam o som distante e agudo das máquinas de um dos Escritórios Gerais de Inteligência, e de repente vieram homens correndo, e ao longo das plataformas e em todos os lugares havia gritos e clamores.

Depois, uma mulher com um rosto de terror mudo e branco, e outra que ofegava e gritava enquanto corria.

“O que aconteceu agora?” perguntou Graham, confuso, pois ele não conseguia entender a fala grosseira deles. Então ele ouviu em inglês e percebeu que a coisa que todos estavam gritando, que os homens gritavam uns para os outros, que as mulheres pegavam e repetiam

em seus gritos, que passava como a primeira brisa de uma tempestade, fria e súbita através da cidade, era esta: “Ostrog ordenou que a Polícia Negra viesse para Londres. A Polícia Negra está vindo da África do Sul... A Polícia Negra. A Polícia Negra.”

O rosto de Asano estava pálido e surpreso; ele hesitou, olhou para o rosto de Graham e lhe disse aquilo que ele já sabia. “Mas como eles podem saber?” perguntou Asano.

Graham ouviu alguém gritando. “Parem todo o trabalho. Parem todo o trabalho,” e um corcunda moreno, ridiculamente vestido em verde e dourado, veio correndo pelas plataformas em sua direção, berrando repetidamente em um bom inglês, “Isso é obra de Ostrog, Ostrog o canalha! O Mestre foi traído.” Sua voz estava rouca e uma espuma fina escorria de sua boca feia enquanto gritava. Ele berrava um horror indescritível que a Polícia Negra havia cometido em Paris, e então passou gritando: “Ostrog, o canalha!”

Por um momento, Graham ficou parado, pois a sensação de que tudo aquilo era um sonho voltou. Ele olhou para o grande penhasco de edifícios de ambos os lados, desaparecendo na neblina azulada acima das luzes, e para os níveis estrondosos de plataformas, e as pessoas que corriam e gritavam enquanto gesticulavam ao passar. “O Mestre foi traído!” eles gritavam. “O Mestre foi traído!”

De repente, a situação se formou em sua mente de maneira real e urgente. Seu coração começou a bater rápido e forte.

“Chegou o momento,” disse ele. “Eu deveria ter sabido. A hora chegou.”

Ele pensou rapidamente. “O que devo fazer?”

“Volte para a Casa do Conselho,” disse Asano.

“Por que não faço um apelo... As pessoas estão aqui.”

“Você perderá tempo. Eles vão duvidar se é realmente você. Mas eles se agruparão em torno da Casa do Conselho. Lá você encontrará os líderes deles. Sua força está lá — com eles.”

“Suponha que isso seja apenas um boato?”

“Parece verdade,” disse Asano.

“Vamos buscar os fatos,” disse Graham.

Asano deu de ombros. “É melhor irmos para a Casa do Conselho,” gritou ele. “É para lá que eles irão se aglomerar. Mesmo agora, as ruínas podem estar intransitáveis.”

Graham o observou com desconfiança e o seguiu.

Eles subiram as plataformas em degraus até a mais rápida delas, e ali Asano abordou um trabalhador. As respostas às suas perguntas foram em uma fala vulgar e grosseira.

“O que ele disse?” perguntou Graham.

“Ele sabe pouco, mas me contou que a Polícia Negra teria chegado aqui antes que o povo soubesse — se não fosse alguém nos Escritórios dos Moinhos de vento que descobriu. Ele disse que foi uma garota.”

“Uma garota? Não...?”

“Ele disse uma garota — não sabia quem era. Que saiu da Casa do Conselho gritando em voz alta, e contou aos homens que trabalhavam nas ruínas.”

E então outra coisa foi gritada, algo que transformou o tumulto sem rumo em movimentos determinados, que veio como um vento pela rua. “Para suas alas, para suas alas. Todo homem, pegue armas. Todo homem para sua ala!”

## **CAPÍTULO XXII — A Luta na Casa do Conselho**

Enquanto Asano e Graham apressavam-se em direção às ruínas ao redor da Casa do Conselho, eles viram por toda parte o crescente entusiasmo do povo. “A suas Alas! A suas Alas!” Por todos os lados, homens e mulheres vestidos de azul corriam de seus misteriosos trabalhos subterrâneos, subindo as escadas do caminho central; em certo ponto, Graham viu um arsenal do comitê revolucionário sendo cercado por uma multidão de homens aos gritos. Em outro, dois homens com o odiado uniforme amarelo da Polícia do Trabalho, perseguidos por uma turba crescente, fugiam desesperadamente pelo caminho rápido que seguia na direção oposta.

Os gritos de “A suas Alas!” tornaram-se por fim um clamor contínuo à medida que se aproximavam do bairro do Governo. Muitos dos gritos eram ininteligíveis. “Ostrog nos traiu,” um homem bradava com voz rouca, repetindo a frase sem parar, martelando-a nos ouvidos de Graham até que ela se tornasse uma assombração em sua mente. Esse homem seguia próximo a Graham e Asano no caminho rápido, gritando para as pessoas que se aglomeravam nas plataformas inferiores enquanto passava apressado por elas. Seu grito sobre Ostrog alternava-se com ordens incompreensíveis. Pouco depois, ele saltou para baixo e desapareceu.

A mente de Graham estava tomada pelo barulho. Seus planos eram vagos e indefinidos. Ele tinha uma visão de alguma posição de comando de onde pudesse falar às multidões, e outra de um confronto cara a cara com Ostrog. Ele estava cheio de raiva, uma tensão muscular intensa, com as mãos cerradas e os lábios comprimidos.

O caminho até a Casa do Conselho, através das ruínas, estava intransitável, mas Asano contornou essa dificuldade e levou Graham até as instalações dos correios centrais. Os correios, em teoria, ainda funcionavam, mas os carregadores vestidos de azul se moviam

lentamente ou haviam parado para observar, através dos arcos de suas galerias, os homens que passavam aos gritos lá fora. “Todos as suas Alas! Todos as suas Alas!” Seguindo o conselho de Asano, Graham revelou sua identidade.

Eles atravessaram até a Casa do Conselho por meio de um teleférico. Já no breve intervalo desde a rendição dos Conselheiros, uma grande mudança havia ocorrido nas ruínas. As cascatas de água do mar rompida foram controladas e domadas, e enormes tubulações temporárias corriam acima de uma frágil estrutura de vigas. O céu estava entrelaçado com cabos e fios restaurados que serviam à Casa do Conselho, e uma massa de novas construções, com guindastes e outras máquinas de construção movendo-se de um lado para o outro, projetava-se à esquerda da pilha branca.

Os caminhos móveis que cruzavam essa área haviam sido restaurados, embora, pela primeira vez, funcionando ao ar livre. Esses eram os mesmos caminhos que Graham havia visto da pequena varanda na hora de seu despertar, apenas nove dias atrás, e o salão de seu Transe havia ficado do outro lado, onde agora se amontoavam pilhas disformes de escombros quebrados e destruídos.

Já era pleno dia, e o sol brilhava intensamente. Das grandes cavernas de luz azul elétrica saíam os caminhos rápidos, lotados de multidões que se despejavam deles, reunindo-se em número cada vez maior sobre os destroços e o caos das ruínas. O ar estava cheio de seus gritos, e eles avançavam, pressionando-se em direção ao edifício central. Em sua maior parte, aquela massa barulhenta era um enxame desordenado, mas aqui e ali Graham podia ver que uma disciplina rudimentar tentava se impor. E cada voz clamava por ordem no caos. “Para suas Alas! Todos as suas Alas!”

O cabo os conduziu para um salão que Graham reconheceu como a antecâmara do Salão do Atlas, ao redor da qual ele havia caminhado dias atrás com Howard para se mostrar ao desaparecido Conselho, uma hora após seu despertar. Agora o lugar estava vazio, exceto por dois atendentes do cabo. Esses homens pareciam extremamente surpresos ao reconhecer o Adormecido no homem que desceu do assento suspenso.

“Onde está Ostrog?” ele exigiu. “Preciso ver Ostrog imediatamente. Ele me desobedeceu. Voltei para tomar as rédeas das suas mãos.” Sem esperar por Asano, ele atravessou o salão diretamente, subiu os degraus na extremidade oposta e, puxando a cortina de lado, se encontrou diante do incansável Titã.

O salão estava vazio. Sua aparência havia mudado muito desde a primeira vez que ele o viu. Ele havia sofrido sérios danos na violenta luta da primeira revolta. No lado direito da grande figura, a metade superior da parede tinha sido arrancada por quase sessenta metros de

comprimento, e uma folha do mesmo filme vítreo que havia envolvido Graham em seu despertar havia sido esticada sobre a abertura. Isso abafava, mas não excluía totalmente, o rugido das pessoas do lado de fora. “Seções! Seções! Seções!” parecia ser o que estavam dizendo. Através dela, eram visíveis as vigas e suportes dos andaimes de metal que subiam e desciam de acordo com as necessidades de uma grande multidão de operários. Uma máquina de construção inativa, com longos braços de metal pintados de vermelho, se estendia sinistramente através dessa imagem esverdeada. Sobre ela, ainda havia vários trabalhadores observando a multidão abaixo. Por um momento, ele ficou observando essas coisas, e Asano o alcançou.

“Ostrog,” disse Asano, “estará nos pequenos escritórios além do salão.” O pequeno homem estava pálido agora, e seus olhos procuravam o rosto de Graham.

Eles mal haviam avançado dez passos desde a cortina quando um painel à esquerda do Atlas se levantou, e Ostrog, acompanhado por Lincoln e seguido por dois homens vestidos de preto e amarelo, apareceu cruzando o canto distante do salão, em direção a um segundo painel que estava levantado e aberto. “Ostrog,” gritou Graham, e ao som de sua voz, o pequeno grupo se virou surpreso.

Ostrog disse algo a Lincoln e avançou sozinho.

Graham foi o primeiro a falar. Sua voz era alta e autoritária. “O que é isso que estou ouvindo?” ele perguntou. “Você está trazendo a polícia para cá — para controlar o povo?”

“Não era sem tempo,” disse Ostrog. “Eles estão saindo de controle cada vez mais, desde a revolta. Subestimei—”

“Quer dizer que esses malditos estão a caminho?”

“Já estão a caminho. Você viu o povo lá fora?”

“Não é de se admirar! Mas — depois do que foi dito. Você foi longe, Ostrog.”

Ostrog não disse nada, mas se aproximou mais.

“Esses negros não devem vir para Londres,” disse Graham. “Eu sou o Mestre e eles não virão.”

Ostrog olhou para Lincoln, que imediatamente veio em sua direção com seus dois atendentes logo atrás dele. “Por que não?” perguntou Ostrog.

“Homens brancos devem ser controlados por homens brancos. Além disso—”

“Os negros são apenas um instrumento.”

“Mas essa não é a questão. Eu sou o Mestre. Pretendo ser o Mestre. E estou dizendo que eles não virão.”

“O povo—”

“Eu acredito no povo.”

“Porque você é um anacronismo. Você é um homem fora de seu tempo — um acidente. Você é o Proprietário talvez do mundo. Mas não é o Mestre. Você não sabe o suficiente para ser o Mestre.”

Ele olhou para Lincoln novamente. “Agora eu entendo o que você pensa — posso adivinhar algo do que pretende fazer. Ainda não é tarde para te alertar. Você sonha com igualdade humana — com algum tipo de ordem socialista — você tem todos esses sonhos ultrapassados do século XIX frescos e vívidos em sua mente, e quer governar esta era que você não compreende.”

“Escute!” disse Graham. “Você pode ouvir — um som como o do mar. Não são vozes —mas uma voz. Você entende isso completamente?”

“Fomos nós que ensinamos isso a eles,” disse Ostrog.

“Talvez. Você pode ensiná-los a esquecer? Mas chega disso! Esses negros não devem vir.”

Houve uma pausa e Ostrog olhou diretamente em seus olhos.

“Eles virão,” disse ele.

“Eu proíbo,” disse Graham.

“Eles já estão vindo.”

“Eu não permitirei.”

“Não,” disse Ostrog. “Desculpe-me por seguir o método do Conselho... Para seu próprio bem — você não deve se aliar à — Desordem. E agora que você está aqui... Foi gentil da sua parte vir.”

Lincoln colocou a mão no ombro de Graham. De repente, Graham percebeu a enormidade de seu erro ao vir para a Casa do Conselho. Ele se virou em direção às cortinas que separavam o salão da antecâmara. A mão agarrada de Asano interveio. Em outro momento, Lincoln já havia agarrado a capa de Graham.

Ele se virou e desferiu um golpe no rosto de Lincoln, e de repente um homem já o segurava pela gola e pelo braço. Ele se desvencilhou, sua manga rasgou ruidosamente, e ele caiu para trás, tropeçando no outro atendente. Então ele atingiu o chão pesadamente e ficou olhando para o teto distante do salão.

Ele gritou, rolou, lutando ferozmente, agarrou a perna de um atendente e o jogou de cabeça no chão, levantando-se em seguida.

Lincoln apareceu diante dele, mas foi ao chão novamente com um golpe no queixo e ficou imóvel. Graham deu dois passos, tropeçou. E então o braço de Ostrog estava em volta

de seu pescoço, ele foi puxado para trás, caiu, e seus braços foram imobilizados no chão. Depois de alguns esforços violentos, ele parou de lutar e ficou olhando para a garganta arfante de Ostrog.

“Você... é... um prisioneiro,” ofegou Ostrog, exultante. “Foi meio tolo... voltar.”

Graham virou a cabeça e percebeu, através da janela irregular nas paredes do salão, os homens que estavam operando as gruas de construção gesticulando animadamente para as pessoas abaixo. Eles tinham visto!

Ostrog seguiu seu olhar e se sobressaltou. Ele gritou algo para Lincoln, mas Lincoln não se moveu. Uma bala estourou entre as molduras acima do Atlas. As duas folhas de material transparente que haviam sido esticadas sobre essa abertura se rasgaram, as bordas da abertura escura se curvaram rapidamente em direção à estrutura, e em um momento a Câmara do Conselho estava aberta ao ar. Uma rajada fria entrou pela abertura, trazendo consigo um rugido de vozes dos espaços em ruínas do lado de fora, um balbucio quase sobrenatural. “Salvem o Mestre!” “O que estão fazendo com o Mestre?” “O Mestre foi traído!”

E então ele percebeu que a atenção de Ostrog estava distraída, que seu aperto havia relaxado, e se livrando, ele se levantou de joelhos. Em um momento, ele havia empurrado Ostrog para trás, e estava em pé, com uma mão agarrando a garganta de Ostrog, enquanto as mãos de Ostrog se agarravam ao tecido de seda em volta do seu pescoço.

Mas agora homens vinham em sua direção desde o púlpito — homens cujas intenções ele entendeu mal. Ele teve um vislumbre de alguém correndo à distância em direção às cortinas da antecâmara, e então Ostrog havia escapado dele, e esses recém-chegados estavam sobre ele. Para sua infinita surpresa, eles o agarraram. Eles obedeciam aos gritos de Ostrog.

Ele foi arrastado alguns metros antes de perceber que não eram amigos — que estavam tentando levá-lo em direção ao painel aberto. Quando ele viu isso, ele tentou resistir, tentou se jogar ao chão, gritou por ajuda com toda sua força. E desta vez, houve gritos em resposta.

O aperto em seu pescoço afrouxou, e, veja só, no canto inferior da abertura rasgada na parede, primeiro uma e depois várias pequenas figuras negras apareceram, olhando e acenando com os braços. Eles desceram correndo pela brecha para a galeria iluminada que levava aos Salões Silenciosos. Correram por ela, tão próximos que Graham podia ver as armas em suas mãos. Então Ostrog estava dando direções aos homens que o seguravam, e mais uma vez ele estava lutando com todas as suas forças contra os esforços deles para empurrá-lo em direção à abertura que se abria para recebê-lo. “Eles não podem descer,” arfou Ostrog. “Eles não ousam atirar. Está tudo bem. Ainda o salvaremos deles.”

Por longos minutos, como parecia a Graham, aquela luta inglória continuou. Suas roupas estavam rasgadas em uma dúzia de lugares, ele estava coberto de poeira, uma de suas mãos havia sido pisoteada. Ele podia ouvir os gritos de seus apoiadores, e ele ouviu tiros. Ele podia sentir sua força cedendo, sentir seus esforços selvagens e sem objetivo. Mas nenhuma ajuda veio, e certamente, irresistivelmente, aquela abertura obscura e escancarada se aproximava.

A pressão sobre ele diminuiu e, lutando, ele se levantou. Viu a cabeça grisalha de Ostrog se afastando e percebeu que já não estava sendo segurado. Virou-se e deu de cara com um homem vestido de preto. Uma das armas verdes disparou perto dele, uma nuvem de fumaça pungente envolveu seu rosto e uma lâmina de aço brilhou. A enorme câmara girava ao seu redor.

Ele viu um homem vestido de azul claro esfaqueando um dos atendentes de preto e amarelo a menos de três metros de distância. Então, mãos o agarraram novamente.

Agora ele estava sendo puxado em duas direções. Parecia que as pessoas gritavam para ele. Queria entender, mas não conseguia. Alguém o segurava pelas coxas, e ele foi erguido apesar dos seus esforços vigorosos. Subitamente, ele compreendeu e parou de lutar. Foi levantado nos ombros de homens e carregado para longe daquele painel ameaçador. Dez mil vozes o aclamavam.

Viu homens de azul e preto perseguindo os ‘Ostrogitas’ em fuga e atirando. Erguido no alto, ele conseguia ver agora toda a extensão do salão sob a imagem do Atlas. Percebeu que estava sendo levado em direção à plataforma central elevada. O outro extremo do salão já estava cheio de pessoas correndo em sua direção. Elas olhavam para ele e aplaudiam.

Ele percebeu que uma espécie de guarda-costas o cercava. Homens ativos ao seu redor gritavam ordens vagas. Ele reconheceu de perto o homem de bigode preto, vestido de amarelo, que estava entre aqueles que o saudaram no teatro público, agora dando direções. O salão já estava densamente cheio de pessoas balançando, a pequena galeria de metal cedia sob a carga de gritos, as cortinas no fim foram rasgadas e a antessala se revelou também lotada. Ele mal conseguia se fazer ouvir no meio da confusão ao redor. “Para onde foi Ostrog?” ele perguntou.

O homem a quem dirigiu a pergunta apontou por cima das cabeças em direção aos painéis inferiores no lado oposto do salão, que estavam abertos. Homens armados, vestidos de azul com faixas pretas, corriam por eles e desapareciam nas câmaras e passagens além. Pareceu a Graham que sons de disparos se misturavam à agitação. Ele foi carregado em uma curva oscilante através do grande salão, em direção a uma abertura sob a fenda.

Percebeu que homens trabalhavam com uma espécie de disciplina rudimentar para manter a multidão afastada dele, abrindo espaço ao seu redor. Ele saiu do salão e viu uma nova parede grosseira erguendo-se à sua frente, coroada por um céu azul. Foi posto no chão; alguém agarrou seu braço e o guiou. O homem de amarelo estava próximo. Eles o levaram por uma escada estreita de tijolos, e ao lado deles erguiam-se as grandes massas pintadas de vermelho, guindastes, alavancas e motores parados da grande máquina de construção.

Agora ele estava no topo dos degraus. Atravessaram rapidamente uma passarela estreita com corrimão, e de repente, com um imenso clamor, o anfiteatro de ruínas se abriu diante dele. “O Mestre está conosco! O Mestre! O Mestre!” O grito varreu o lago de rostos como uma onda, quebrando contra o distante penhasco de ruínas e retornando em um redemoinho de vozes. “O Mestre está do nosso lado!”

Graham percebeu que não estava mais cercado por pessoas, que agora se encontrava em uma pequena plataforma temporária de metal branco, parte de um andaime frágil que cercava a grande massa da Casa do Conselho. Por toda a vasta extensão das ruínas, multidões oscilavam e gritavam; aqui e ali as bandeiras pretas das sociedades revolucionárias ondulavam e formavam raros núcleos de organização no caos. Pela escadaria íngreme de parede e andaime, por onde seus salvadores haviam alcançado a abertura na Câmara do Atlas, subia uma massa compacta, e pequenas figuras negras energéticas agarravam-se a pilares e projeções, tentando mover essas multidões congestionadas. Atrás dele, em um ponto mais alto do andaime, um grupo de homens lutava para erguer as dobras agitadas de uma enorme bandeira preta. Através da fenda nas paredes abaixo dele, ele podia ver a multidão atenta e compacta no Salão do Atlas. As distantes plataformas de voo ao sul apareciam brilhantes e nítidas, trazidas para mais perto pela transparência incomum do ar. Um aeroplano solitário subia da plataforma central como se fosse ao encontro dos aviões que chegavam.

“O que aconteceu com Ostrog?” perguntou Graham, e no mesmo momento percebeu que todos os olhos se voltavam para o topo da Casa do Conselho. Ele também olhou nessa direção de atenção universal. Por um momento não viu nada além da esquina dentada de uma parede, nítida contra o céu. Então, nas sombras, percebeu o interior de uma sala e reconheceu com um sobressalto as decorações verdes e brancas de sua antiga prisão. E, rapidamente atravessando a sala aberta e até a borda do penhasco das ruínas, veio uma pequena figura vestida de branco, seguida por outras duas figuras menores, em preto e amarelo. Ouviu o homem ao seu lado exclamar “Ostrog” e se virou para fazer uma pergunta. Mas nunca o fez, porque outro dos que estavam com ele exclamou, apontando com um dedo magro. Ele olhou e viu o aeroplano que estava subindo da plataforma de voo, quando ele o havia visto pela

última vez, agora se aproximando rapidamente. Seu voo firme ainda era recente o suficiente para prender sua atenção.

Mais perto ele veio, crescendo rapidamente, até que sobrevoou a borda das ruínas e apareceu à vista das multidões densas abaixo. A aeronave inclinou-se, desacelerando, e subiu sobre a massa da Casa do Conselho, uma forma translúcida e delicada com o piloto solitário olhando para baixo através de suas costelas. Ela desapareceu além da linha do horizonte das ruínas.

Graham voltou sua atenção para Ostrog. Ele fazia sinais com as mãos, e seus assistentes estavam ocupados derrubando a parede ao seu lado. Em outro momento, a aeronave apareceu novamente, uma pequena coisa à distância, fazendo uma ampla curva e se movendo mais devagar.

De repente, o homem de amarelo gritou: “O que estão fazendo? O que o povo está fazendo? Por que Ostrog ainda está lá? Por que ele não foi capturado? Eles vão erguê-lo — a aeronave vai levá-lo! Ah!”

A exclamação foi ecoada por um grito vindo das ruínas. O som estridente das armas verdes chegou a Graham, e, olhando para baixo, ele viu uma série de uniformes pretos e amarelos correndo ao longo de uma das galerias abertas abaixo do promontório onde Ostrog estava. Eles atiravam enquanto corriam como homens invisíveis, e então surgiram várias figuras em azul claro em perseguição. Essas figuras de combate minúsculas tinham o efeito mais estranho; pareciam, enquanto corriam, pequenos soldados de brinquedo em um cenário miniaturizado. Essa aparência estranha de uma casa aberta dava àquela luta entre móveis e passagens uma qualidade de irrealidade. Estava talvez a duzentos metros dele, e quase cinquenta metros acima das cabeças nas ruínas abaixo. Os homens de preto e amarelo correram para uma arcada aberta, viraram-se e dispararam uma rajada. Um dos perseguidores azuis, avançando perto da borda, levantou os braços, cambaleou de lado, pareceu, aos olhos de Graham, pairar na beira por vários segundos, e então caiu de cabeça. Graham o viu bater em um canto saliente, girar de ponta-cabeça, e desaparecer atrás do braço vermelho da máquina de construção.

Então uma sombra passou entre Graham e o sol. Ele olhou para cima e o céu estava claro, mas sabia que o avião havia passado. Ostrog havia desaparecido. O homem de amarelo empurrou-se à sua frente, ansioso e suado, apontando e gritando.

“Estão aterrissando!” gritou o homem de amarelo. “Estão aterrissando. Diga ao povo para atirar nele. Diga para atirarem nele!”

Graham não conseguia entender. Ouviu vozes altas repetindo essas ordens enigmáticas.

De repente, viu a proa do avião emergir à beira das ruínas e parar com um solavanco. Em um instante, Graham entendeu que a máquina havia pousado para que Ostrog pudesse escapar por ela. Viu uma fumaça azul subindo do abismo e percebeu que as pessoas abaixo agora estavam disparando contra o caule projetado da aeronave.

Um homem ao seu lado gritou roucamente, e ele viu que os rebeldes azuis haviam conquistado a arcada que fora defendida pelos homens de preto e amarelo há instantes, e estavam correndo em um fluxo contínuo ao longo da passagem aberta.

E de repente a aeronave escorregou pela borda da Casa do Conselho e caiu. Despencou, inclinando-se em um ângulo de quarenta e cinco graus, caindo tão rapidamente que parecia, para Graham e talvez para a maioria dos que estavam abaixo, que ela não conseguiria subir novamente.

Ela caiu tão perto dele que ele pôde ver Ostrog agarrado aos controles do assento, com seus cabelos grisalhos esvoaçando; viu o rosto pálido do piloto puxando desesperadamente a alavanca que guiava o motor pelos trilhos. Ouvia o grito vago e apreensivo de inúmeros homens abaixo.

Graham agarrou-se à grade à sua frente e ofegou. O segundo pareceu uma eternidade. A pá inferior da aeronave passou a uma distância mínima das pessoas, que gritavam e se atropelavam abaixo.

E então ela subiu.

Por um momento, parecia impossível que conseguisse evitar a outra borda do penhasco, e então, que não conseguiria desviar da hélice que girava mais adiante.

Mas veja! Ela estava livre e subindo, ainda inclinada de lado, para cima, para cima, no céu varrido pelo vento.

A tensão daquele momento deu lugar a uma fúria de exasperação quando as multidões perceberam que Ostrog havia escapado. Com uma atividade tardia, eles retomaram o fogo, até que o som dos disparos se misturou em um rugido, e toda a área se tornou turva e azulada com o fino fumo de suas armas.

Tarde demais! O avião foi ficando menor e menor, curvou-se e desceu graciosamente em direção à plataforma de voo de onde havia decolado. Ostrog escapara.

Por um tempo, um balbucio confuso ergueu-se das ruínas, e então a atenção geral voltou para Graham, postado no alto entre os andaimes. Ele viu os rostos das pessoas voltados para ele, ouviu seus gritos comemorando seu resgate. Do fundo dos caminhos vinha o canto da revolta, espalhando-se como uma brisa naquela maré oscilante de homens.

O pequeno grupo de homens ao seu redor gritava parabéns por sua fuga. O homem de amarelo estava perto dele, com um rosto determinado e olhos brilhantes. E o canto estava ficando mais alto e mais alto; passos, passos, passos, passos.

Aos poucos, a percepção do significado completo daquilo tudo chegou até ele, a compreensão da rápida mudança em sua posição. Ostrog, que estivera ao seu lado sempre que ele enfrentava aquela multidão em gritos, agora estava lá, do outro lado — o adversário. Não havia mais ninguém para governar por ele. Mesmo as pessoas ao seu redor, os líderes e organizadores da multidão, olhavam para ver o que ele faria, esperavam que ele agisse, aguardavam suas ordens. Ele era o Rei de fato. Seu reinado de marionete havia terminado.

Ele estava muito focado em fazer o que se esperava dele. Seus nervos e músculos estavam trêmulos, sua mente talvez um pouco confusa, mas ele não sentia nem medo nem raiva. Sua mão, que havia sido pisoteada, latejava e estava quente. Ele estava um pouco nervoso quanto à sua postura. Sabia que não estava com medo, mas estava ansioso para não parecer assustado. Em sua vida anterior, já estivera mais agitado jogando jogos que exigiam certa habilidade. Estava ansioso por ação imediata, sabia que não devia pensar demais nos detalhes da enorme complexidade da luta ao seu redor, sob o risco de ficar paralisado pela sensação de sua intrincada natureza. Lá, aquelas formas azuis quadradas, as plataformas de voo, representavam Ostrog; contra Ostrog, ele estava lutando pelo mundo.

### **CAPÍTULO XIII — Enquanto Os Aviões Estão Chegando**

Por um tempo, o Mestre da Terra não era nem mesmo mestre de sua própria mente. Até sua vontade parecia não ser sua, seus próprios atos o surpreendiam e faziam parte da confusão de estranhas experiências que o invadiam. Três coisas eram claras: os negros estavam chegando, Helen Wotton havia avisado o povo sobre sua chegada, e ele era o Mestre da Terra. Cada um desses fatos parecia lutar para tomar posse total de seus pensamentos. Eles surgiam de um pano de fundo de corredores lotados, passagens elevadas, salas abarrotadas de líderes distritais em conselho, salas de cinematógrafo e telefone, e janelas que davam para um mar fervilhante de homens marchando. Os homens de amarelo, e homens que ele imaginava serem chamados de líderes distritais, ou o empurravam para a frente ou o seguiam obedientemente; era difícil dizer. Talvez fizessem um pouco de ambos. Talvez algum poder, invisível e insuspeito, estivesse guiando a todos. Ele estava ciente de que faria uma proclamação ao Povo da Terra, ciente de certas frases grandiosas flutuando em sua mente, que ele pretendia

dizer. Ele se encontrou com o homem de amarelo entrando em uma pequena sala onde essa proclamação seria feita

Essa sala era grotescamente moderna em seus detalhes. No centro havia um oval brilhante iluminado por luzes elétricas cobertas, vindas de cima. O resto estava nas sombras, e as portas duplas, bem ajustadas, pelas quais ele entrou do tumultuado Salão do Atlas, fizeram o lugar parecer muito silencioso. O surdo baque delas ao se fecharem atrás dele, a súbita cessação do tumulto no qual ele havia estado imerso por horas, o círculo trêmulo de luz, os sussurros e os movimentos rápidos e silenciosos de atendentes vagamente visíveis nas sombras, tiveram um efeito estranho sobre Graham. Os enormes ouvidos de um mecanismo fonográfico aguardavam suas palavras, os olhos negros de grandes câmeras fotográficas aguardavam seu início, além de hastes e bobinas de metal que brilhavam tenuemente, e algo girava com um zumbido constante. Ele caminhou até o centro da luz, e sua sombra se reuniu, negra e nítida, em uma pequena mancha a seus pés.

A vaga forma das palavras que pretendia dizer já estava em sua mente. Mas esse silêncio, esse isolamento, esse afastamento da multidão contagiante, essa audiência de máquinas boquiabertas e brilhantes não haviam sido antecipados. Todos os seus suportes pareciam ter sido retirados; parecia que ele havia sido jogado ali de repente, de repente para se descobrir. Em um momento ele havia mudado. Ele percebeu que agora temia ser inadequado, temia ser teatral, temia pela qualidade de sua voz, pela qualidade de sua perspicácia; surpreso, ele se voltou para o homem de amarelo com um gesto conciliatório. “Só por um instante,” disse ele, “preciso esperar. Não pensei que seria assim. Preciso pensar novamente no que vou dizer.”

Enquanto ainda hesitava, chegou um mensageiro agitado com a notícia de que os aeroplanos mais avançados estavam passando sobre Madrid.

“Que notícias das plataformas voo?” ele perguntou.

“As pessoas dos distritos sudoeste estão prontas.”

“Prontas!”

Ele se virou impacientemente para os círculos vazios das lentes novamente.

“Suponho que tenha de ser algum tipo de discurso. Queria a Deus que eu soubesse com certeza o que deveria ser dito! Aeroplanos em Madrid! Devem ter partido antes da frota principal. Oh, o que importa se eu falar bem ou mal?” disse ele, sentindo a luz crescer mais forte.

Ele havia formado alguma vaga frase de sentimento democrático quando, de repente, dúvidas o dominaram. Sua crença em sua qualidade heroica e chamado havia perdido

totalmente sua convicção. A imagem de uma pequena futilidade arrogante em um deserto de destinos incompreensíveis tomou seu lugar. De repente, ficou perfeitamente claro para ele que essa revolta contra Ostrog era prematura, destinada ao fracasso, o impulso de uma inadequação apaixonada contra coisas inevitáveis. Ele pensou naquele rápido voo de aeroplanos como o ataque inevitável do Destino contra ele. Ficou surpreso por ter visto as coisas de outra forma antes. Naquela emergência final, ele debateu, afastou resolutamente o debate e determinou a todo custo seguir adiante com o que havia se comprometido. E não conseguiu encontrar uma palavra para começar. Mesmo enquanto estava ali, desajeitado, hesitando, com uma desculpa indiscreta por sua incapacidade tremendo em seus lábios, ouviu o barulho de muitas pessoas gritando, correndo de um lado para o outro. “Espere,” gritou alguém, e uma porta se abriu. Graham se virou e as luzes observadoras diminuíram.

Pela porta aberta, ele viu uma figura feminina esguia se aproximando. Seu coração saltou. Era Helen Wotton. O homem de amarelo saiu das sombras próximas para o círculo de luz.

“Esta é a garota que nos contou o que Ostrog havia feito,” disse ele.

Ela entrou muito calmamente e ficou parada, como se não quisesse interromper a eloquência de Graham... Mas suas dúvidas e questionamentos desapareceram diante da presença dela. Ele se lembrou das coisas que pretendia dizer. Ele se virou novamente para as câmeras e a luz ao seu redor ficou mais brilhante. Ele se virou de volta para ela.

“Você me ajudou,” disse ele timidamente, “me ajudou muito... Isso é muito difícil.”

Ele fez uma pausa. Dirigiu-se às multidões invisíveis que o observavam através daqueles grotescos olhos negros. No início, falou devagar.

“Homens e mulheres da nova era,” disse ele, “vocês se levantaram para lutar pela raça!... Não há vitória fácil à nossa frente.”

Parou para reunir palavras. Desejou intensamente ter o dom da fala eloquente.

“Esta noite é um começo,” gritou. “Esta batalha que se aproxima, que nos atinge nesta noite, é apenas o começo. Talvez por toda a vida vocês tenham que lutar. Não importa se eu for derrotado, se for completamente derrubado. Acho que posso ser derrubado.”

Ele achou o que estava em sua mente vago demais para ser expresso. Fez uma breve pausa e caiu em exortações vagas, até que uma torrente de palavras tomou conta dele. Muito do que disse era apenas o lugar-comum humanitário de uma era desaparecida, mas a convicção em sua voz deu-lhe vitalidade. Ele apresentou o caso dos velhos tempos ao povo da nova era, à garota ao seu lado.

“Eu venho do passado para vocês,” disse, “com a memória de uma época que tinha esperança. Minha época foi uma época de sonhos — de começos, uma época de nobres esperanças; por todo o mundo havíamos posto fim à escravidão; por todo o mundo espalhamos o desejo e a antecipação de que as guerras pudessem cessar, que todos os homens e mulheres pudessem viver nobremente, em liberdade e paz... Assim esperávamos nos dias que se foram. E o que aconteceu com essas esperanças? Como está a humanidade depois de duzentos anos?”

“Grandes cidades, vastos poderes, uma grandiosidade coletiva além dos nossos sonhos. Não foi para isso que trabalhamos, mas isso aconteceu. Mas como estão as pequenas vidas que compõem essa grande vida? Como estão as vidas comuns? Como sempre foi — tristeza e trabalho, vidas limitadas e não realizadas, vidas tentadas pelo poder, tentadas pela riqueza, e perdidas em desperdício e tolice. As antigas crenças desapareceram e mudaram, a nova fé — existe uma nova fé?”

“Caridade e misericórdia,” ele gaguejou; “beleza e o amor pelas coisas belas — esforço e devoção. Entreguem-se como eu me entregaria — como Cristo se entregou na Cruz. Não importa se vocês entendem. Não importa se parecem falhar. Vocês sabem — no fundo dos seus corações vocês sabem. Não há promessa, não há segurança — nada para seguir além da Fé. Não há fé além da fé — a fé que é coragem...”

Coisas que ele há muito desejava acreditar, ele descobriu que acreditava. Falou com força, em frases quebradas e incompletas, mas com todo o seu coração e força, sobre essa nova fé dentro dele. Falou sobre a grandeza da abnegação, sobre sua crença em uma vida imortal da Humanidade na qual vivemos, nos movemos e temos o nosso ser. Sua voz subia e descia, e os aparelhos de gravação zumbiam enquanto ele falava, atentos sombrios o observavam nas sombras... A sensação daquele espectador silencioso ao seu lado sustentava sua sinceridade. Por alguns gloriosos momentos, ele foi levado; não sentia dúvida de sua qualidade heróica, nem dúvida de suas palavras heróicas, tudo estava claro e direto. Sua eloquência não mais mancava. E finalmente, ele terminou de falar.

“Aqui e agora,” gritou, “faço a minha vontade. Tudo o que é meu no mundo, dou ao povo do mundo. Tudo o que é meu no mundo, dou ao povo do mundo. Para todos vocês. Dou a vocês, e a mim mesmo, eu me entrego a vocês. E como Deus quiser esta noite, viverei por vocês, ou morrerei.”

Ele terminou. Encontrou o reflexo de sua presente exaltação no rosto da garota. Seus olhos se encontraram; os olhos dela estavam cheios de lágrimas de entusiasmo.

“Eu sabia,” ela sussurrou. “Oh, Pai do Mundo — Senhor! Eu sabia que você diria essas coisas...”

“Disse o que pude,” ele respondeu sem jeito, e por um momento segurou suas mãos estendidas.

O homem de amarelo estava ao lado deles. Nenhum dos dois notou sua chegada. Ele estava dizendo que as alas do sudoeste estavam marchando.

“Eu nunca esperei que fosse tão rápido,” gritou. “Eles fizeram maravilhas. Você deve mandar uma mensagem para encorajá-los em seu caminho.”

Graham o encarou distraidamente. Então, com um sobressalto, ele voltou à sua preocupação anterior sobre as plataformas aéreas.

“Sim,” ele disse. “Isso é bom, isso é muito bom.” Ele pensou em uma mensagem. “Diga a eles... bem feito, Sudoeste.”

Ele voltou seus olhos para Helen Wotton novamente. Seu rosto expressava sua luta entre ideias conflitantes. “Precisamos capturar as plataformas aéreas,” ele explicou. “Se não fizermos isso, eles irão desembarcar a polícia. A qualquer custo, devemos impedir isso.”

Ele sentiu, enquanto falava, que isso não era o que estava em sua mente antes da interrupção. Ele viu um toque de surpresa nos olhos dela. Ela parecia prestes a falar, mas um sino agudo abafou sua voz.

Aconteceu com Graham que ela esperava que ele liderasse essas pessoas em marcha, que essa era a coisa que ele devia fazer. Ele fez a oferta abruptamente. Ele se dirigiu ao homem de amarelo, mas falou para ela. Ele viu seu rosto responder. “Aqui estou eu, sem fazer nada,” ele disse.

“É impossível,” protestou o homem de amarelo. “É uma luta em um labirinto. Seu lugar é aqui.”

Ele explicou elaboradamente. Apontou para o quarto onde Graham devia esperar, insistindo que nenhum outro caminho era possível. “Precisamos saber onde você está,” disse ele. “A qualquer momento, pode surgir uma crise que necessite de sua presença e decisão.”

Uma imagem passou por sua mente de uma grande luta dramática, como as massas nas ruínas haviam sugerido. Mas ali não havia um campo de batalha espetacular como ele imaginava. Em vez disso, havia reclusão e suspense. Só à medida que a tarde avançava é que ele começou a formar uma imagem mais clara da batalha que estava ocorrendo, inaudível e invisível, a quatro milhas dali, sob a plataforma de Roehampton. Era uma disputa estranha e sem precedentes, uma batalha composta por milhares de pequenas batalhas, lutada em uma rede de caminhos e canais, longe do céu ou do sol, sob a luz elétrica, travada em uma vasta

confusão por multidões sem treinamento militar, lideradas principalmente por aclamação, multidões entorpecidas por um trabalho mecânico e enfraquecidas por duzentos anos de segurança servil, contra multidões desmoralizadas por vidas de privilégios triviais e indulgências sensuais. Eles não tinham artilharia, nenhuma diferenciação entre forças; a única arma de ambos os lados era o pequeno fuzil de metal verde, cuja fabricação secreta e súbita distribuição em quantidades enormes havia sido um dos últimos movimentos de Ostrog contra o Conselho. Poucos tinham experiência com essa arma, muitos nunca haviam disparado uma, e muitos que a carregavam não tinham munição; nunca houve um tiroteio mais desorganizado na história das guerras. Era uma batalha de amadores, uma guerra experimental horrível, revoltosos armados lutando contra revoltosos armados, varridos pela fúria de uma canção, pela marcha rítmica de seus números, avançando aos milhares em direção aos corredores estreitos, aos elevadores desativados, às galerias escorregadias de sangue, aos salões e passagens cheias de fumaça sob as plataformas aéreas, para descobrir ali, quando a retirada era impossível, os antigos mistérios da guerra. E acima de tudo isso, exceto por alguns franco-atiradores nos telhados e por alguns fios e faixas de vapor que se multiplicavam e escureciam à medida que a noite se aproximava, o dia permanecia de uma serenidade clara. Ostrog, ao que parece, não tinha bombas à disposição, e em todas as fases iniciais da batalha, as máquinas voadoras não desempenharam nenhum papel. Não havia uma única nuvem para interromper o brilho vazio do céu. Era como se ele se mantivesse vazio, esperando até que os aviões chegassem.

De tempos em tempos, havia notícias dessas máquinas, se aproximando de uma cidade espanhola e depois de outra, e logo da França. Mas das novas armas que Ostrog havia fabricado e que se sabia estarem na cidade, não havia notícias, apesar da urgência de Graham, nem qualquer relato de sucessos vindos da densa teia de combates em torno das plataformas aéreas. Seção após seção das Sociedades de Trabalhadores reportava-se montada, reportava-se marchando e desaparecia no labirinto daquela guerra. O que estava acontecendo ali? Mesmo os líderes de distrito mais atarefados não sabiam. Apesar do abrir e fechar de portas, dos mensageiros apressados, dos sinos tocando e do ruído constante dos dispositivos de registro, Graham sentia-se isolado, estranhamente inoperante.

Sua sensação de isolamento parecia, às vezes, a coisa mais estranha, a mais inesperada de todas desde que ele havia despertado. Tinha algo da qualidade daquela inatividade que ocorre nos sonhos. Um tumulto, a enorme percepção de uma luta mundial entre Ostrog e ele, e então esse pequeno quarto confinado e quieto com seus transmissores, sinos e espelho quebrado!

Agora a porta se fechava e Graham e Helen ficavam sozinhos; eles pareciam nitidamente separados de toda a tempestade mundial sem precedentes que se formava lá fora, intensamente conscientes um do outro, preocupados apenas um com o outro. Então a porta se abria novamente, mensageiros entravam, ou um sino agudo invadia sua privacidade, e era como uma janela em uma casa iluminada abruptamente aberta para um furacão. A escuridão, a pressa e o tumulto, o estresse e a veemência da batalha invadiam e os envolviam. Eles deixavam de ser pessoas e se tornavam meros espectadores, meras impressões de uma convulsão tremenda. Tornavam-se irreais até para si mesmos, miniaturas de personalidade, indescritivelmente pequenas, e as duas realidades antagônicas, as únicas realidades em existência, eram, primeiro, a cidade que pulsava e rugia ao longe em uma defesa tardia, e, segundo, os aviões que avançavam inexoravelmente em sua direção sobre a curva do mundo.

Houve um súbito alvoroço do lado de fora, uma correria e gritos. A garota se levantou, sem palavras, incrédula.

Vozes metálicas gritavam “Vitória!” Sim, era “Vitória!”

Irrompendo pelas cortinas apareceu o homem de amarelo, visivelmente assustado e despenteado pela excitação. “Vitória!”, ele exclamou, “vitória! O povo está vencendo. As forças de Ostrog colapsaram.”

Ela se levantou. “Vitória?”

“O que você quer dizer?”, perguntou Graham. “Diga-me! O quê?”

“Expulsamos eles das galerias subterrâneas em Norwood, Streatham está em chamas, e Roehampton é nosso. Nosso! E capturamos o monoplane que estava lá.”

Um sino agudo tocou. Um homem de cabelos grisalhos apareceu agitado na sala dos líderes de setor. “Tudo acabou,” ele gritou.

“O que importa agora que temos Roehampton? Os aeroplanos já foram avistados em Boulogne!”

“O Canal!” disse o homem de amarelo, calculando rapidamente. “Meia hora.”

“Eles ainda têm três das plataformas de voo,” disse o homem velho.

“E aqueles canhões?” gritou Graham.

“Não podemos montá-los em meia hora.”

“Quer dizer que os encontraram?”

“Tarde demais,” disse o homem velho.

“Se pudéssemos pará-los por mais uma hora!” exclamou o homem de amarelo.

“Nada pode detê-los agora,” disse o homem velho. “Eles têm quase cem aeroplanos na primeira frota.”

“Mais uma hora?” perguntou Graham.

“Tão perto!”, disse o líder de setor. “Agora que encontramos os canhões. Tão perto! Se conseguíssemos levá-los para os telhados...”

“Quanto tempo isso levaria?” perguntou Graham de repente.

“Uma hora... certamente.”

“Tarde demais,” gritou o líder de setor, “tarde demais.”

“É tarde demais?”, disse Graham. “Ainda agora... uma hora.”

De repente, ele percebeu uma possibilidade. Tentou falar com calma, mas seu rosto estava pálido. “Há uma chance. Você disse que havia um monoplane...?”

“Na plataforma de Roehampton, senhor.”

“Danificado?”

“Não. Está atravessado no trilho. Pode ser colocado nos guias... facilmente. Mas não há piloto.”

Graham olhou para os dois homens e depois para Helen. Ele falou após uma longa pausa. “Não temos aeronautas?”

“Nenhum.”

Ele se virou de repente para Helen. Sua decisão estava tomada. “Eu devo fazê-lo.”

“Fazer o quê?”

“Ir até essa plataforma de voo... para essa máquina.”

“O que você quer dizer?”

“Eu sou um aeronauta. Afinal... Aqueles dias pelos quais você me repreendeu não foram completamente desperdiçados.”

Ele se virou para o homem velho de amarelo. “Diga-lhes para colocar nos guias.”

O homem de amarelo hesitou.

“O que você pretende fazer?”, gritou Helen.

“Esse monoplane... é uma chance...”

“Você não quer dizer...?”

“Lutar... sim. Lutar no ar. Eu já pensei antes... Um grande aeroplano é uma coisa desajeitada. Um homem resoluto...”

“Mas... nunca desde o início da aviação...”, gritou o homem de amarelo.

“Não houve necessidade. Mas agora chegou a hora. Diga-lhes agora... mande minha mensagem... para colocá-lo nos guias. Agora vejo algo que possa ser feito. Agora entendo por que estou aqui!”

O homem velho fez um gesto interrogativo para o homem de amarelo, acenou com a cabeça e saiu apressadamente.

Helen deu um passo em direção a Graham. Seu rosto estava pálido. “Mas, senhor!... Como alguém pode lutar? Você será morto.”

“Talvez. Mas, não fazer isso... ou deixar que outro tente...”

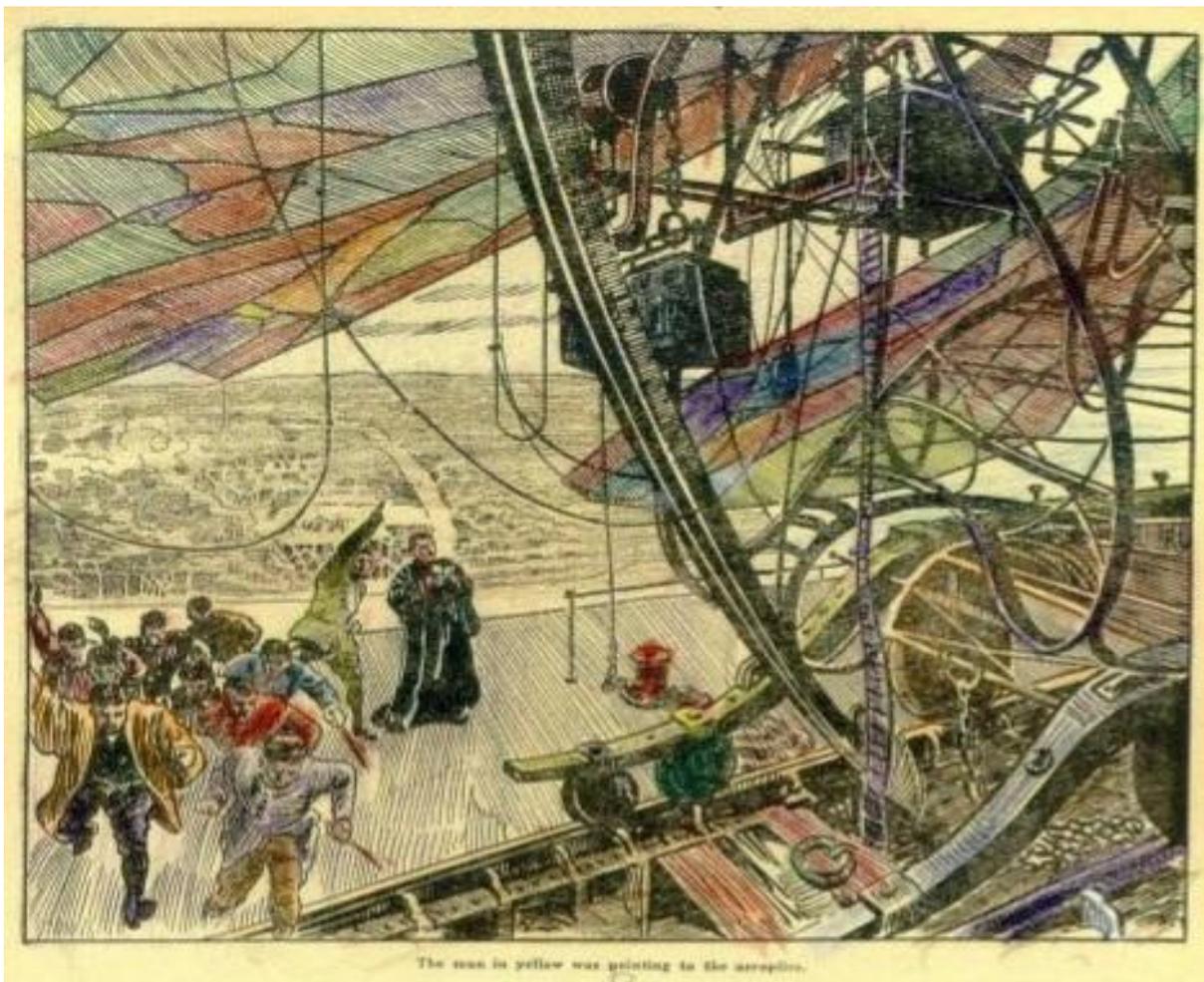
“Você será morto,” ela repetiu.

“Já disse minha palavra. Você não vê? Isso pode salvar... Londres.”

Ele parou, incapaz de falar mais, e afastou a alternativa com um gesto, e eles ficaram se encarando.

Não houve nenhum gesto de ternura entre eles, nenhum abraço, nenhuma palavra de despedida. A simples ideia de amor pessoal foi varrida pelas tremendas necessidades de sua posição. O rosto dela expressava surpresa e aceitação. Um pequeno movimento de suas mãos o entregou ao seu destino.

Ele se virou para o homem de amarelo. “Estou pronto,” disse.



## CAPÍTULO XIV — Os Avião Chegam

Dois homens vestidos de azul claro estavam deitados na linha irregular que se estendia pela borda do palco capturado de Roehampton, de ponta a ponta, segurando seus fuzis e espiando nas sombras do palco chamado Wimbledon Park. De vez em quando, eles trocavam algumas palavras. Falavam o inglês mutilado de sua classe e época. O fogo dos ‘Ostrogitas’ havia diminuído e cessado, e poucos inimigos haviam sido vistos há algum tempo. Mas os ecos da luta que ocorria agora, bem abaixo, nas galerias inferiores daquele palco, surgiam de tempos em tempos entre o staccato dos tiros do lado popular. Um desses homens estava descrevendo ao outro como havia visto um homem lá embaixo se esquivar atrás de uma viga e, ao mirar ao acaso, o atingiu com precisão quando ele se esquivava demais. “Ele ainda está lá embaixo,” disse o atirador. “Veja aquele pequeno ponto. Sim. Entre aquelas barras.” Poucos metros atrás deles, jazia um estranho morto, de rosto voltado para o céu, com a lona azul de sua jaqueta fumegando em um círculo ao redor do buraco de bala em seu peito. Perto dele, um homem ferido, com a perna enfaixada, estava sentado com uma expressão impassível e observava o progresso daquela queima. Atrás deles, atravessada no transportador, estava a aeronave capturada.

“Eu não consigo vê-lo agora,” disse o segundo homem em tom de frustração.

O atirador soltou uma série de palavrões, tentando com grande esforço tornar as coisas mais claras. E, de repente, interrompendo-o, veio um grito ruidoso vindo do subpalco.

“O que está acontecendo agora?” ele disse, erguendo-se em um braço para observar as escadarias na parte central do palco. Várias figuras vestidas de azul estavam subindo por ali e invadindo o palco.

“Não precisamos de todos esses idiotas,” disse seu amigo. “Eles só atrapalham e estragam os tiros. O que estão fazendo?”

“Shhh! — estão gritando algo.”

Os dois homens ouviram. Os recém-chegados haviam se amontoado em torno da máquina. Três Líderes da Ala, identificados por seus mantos pretos e insígnias, subiram no corpo da aeronave e apareceram acima dela. O restante da multidão se lançou sobre os vagões, segurando as bordas, até que toda a borda da aeronave estava ocupada, em alguns lugares, por três camadas de pessoas. Um dos atiradores se ajoelhou. “Eles estão colocando no transportador — é isso que estão fazendo”

Ele se levantou, e seu amigo também. “De que adianta?” disse o amigo. “Não temos aeronautas.”

“Mas é isso que eles estão fazendo de qualquer forma.” Ele olhou para o rifle, depois para a multidão lutando, e de repente se virou para o homem ferido. “Cuida disso, amigo,” ele disse, entregando seu fuzil e cinturão de munição; e em um instante ele estava correndo em direção à aeronave. Por um quarto de hora ele estava puxando, empurrando, gritando e respondendo aos gritos, e então a coisa estava feita, e ele estava junto com uma multidão de outros comemorando sua conquista. A essa altura, ele já sabia, como todos na cidade sabiam, que o Mestre, embora fosse um novato, pretendia voar com aquela máquina ele mesmo, estava vindo naquele momento para assumi-la, e não deixaria outro homem tentar. “Aquele que enfrenta o maior perigo, que carrega o maior fardo, esse homem é o Rei,” assim o Mestre fora reportado como tendo falado. E mesmo enquanto aquele homem comemorava, com o suor ainda escorrendo de seus cabelos desgrenhados, ele ouviu o estrondo de uma tumulto maior, e em fragmentos ouvia o ritmo e a pulsação da canção revolucionária. Ele viu através de uma abertura na multidão que uma corrente densa de cabeças ainda subia pela escadaria. “O Mestre está vindo,” gritavam as vozes, “O Mestre está vindo,” e a multidão ao seu redor ficou mais densa e densa. Ele começou a se empurrar em direção à parte central do palco. “O Mestre está vindo!” “O Adormecido, o Mestre!” “Deus e o Mestre!” rugiam as vozes.

E de repente, bem perto dele, estavam os uniformes pretos da guarda revolucionária, e pela primeira e última vez na vida ele viu Graham, o viu de perto. Um homem alto, de cabelos escuros, vestindo um manto preto esvoaçante, com um rosto branco e resoluto, e olhos fixos firmemente à frente; um homem que, apesar de todas as coisas ao seu redor, não tinha ouvidos, olhos ou pensamentos para nada. . . . Por toda sua vida, aquele homem se lembraria da passagem do rosto sem sangue de Graham. Em um momento ele havia sumido, e o homem estava lutando no meio da multidão. Um jovem chorando de terror se esbarrou nele, pressionando-se em direção às escadas, gritando: “Abram caminho para a decolagem, seus idiotas!” O sino que sinalizava a liberação do palco de voo se tornou um ruído alto e desafinado.

Com aquele sino ecoando em seus ouvidos, Graham se aproximou da aeronave, marchou para a sombra de sua asa inclinada. Ele percebeu que várias pessoas ao seu redor estavam oferecendo para acompanhá-lo, mas ele dispensou as ofertas com um gesto. Ele queria pensar em como iniciar o motor. O sino soava mais e mais rápido, e os pés das pessoas recuando faziam mais e mais barulho. O homem de amarelo estava ajudando-o a subir pelos braços da máquina. Ele subiu para o lugar do piloto, fixando-se com muito cuidado e deliberadamente. O que era mesmo? O homem de amarelo estava apontando para duas pequenas máquinas voadoras subindo no céu ao sul. Sem dúvida, elas estavam procurando os

aviões que se aproximavam. Isso — mas o que fazer agora era ligar o motor. Gritavam coisas para ele, perguntas, advertências. Isso o incomodava. Ele queria se concentrar na máquina, lembrar-se de cada detalhe de sua experiência anterior. Ele fez um gesto para que as pessoas se afastassem, viu o homem de amarelo descendo pelos braços da máquina, e viu a multidão se abrir com seu gesto.

Por um momento ele ficou imóvel, encarando as alavancas, a roda que movia o motor, e todos os delicados dispositivos dos quais ele sabia tão pouco. Seu olhar captou um nível de bolha, com a bolha inclinada para ele, e ele lembrou de algo. Passou uma dúzia de segundos girando o motor para frente até que a bolha flutuasse no centro do tubo. Notou que as pessoas não estavam gritando e sabia que observavam sua deliberada hesitação. Uma bala estilhaçou a barra acima de sua cabeça. Quem disparou? A linha estava livre de pessoas? Ele se levantou para ver e logo se sentou novamente.

Em outro segundo, a hélice estava girando, e ele começou a descer pelos trilhos. Agarrou a roda e moveu o motor para trás para levantar a proa. Então, as pessoas gritaram. Ele estava tremendo com o pulsar do motor, e os gritos rapidamente desapareceram, sendo engolidos pelo silêncio. O vento assobiava pelas bordas da tela, e o mundo se afastava dele rapidamente.

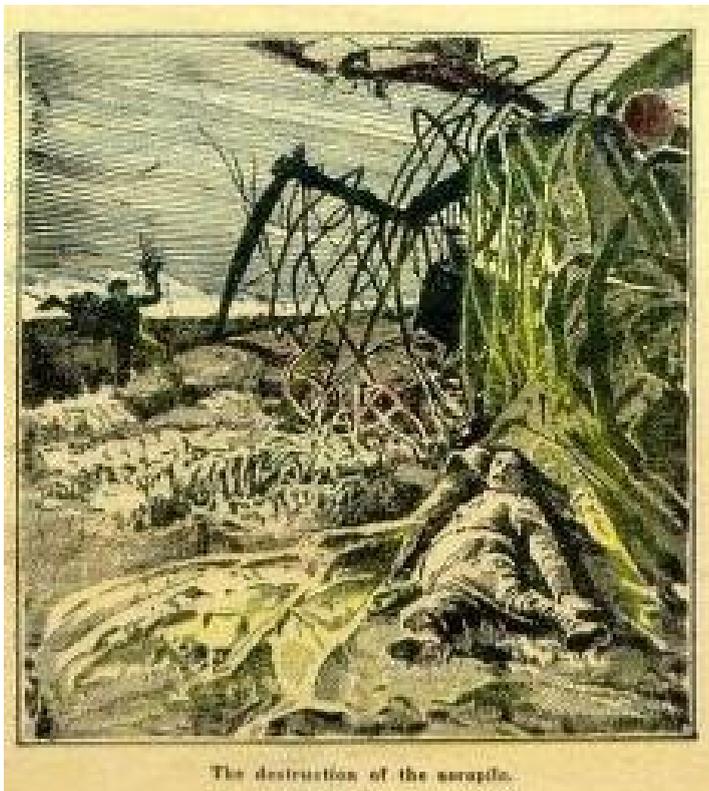
Tum, tum, tum — tum, tum, tum; ele subia. Imaginava-se livre de qualquer excitação, sentindo-se calmo e deliberado. Levantou ainda mais a proa, abriu uma válvula na asa esquerda e começou a subir em um movimento circular. Ele olhou para baixo com a cabeça firme e depois para cima. Um dos monoplanos dos ‘Ostrogitas’ estava cruzando sua rota, e ele voava obliquamente em direção a ele, passando por baixo em um ângulo íngreme. Seus pequenos aeronautas estavam olhando para baixo, observando-o. O que pretendiam fazer? Sua mente ficou alerta. Ele viu que um dos homens segurava uma arma apontada, parecia pronto para disparar. O que eles achavam que ele faria? Imediatamente, entendeu a tática deles e sua resolução foi tomada. Seu momentâneo letargo passou. Ele abriu duas válvulas à esquerda, virou, posicionando-se de frente para aquela máquina hostil, fechou as válvulas e disparou diretamente contra ela, protegido da mira pela proa e pelo para-brisa. Eles inclinaram-se um pouco, tentando desviar. Ele ergueu a proa.

Tum, tum, tum — pausa — tum, tum — ele cerrou os dentes, seu rosto formou uma careta involuntária, e... crash! Ele acertou! Atingiu por baixo a asa mais próxima.

Muito lentamente, a asa do antagonista pareceu se alargar à medida que o impacto fez com que ela se levantasse. Ele viu toda a sua largura e depois ela deslizou para fora de sua visão.

Ele sentiu a proa descendo, suas mãos apertaram as alavancas, girou e forçou o motor para trás. Sentiu o tranco da liberação, o nariz da máquina se levantou abruptamente, e por um momento ele parecia estar deitado de costas. A máquina estava cambaleando e oscilando, parecia dançar sobre a hélice. Ele fez um grande esforço, pendurou-se com todo o seu peso nas alavancas, e lentamente o motor voltou à posição correta. Ele estava subindo novamente, mas não tão íngreme como antes. Ele respirou por um momento e se jogou nas alavancas mais uma vez. O vento assobiava ao seu redor. Um esforço adicional e ele estava quase nivelado. Podia respirar. Virou a cabeça pela primeira vez para ver o que havia acontecido com seus antagonistas. Voltou para as alavancas e olhou de novo. Por um momento, pensou que eles tinham sido aniquilados. E então viu, entre os dois níveis a leste, um abismo, e algo caía rapidamente por ele, uma borda delgada desaparecendo como uma moeda caindo em

uma fenda.



The destruction of the airship.

A princípio, ele não entendeu, e então uma alegria selvagem o tomou. Ele gritou com toda a força de sua voz, um grito inarticulado, e subiu cada vez mais alto no céu. Tum, tum, tum, pausa, tum, tum, tum. “Onde estava o outro?” ele pensou. “Eles também...” Quando olhou em volta para os céus vazios, teve um medo momentâneo de que a segunda máquina tivesse subido acima dele, mas então a viu pousando no nível de Norwood. Eles pretendiam atirar. Arriscar ser atingido de frente a dois mil pés de

altura estava além da coragem daqueles tempos modernos.

Por algum tempo ele circulou, depois desceu em um mergulho íngreme em direção ao nível oeste. Tum tum tum, tum tum tum. O crepúsculo avançava rapidamente, e a fumaça do nível de Streatham, que antes era densa e escura, agora era uma coluna de fogo, e todas as curvas entrelaçadas dos caminhos móveis, os telhados translúcidos, as cúpulas e os abismos entre os prédios brilhavam suavemente agora, iluminados pela luz elétrica que a claridade do dia sobrepujava. Os três níveis ainda sob controle dos ‘Ostrogitas’ — Wimbledon Park era

inútil devido ao fogo de Roehampton, e Streatham era um forno — brilhavam com luzes-guia para os aeroplanos que chegavam. Ao passar sobre o nível de Roehampton, ele viu as massas escuras de pessoas ali. Ouviu uma salva de aplausos frenéticos, escutou uma bala disparada do nível de Wimbledon Park assobiar pelo ar, e subiu, batendo para cima sobre os campos desabitados de Surrey. Sentiu uma lufada de vento do sudoeste e levantou a asa oeste como aprendera a fazer, subindo rumo ao ar rarefeito e veloz. Whirr, whirr, whirr.

Ele subia e subia, ao ritmo pulsante, até que o país abaixo se tornou indistinto, e Londres se espalhou como um pequeno mapa traçado em luzes, como o mero modelo de uma cidade no limite do horizonte. O sudoeste era um céu de safira sobre a borda sombria do mundo, e, conforme ele subia, a multidão de estrelas aumentava.

E eis que, ao sul, perto do horizonte, duas pequenas manchas de luz nebulosa brilhavam, aproximando-se rapidamente. E então mais duas, seguidas por um brilho de formas que avançavam velozmente. Logo ele pôde contar. Eram vinte e quatro. A primeira frota de aeroplanos havia chegado! Além disso, surgia um brilho ainda maior.

Ele fez uma volta em meia-lua, observando a frota que avançava. Ela voava em formação de cunha, uma frota triangular de gigantescas formas fosforescentes que varriam o ar inferior. Ele fez um cálculo rápido da velocidade delas e girou a pequena roda que acionava o motor para a frente. Tocou uma alavanca e o esforço pulsante do motor cessou. Ele começou a cair, e a queda foi cada vez mais rápida. Mirou no ápice da formação em cunha. Despencou como uma pedra pelo ar assobiando. Pareceu que, em menos de um segundo, atingiu o primeiro aeroplano.

Nenhum homem daquela vasta multidão negra viu a chegada de seu destino, nenhum deles sonhou com o falcão que despencava sobre eles vindo do céu. Aqueles que não estavam desfalecidos pelas agonias da náusea do ar esticavam os pescoços negros, tentando enxergar a cidade fantasmagórica que surgia da neblina, a rica e esplêndida cidade para a qual “Massa” havia levado seus músculos obedientes. Dentes brancos brilhavam e os rostos lustrosos reluziam. Eles tinham ouvido falar de Paris. Sabiam que teriam tempos senhoriais entre o “lixo branco” pobre. E, de repente, Graham os atingiu.

Ele tinha mirado no corpo do aeroplano, mas no último instante, uma ideia melhor passou por sua mente. Ele torceu o controle e atingiu a borda da asa estibordo com todo o peso acumulado. Foi jogado para trás quando bateu. Sua proa deslizou pela superfície suave em direção à borda. Sentiu o impulso da enorme estrutura varrendo-o junto com seu monoplane, e por um instante que pareceu uma eternidade, ele não conseguia discernir o que estava acontecendo. Ouviu milhares de gargantas gritando, e percebeu que sua máquina

estava equilibrada na borda do flutuador gigantesco, descendo cada vez mais; olhou por cima do ombro e viu a coluna vertebral do aeroplano e o flutuador oposto oscilando para cima. Ele teve uma visão através das costelas da estrutura: cadeiras escorregando, rostos atônitos e mãos agarrando as barras-guia inclinadas. As janelas no flutuador mais distante se abriram quando o aeronauta tentou endireitar a máquina. Mais além, ele viu um segundo aeroplano subir abruptamente para evitar o redemoinho criado pelo balanço de seu companheiro. A vasta área das asas oscilantes parecia saltar para cima. Ele sentiu que havia caído livre, e que a enorme estrutura, completamente invertida, pairava como uma parede inclinada acima dele.

Ele não compreendia claramente que havia atingido o flutuador lateral do aeroplano e escorregado, mas percebeu que estava voando livremente em uma descida rápida e se aproximando do solo. O que ele tinha feito? Seu coração pulsava como um motor barulhento em sua garganta, e por um instante perigoso, ele não conseguia mexer nas alavancas devido à paralisia das mãos. Ele arrancou as alavancas para trás, lutou por dois segundos contra o peso delas, sentiu-se endireitar e voltar a voar horizontalmente, e ligou o motor novamente.

Ele olhou para cima e viu dois aeroplanos deslizando gritando acima, olhou para trás e viu o corpo principal da frota se abrindo e subindo. Viu o aeroplano que ele havia atingido cair de lado e se chocar como uma lâmina de faca gigante contra as rodas de vento abaixo.

Ele desceu mais, observando. Viu as rodas de vento cederem, viu a enorme estrutura atingir o solo, viu suas pás inferiores se amassarem com o peso da queda, e então toda a massa se virou e colidiu de cabeça para baixo nas rodas inclinadas. Das ruínas, uma língua fina de fogo branco subiu em direção ao zênite. Ele percebeu uma enorme peça voando em sua direção, e subiu a tempo de escapar da colisão — se fosse uma colisão — de um segundo aeroplano. Este passou por baixo dele, sugando-o para baixo, quase virando-o no turbilhão de sua passagem.

Ele percebeu três outros aviões avançando em sua direção, percebendo a urgência de subir acima deles. Aeroplanos estavam por toda parte ao seu redor, circulando loucamente para evitar colidi-lo, pelo que parecia. Eles passavam por ele, acima, abaixo, para o leste e oeste. Longe, ao oeste, houve o som de uma colisão e duas chamas caindo. Longe, ao sul, uma segunda esquadrilha se aproximava. Lentamente, ele subiu. Logo todos os aeroplanos estavam abaixo dele, mas ele duvidava da altura que tinha sobre eles e não atacou novamente imediatamente. Então, ele desceu sobre um segundo alvo, e todos os soldados a bordo o viram se aproximar. A grande máquina oscilou e balançou enquanto os homens, apavorados, corriam para a popa para pegar suas armas. Uma rajada de balas cortou o ar, e uma estrela se formou no grosso vidro de proteção. O aeroplano diminuiu a velocidade e mergulhou para

frustrar seu ataque, mas mergulhou demais. A tempo, ele viu as rodas de vento da colina de Bromley se aproximando rapidamente e subiu enquanto o aeroplano que ele perseguia se chocava contra elas. Todos os seus gritos se entrelaçaram em um clamor. A grande estrutura pareceu ficar de pé por um segundo entre as pás inclinadas e estilhaçadas, e então explodiu em pedaços. Enormes fragmentos voaram pelo ar, seus motores explodiram como projéteis. Uma onda quente de chamas disparou para o céu escuro.

“Dois!”, ele gritou, com uma bomba explodindo ao cair do alto, e imediatamente começou a subir novamente. Uma sensação de exaltação gloriosa o dominava agora, uma atividade gigantesca. Suas preocupações com a humanidade, sobre sua inadequação, haviam desaparecido para sempre. Ele era um homem em batalha, regozijando-se em seu poder. Aeroplanos pareciam irradiar dele em todas as direções, focados apenas em evitá-lo, e os gritos dos passageiros apinhados vinham em rajadas curtas à medida que passavam. Ele escolheu seu terceiro alvo, atacou apressadamente e apenas o virou de lado. Ele escapou, para colidir contra o alto penhasco da muralha de Londres. Voando a partir desse impacto, ele passou rente ao chão escuro, tão perto que pôde ver um coelho assustado correndo morro acima. Ele subiu bruscamente e se viu sobrevoando o sul de Londres, com o ar ao seu redor vazio. À sua direita, um tumulto selvagem de foguetes de sinalização dos ‘Ostrogitas’ explodia tumultuosamente no céu. Ao sul, os destroços de meia dúzia de naves aéreas ardia em chamas, e a leste, oeste e norte fugiam dele. Fugiam para o leste e norte, e se dispersavam ao sul, pois não podiam parar no ar. Na confusão atual, qualquer tentativa de manobra significaria colisões desastrosas.

Ele passou a cerca de sessenta metros acima da plataforma de Roehampton. Estava escura, cheia de pessoas e barulhenta com seus gritos frenéticos. Mas por que a plataforma de Wimbledon Park também estava cheia e aplaudindo? A fumaça e as chamas de Streatham agora ocultavam as três plataformas mais distantes. Ele fez uma curva e subiu para vê-las e os bairros do norte. Primeiro surgiram as massas quadradas de Shooter's Hill, iluminadas e organizadas, com o aeroplano que havia pousado e seus negros desembarcando. Depois veio Blackheath, e então, sob a cortina de fumaça, a plataforma de Norwood. Em Blackheath, nenhum aeroplano havia pousado. Norwood estava coberta por uma multidão de pequenas figuras correndo de um lado para o outro em uma confusão apaixonada. Por quê? Subitamente ele entendeu. A defesa teimosa das plataformas de voo havia terminado, as pessoas estavam invadindo os subterrâneos dessas últimas fortalezas da usurpação de Ostrog. E então, de longe, na fronteira norte da cidade, cheio de um glorioso significado para ele, veio

um som, um sinal, uma nota de triunfo, o som surdo de um canhão. Seus lábios se abriram, seu rosto se perturbou com a emoção.

Ele respirou profundamente. “Eles venceram,” gritou ao ar vazio; “o povo venceu!” O som de um segundo tiro veio como resposta. E então ele viu o monoplane em Blackheath descendo os trilhos para decolar. Levantou-se e subiu, voando diretamente para o sul e afastando-se dele.

Num instante ele compreendeu o que isso significava. Só podia ser Ostrog fugindo. Ele gritou e mergulhou em sua direção. Tinha o impulso de sua elevação e caiu inclinado no ar, muito rapidamente. A outra máquina subiu rapidamente em sua aproximação. Ele calculou sua velocidade e voou diretamente contra ela.

De repente, tornou-se apenas uma borda plana, e então, eis que ele passou direto, caindo vertiginosamente com toda a força de seu golpe inútil.

Ele estava furiosamente irritado. Recuou o motor ao longo do eixo e começou a subir em círculos. Viu a máquina de Ostrog subindo em espiral à sua frente. Ele subiu diretamente em sua direção, ganhando altura acima dela devido ao impulso de sua investida e à vantagem do peso. Ele mergulhou em queda livre — mergulhou e errou de novo! Ao passar, viu o rosto do piloto de Ostrog, confiante e calmo, e na postura de Ostrog uma resolução tensa. Ostrog estava olhando fixamente para o sul. Ele percebeu com uma ponta de raiva o quão desajeitado seu voo devia estar. Abaixo, ele viu as colinas de Croydon. Ele puxou para cima bruscamente e mais uma vez alcançou seu inimigo.

Ele olhou por cima do ombro e sua atenção foi capturada. A plataforma a leste, em Shooter's Hill, parecia erguer-se; um clarão se transformando numa alta figura cinzenta, uma figura encapuzada de fumaça e poeira, erguendo-se no ar. Por um momento, essa figura encapuzada permaneceu imóvel, deixando cair grandes pedaços de metal de seus ombros, e então começou a desenrolar uma densa cabeça de fumaça. As pessoas a haviam explodido, aeroplano e tudo! Tão repentinamente, um segundo clarão e figura cinzenta surgiram da plataforma de Norwood. E, enquanto ele olhava para isso, veio o som abafado da primeira explosão, e a onda de ar o atingiu. Ele foi lançado para cima e de lado.

Por um momento, seu monoplane caiu quase de lado com o nariz para baixo, parecendo hesitar entre capotar completamente ou não. Ele ficou de pé no para-brisa, girando o volante que balançava acima de sua cabeça. E então o choque da segunda explosão levou sua máquina de lado.

Ele se viu agarrado a uma das nervuras de sua máquina, com o ar soprando contra ele e para cima. Ele parecia estar pendurado completamente imóvel no ar, com o vento soprando

para cima. Mas o mundo abaixo estava girando — cada vez mais rápido. Ocorreu-lhe que ele estava caindo. Então teve certeza de que estava caindo. Não conseguia olhar para baixo.

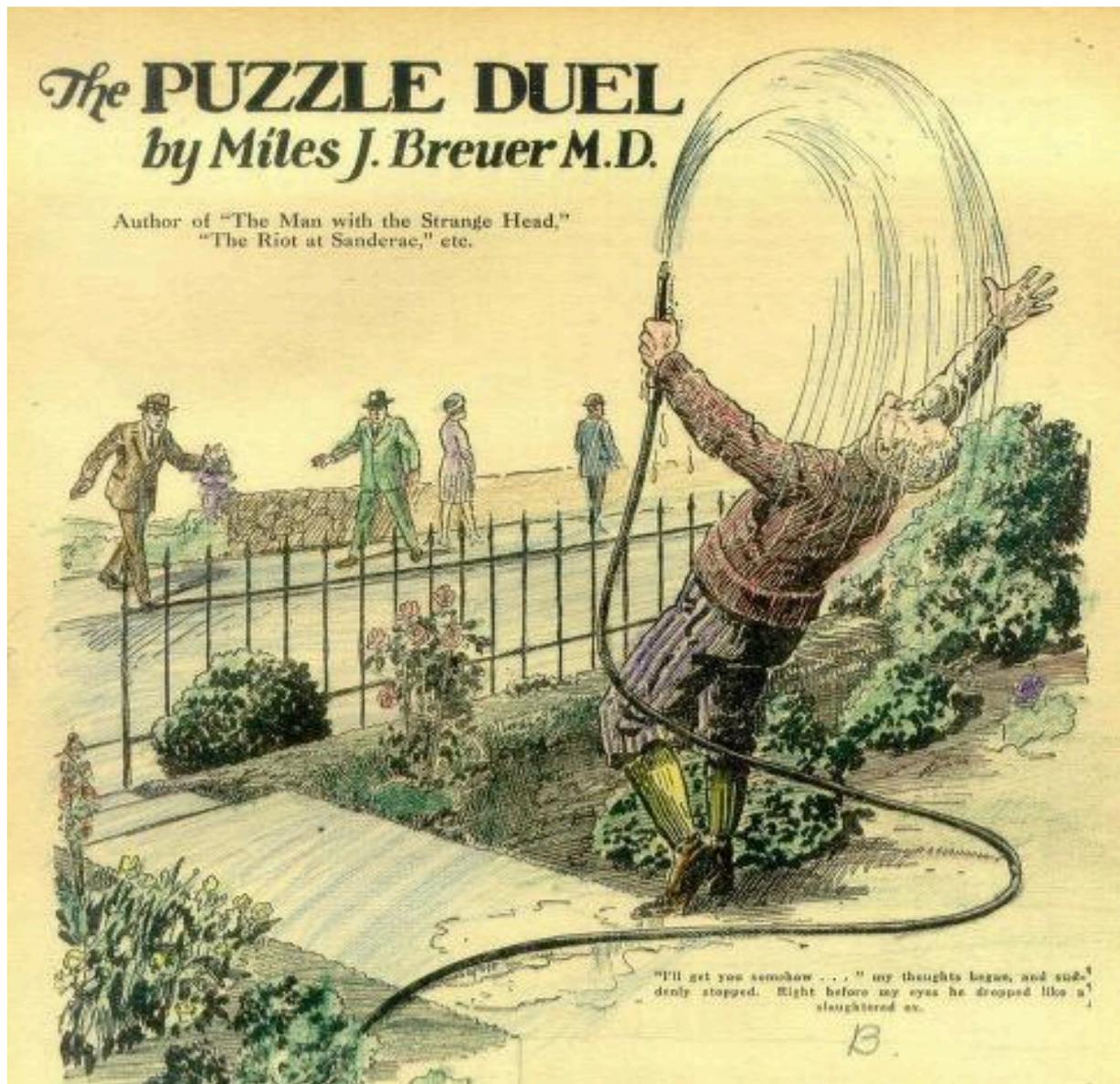
Ele começou a recapitular com uma rapidez incrível tudo o que havia acontecido desde seu despertar, os dias de dúvida, os dias de império, e por fim a descoberta tumultuosa da traição calculada de Ostrog.

A visão tinha uma qualidade de completa irrealidade. Quem era ele? Por que ele segurava tão firmemente com as mãos? Por que ele não conseguia soltar? Em uma queda como essa, inúmeros sonhos já terminaram. Mas em um momento ele acordaria...

Seus pensamentos corriam mais e mais rápidos. Ele se perguntava se veria Helen novamente. Parecia tão irracional que ele não a visse novamente.

Embora ele não conseguisse olhar, de repente estava consciente de que a terra giratória estava muito próxima.

Veio um choque e um grande estalo e estalidos de barras e apoios.



## O Duelo Enigmático

Miles J. Breuer M.D.

Durante os anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial, nosso país, supostamente homogêneo, continha inúmeras correntes subterrâneas de ódio racial. Eu tive uma oportunidade excepcional para observar isso, pois era estudante na Universidade de Chicago, aquele local fervilhante de uma juventude brilhante vinda de todos os cantos do mundo. Era fascinante misturar-se com eles em aula — japoneses das ilhas do Pacífico, bálcãs das suas terras fronteiriças, latinos da vastidão da América do Sul, ingleses do Cabo, nórdicos de

cabelos loiros dos países escandinavos — todos jovens e todos reunidos para aprender sobre o mundo e como administrá-lo.

Todos esses filhos de climas diferentes eram tão interessantes para mim que cultivei amizades pessoais com muitos deles, e finalmente escolhi como meu colega de quarto um jovem hindu chamado Raputra Avedian. Tornei-me muito ligado a esse inteligente rapaz, que estava se qualificando para ensinar na Universidade de Calcutá. Seu trabalho era em física — principalmente teoria elétrica. Quanto mais eu o conhecia, mais gostava dele por sua modéstia tranquila e digna, aliada a um aprendizado profundo e uma habilidade brilhante. Apesar de sua pele morena e seu estranho turbante branco, ele parecia mais um irmão para mim do que meus colegas de cidade natal em Iowa.

Portanto, o incidente na biblioteca foi um choque severo para mim; um choque tanto por causa da minha afeição pelo meu amigo quanto pela diferença impressionante nos modos de pensamento estrangeiro em relação às nossas ideias americanas. Raputra estava de pé perto da porta, conversando com um homem baixo e corpulento com um rosto vermelho e um topete de cabelo louro. Embora eu não o conhecesse pessoalmente, sabia quem era: Schleicher, um graduado da Universidade de Heidelberg na Alemanha, fazendo pós-graduação em química fisiológica na Universidade de Chicago. O pouco que sabia sobre ele era desagradável; ele tinha uma reputação de ser pessoalmente difícil de lidar. No momento, parecia estar confirmando essa reputação. Embora eu não pudesse ouvir nada do que era dito, a expressão de desprezo e os rosnados desdenhosos do homem eram irritantes mesmo para um espectador desinteressado a distância. De repente, Raputra se ergueu até a altura total de sua figura alta e deliberadamente deu um tapa na boca do alemão.

O som agudo fez com que eu me sentasse ereto na cadeira. A marca branca dos dedos do hindu se destacava contra o vermelho do rosto de Schleicher, que ficava mais vermelho até seu bigode macio se destacar branco contra ele. Ele continuava a inflar até eu temer que pudesse explodir. Quando estava quase roxo, ele se recompôs com um engasgo; sua mandíbula inferior se movia para cima e para baixo e ele bateu no bolso do colete. Tirou um cartão, entregou-o ao meu amigo, virou-se e saiu andando. Eu já tinha lido o suficiente sobre os costumes de duelo nas universidades alemãs para saber o que isso significava.

Raputra se virou e olhou para mim. Seu rosto estava calmo enquanto eu me aproximava dele.

“Peters,” ele disse calmamente, “você me ajudará com isso?”

Eu fiquei por um momento sem saber o que dizer.

“Eu poderia suportar um insulto pessoal,” ele explicou, “mas nenhum cavalheiro indiano ouvirá calúnias nacionais.”

Ele me entregou o cartão do alemão e saiu do prédio.

Havia apenas um outro estudante na biblioteca. Quando recuperei o sentido, ele estava vindo em minha direção.

“Jerry Stoner,” ele se apresentou sucintamente. “Pelo que entendi, esses caras querem um duelo. Schleicher me disse: Somente a vida dele me satisfará!”

“Eu não sou muito adepto desse tipo de coisa,” eu disse.

“E mais,” respondeu Jerry Stoner, “a polícia também não é.”

“Ainda assim, esses estrangeiros desavisados consideram que temos a obrigação de organizar uma luta entre eles,” eu refleti em voz alta. “O que deveríamos fazer,”

Jerry Stoner disse veementemente, “é levá-los para trás do muro de Stagg Field com os casacos e um par de luvas de oito onças.

“Mas suas mentes não funcionam assim; eu os conheço bem. Vamos ter que arranjar algum tipo de solução que satisfaça o orgulho deles e não os prejudique,” eu continuei. “Tenho uma ideia. Ambos são cientistas inteligentes—”

“Eles estão desejando a vida um do outro,” Jerry Stoner me interrompeu.

“Escute!” Eu empurrei minha cadeira para mais perto dele. “Vamos fazer com que eles lutem um duelo moderno e científico. Ciência como armas! A verdadeira luta será uma batalha de inteligência para criar um golpe secreto e silencioso. As vítimas não saberão quando ou como ele acertará. Quem o aplicar não estará no local para ser associado a ele. Para o público, parecerá uma morte natural ou um acidente.”

“Parece certo,” Jerry Stoner riu ceticamente. “Duvido que eles consigam se machucar muito, se seguirem essas regras.”

“É isso que queremos, não é? Ambos estão bem equipados para tal competição. Isso os manterá ocupados por um tempo. Então, na correria do trabalho diário, eles esquecerão disso. Não consigo imaginar qualquer homem, realmente ocupado, permitindo que uma pequena briga como essa o perturbe por muito tempo.”

Raputra Avedian ficou encantado com o plano quando eu o esbocei para ele. Algo sobre a sutileza dele apelava para sua mente oriental e também satisfazia sua natureza científica. Ele me agradeceu profusamente como se eu lhe tivesse feito um favor enorme, e durante alguns dias ficou silencioso e feliz.

Ele esteve ausente durante toda uma noite e eu fiquei preocupado, temendo que tivesse se envolvido em algum desastre; mas ele apareceu pela manhã, sujo e fatigado como se tivesse feito algum tipo de trabalho pesado, mas parecia alegre e entusiasmado.

Ele parecia estar levando algo muito a sério; mas eu me abstenho de questioná-lo sobre isso. Eu percebia que ele não estava negligenciando a defesa, embora eu não soubesse qual era seu plano de ataque. Ele montou um kit de primeiros socorros contendo todo tipo de medidas de emergência, antídotos, estimulantes, antitoxinas, bomba para o estômago, purgativos e eméticos. Ele comia apenas no refeitório, o mesmo alimento de centenas de outros estudantes, e nunca ia a lugar algum além do seu laboratório e do nosso quarto no dormitório, sempre à vista de várias pessoas e sempre vigiando cuidadosamente. Ele era tão inacessível quanto uma pessoa real. Eu considerava seu perigo uma fantasia exagerada.

O golpe veio, portanto, como uma surpresa chocante. A repentina ocorrência, o mistério disso, me deixou atônito e paralisado.

Num domingo de manhã, permaneci na cama por alguns minutos depois que Raputra se levantou e foi para nosso pequeno banheiro. Eu podia ouvi-lo afiando a navalha e lavando o rosto. Então houve um estrondo pesado e uma batida rápida que gradualmente foi diminuindo. Eu pulei da cama e corri para lá. Raputra estava no chão, ainda se movendo fracamente, mas já começando a se endurecer com a morte. Ele havia aberto seu kit de emergência e uma das mãos o sacudia, derramando o conteúdo pelo quarto. A mão se movia para frente e para trás de forma fraca, e então ele ficou imóvel.

Eu fiquei tão fraco de repente que tive que sentar no chão por um momento antes de conseguir olhar ao redor. Então, eu procurei cuidadosamente. Não havia sinais de violência nem nada de incomum em Raputra ou pelo quarto.

Como isso tinha acontecido? O espanto disso ocupou minha mente por um momento, então eu avistei a escova de dentes molhada ao pé da pia; o triste pequeno detalhe me disse que meu amigo havia sido acometido enquanto escovava os dentes, e um turbilhão de tristeza expulsou todos os impulsos de detetive da minha mente. Pobre Raputra! Todo o seu brilhante fogo e sua vasta promessa não eram nada agora!

Novamente, minha mente retornou ao mistério. A única janela no quarto estava fechada e trancada por dentro. Do lado de fora, cinco andares de parede de tijolos cinzentos lisos se estendiam até o chão, com uma fraca ondulação de hera aqui e ali. Não havia saída exceto pelo nosso quarto; este tinha uma porta para o corredor, trancada por dentro. Ninguém poderia ter entrado ou saído sem ser observado. Que ideia absurda! Claro, ninguém havia entrado ou saído. Esta era a morte secreta e científica, e Schleicher a havia causado.

De repente, me ocorreu que uma morte repentina desse tipo teria que ser examinada por um médico legista. Decidi que era melhor deixar tudo como estava para investigadores mais habilidosos do que eu. Chamei a polícia e esperei.

Não entrarei em detalhes sobre os dias miseráveis que se seguiram. O exame post-mortem, que levou seis horas com dois médicos e dois assistentes, as análises de venenos, o estudo minucioso de nosso quarto e banheiro, o questionamento e reinterrogatório de mim e de todas as pessoas próximas do dormitório, não revelaram a menor sugestão de uma possível causa de morte.

Nenhum sinal, nenhuma pista, nenhuma marca!

Parecia como se ele tivesse sido morto por magia, e o caso prometia permanecer um mistério médico. Nenhuma pessoa menos importante do que o Doutor Victor LeCount estava envolvida na investigação. Esse homem, autor de um livro sobre morte súbita e suas causas, e a principal autoridade mundial sobre o assunto, foi contratado pela companhia de seguros na qual Raputra havia recentemente feito uma apólice; pois a presença do kit de emergência havia despertado as suspeitas da companhia. No entanto, até mesmo esse grande homem não conseguiu oferecer sugestões. Assim, o atestado de óbito foi feito como “morte súbita, causa desconhecida”, uma licença de sepultamento foi emitida e o seguro pago ao irmão de Raputra.

Claro, Jerry Stoner e eu mantivemos silêncio em relação ao duelo. Meu primeiro impulso foi me levantar e acusar Schleicher. Mas a reflexão rapidamente me mostrou que tal curso não só seria fútil, mas perigoso para ambos. Soaria tão improvável que todos duvidariam da sua veracidade e nenhuma prova poderia ser produzida. Por outro lado, só nos exporíamos a acusações de cumplicidade na morte.

Assim, meu amigo foi enterrado. O mundo parecia estranhamente vazio e cinza para mim. Eu não sabia que um simples colega de quarto poderia significar tanto na vida de alguém. Minha mente estava em um turbilhão de tormento, pois no fundo da minha mente estava a sensação pesada de que eu era o culpado. Minha própria mente havia elaborado a ideia diabólica. Nunca me ocorreu que meu amigo poderia ser a vítima. Minha mente estava cheia de ressentimento contra o alemão. Certamente a justiça que nos filmes sempre alcança os perversos estava ausente no mundo real. Por que a possibilidade de que o dominador prussiano não recebesse o que merecia não me ocorreu?

Quanto mais eu pensava nisso, mais meu ressentimento aumentava contra a cruel reviravolta do destino e contra o próprio Schleicher. Ele havia assassinado meu amigo! Decidi descobrir como, provar isso e processá-lo. Se eu pudesse vingar meu amigo dessa forma, ao

menos poderia me justificar aos meus próprios olhos pelo papel lamentável que desempenhei no caso. Não poderia trazer meu amigo de volta, mas poderia apagar meu sentimento de culpa. Pensei nisso constantemente, alternando entre a depressão de auto-censura e os esforços para resolver o mistério. Eu estava totalmente incapaz de me concentrar no trabalho das aulas. O problema interferiu no meu sono e apetite.

Finalmente, fui procurar LeCount. Meu curso regular me colocaria sob sua instrução no ano seguinte, e eu não hesitei em buscar sua orientação agora.

Ele era baixo e corpulento, com um bigode cinza e grosso. Seus alunos o admiravam com reverência por causa de seu conhecimento e com medo devido às suas maneiras afiadas. Encontrei-o no laboratório de Patologia, em frente a um microscópio. Ele não era muito dado a conversas; quando tentei explicar o motivo da minha visita, ele interrompeu:

“Conte-me tudo de uma vez!”

Isso me deixou constrangido desde o início; evidentemente ele se referia ao meu depoimento diante do legista e, de alguma forma misteriosa, sabia que eu havia retido algumas informações. Então, ele permaneceu imóvel, sem a menor expressão enquanto eu contava a história.

Depois que terminei, ele continuou a me olhar fixamente até eu achar que ia enlouquecer. Finalmente, eu tive que falar:

“Você acha que Schleicher o matou?” perguntei.

“Claro que sim!”

“Pelo amor de Deus, como?”

“Eu não sei.”

Foi tudo. Ele me olhou de forma enigmática. Eu não sabia o que fazer ou dizer. Seus olhos estavam fixos em mim até eu começar a pensar que eu mesmo tivesse feito isso.

“Possível, tudo bem,” ele finalmente respondeu. “Agora, reveja todos os detalhes daquela manhã de domingo.”

Enquanto eu falava, ele me interrompia frequentemente:

“Ele tomava um drinque todas as manhãs?”

“Ele já se cortou com o barbeador?”

“A escova de dentes! Ah, a escova de dentes!”

“O dormitório me é familiar,” ele refletiu enquanto eu terminava. “É possível que alguém tenha entrado nos seus quartos durante a sua ausência, não é?”

“Sim, mas—”

“Só há uma explicação possível. Sua história elimina todas as outras. Algum tipo de veneno—”

“Mas nenhum foi encontrado nas análises post-mortem—”

Ele me olhou severamente por ter interrompido e então continuou como se eu deveria saber melhor:

“Aqui estão alguns venenos que não deixam vestígios perceptíveis ao analista.”

Ele apontou para um capítulo de seu próprio livro sobre toxicologia e continuou:

“Aconitina mata em doses pequenas demais para deixar qualquer vestígio detectável. Veneno de cascavel ou cobra, se introduzido diretamente na circulação, ou seja, não pelo estômago, também mata sem deixar rastros para o analista. Finalmente, os produtos de proteínas de Vaughan têm efeito muito semelhante ao dos venenos de cobra.”

Ele me observou fixamente por um momento e depois perguntou novamente:

“Agora você tem alguma ideia de como ele encontrou a morte?”

“Claro, os venenos são uma possibilidade,” eu ponderava. “Mas como foram administrados? Não há marcas de agulhas—”

“Pense um pouco mais. Talvez você se lembre se havia um ponto de sangue na escova de dentes?”

“Sim. Quase sempre as gengivas sangram um pouco durante a escovação. Raputra era mais suscetível a sangramentos do que eu.”

“Bem? Schleicher sabia disso?”

“Ele poderia saber.” Eu não conseguia entender onde ele queria chegar.

“Muito bem. Podemos provavelmente descartar a aconitina. A morte por aconitina é mais lenta do que a que ocorreu com este homem e não produz a convulsão que parecia estar presente neste caso. Mas tanto o veneno de cobra quanto a proteína colocados na escova de dentes na noite de sábado, quando ambos estavam fora comemorando a vitória no futebol, introduziriam veneno suficiente diretamente na corrente sanguínea para causar uma morte como essa. Onde está a escova de dentes?”

“No quarto. Não creio que tenha sido mexida desde aquela manhã.”

Em resposta ao seu aceno breve, eu saí correndo e voltei com a escova de dentes em vinte minutos. Quando eu retornei, ele tinha dois porquinhos-da-índia prontos. Primeiro ele injetou um com uma solução salina fisiológica.

“Esse é o controle,” ele disse; “só para provar que a solução salina é pura e inofensiva.”

O porquinho-da-índia ficou bastante tranquilo após a experiência. Então, o Dr. LeCount mergulhou a escova de dentes por alguns minutos em um tubo de ensaio com metade da

solução salina e injetou uma seringa cheia dessa solução no segundo porquinho. Ele mal teve tempo de retirar a agulha; o animal tremeu, deu alguns chutes convulsivos e morreu.

“Claro, não posso dizer se é veneno de cascavel ou cobra; pode ser a proteína. Mas isso é prova suficiente?” O médico fixou seus grandes olhos azuis em mim novamente.

“É prova suficiente!” eu exclamei. “Vou direto ao escritório do Promotor Público. Vou pegar Schleicher ainda.”

O Dr. LeCount sorriu. Isso era raro. Significava algo.

“O escritório do Promotor Público não fecha até às quatro horas. Agora são onze,” ele disse deliberadamente. “Espere um pouco.”

Então esperei, enquanto ele me observava. Eu me sentia como um germe em uma lâmina de microscópio.

“Em primeiro lugar,” ele começou com sua frase favorita, “prova científica não é prova legal. Esse tipo de evidência não condenaria ninguém. Meu trabalho é o estudo de doenças, não de leis; mas me envolvo com a lei o suficiente para saber que você nunca conseguirá um caso contra esse homem. Você pode provar moral e cientificamente, mas não legalmente.

“Em segundo lugar,” ele me olhou fixamente, “para um cientista, você é inconsistente. Você terá que raciocinar de forma mais rígida se quiser passar na minha turma no próximo ano. Esses dois homens saíram dos limites da lei quando arranjaram seu duelo. Agora todas as partes envolvidas deveriam estar satisfeitas. Invocar a lei agora é infantil aos olhos de um homem justo.

“Finalmente, e quanto à parte que você desempenhou nisso? Você deveria ter pensado nessa possibilidade quando planejou o duelo. Agora você está propenso a se meter em problemas como cúmplice.”

Saí de sua presença humilde, mas não derrotado. O desejo de vingança é um impulso primitivo vergonhoso; é tão poderoso que sua supressão causa até mesmo a homens civilizados considerável dificuldade. Enquanto eu andava pela rua, sacudia os punhos no ar, jurando que pegaria Schleicher de algum modo.

Involuntariamente, meus passos me levaram em direção à residência de Schleicher. Pois — e isso duplicava meu ressentimento — Schleicher era, de fato, independente financeiramente; pelo menos, ele gastava dinheiro como se fosse. Ele nunca se adequou o suficiente com os costumes de Chicago para viver em um apartamento ou dormitório. Ele ocupava uma das casas na fileira em frente ao Washington Park e tinha um jardim de flores em seu quintal. Jardinagem era seu hobby.

Então me lembrei que ele não tinha sido visto desde o dia do desafio. Seria a culpa que o mantinha escondido? A notícia circulava em seu laboratório de que ele estava confinado em casa devido a uma doença. Caminhei rapidamente em direção à sua casa.

Lá estava ele agora em seu jardim, regando com uma mangueira. Se ele estava doente, devia ter acabado de se recuperar, pois era sua primeira aparição. Eu passei lentamente do outro lado da rua. Ele estava parado rigidamente, com o rosto vermelho erguido arrogantemente acima do resto da humanidade, movendo o jato de água da mangueira com precisão militar. Ele nem sequer me viu. Eu o amaldiçoava; quase sacudi meu punho para ele. Perguntava-me o que fazer a seguir.

“Vou te pegar de algum jeito—” começaram meus pensamentos, e de repente pararam.

Schleicher tombou e caiu no chão. Ele estava de pé em sua postura rígida e militar, borrifando a mangueira para cá e para lá nas flores e arbustos. Então, bem diante dos meus olhos, ele caiu como um boi abatido. Agora ele estava deitado imóvel e a mangueira espirrava água sobre ele em um arco, onde ela havia caído de sua mão.

Eu cheguei primeiro, embora várias pessoas também tenham corrido até lá. Seu coração parecia bater um pouco, mas, ao senti-lo, parou completamente. Meia dúzia de pessoas se aglomerou antes que eu pudesse examinar. Ele estava indubitavelmente morto. Não havia nele um arranhão ou marca de qualquer tipo.

Outra morte súbita! Outro golpe secreto, silencioso e científico! Desta vez, o mistério disso me animava. Deixei os outros ao redor do corpo e, ansiosamente, examinei os arredores com cuidado, atrás da cerca, sob a varanda, através da vegetação, na esperança de encontrar uma pista sobre o método.

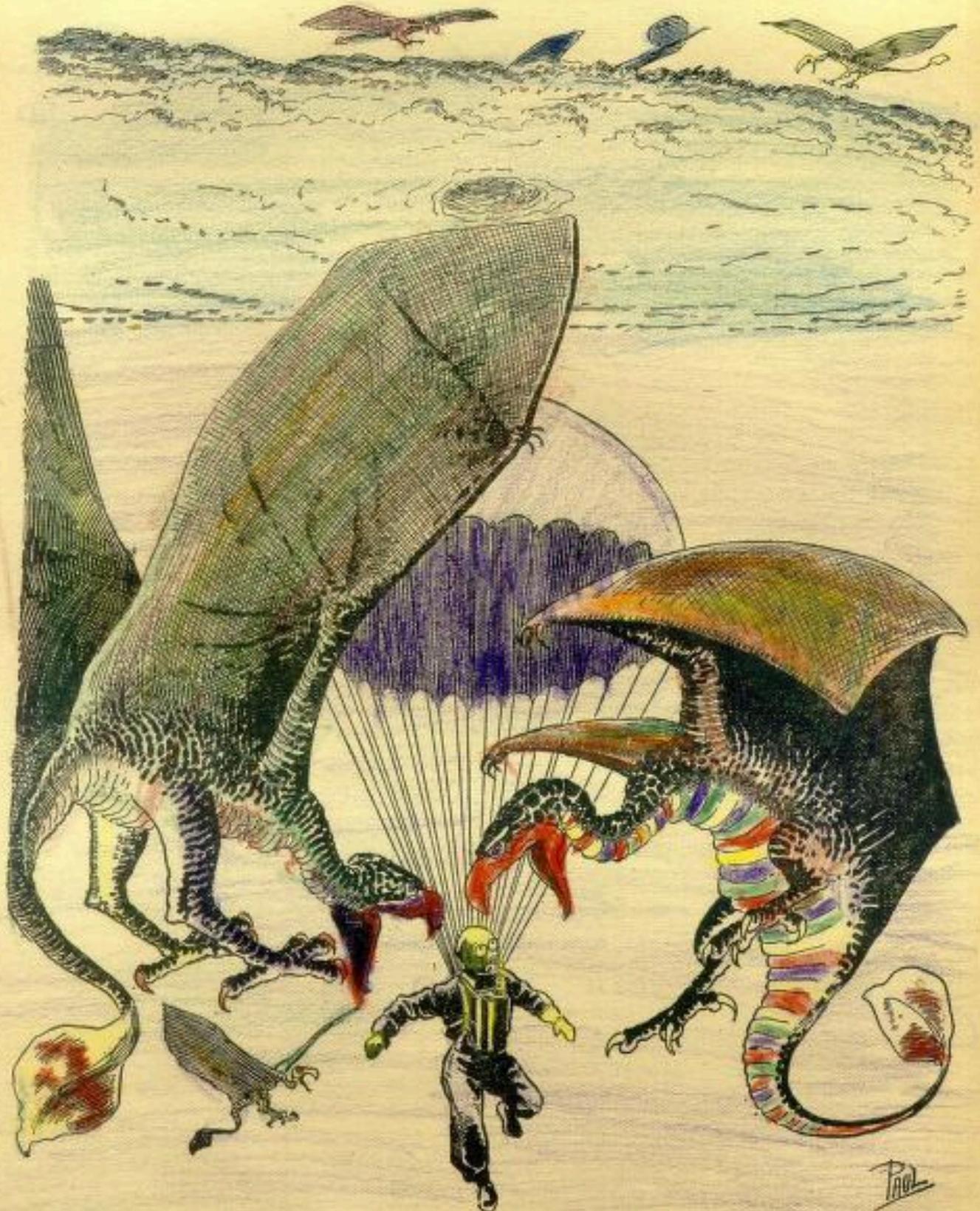
Então, um brilho de metal escondido na vegetação me fez parar e recuar. Eu me detive a tempo de evitar que minha mão tocasse. Havia uma placa de cobre isolada escondida nos arbustos. Dela saía um cabo que eu rapidamente tracei em direção ao Jackson Park Elevated Railway.

Todo o esquema estava claro para mim agora. Entendi o significado da bobina de cabo e do saco de ferramentas que Raputra havia levado de nosso quarto na noite em que passou fora. A placa nos arbustos estava conectada com o terceiro trilho do trem elevado, e quando a água da mangueira de Schleicher a atingiu, a potente corrente que movia os trens acima eletrocutou-o no local.

A multidão ao redor do corpo aumentava. O som distante de uma ambulância crescia rapidamente. Eu me afastei da multidão e refleti. As coisas pareciam se equilibrar agora.

Apropriadamente, pela mão de um homem há vários dias no túmulo, a justiça cinematográfica foi feita!

# The **TERRORS** of the **UPPER AIR** by Frank Orndorff



"They got poor Dexter. He went first, after we had enlarged the hole, and before he had dropped five hundred feet, the monsters were after him. He was helpless in the parachute."

# Os Terrors dos Altos Céus

Frank Orndorff

PEMBERTON, o Grande Detetive, famoso por nunca falhar em capturar seus alvos, falou com o Secretário do Presidente da Feira Estadual e passou pela porta do escritório marcada "Privado". Ele entrou sem bater.

“Bem! Que acontecimento é responsável por essa visita?” O Presidente se levantou rapidamente, apertou a mão de Pemberton e puxou uma cadeira para ele.” Não é comum você me visitar ultimamente, exceto para negócios. Quem são as pessoas azaradas que você quer pegar na Feira? Meu palpite é que você está atrás de alguns pobres pássaros.

Pemberton sentou-se e colocou o chapéu na mesa do Presidente.

“Você está certo ao chamá-los de pássaros. Estou atrás dos seus pássaros humanos, e não dá para chamá-los de ‘pobres’ — pelo menos agora, não.”

“O quê?!” exclamou o Presidente, levantando-se pela metade de sua cadeira. “Com certeza você não está atrás de Kidwell e Dexter, os aviadores que estão voando pela Feira.”

“São exatamente esses dois que estou atrás.”

“Mas o que eles fizeram? Deve ser algo sério.”

“É sério. Você se lembra do assalto ao Banco Windsor, há mais de uma semana, quando o caixa foi morto e quase meio milhão de dólares, em sua maioria em notas grandes, foi roubado? Os dois homens que fizeram o trabalho fugiram em um carro. Eles foram perseguidos até uma grande área de mata ao anoitecer. Quando os perseguidores fecharam o cerco, encontraram o carro, mas os homens e o dinheiro haviam desaparecido.”

“Eu me lembro disso e também do mistério de como eles escaparam de centenas de homens que cercavam a floresta.”

“Eles não escaparam por essa barreira de homens, mas sobre ela. Assim que examinei o local, encontrei marcas de onde um avião havia feito uma curta decolagem em uma clareira na floresta e facilmente poderia ter subido acima das árvores e partido. O local era longe o suficiente da borda da mata para que o barulho do motor não fosse ouvido enquanto os dois homens fugiam na noite.

“A fuga para a floresta e o voo no avião provavelmente foi planejada com antecedência pelos dois homens e teria permanecido sem ser descoberta, se não fosse por uma marca deixada no solo macio por dois pequenos cortes em um dos pneus do avião. Foi uma chance em mil que encontrássemos as marcas do avião e uma chance em um milhão que ele deixasse a impressão desses dois pequenos cortes no pneu.

“Centenas de aviões cruzam aquela parte do país todos os dias, e teria sido praticamente impossível encontrar o que fez a marca se não fossem esses dois pequenos cortes. Meus homens informaram que o avião de Kidwell e Dexter tem um pneu com dois pequenos cortes do mesmo tamanho e na mesma distância dos deixados na floresta. Acabei de chegar e esperamos prender os dois aviadores dentro de alguns minutos. Achei que deveria informá-lo primeiro, já que sei que isso interromperá o voo de exibição da Feira.

“Se esses dois homens são assassinos e ladrões, como você diz, quero que você os prenda imediatamente — voo de exibição ou não. Você terá que se apressar ou esperar até... ouça.” O Presidente interrompeu-se e inclinou a cabeça para ouvir melhor.

O rugido de uma multidão aplaudindo chegou aos ouvidos dos dois homens — a enorme plateia na arquibancada dividia o ar com aplausos ensurdecedores por algo. “Eles já estão no ar,” continuou o Presidente depois de ouvir um pouco mais. “Você terá que esperar até eles descerem. Eles estão tentando bater o recorde mundial de altitude. Aqui está um de nossos anúncios de hoje. Leia.”

Pemberton pegou o papel que lhe foi entregue e leu o seguinte:

#### TENTARÃO BATER O RECORDE MUNDIAL DE ALTITUDE

Feira Estadual — 25 de agosto de 19—

Kidwell e Dexter — os aviadores mais audaciosos do mundo tentarão bater o recorde mundial de altitude para um avião. Eles usarão o tipo mais moderno de aeronave com novos dispositivos de asas para subir e voar no ar rarefeito a quilômetros da terra. Eles levarão um suprimento extra de oxigênio. Terão os aparelhos mais recentes de telefone sem fio e estarão em constante comunicação com a estação receptora estabelecida em frente à arquibancada. Ao instrumento receptor estará conectado um amplificador de som, e aqueles dentro de um raio de vários metros poderão ouvir os relatos dos próprios aviadores à medida que eles subirem... subirem... subirem.

Não esqueça o local e a data.

Pemberton devolveu o papel e perguntou:

“Quanto tempo levará para eles completarem o voo?”

“Eles calcularam que precisariam de cerca de duas ou três horas,” respondeu ele.

Pemberton decidiu ir até a estação receptora para ouvir, e o Presidente o acompanhou.

Os dois homens atravessaram os terrenos lotados da Feira até chegarem em frente à grande arquibancada. Uma multidão de vários milhares de pessoas estava aglomerada ao redor de uma plataforma onde estavam alguns homens e uma mesa com instrumentos, a maior parte composta por quatro enormes bocais de fonógrafo voltados em quatro direções. Eles abriram caminho através da multidão e acabaram de subir na plataforma quando uma voz saiu dos bocais. As palavras eram:

“Acabamos de atingir três mil pés.”

Olhando para cima, Pemberton podia ver um ponto girando no céu e rapidamente ficando menor. Era o avião subindo cada vez mais alto. Ele se inclinou para o Presidente.

“Como é que podemos ouvir suas vozes e não ouvir o barulho do motor? No solo era impossível ouvir uma voz por causa do barulho ensurdecador do motor do avião”.

O Presidente se inclinou e cutucou o ombro de um dos homens que mexia nos instrumentos e disse:

“Billy, explique para o Sr. Pemberton sobre o telefone sem fio — diga a ele por que podemos ouvir uma voz do alto e não o barulho dos motores.”

Billy sentou-se ao lado de Pemberton, mantendo um olho nos instrumentos, e explicou:

“Kidwell e Dexter estão usando o mesmo tipo de telefone sem fio que nossos aviadores na França começaram a usar quando a guerra terminou, para se comunicar entre si e com a base. Você sabe, o som é a vibração do ar e viaja em ondas retas, a menos que seja desviado por algo. O instrumento do aviador é como um capacete que cobre a maior parte de sua cabeça. Os fones são achatados e ficam sobre as orelhas. O som externo é abafado pelo acolchoamento no capacete e descobriu-se que era necessário que o acolchoamento cobrisse a maior parte da mandíbula inferior para eliminar o som externo. O microfone, a parte em que eles falam, é preso diretamente em frente à boca. É acolchoado para parar o som externo. Apenas uma abertura semelhante a um tubo diretamente alinhada com a boca da pessoa fica sem acolchoamento. Existem três ou quatro pequenos orifícios no tubo, e quando a pessoa fala, sua voz é transmitida diretamente pelos pequenos orifícios, fazendo o instrumento funcionar, enquanto outros sons passam sem interferir, pois as ondas sonoras externas não entram diretamente no diafragma do aparelho.”

“Ambos os receptores e o bocal têm fios que vão para um plugue na lateral do avião, que se conecta com as baterias e o instrumento que envia ondas sem fio em todas as direções e nos alcança; ele também captura qualquer onda que enviamos e a transfere para áudio quando chega aos ouvidos. Em vez do receptor usual, temos um amplificador de som aqui, para que todos possam ouvir diretamente. Agora, o muito—”

“Um milha acima e tudo está funcionando bem.”

A voz de um dos homens da pequena mancha que subia falou pelos alto-falantes. Um brado de alegria saudou o anúncio.

“Quem está falando?” Pemberton perguntou.

“Kidwell fará toda a narração porque é ele quem está equipado com o aparato de envio e recepção de longa distância. Dexter pode falar com Kidwell e Kidwell pode falar com Dexter ao mudar o plugue na lateral da máquina, assim ele está diretamente conectado com Dexter. Dexter é o piloto no banco de trás e vai pilotar, a menos que algo aconteça. Se algo acontecer, Kidwell pode pilotar também, pois eles têm controles duplos.”

“Ei, aí embaixo! Estamos nos divertindo aqui em cima perseguindo balões de brinquedo. Os que foram soltos nos terrenos da Feira chegaram até aqui em cima. Há vinte ou trinta à vista. Pegamos três ou quatro. Um foi jogado de volta pelo fluxo do propulsor e acertou a cabeça do Velho ‘Dex’ e estourou. Ele teria saltado do assento se não estivesse preso com um cinto de segurança. Acho que pensou que parte da maquinaria tinha atingido-o. Estamos subindo em círculos e permanecendo sobre os terrenos da Feira o mais perto possível. O ponteiro do nosso instrumento está gradualmente se aproximando de duas milhas e já começamos a sentir que está ficando muito frio. Sentimos pena de vocês pobres mortais aí embaixo suando a cem graus à sombra. Mas digam, ‘vocês não precisam ficar na sombra’—Ha, Ha!”

O som da risada de Kidwell, a dois milhas acima, rugiu pelos alto-falantes. Ele cessou e nenhum outro som veio de cima por vários minutos.

“Pegamos outro balão; pegamos ele inteiro desta vez; vou amarrar meu cachimbo nele e deixá-lo cair. O cachimbo vai puxá-lo para baixo. Digam às crianças lá embaixo que eu darei cinco dólares para quem conseguir pegá-lo e que vou dar uma bronca se alguém estragar meu cachimbo. Lá vai ele—”

Aplausos e risadas saudaram este último anúncio e muitos meninos pequenos na multidão começaram a se espremer e se agitar para sair para o campo central onde poderiam observar o cachimbo de Kidwell puxando o balão de brinquedo para baixo.

“Vocês aí embaixo! Vamos ter problemas em um minuto. Vimos vários balões acima de nós sendo arrastados e deslocados para o leste a uma velocidade que nos faz parecer um caracol. É uma daquelas correntes de vento terríveis que algumas pessoas descobriram a duas ou três milhas acima. Estaremos bem quando entrarmos nela, mas a transição de um ar lento para rápido vai nos dar um passeio turbulento. Estamos começando; posso sentir nossa velha máquina começando a balançar. Lá vamos nós! — Deus, estamos balançando e girando como

uma folha. Estamos de cabeça para baixo — agora estamos de lado — agora estamos nivelados — ufa, acabamos de fazer uma rotação completa. É um milagre que nos mantenhamos inteiros — estamos balançando e girando como um barco à deriva em um oceano tempestuoso.

“Estamos entrando na corrente principal e não balançamos tanto. É tudo o que consigo fazer para segurar o meu estômago. Estou com enjoo — estamos indo para o oeste, mas acho que estamos perdendo várias milhas por minuto, já que essa corrente de ar terrível nos está arrastando para o leste.”

Um silêncio mortal caiu sobre a multidão abaixo enquanto imaginavam o avião sendo sacudido e balançado em uma das poderosas correntes de ar encontradas a milhas acima da Terra. Eles podiam ver os dois homens lutando para manter a máquina direita, enquanto enfrentavam os redemoinhos e as turbulências na borda da corrente e adentravam o ar estável, mas rápido, do centro. Quando Kidwell anunciou que haviam conseguido, uma grande ululação se ergueu. Vários minutos se passaram e nenhum som veio dos homens a milhas acima — então —

“Viva o Motor *Liberty* — acabamos de enfrentar outra luta para sair da grande corrente e agora estamos em ar estável acima dela. Fomos sacudidos e jogados para todos os lados, de cabeça para baixo e de todas as formas, assim como quando entramos nela. Nosso motor não falhou em nenhum momento. O velho ‘Dex’ ficou enjoado. Vi-o engolindo em seco, levantar o capacete e inclinar-se, mas nada aconteceu. Agora estamos voando suavemente. Estamos indo direto para o oeste em vez de fazer círculos para recuperar a distância que fomos arrastados para trás na grande corrente de ar. Está ficando frio. Estamos usando oxigênio dos nossos tanques, pois o ar aqui está bastante rarefeito — Dex acabou de chamar minha atenção para o nosso instrumento — o que você acha que ele marca? — uau — ele tocou no marcador. Chegou a trinta mil pés. Vamos conseguir. Vamos quebrar o recorde de altitude mundial.”

Um rugido que sacudiu a arquibancada surgiu da multidão abaixo. Por dez minutos, eles aplaudiram e lançaram objetos no ar, em sua excitação. Mais alguns minutos e o recorde de altitude mundial seria novamente de posse da América. O aplauso diminuiu e depois recomeçou com nova força.

“Qual é o recorde mundial?” Pemberton inclinou-se e gritou acima do barulho no ouvido do presidente.

“Um pouco menos de trinta e cinco mil pés,” respondeu o presidente em um dos momentos de silêncio parcial da multidão.

“Trinta e um mil” veio dos alto-falantes — apenas aqueles mais próximos puderam ouvir, mas começaram a retransmitir a notícia. “Trinta e um mil.” Outro aplauso ensurdecedor se seguiu. A multidão ficou silenciosa enquanto o presidente levantava a mão pedindo silêncio e apontava para os alto-falantes.

“Trinta e dois mil e o velho Dex sorrindo como um sapo.”

Dessa vez, apenas uma risada da multidão saudou o anúncio. Eles reservariam seus aplausos finais para o último momento, pois queriam ouvir tudo agora.

“Estamos quase lá — agora está mais perto — um pouco mais — próximo — mais perto — caramba, o ponteiro está se movendo devagar — pronto para tocar — agora tocou — uhul — ultrapassamos — alcançamos o recorde de altitude mundial — agora passamos.”

A arquibancada rugiu e balançou enquanto a multidão abaixo se soltava. Chapéus voavam alto no ar, homens se batiam como meninos. Mais uma vez, o recorde mundial de altitude pertencia à América — aos Estados Unidos — conquistado pelos dois destemidos aviadores, agora fora de vista no vasto espaço acima. Os espectadores na arquibancada começaram a bater os pés e gritar em uníssono, e só pararam quando a arquibancada ameaçou ceder sob o peso dos milhares de pés batendo. Na parte de trás da multidão, um menino com um balão de brinquedo lutava para chegar à plataforma.

“Ei, garoto, cuidado para não se machucar se empurrar assim,” disse um homem para ele.

“Peguei o cachimbo,” gritou o menino enquanto segurava o cachimbo amarrado à corda do balão.

“O cachimbo do Kidwell — o cachimbo do Kidwell” — gritou o homem enquanto levantava o menino e o segurava acima da cabeça da multidão. De mão em mão, o menino foi passado até a plataforma, onde o Presidente da Feira o recebeu e o levou para a frente da plataforma, onde o menino ergueu o balão de brinquedo com o cachimbo amarrado. O menino ainda estava ofegante, pois tinha pegado o cachimbo a quase um quarto de milha de distância e corrido de volta para a multidão, enquanto outros meninos o perseguiam. O Presidente tirou uma nota de cinco dólares do bolso e a entregou ao menino, ficando com o cachimbo. O menino se dirigiu para os estandes de refrescos, enquanto o Presidente retornava ao seu lugar.

“Quarenta mil pés de altura e frio como cinquenta polos Norte.”

O público ficou em silêncio, admirado. Não satisfeito em quebrar o recorde mundial de altitude, esses dois audaciosos aviadores estavam subindo cada vez mais alto. Quarenta mil pés — milhas de altura — até onde eles iriam?

“Acabamos de notar uma cor estranha no ar a uma curta distância a oeste, embora mal possamos chamá-la de cor. Pode ser apenas nossa imaginação; de qualquer forma, Dex direcionou a máquina nessa direção — sim, notamos a diferença à medida que nos aproximamos — gire, Dex — gire — Meu Deus, é um redemoinho — faça uma manobra, Dex — gire—”

A última ordem, sobre manobrar a máquina, veio dos alto-falantes em um grito e deve ter sido direcionada a Dexter. A transmissão foi interrompida abruptamente, pois Kidwell deve ter mudado o plugue para se conectar com Dexter.

MILHARES de olhos olharam inconscientemente para cima, embora todos soubessem que era impossível ver a grande altura que o avião havia alcançado. Mas todos perceberam que algo sério estava acontecendo milhas acima. O que havia acontecido? O avião desceria voando e pousaria em pedaços?

Minutos se passaram e nenhuma voz foi ouvida pelos alto-falantes. O suspense tornou-se insuportável. Mais alguns minutos passaram e, finalmente, veio—

“Olá, aí embaixo,— achamos que estávamos perdidos dessa vez. Entramos em uma corrente de ar giratória com a velocidade de um ciclone. Nossa máquina ficou presa nela e fomos jogados para cima e para baixo como uma pena, girando, sacudindo e rodopiando. Fomos arremessados para cima — para cima — e para cima. Não sabemos quão alto estamos agora, porque fomos elevados por muitos minutos a várias milhas por minuto. Nosso instrumento só registra sessenta mil pés e o ponteiro já havia alcançado essa marca muito antes de sairmos da massa giratória e entrarmos em ar calmo. A corrente parece subir e depois se virar para o leste e fomos arremessados para o topo. Devemos estar a quinze ou vinte milhas de altura — muito além de qualquer altitude que imaginamos que um ser humano pudesse alcançar. Nosso motor não está funcionando tão suavemente quanto abaixo, mas está indo razoavelmente bem. Ainda precisamos usar nosso próprio suprimento de oxigênio. Os movimentos da máquina estão bastante lentos e pesados. Pode ser que estejamos voando em um ar que foi lançado para cima naquele poderoso funil que surgiu de baixo. Não conseguimos entender. Estamos circulando, recuperando a coragem para fazer uma descida para a Terra. Se conseguirmos passar pela corrente de ar alta para o leste e evitar o redemoinho ascendente, estaremos bem. Se atingirmos o redemoinho ascendente, seremos arremessados de volta como uma folha. Sentimos o frio intenso através de toda a nossa pele. Deve estar cinquenta graus abaixo de zero. Apenas espaço. Espaço, espaço, até onde você pode ver e em todas as direções. Você sente vontade de soltar o cinto, pisar na borda da

máquina e pular para — nada — você sente como se não houvesse mundo — não há Deus — Nada.”

A voz quebrou e então continuou com um tom de excitação.

“Pessoas aí embaixo! Tenho uma declaração para vocês que parecerá inacreditável, uma declaração que derrubará todas as teorias anteriores sobre o ar superior. Se eu não tivesse certeza de trazer provas das minhas declarações, eu não as faria e nem peço que vocês acreditem nisso até voltarmos.

“Pessoas aí embaixo — há vida vegetal e animal aqui. Estamos voando agora acima de uma ilha flutuante de substância vegetal, enquanto ao nosso redor e acima estão centenas de outras ilhas flutuantes da mesma substância. Consegui pegar um pequeno punhado da substância enquanto flutuava no ar entre os corpos maiores da mesma coisa. É quase transparente, mas tem uma cor verde pálido. É esponjoso e resistente, composto por um material semelhante a borracha cheio de milhares de pequenas bolsas de gás. Deve ser esse gás que o mantém flutuando a essa grande altitude. Ele cresce em longos ramos semelhantes a cordas, como algas marinhas ou algum tipo de musgo. O que tomamos por nuvens eram grandes massas dessa planta entrelaçadas e flutuando por aí. Acredito que poderíamos caminhar sobre essas ilhas, mas seria impossível pousar nosso avião, pois ele afundaria muito para conseguirmos retirá-lo novamente.

“Vimos um pequeno animal com aparência de morcego voar de uma ilha para outra. Outro desse tipo de criatura está voando ao nosso lado e fica virando a cabeça para nos observar, como se estivesse se perguntando o que somos. Acredito que está tão surpreso em nos ver quanto nós em vê-lo. Dex acaba de me informar que ele vai tentar capturá-lo e quer que eu o pegue ou mate. Precisamos trazer provas, caso contrário, nunca nos atreveríamos a contar sobre tais coisas que estão aqui. Lá vamos nós — estamos atrás do animal com aparência de morcego. Zip! — a coisa desgraçada sumiu; estava apenas brincando conosco e, quando tentamos alcançá-la, disparou para longe como uma bala. Eles são rápidos demais para conseguirmos capturar. Estava perto o suficiente para ver que era quase do tamanho e forma de um morcego, exceto que tinha uma cabeça como a de um pássaro com grandes olhos semelhantes aos de uma coruja, e um bico em vez de uma boca com dentes. Era da mesma cor verde pálida das plantas que encontramos.

“Dex avistou algo à frente e está me apontando, mas não consigo distinguir o que é. Agora vejo. É algo longo, serpenteando pelo ar. Está girando e vindo na nossa direção. É outro animal, ou um réptil, pois se assemelha mais a uma cobra. Não, não é como uma cobra, pois tem cerca de três metros de comprimento e é plano. Sua cabeça também tem a forma de

um bico. Parece uma enorme fita flutuando pelo ar. Está virando e voando acima e ao nosso lado, olhando para baixo enquanto se move. Se conseguirmos chegar perto o suficiente, vou tentar acertá-la com uma chave inglesa. Gostaria de derrubá-la — Cuidado, Dex — agora — mantenha-a firme.”

A última ordem, sobre manter a máquina firme, foi dada em um grito e deve ter sido direcionada a Dexter, então—

“Aquela coisa estranha parecida com uma cobra se virou e, num piscar de olhos, se alinhou e disparou contra nós como uma bala. Atacou o topo da nossa asa direita e a atravessou como se fosse uma teia de aranha. Em seguida, atingiu um dos fios de sustentação e se rasgou longitudinalmente por um pé ou mais. Ficou presa ao fio, se debatendo, com um fluído daquela cor verde pálida saindo. Quando eu estava pronto para sair para a asa e tentar pegá-la, ela caiu no plano inferior e foi soprada para fora. Caiu para baixo, na ilha de plantas sobre a qual estamos voando agora. Se tivesse atingido qualquer um de nós, teria sido fatal. Mais alguns passos de distância nós faremos a descida para a Terra, pois, nosso suprimento de oxigênio está acabando. Tenho pegado pedaços soltos das plantas das ilhas e tenho um monte embalado no fundo da minha cabine. Também há um grande punhado preso aos fios da nossa asa esquerda e vários pequenos punhados em outros lugares. Esses podem ficar presos até chegarmos ao solo. Tenho me perguntado se a mudança de pressão sobre as plantas e animais — se conseguirmos pegar alguns animais para trazer de volta — fará com que eles se contraíam. O efeito sobre eles deve ser o oposto do efeito nos peixes que foram trazidos de duas milhas ou mais abaixo do mar; quando eles subiram, a pressão era tão menor que alguns incharam e explodiram. Acredito que esses animais ficariam mais compactos se trazidos para o ar mais denso da superfície da Terra. Esta planta aqui em cima poderia ser bem aproveitada aí embaixo em algum momento futuro.

E quanto às vistas — que monstros! Que monstros ferozes. Olhem as grandes feridas que estão rasgando uns aos outros. Eles não vão durar. Ah, esqueci, vocês aí embaixo — acabamos de dar meia volta ao redor da ponta de uma ilha flutuante de tamanho médio e nos deparamos com uma das batalhas mais horríveis entre dois dos maiores e mais ferozes monstros. Um deles é como um grande jacaré voador, exceto que tem um enorme bico e grandes asas semelhantes a de um morcego. O outro tem a forma de um polvo, mas com braços achatados e dois grandes apêndices semelhantes a balões nas costas. Tem um bico infernal. Eles estão ocupados em uma massa de mordidas, arranhões e estrangulamento. Estamos circulando em torno deles, observando. O jacaré voador acabou de abrir um dos balões do diabo-peixe do ar. Ele encolheu como se estivesse cheio de gás. Agora eles estão

girando no ar tão rápido que mal se pode dizer o que está acontecendo. O jacaré perdeu o uso de uma de suas asas. O polvo envolveu vários de seus braços em torno dele. Eles estão começando a afundar. Estão caindo, dois dos braços foram mordidos. Tudo por aqui é aquele verde doentio, ambos os monstros são dessa cor e estão sangrando sangue verde — se é que é sangue. Eles agora estão cobertos de cortes por todo o corpo. Não vão durar muito mais tempo. Lá vai o outro balão. Ele encolhe — agora eles estão caindo.

“Eles não param de lutar. Estamos seguindo eles lá embaixo e ainda circulando em torno deles. Os dois demônios lutadores caíram na grande ilha abaixo de nós. Eles mal conseguem se mover. O jacaré-diabo agora está por cima e rasgando o polvo em pedaços. Seus dias acabaram. O jacaré voador — pois não sei como mais chamá-lo — é vitorioso, mas nunca mais poderá voar. Uma asa está completamente rasgada em pedaços e a outra não está muito melhor. Seu corpo está cheio de grandes feridas. O barulho dos gritos deles e o choque de seus bicos deve ter sido horrível. De onde vieram ou sobre o que estavam lutando, não sabemos. Foi um dos espetáculos mais terríveis e mais impressionantes que o homem já testemunhou.

“O jacaré voador levantou-se sobre suas patas traseiras e está tentando se lançar no ar, mas só consegue flutuar como um pássaro de asas quebradas. Está dando seu grito, como podemos ver pelo movimento de seu bico.

“Dex desligou o motor por um instante e flutuou sobre sua cabeça. Ele proferiu um grito estridente como mil assobios de gato selvagem e se lançou para cima de nós. Odeio pensar no que teria acontecido se ele tivesse sido capaz de voar. Acredito que ele teria nos rasgado em pedaços em um segundo. Estamos saindo daqui agora, pois Dex apontou outro jacaré voador a cerca de uma milha de distância, que está vindo para cá. Deve estar respondendo aos gritos do ferido. Está viajando rápido e vindo do norte. Podemos ver suas gigantescas asas de morcego batendo no ar e ele sobe e desce a cada golpe. Estamos acelerando para o oeste e assim que chegarmos à borda desta ilha flutuante extra grande sobre a qual estamos voando, mergulharemos para a terra. Não podemos ver a borda, mas não pode ser mais de uma milha ou mais. Deixamos o jacaré voador ferido a cerca de meia milha atrás e o outro monstro já o alcançou e circulou acima dele uma vez.

“Deus, ele virou e está vindo atrás de nós, suas enormes asas batendo mais rápido do que antes. Devemos chegar à borda e mergulhar, pois ele viaja duas vezes mais rápido que nossa máquina lenta. Não estou com medo, pois posso ver a borda a cerca de duas milhas à frente e chegaremos lá antes que o demônio nos alcance. Outro veio de cima de onde está o jacaré ferido e também está agora vindo atrás de nós. Milhas acima da terra e sendo

perseguidos por dois monstros horríveis. Você já notou pássaros voando? Quando batem as asas para baixo, não só vão para frente, mas também para cima, e quando levantam as asas para outro golpe, afundam um pouco em vez de manter um curso reto à frente. É assim que esses demônios voam. Dex está dando à nossa máquina tudo o que ela aguenta.”

Outro grito ecoou e, mais uma vez, todos olharam para o alto. O céu estava cheio, em todas as direções, de milhares de pedaços flutuantes que pareciam papéis. Quando caíram entre a multidão, um grito de surpresa se ergueu.

“Dinheiro — Dinheiro — Notas de um dólar!”

Pelo chão, ao redor da Feira por quilômetros, uma chuva de notas de um dólar caiu. Essa foi a última coisa que se ouviu ou viu dos dois homens e do aeroplano.

Algumas semanas depois, Pemberton e o presidente da Feira Estadual estavam conversando no escritório do presidente. O presidente falou:

“Enviei dois aviões diferentes desde que Kidwell e Dexter desapareceram. Os homens foram armados com espingardas e preparados para qualquer problema. Eles não conseguiram encontrar nenhuma corrente de ar ascendente e sobrevoaram a área em busca dela. Fui informado, no entanto, que uma corrente dessas não estaria necessariamente sempre no mesmo lugar, podendo desaparecer completamente, assim como os ventos perto da terra. Eu perdi as esperanças de que alguém consiga chegar ao local da terrível tragédia lá em cima.”

“Se é que houve uma tragédia lá em cima,” acrescentou Pemberton. O presidente o olhou com surpresa.

“O quê?”

“Estou dizendo: se é que houve uma tragédia lá em cima — se Kidwell e Dexter realmente chegaram a subir mais de dois ou três quilômetros de altura.”

“O quê? Você não acha que Kidwell e Dexter foram mortos pelos monstros muitos quilômetros acima da Terra, como descreveram? Por que acha que não?”

Pemberton respondeu lentamente:

“Eu não sei o que pensar. Não há razão para duvidar da morte deles a muitos quilômetros de altura. Já repassei tudo isso centenas de vezes, mas não consigo decidir se, bem acima, flutuam os restos de dois dos homens mais corajosos, ou se, longe na superfície da Terra, estão dois dos maiores vigaristas que já existiram. O que Dexter descreveu realmente aconteceu ou eles apenas voaram para fora de nossa vista e inventaram a história? Será que jogaram um cilindro de oxigênio, mancharam sangue em um pedaço do avião que talvez tivessem levado com eles de propósito e o jogaram para nos enganar? Um pequeno corte em um dedo poderia ter fornecido o sangue, e eles poderiam ter jogado parte do

dinheiro roubado. Por que apenas notas de um dólar caíram? Onde estão os quinhentos mil dólares em notas de valor maior? Elas podem estar flutuando lá no alto, com os destroços do avião. Onde está o redemoinho ascendente? Ainda assim, ele poderia ter se movido ou desaparecido. Talvez tenhamos ouvido uma das mais terríveis lutas pela vida, ou talvez tenhamos sido vítimas de uma das piadas mais bem boladas já feitas ao público. E os homens fugiram com meio milhão de dólares. Quem sabe?”